



BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

ELIZABETH ADLER

AUTORA DE *UMA CASA NO CAMPO* · *REGRESSO A ITÁLIA* · *REENCONTRO EM BARCELONA*

A Última a Saber

Mentiras e segredos
mudam uma família para sempre

ELIZABETH ADLER

120.000
LIVROS
VENDIDOS
EM PORTUGAL





Ficha Técnica

Título original: Last to Know

Autor: Elizabeth Adler

Tradução: Ana Ribeiro

Revisão: Domingas Cruz

Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.

ISBN: 9789897414411

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Elizabeth Adler, 2014

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leya.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

*Aos meus pais,
que sempre estiveram lá por mim.*

PRÓLOGO

Não será a primeira vez que mato, embora não seja um desses assassinos em série ambulantes, de impulso. Sou discreto, cuidadoso, até picuinhas em relação a quem mato e porquê.

Não sou uma pessoa má; pelo contrário, considero-me se não bom, pelo menos bondoso. Sou bom para os animais, a menos que me façam mal, sou agradável para os bebés, porque não vale a pena sentir-me ofendido por eles, e sei ser encantador o bastante para enganar a maior parte das pessoas.

«Homicídio?», poderão estar a perguntar. Estarei a falar despreocupadamente, a sério, de homicídio? Não diria isso. Há uma razão para eu escolher quem deve deixar esta vida, e é sempre lógica. Agora escolhi o próximo.

Rose Osborne ainda não está morta, mas vai estar. E em breve. Mais tarde, irei explicar-vos exatamente porquê.

Como posso não ser mau se falo de matar alguém com tamanha facilidade? Acreditem que sou tão normal como vocês, que me estão a julgar.

Nunca me haverão de conhecer, de me encontrar. As mordidas sexuais, demoradas e fantasiosas do vampiro não são para mim. Se querem sangue, então a artéria femoral, na ligação entre a coxa e os genitais, rasga-se facilmente ao mesmo tempo que dá acesso às partes mais intrigantes e secretas da anatomia.

A faca é o meu método predileto. Já o usei mais que uma vez, se bem que

em certas ocasiões outros métodos mais adequados funcionam melhor, como verão mais tarde.

Atentem, portanto, no facto de que me encontro entre vocês. Sou aquele que ajuda sempre no abrigo dos animais, nas cenas de acidente, com os idosos... sou «normal» a esse ponto. E é por isso que vocês, tal como a Rose, serão sempre os últimos a saber.

1

EVENING LAKE, MASSACHUSETTS, 3 DA MANHÃ

A casa de férias de Harry Jordan de madeira era certamente a mais pequena, bem como uma das mais antigas de Evening Lake, uma estância onde nunca acontecia nada de mal, como homicídios, mas que em anos recentes se tornara demasiado elegante para o gosto de Harry: muito ao estilo *cocktail*; demasiadas esposas loiras solitárias de olhos famintos; demasiados cães em miniatura a espreitar das janelas de *Range Rovers*. É de referir que o carro do próprio Harry, um clássico *E-type* britânico de corrida, do ano de 1969 e quitado, verde com assentos em pele, era sem dúvida de fazer parar o trânsito, mas Harry tinha-o porque o adorava e não para dar nas vistas. E o cão que geralmente era visto a olhar pelas janelas era arraçado de malamute com semelhanças extraordinárias com um lobo, mas com espantosos olhos azul pálidos.

Chamava-se *Squeeze* e ia com Harry para todo o lado. O que, dado Harry ser detetive de homicídios da força policial de Boston, significava que *Squeeze* já tivera uma boa perspetiva da vida dura nas ruas, bem como do ambiente felpudo do apartamento de Harry em Beacon Hill. O cão não só sabia que o melhor lugar da cidade para comer era o Ruby's Diner, perto da esquadra, como conhecia a localização dos melhores bares. *Squeeze* tinha uma boa vida, e assim pensara Harry, ele também, até à semana anterior, altura em que a mulher com quem se ia casar o deixara e fora para Paris. Era essa a razão por que estava ali em Evening Lake. Sozinho. Tirando o cão.

Squeeze era o despertador de Harry. Todas as manhãs, às cinco e meia, mesmo nos raros dias de folga de Harry, ficava à espera, de olhos fixados no

mostrador digital verde cintilante do relógio, batendo-lhe com a pata rápida ao primeiro toque. Geralmente, a única coisa que acontecia era Harry virar-se e ficar de costas. Passados mais uns minutos, o cão saltava para a cama e pousava a cabeça enorme no peito de Harry, olhando-o fixamente. Mais uns minutos e Harry gemia debaixo do peso do animal, abria os olhos e olhava diretamente para os do cão. Este não se mexia e Harry não tinha outra escolha senão levantar-se. Era essa a rotina matinal deles. A diferença era que agora ainda não era de manhã.

Eram três horas, a altura mais negra da noite. E estavam de férias no lago. Então, pensou Harry, o que se passava com *Squeeze*? Deixava sempre aberta a porta que dava para o alpendre para que o cão a pudesse empurrar sempre que precisasse. Devia ter acontecido alguma coisa.

Sentou-se e olhou para o animal, que estava junto à porta, tenso como a mola de um sistema elétrico, a olhá-lo intensamente. Sabendo que não tinha alternativa, levantou-se da cama e foi à procura das calças.

Aos quarenta anos, Harry tinha uma boa aparência, quase um metro e noventa, era musculoso apesar da falta de exercício a sério e da sua dieta errática de comida de plástico ingerida à pressa. Apresentava agora na fronte alguns sulcos e o cabelo escuro começava a ter umas entradas nas têmporas e nunca parecia ter sido penteado, e talvez não tivesse sido se ele estivesse com pressa, e geralmente estava; os olhos cinzentos e francos, sob sobrancelhas farfalhudas, pareciam reparar em tudo numa pessoa com um olhar de relance e também parecia nunca ter tempo para se barbear decentemente, portanto, às vezes a sua barba era áspera. A barba por fazer definia-o. Pelo menos, era o que achavam as mulheres. Achavam-no atraente. Os colegas não concordavam. Chamavam-lhe «o Prof» por causa da licenciatura tirada na faculdade de direito de Harvard, conseguida da maneira mais difícil e, para Harry, amargamente entediante. Desistira havia anos para se tornar recruta no departamento da polícia. O argumento que usava era o de não querer desperdiçar tempo a deixar em liberdade criminosos usando aspetos técnicos jurídicos a troco de grandes honorários; preferia estar nas ruas a apanhá-los.

Harry subira a pulso dos carros-patrolha para detetive sénior. E era bom no que fazia.

O que poucos colegas sabiam sobre si – porque para ele não era importante e, além do mais, não era da conta de ninguém – era que aos trinta anos herdara um fundo fiduciário criado pelo avô que fizera dele um homem rico.

Pelo menos, suficientemente rico para comprar a casa geminada de arenito em Beacon Hill, Boston, que transformou em apartamentos. Alugou os três andares superiores, mas conservou para si o apartamento do rés do chão. Remodelou a casa de acordo com as suas exigências, murou o jardim e depois comprou um cão. O malamute.

A noiva de Harry não tinha gostado de partilhar o seu homem com um cão muito grande e muito presente. Opôs-se quando *Squeeze* saltou pela primeira vez para o *Jaguar* e se sentou num ápice ao lado de Harry, enquanto era esperado dela que se esforçasse para caber no pequeno espaço atrás a que quase se podia chamar assento. Também não gostara dos horários de Harry, especialmente os noturnos. «Já nunca me levas a jantar», queixava-se, se bem que gostasse quando Harry cozinhava.

Para um homem cuja existência dependia de comida ingerida em movimento, Harry era um cozinheiro muito bom, ainda que só de especialidades antiquadas como massa *Alfredo*, camarão à livornesa, esparguete à bolonhesa – todas estas receitas tiradas de um livro raro e adorado de culinária de Vincent Price, com ementas e receitas de alguns dos maiores restaurantes do mundo, de cerca de 1970. Uma época que Harry preferia em termos de sabores para esquecer os *chefs avant-gard* dos nossos dias e aquilo a que ele chamava comida torturada: gostava dela simples e, se tivesse sorte, boa. Se não, então um hambúrguer bastava.

Era contudo picuinhas com o vinho. Harry gostava de um bom clarete. Nunca chamava *cabernet* a um bom vinho tinto nem confiava no *chardonnay* – preferia um graves ou um bordéus branco.

Fosse como fosse, pensava agora Harry, enquanto fazia deslizar as pernas para fora da cama e olhava pela janela para Evening Lake, que naquela noite sem Lua brilhava negro; fosse como fosse, Mallory Malone, a noiva que ele tanto amara, a rapariga dos seus sonhos, fartara-se. Dissera-lhe que Paris seria mais divertida do que outra noite sozinha em Boston à espera de que o telefone tocasse ou do que partilhar mais frango frito para fora e uma garrafa do seu vinho tinto bom.

– Posso partilhar uma garrafa de um bom bordéus com quem quiser em Paris – acrescentara.

Harry tinha visto lágrimas nos olhos de Mal quando ela saíra pela porta da última vez, sem a bater com força, se bem que ele imaginasse que teria todo o direito de o fazer. Não fora atrás dela. Não teria funcionado; ele sabia-o, ela

também. Não da maneira como as coisas estavam, com ele dedicado ao seu trabalho. Ao passo que, por ele, ela abdicara do seu programa televisivo de sucesso, *investigações especiais*, que aprofundava casos de crimes passados por resolver.

Harry tinha telefonado a Carlo Rossetti, o melhor amigo e colega, transmitira-lhe as notícias e, pela primeira vez na sua carreira policial, disse que precisava de tirar algum tempo para si. Precisava de uma pausa. Queria afastar-se por um tempo de esfaqueamentos, tiros e mortes nas ruas. Tinha de repensar a sua vida. Precisava de estar sozinho e o velho tugúrio cinzento de pesca que pertencera ao avô, feito de madeira e junto ao lago, era o sítio ideal.

Consistia em duas divisões com escassa mobília, uma cozinha de canto com uma placa elétrica e um micro-ondas, um chuveiro de azulejos brancos que precisava de ser rebocado – tarefa que Harry prometera a si mesmo realizar enquanto ali estava –, um alpendre com um velho grelhador *Weber* cor de laranja de três pernas, com uma tampa e vários anos de gordura chamuscada. Havia um molhe de madeira estreito e um barquinho a remos com um pequeno motor externo. Não eram permitidas lanchas no lago, apenas barcos como o de Harry e à vela. Um bosque de bétulas, cujos troncos prateados brilhavam na noite, protegia-o da estrada arenosa que circundava o lago, conferindo-lhe privacidade, embora tivesse uma excelente vista das casas das redondezas, muito maiores e mais grandiosas do que a sua, e também das que ficavam na outra margem, a maior das quais estava na posse de uma loira vistosa, cuja filha aparentava ter uns dezoito anos, se bem que, quando Harry as via no minimercado, pensasse que, com o seu cabelo liso loiro pálido e o olhar azul evasivo, podia estar mais perto dos treze. Ao olhar agora para o lago, passou-lhe pela cabeça que era estranho, com uma casa tão grande, que houvesse tão pouca diversão. Ao contrário dos restantes veraneantes, não faziam ali festas, nem noitadas de churrascos, não havia gargalhadas alcoólicas. E aparentemente a jovem filha não tinha amigos. Tão diferente da família Osborne, que vivia a umas casas de distância. Encontrava Rose Osborne nas suas caminhadas de manhã cedo. Também ela parecia estar sempre sozinha. Trocavam saudações matinais. Ela dizia-lhe que ele devia aparecer lá por casa, a casa deles estava sempre aberta, mas Harry nunca o fizera. Achava Rose atraente: era uma mulher de aspeto sumptuoso, roliça, cheia e... acolhedora... era a melhor palavra que encontrava para a descrever,

com o seu cabelo comprido encaracolado, muitas vezes preso num rabo-de-cavalo desalinhado, os seus olhos castanhos intensos, as pernas compridas e – claro que reparara – os tornozelos finos. Parecia sempre que se arranjava à pressa, com uma *sweatshirt*, calças curtas e ténis, e às vezes estava na bicicleta. «A fazer o meu exercício matinal», dizia ela em voz alta ao passar, lançando-lhe um sorriso de que, na qualidade de homem só que agora era, Harry gostava muito. Ainda assim, talvez por se sentir atraído por ela, nunca aceitara o convite de Rose, nunca passara por casa dela para tomar o tal café ou a tal bebida à noite. Respeitava o casamento e as mulheres casadas não faziam o seu género. Além disso, continuava a ser um homem apaixonado. Por Mallory Malone. Ou, pelo menos, achava que sim. Achava que talvez ela também estivesse apaixonada por ele. Um bocadinho, talvez.

Via, contudo, de vez em quando, outros membros da família Osborne a sair e a entrar, um filho de olhar distante em idade universitária com um ar que dizia «fica longe de mim» e que Harry interpretava como traduzindo um problema; duas adolescentes fofas e um rapaz, de uns onze anos, magricela, de cabelo ruivo e, ao contrário do resto da família atarefada, sempre sozinho. Harry reparava nesse tipo de coisas e perguntava-se porque estaria o rapaz sempre sozinho. Também notara que ele se escondia no alto da figueira, que teria um ramo, deduzia ele, que levava até à janela do seu quarto. O miúdo sentava-se portanto lá em cima a espiar a família e o resto do mundo. Provavelmente daria um bom detetive.

E depois havia o marido, Wally Osborne. O escritor famoso. Wally escrevia uns romances assustadores que faziam levantar os pelos da nuca e que eram adaptados ao cinema, em filmes que davam vontade de gritar bem alto: «Olha para trás, está lá o assassino!»

Seria de esperar que o autor de livros cheios de maldade tivesse um ar maldoso, ou, pelo menos, um bocado doido. Wally Osborne não parecia uma coisa nem outra. Era alto, esguio e bonito, com o cabelo loiro eternamente despenteado, olhos azuis profundos e um bronzeado ligeiro de verão que, Harry sabia, devia deixar as mulheres ali do sítio em êxtase. Achava que Rose Osborne provavelmente teria dificuldade em ficar de olho num marido assim. Mas isso não era da sua conta.

De qualquer modo, encontrava-se em Evening Lake, eram três da manhã e ele estava a enfiar as calças de fato de treino que levava para o ginásio e uma camisola macia azul-escura, um presente da sua ex, a enfiar os pés nos ténis,

a resmungar enquanto apertava os atacadores e a olhar para o cão, que continuava à espera.

– Muito bem, então vamos ver o que se passa, *Squeeze* – disse ele, resignado.

Não sabia bem o que poderia ser, mas era certo que o cão sabia alguma coisa e, como continuava a ser polícia, se bem que a pensar em desistir, tinha de investigar.

2

A casa de Osborne, perto da de Harry, repousava em toda a sua forma à beira do Evening Lake. «Repousava», e não «erguia-se», porque se tratava de uma casa sólida, feita para durar noventa anos antes por uma geração que respeitava uma mão-de-obra sólida e a arte do verdadeiro artesão.

Continuava a repousar, e não a erguer-se, passadas gerações e depois de muito vivida, uma estrutura de tábuas brancas, elevada sobre estacas à beira da água com uma varanda, ou «alpendre», como haveria sempre de se chamar, que percorria toda a sua extensão do lado do lago, e um molhe onde eram atracados uma variedade de pequenos barcos. Omar Osborne fora um dos primeiros a instalar-se ali e era sem dúvida um dos que votava na regra irrevogável que não permitia barcos a motor. Evening Lake permaneceria impoluto, esperava ele, para os seus descendentes.

Havia agora novas casas nas margens do lago, algumas delas de dimensão à Gatsby, mas as leis locais obrigavam a que o seu esplendor se mantivesse «simples», e continuavam ali de pé muitos tugúrios dos primeiros tempos, a madeira castanha agora descolorida num tom cinzento-prateado, uma recordação de tempos idos, ainda que continuassem a ser habitados e apreciados.

A casa era tradicional. Uma fileira de janelas de correr abria-se para o alpendre, albergando uma sala espaçosa e inundada de luz, com sofás enormes e «bem vividos», forrados com um linho pesado cor de noz, e

cadeiras confortáveis com almofadas que raramente eram afofadas, com o seu brocado creme, evidentemente trazidas de uma outra casa para se juntarem à miscelânea, dado que aquela casa nunca sentira as mãos de um «decorador».

«Encaixou-se tudo, simplesmente, como devia ser», era o que Rose Osborne dizia às visitas, e pedia desculpa pela esforçada escalada escada acima, uma escada larga de madeira que rangia. Quando lhe perguntavam, nunca sabia dizer se era de carvalho ou castanheiro e ficava sempre admirada com a pergunta, porque estava demasiado preocupada com o facto de as visitas terem de subir três pisos até aos seus quartos.

O quarto principal de visitas situava-se no segundo piso e tinha espigões que se uniam como sobancelhas por cima das janelas curtas. A cor preferida de Rose era turquesa e mandara pintar os espigões dessa cor alegre, se bem que agora, como não lhe agradava muito o transtorno que era pintá-los de três em três anos, a cor esmorecera para um tom a que Rose chamava o seu «azul paixão».

«Porquê paixão», perguntavam as visitas, e eram recompensadas com um sorriso e Rose a responder que muitas pessoas lhe perguntavam isso, mas era um segredo dela. Dela e do marido, Wally. Nunca contara sequer aos três filhos o seu significado. Que era ser exatamente da cor da camisa de noite em seda pura com que o marido a surpreendera na lua de mel, comprada numa qualquer boutique de preços extravagantes a que sem dúvida não se podiam dar ao luxo, mas que ele disse saber que lhe ficaria maravilhosamente e que queria fazer amor com ela a usá-la.

E assim fez. Fizeram. E a camisa de noite lá continuava, embrulhada num papel especial para conservar a seda, na segunda gaveta da esquerda do toucador, fechada e trancada. Uma memória conservada. Às vezes, quando sonhava com o passado, Rose destrancava a gaveta, retirava lá de dentro o embrulho, abria cuidadosamente o papel e olhava para a peça de roupa mais bonita que alguma vez fora sua. A renda pálida, cor de champanhe, continuava delicada como sempre, o azul era tão turquesa como o Mediterrâneo numa noite de verão, quando aquela costa se iluminava à luz que esmorecia.

Nas traseiras da casa, uma floresta de bétulas subia a encosta, prateada ao amanhecer e ao crepúsculo, branca e descascada em plena luz do dia. Ao cimo do monte, as silvas emaranhavam-se nos pés de quem passava, os espinhos arranhavam as mãos infantis que procuravam amoras e os poços

velhos, agora secos mas em tempos a única fonte de água fresca daquela zona, estavam em ruínas, afastados dos caminhos principais com avisos afixados de «cuidado».

A pequena cidade de Evening Lake, que na verdade não passava de uma aldeia, ficava a três quilómetros de distância, seguindo a estrada arenosa que ia dar às traseiras da casa e que possuía uma saída abrupta, cheia de cascalho, a que tinha de se estar atento senão passava despercebida. Havia um espaço coberto à esquerda, onde se podia estacionar o carro e, à direita, tentava vingar uma pretensa horta, onde delicadas alfaces de Boston abriam caminho na terra arenosa e os rabanetes atingiam dimensões gigantescas e onde, se não fossem protegidos por uma rede, os pássaros ou outros animais comiam todos os tomatinhos doces, que ali eram mais fiéis à sua origem como frutos do que como meros enfeites de salada.

Havia duas chaminés ao cimo da casa dos Osborne e, no inverno, o fumo elevava-se como plumas. O construtor fizera um bom trabalho tanto com essas chaminés como com tudo o resto.

À esquerda da porta principal existia um «espaço de arrumos» . Chamavam-lhe «principal» porque dava para a estrada, embora nunca ninguém a usasse, dirigiam-se sempre diretamente para a cozinha pela porta das traseiras, que agora estava pintada com o azul-turquesa de Rose. Ali se arrumava o equipamento de pesca e as galochas, as raquetes de ténis, as coleiras de cão e os impermeáveis, um aspirador, baldes e uma velha vassoura farfalhuda.

O «ninho» de Rose e Wally ficava por cima da sala de jantar, uma divisão espaçosa com uma grande cama de ferro antiga. A música de Dylan «Lay Lady Lay» (na minha cama de ferro) costumava ser a preferida de Wally: tinham-na posto a tocar na velha aparelhagem vezes sem conta nesses primeiros tempos e claro que Wally acabara por se ver obrigado a comprar a grande cama de ferro. Debaixo da janela havia uma *chaise longue* comprida e branca onde Rose lia; encostado à parede, um bonito toucador em cujo espelho a luz caía na perfeição, e uma pequena casa de banho em mármore pálido com uma banheira suficientemente funda para ficar de molho e suficientemente grande para dois.

Mais à frente, seguindo pelo corredor, ficava o quarto das gémeas, um horror pastel de rapariga, com os seus tecidos drapeados, os enroladores de cabelo ainda ligados à tomada, pó de arroz espalhado e batons abandonados.

O gato que tinham salvado da berma da estrada ainda bebê e que tiveram de alimentar a conta-gotas dormia nas camas delas. Agora um animal altivo, chamava-se *Bebé Noir* graças ao seu luxuriante pelo preto e pregava um susto dos diabos a qualquer pessoa que se aproximasse dele, exceção feita, claro, a Madison, porque era o querido dela. Havia também a *pug Peggy*: bege, de nariz preto achatado, lamechas e que ressonava, e a melhor amiga de Frazer.

Roman quase nunca deixava ninguém entrar no seu quarto, que mantinha numa escuridão quase absoluta. Tinha o andar de cima todo para si – sendo que o acesso se fazia através de uma escadaria que saía da cozinha e de umas escadas exteriores de madeira já bambas –, algo que sempre deixara dúvidas em Rose, especialmente com um adolescente. Quando ele era mais pequeno, ela trancava a porta e enfiava a chave no bolso. Agora Roman tinha dezassete anos e opunha-se a ser «trancado». O pai saíra em sua defesa e a chave fora entregue, ainda que com reservas por parte da mãe.

– E se ele foge de noite, se sai a correr no escuro, para fazer farras, beber... fazer sabe Deus o quê? – perguntara ela a Wally.

Mas o marido afastara-lhe os receios com uma gargalhada, o mesmo trunfo de adolescente de sempre.

– Olha para ele – disse a Rose. – É um rapaz calmo, bem-comportado, responsável. Esforça-se muito, tem boas notas, está em vias de receber uma bolsa para uma boa universidade, deixa-o divertir-se.

Wally pensava que o filho era demasiado calmo e devia «divertir-se» mais, sair mais vezes sozinho. Ficava muito por casa, andava por ali, agarrado ao telefone ou ao *tablet*, sempre com a cabeça noutro sítio.

– É isso que é ser adolescente – enfatizou Wally.

Mas Rose não engolia esse lugar-comum e preocupava-se. Bem gostaria que ele fosse como as gémeas, sociáveis, encantadoras, em quem se podia tocar, abraçar e beijar o tempo todo. Tal como «ser adolescente», haveria sempre «coisas de rapazes». Com efeito, todos os lugares-comuns pareciam assentar bem ao filho. Pelo menos, agora.

Uma casa grande, portanto, mas nunca grandiosa. Uma verdadeira casa de família, cheia de amigos e pessoas de todos os tipos. Era assim a casa Osborne. Encantadora, tranquila, simpática. Até àquela noite. Em que tudo haveria de mudar.

3

ALGURES EM FRANÇA

Mallory Malone, agora ex-noiva de Harry, deitara tudo a perder. Abandonara a sua carreira de sucesso como «a detetive da televisão»; famosa por procurar homicídios esquecidos e fazer a sua reconstituição no seu programa de televisão, refrescando memórias passadas, antigos ressentimentos, velhos feudos, e muitas vezes chegando à verdade – e às vezes ao assassino. Linda, loira, fresca como um pepino frente à câmara, fora considerada uma mulher dura de roer. Agora já não.

Agora, estava sentada sozinha a uma mesa de café algures em França, a bebericar um *café crème* muitíssimo caro, fitando a pequena chávena como se os restos de espuma lhe pudessem adivinhar o futuro. E, uma vez que nem ela própria fazia ideia do que lhe reservava o futuro, esse pensamento era ridículo. Quando uma pessoa atirava a vida inteira ao ar – o seu trabalho, o seu homem, o seu coração – sobrava o quê? Paris, imaginara ela.

Mas, desta vez, Paris desiludira-a. No primeiro dia, sozinha no quarto minúsculo de um hotel acessível na Margem Esquerda, empoleirara-se à janela que dava para a rue de l'Université, a ouvir as crianças pequenas da escola que ficava do outro lado da rua cantarem aquilo que pareciam ser rimas infantis, ainda que por serem em francês, e o francês de Mal era mínimo, ela não tinha a certeza. E isso contribuía mais ainda para o seu desespero. Já não tinha certeza de nada. Não tinha trabalho. Nem noivo. Certamente não tinha filhos.

Passados dois dias, e já não sendo capaz de suportar ser uma mulher

sozinha em Paris, reuniu as suas coisas, colocou-as na única mala que trazia, pagou a conta e foi levantar o carro alugado – um *Fiat Uno* branco sujo onde quase não cabia ela e a mala e que, como ela o estacionara do lado errado da rua, já tinha um aviso de multa preso debaixo do limpa para-brisas. Tudo estava a correr no mesmo sentido.

Rasgou o aviso e espalhou os pedacinhos de papel na sarjeta da Margem Esquerda. Eles davam-lhe multas, ela retribuía com lixo. Estava prestes a abrir a porta quando parou o movimento para olhar, horrorizada, para o que acabara de fazer. Ela, Mal Malone, defensora de tudo o que era bom, destruidora de tudo o que era mau, mesmo mau, como ladrões, pedófilos e assassinos, tornara-se uma pessoa que deita o lixo para a rua. A sua cabeça descaiu. Todo o seu corpo se abateu. Agachou-se para apanhar todos os pedacinhos e foi à procura de um caixote do lixo. Nada. Mas onde deitavam os parisienses o lixo? Nas malas de mão, calculou, e foi exatamente o que fez então.

Sentou-se do lado do condutor, verificou a aparência no espelho retrovisor, passou a mão pelo cabelo loiro-escuro que lhe dava pelos ombros e depois prendeu-o atrás com um elástico. Não usava maquilhagem. Não se conseguia disfarçar olhos de choro com sombra e rímel. Não resultava. Tudo bem, de qualquer modo ninguém estava a olhar para ela e tinha sido tão escrutinada no seu programa de televisão que se sentia anónima sem a pintura de guerra.

Olhou para o tabliê a verificar onde todas as coisas que lhe eram familiares deviam estar, mas não estavam naquele carro francês. Premiu um botão. Os limpa para-brisas rodaram, barulhentos, diante de si. Outro botão. Sentiu um remoinho de ar quente em seu redor. Tocou sem querer na buzina e deu um salto ao ouvir o som forte, depois acenou um pedido de desculpas ao homem sentado no carro à frente do seu, que lhe lançou um olhar que ela adivinhou querer dizer «estrangeira burra», o que, nesse preciso momento, ela era mesmo.

Sentiu um peso no peito. Naquele momento, sentia também mais falta de Harry Jordan do que qualquer homem merecia. Ele deixara-a sozinha demasiadas vezes, só telefonara quando já era tarde de mais; não aparecera para jantar. O trabalho dele estava em primeiro lugar, embora tivesse sido ela a desistir por vontade própria do seu de maneira a poderem estar juntos sem haver choque de horários. O dela e o dele. Contudo, agora só havia o dele, e era inteiramente absorvente. Mal julgara que eles tinham um futuro; tornara-

se de súbito claro que não era assim. Pelo menos, o tipo de futuro que ela queria: o casal cúmplice que passava o tempo junto, férias, uma casa, as coisas normais que todas as mulheres queriam. Pelo menos, ela achava que queriam, e todas as mulheres que conhecia, exceto ela própria, haviam-no conseguido.

Mal perguntava-se se seria culpa sua, afinal de contas tinha um passado complicado, uma infância dura sem dinheiro e com uma mãe solteira, que fumava erva e estava sempre a fugir da lei e da renda por pagar, a arrancar Mary Mallory, como ela se chamava então, de escolas a que a rapariga começava justamente a tentar adaptar-se. «Adaptar-se» não estava destinado a fazer parte do futuro dela e da mãe. A mãe era «complicada», de um momento para o outro passava de doce, generosa e carinhosa a reservada e muda.

Mal estava longe, na universidade. A mãe vivia numa caravana no Oregon, numa praia enorme onde as ondas rolavam, numa crescente fúria verde espelhada, instigadas por milhares de quilómetros de vento vindo do Japão. Mal tinha ido a «casa» passar o Dia de Ação de Graças e encontrara a mãe de pé, à beira-mar, com os braços abertos acima da cabeça, como se desafiasse aquelas ondas letais, cheias de energia, a virem buscá-la. Mal gritara para a avisar. Desceu a encosta da falésia a correr para chegar junto dela e viu, horrorizada, a mãe ser erguida por aquela onda. Viu-a curvada no cume da onda quando esta atingiu o seu pico, indo depois bater na areia. O corpo da mãe nunca foi encontrado e uma nova Mary Mallory foi obrigada a aparecer.

Essa experiência fortaleceu a sua determinação em tornar-se alguém. Começara por baixo, como assistente «menor» no canal televisivo local, gradualmente foi prosseguindo e subindo ligeiramente na carreira, adquirindo o conhecimento de como tudo funcionava enquanto estava sentada no gabinete do diretor, a puxar os cordelinhos certos, maravilhada com a pose e a confiança das pessoas em frente das câmaras.

Gastou todos os tostões ganhos, depois de paga a renda e os *noodles ramen*, a melhorar a sua aparência aprendeu a usar maquilhagem vendo as mulheres aplicá-la a outras e fazendo as perguntas certas. Treinou para manter direito o seu corpo alto, sem descair os ombros, obrigou-se a deixar para trás o passado e as suas inferioridades.

De forma clássica, surgiu uma emergência em estúdio; um apresentador não comparecera para a entrevista e Mal foi chamada por ser a única com

uma aparência pronta para a câmara. Saiu-se tão bem que lhe ofereceram um pequeno segmento de quinze minutos só para ela, a falar de assuntos da região. Foi a partir daí que as coisas começaram.

Passados dez anos, encontrava-se em Nova Iorque com o seu próprio programa importante, um luxuoso apartamento *penthouse* e uma vida de total solidão, à parte o trabalho e os eventos sociais para que era convidada, que ela se recusava a reconhecer. Até que conheceu Harry Jordan em circunstâncias estranhas. Nunca nada voltou a ser como antes.

Harry «salvara» verdadeiramente Mal. Claro que ela já era um sucesso, mas no seu íntimo continuava a ser a amedrontada Mary Mallory Malone, sempre à espera que tudo desabasse e voltasse ao «normal», ou seja, como era quando ela começara, sozinha, aos dezoito anos.

Harry Jordan era um tipo tão correto, tão íntegro e regular debaixo da sua máscara de polícia macho que lhe foi impossível não se apaixonar por ele. Harry fazia amor com Mal como se ela fosse a única mulher do mundo, fazendo-a sentir-se mais bonita do que qualquer ângulo de câmara conseguia; Harry fazia-a sentir-se amada. Isto é, quando aparecia. E era esse o problema deles.

E pronto. Ela deixara-o. Partira impulsivamente para Paris e deu por si mais sozinha do que naquelas longas noites em que esperava que Harry Jordan, o detetive de homicídios, aparecesse para lhe dizer que a amava tanto, mas que infelizmente surgira alguma coisa e ele tinha de se ir embora imediatamente. Uma mulher só consegue aguentar este tipo de coisa até certo ponto.

E depois Paris desiludiu-a. Custava-lhe a acreditar. A Cidade da Luz nunca desiludira ninguém. Seria a única pessoa que se sentia sozinha, rejeitada pelos seus cidadãos atarefados, pelos turistas em grupos, os amantes que se beijavam por cima de minúsculas mesas de café nas esplanadas de passeio, os empregados de mesa condescendentes dos restaurantes elegantes onde ela se aventurara a ir. «Uma mulher sozinha», diziam os olhos deles quando lhe perguntavam se estava à espera de *monsieur*. Não havia *monsieur*, respondia o olhar dela.

Gerir o surto de trânsito em redor do Arco do Triunfo quase deu cabo dela; devia ter circulado meia dúzia de vezes antes de conseguir sair num sentido que ela esperava apontasse para sul. Três horas mais tarde, parou num daqueles cafés de estrada imaculadamente limpos, onde, de mãos ainda a

tremer devido à condução de pôr os nervos em franja, bebeu dois cafés e comeu um pãozinho sem manteiga, porque era a única coisa que vendiam àquela hora. Mal descobriria em breve que o francês provinciano comia entre o meio-dia e as duas horas e nem um segundo depois disso. Reabriam às seis para «jantar» e fechavam cedo, por volta das oito. Que Deus ajudasse quem desse por si, como era o caso dela, cheio de fome nos intervalos. Uma máquina de pôr moedas entregou-lhe um pacote de batatas fritas e uma *Fanta* de laranja com gás, que ela guardou para mais tarde, «pelo sim pelo não». Afinal de contas, podia acabar por passar a noite num lugar onde ninguém servisse jantares, quanto mais um copo de vinho tinto para nutrir uma rapariga durante as longas horas de solidão, na cama, sozinha. E provavelmente a chorar.

Agora, escassas horas depois de ter deixado Paris, atordoada por ter estado encafuada num assento demasiado pequeno e estreito para a sua figura de pernas compridas e um metro e oitenta, tinha acabado ali. Em França. No meio de nenhures.

Apesar de ter jurado não pensar nele, perguntou-se o que estaria Harry a fazer. A apanhar assassinos, calculava ela. Ah, mas onde estava Harry Jordan? Porque não viera atrás dela?

– Merda – disse em voz alta, mas depois lembrou-se que era uma senhora. Nem sequer devia pensar nessa palavra, exceto em circunstâncias especiais. Nem em Harry Jordan.

Mas pensava. E por isso telefonou-lhe.

4

EVENING LAKE

Às três da manhã, o silêncio no lago foi quebrado por um toque musical abafado. Harry, que passeava à beira de água, remexeu no bolso, encontrou o telefone e ficou a olhar, pasmado, para o nome da pessoa que lhe estava a telefonar. Havia uma cadência alegre na sua voz quando ele disse:

– Graças a Deus voltaste, Mal.

Depois reparou que a chamada era feita a partir de França. O telemóvel dele era de sistema global, mas mesmo assim tinha boa receção, de algures em França para Evening Lake.

– Não voltaste – disse ele sem emoção.

– Estou em França.

– Estou a ver que sim.

– Fugi.

– Porque fizeste uma coisa dessas, Mal?

O cão puxava a trela, fitando intensamente as árvores. À distância, um barco deslizava em silêncio pelo lago. Preocupado como estava, Harry ainda teve tempo para reparar que se tratava de uma hora estranha para andar lá fora. Achou que podia ser o barco que pertencia a Len Doutzer, a ave rara ali do sítio, se bem que do lugar onde se encontrava, no ponto em que o caminho arenoso curvava, não tinha a certeza. Fazia, contudo, sentido, porque Len vivia ali desde sempre e se alguém andava lá fora a apanhar alguma coisa à noite era ele. De qualquer modo, o que lhe importava isso? Estava ao telefone com o amor da sua vida.

– Estou em França porque precisava de café bom – disse Mal. – E de uma boa garrafa de tinto.

Harry suspirou para o telefone. Ela parecia estar a um milhão de quilómetros de distância, embora na verdade estivesse apenas a umas horas de avião. Ele disse:

– Podias apanhar um avião para casa logo pela manhã.

– Aqui já é logo pela manhã. Lembra-te de que o fuso horário muda. E já agora o que estás a fazer a pé a meio da noite? Tens aí uma mulher contigo?

O suspiro de Harry era agora exasperante.

– Por amor de Deus, Mal.

– Ah, não, claro que não, mas que parvoíce a minha pensar sequer uma coisa dessas, tu só tens tempo para procurar criminosos, não tens tempo para amor e beijinhos e para todo o sempre.

– Mal, eu prometo-te: é para sempre.

– Então vem para França. Sinto-me sozinha aqui sem ti, Harry. Podemos estar juntos. Tenho saudades tuas, sinto a falta do teu corpo ao lado do meu na cama, nus, como gostamos de dormir, eu com as pernas por cima das tuas, o teu braço debaixo do meu pescoço... Quero cheirar-te, beijar-te, sentir o teu sabor... mas, que raio, quero lambe-te todo, meu detetive, meu...

Harry já não hesitava.

– Vou fazer isso – respondeu ele. – Vim para Evening Lake tentar resolver a minha vida e agora tu resolveste-a. Vou a França buscar-te. Em França onde estás, já agora?

– A verdade é que não sei – disse Mal, rindo-se surpreendida com a sua ignorância.

– Envia-me um SMS – pediu Harry. – E confia em mim, amanhã apanho um avião para Paris.

– Eu confio – afirmou ela. – Dá-me os dados do voo, encontro-me contigo no aeroporto. Não tragas muita bagagem, o meu carro é muito pequeno. Ah... e, por favor, Harry, por amor de Deus, não tragas o cão.

– Desta vez não o levo, amor, prometo – disse ele.

Ela desligou e Harry e o cão ficaram a cheirar o ar fresco e limpo durante um minuto, saboreando o silêncio, a solidude. Enfiou a corrente no pescoço do cão, porque queria mantê-lo sob controlo, e depois foram-se embora, com as folhas a estalar debaixo dos pés no caminho arenoso que circundava o lago.

A irritação de Harry por ter sido acordado desaparecera. Ia ver Mal. Descobriu que estava a gostar daquela parte da noite, a mais negra e mais profunda, estava a gostar da raridade que era estar completamente sozinho. Pelo menos, achava que estava sozinho, até ouvir o rangido de remos nos toletes; o leve chapinhar da água.

Ficou à escuta, o cão alerta à sua frente. Talvez o que perturbasse o cão tivesse sido aquele barulho. Perguntou-se quem mais, além de Len, poderia estar no lago àquela hora da noite. Adolescentes, decidiu, à procura de sarilhos e oxalá sem os encontrar. As drogas não pareciam ser problema ali no lago, mas nunca se sabia. Aquilo que Harry sabia, contudo, era que, caso se quisesse realmente sarilhos, encontravam-se.

Um pequeno barco deslizou e tornou-se visível, vindo da outra margem à força de remos. O remador encostou ao embarcadouro de madeira dos Osborne. Um homem saiu, arrumou rapidamente os remos e fez deslizar a embarcação para a casa dos barcos. Passados uns momentos, mantendo-se na sombra, dirigiu-se em silêncio para a casa. Harry reconheceu Wally Osborne. E a seguir, saído do bosque, veio o filho, Roman, também escondido do olhar do pai, a quem seguiu até casa. Harry fez um suave assobio de surpresa. Questionou-se sobre o que teria andado Wally a tramar. E o jovem Roman, embora calculasse que o adolescente teria andado na farra.

De repente, um fulgor rosado espalhou-se no céu noturno. Surpreendido, Harry olhou para a casa que ficava na outra margem do lago e viu a jovem loira de pé junto à porta aberta. Tinha o rosto distorcido num grito. O seu cabelo era um anel de fogo. E logo depois ela corria, a mergulhar no lago no preciso instante em que a casa atrás dela irrompeu num inferno. E Harry foi atirado ao chão com a força da explosão que se seguiu.

5

EVENING LAKE, 3 DA MANHÃ, ROSE OSBORNE

Rose Osborne acordou à mesma hora que Harry Jordan. Estremunhada devido a um sonho mau, estendeu nervosamente o braço por cima da cama à procura do marido, mas Wally não estava lá. A roupa da cama fora atirada para trás e o lugar de Wally na cama estava frio, o que significava que ele se tinha levantado há algum tempo. Não era invulgar nos dias que corriam. O marido não andava a dormir bem; Rose julgava que ele devia ter descido à cozinha para ir buscar uma chávena do chá de camomila que ela lhe recomendara, se bem que desconfiava que fosse mais uma ou duas doses de vodka.

Tinham vindo para a casa de férias da família no lago, como faziam todos os verões desde o nascimento do primeiro filho, havia dezoito anos, era Rose uma mera rapariga de vinte e um anos. Casara-se demasiado nova, como veio pesarosamente a perceber mais tarde, mas a sua paixão era tão intensa que nada mais lhe interessava a não ser estar com Wally, que a queria «para sempre». Portanto, o que podia ela fazer a não ser casar com ele?

Wally chamava a Rose a sua mulher «opulenta». Ela era roliça e macia, sempre na esperança de usar um tamanho 42, mas mantendo-se no 44. Adorava que a sua aparência agradasse a Wally, adorava a sensação de estar sob as mãos dele. Continuava a usar o mesmo número, continuava roliça e macia debaixo de uma massa de cabelo castanho-acobreado, encaracolado, que usava despenteado pelos ombros, porque era mais fácil assim, e uns grandes olhos castanhos que Wally lhe dissera certa vez não serem

definitivamente «como os dos *spaniel*». Eram mais como os dos labradores, afirmara ele. Rose não soube bem se aquilo era um elogio, mas decidiu ser melhor interpretá-lo como tal. As suas pernas compridas e os tornozelos finos de cavalo de corrida eram os seus maiores atrativos, isso e a boca sorridente e expressão agradável.

Wally só lhe disse que adorava os seus olhos de «labrador» depois de ela ter concordado em casar com ele e de ele lhe ter efetivamente posto o anel no dedo «pelo sim pelo não», dissera ele com aquele sorriso que lhe apertava o coração e derretia os ossos e a fazia tremer de desejo por ele. Ele queria-a! Rose Gothorpe, filha de pai americano e mãe inglesa e por isso Rose achava que devia ser descendente direta da rainha Vitória, cujos valores e conduta moral seguia na perfeição e impunha à filha, fazendo Rose sentir-se perversa pelo seu desejo.

Mas ser filha única não tinha só inconvenientes, vinha agora à memória de Rose. Estava a pensar na sua própria prole, nas discussões entre os irmãos e nas vezes em que tivera de os separar a lutar como *boxeurs* por qual das gémeas tinha pegado naquelas sapatilhas de balé, e qual apagara o trabalho de casa da outra, e quem comera o resto do gelado e tornara a guardar a embalagem vazia no congelador. Culpada de todas as acusações, pensou ela com um sorriso afetuoso. Eram coisas de miúdos e era assim que a vida era.

Vivia em Greenwich Village quando conhecera Wally, partilhava o apartamento mais pequeno que era possível com outras duas raparigas, mas, mesmo assim, pagar a renda era uma preocupação contínua.

Mas se havia coisa pela qual Rose devia estar grata era pelas aulas de culinária que tivera nesse ano e pela alegria que elas lhes deram. E o peso que ganhou por causa delas.

Certo era que as suas curvas não tinham afastado os homens; Rose podia ter escolhido à vontade, podia, como lhe disse a mãe depois de ela ter aceitado Wally e de o ter levado a conhecer a família, ter tido melhor do que um aspirante a escritor sem chavo, que aceitava os ocasionais trabalhos de guionista para alguma série televisiva, trabalhos que quase lhe pagavam as despesas, deixando de sobra o suficiente para partilharem uma piza, uma cerveja e uma noite aconchegante, que não requeria dinheiro nenhum, aninhados na cama dele de solteiro depois de fazerem amor e tremer a terra, sem se poderem largar porque, se o fizessem, a cama era tão estreita que um deles cairia dela abaixo.

Com o dinheiro da venda do seu primeiro conto, Wally comprou-lhe um anel, com o diamante mais magro e espalmado que já se viu, mas pelo menos parecia grande. Rose recordou a celebração, num restaurante como deve ser. Foi no Sign of the Dove? Qualquer coisa assim, algures em Manhattan numa noite chuvosa, de mãos dadas sobre a mesa, ela com a esquerda apontada para cima a mostrar o seu novo estatuto, usava a camisola de caxemira preta e justa, que a mãe lhe oferecera no aniversário anterior, e uma saia branca travada que se lhe colava sedutoramente ao traseiro redondo, e sapatos de salto de camurça bege, encharcados devido ao passeio à chuva, uma vez que, financeiramente falando, o táxi estava fora de questão, o cabelo frisado por causa da humidade, cheio de caracóis por todo o lado, os olhos castanhos agora dourados de amor por ele. Wally, o seu rapaz todo ele americano. Tinham vinte e um anos feitos, os dois. Já com idade para votar, beber álcool e casarem. Certamente já com idade – ou ainda com ela – para fazerem tanto sexo que o interior das coxas, cheio de nódoas negras de amor, doíam a Rose quando ela ia a pé na manhã seguinte para a universidade de Nova Iorque, preocupada com o seu curso de Literatura Inglesa e Antropologia, embora fosse discutível o que faria com qualquer um deles.

Esses foram os tempos bons, pensava agora Rose, em que os únicos problemas que tinham era arranjar uma maneira de ficarem juntos e de pagarem a renda e comer, com um pouquinho de sobra para uma garrafa de vinho tinto italiano. Inevitavelmente, ela engravidou. Seguiu-se a boda. Não a pequena cerimónia «só para a família» que Wally imaginara, mas uma festa de arromba, uma igreja com decorações natalícias repleta de familiares, alguns dos quais Rose não via há anos; as amigas dela com vestidos elegantes e saltos vertiginosos; corpulentos companheiros de futebol de Wally; os professores da universidade, até a avó de Wally veio de Seattle, Washington. Ao vê-la, serena e de pele suave, com as maçãs do rosto ainda segurando tudo, Rose teve um vislumbre dos seus futuros filhos nesse rosto.

Ah, mas ela tinha sido uma noiva tão extravagante, com o vestido caicai comprido, de veludo de seda vermelho, os seios dourados a sobressaírem sob uma estola de arminho branca e o fio de pérolas verdadeiras que os pais lhe ofereceram de presente de casamento. Wally dissera que achava que um carro novo teria sido um presente melhor, mas os pais dela eram assim. E ela era filha única.

Ainda agora se lembrava da expressão de amor e orgulho estampada no

rosto de Wally, enquanto a esperava ao fundo do comprido corredor com a passadeira branca. Rose escolhera uma passadeira branca, e não vermelha, para fazer contraste com o seu vestido, e Wally estava lindo com as riscas e asas de grilo em que a mãe dele insistira. Apesar de ser alugado, Wally deu-lhe uma boa aparência, com um cravo vermelho na lapela, um daqueles antiquados que eram tão difíceis de encontrar, especialmente na altura do Natal, fora levado de avião para uma florista careira de Manhattan. *Malmaison*, lembrava-se Rose do nome. Achara estranho chamar a uma flor tão maravilhosamente perfumada «má casa», que era a tradução literal do francês. De qualquer modo, era linda, tinha um cheiro divino e Wally era seu. Mais tarde, até conseguiu plantar *Malmaisons*, lá, na casa do lago; uma recordação permanente.

A receção com champanhe, o jantar, a festa, o dançar até altas horas, depois esquivarem-se para um quarto de hotel e, na manhã seguinte, para a lua de mel nos Barbados, cortesia dos pais de Wally. Dez dias de puro azul: mar, céu e sol. E a seguir o regresso à realidade e às duas assoalhadas em Greenwich Village, com Wally a escrever à mesa da cozinha debaixo da única janela, enquanto ela conseguia o diploma e engordava com o bebé a crescer ao ritmo dos nós, como costumava dizer o pai dela, que era membro do clube de iates.

Ou os deuses eram simpáticos ou Wally era mesmo bom, porque o seu primeiro livro de contos de terror foi aceite por uma editora de prestígio, ofereceram-lhe um adiantamento modesto e eles mudaram-se, mesmo a tempo, para uma casa térrea perto da dos pais de Rose, com dois quartos e uma cozinha como devia ser e uma casa de banho com uma banheira a sério, o que era importante quando se ia ter um bebé.

Nasceu o primeiro filho e chamaram-lhe Roman porque decidiram que Roma seria o primeiro sítio aonde o levariam quando Wally tivesse um grande sucesso e fizesse dinheiro suficiente para se poder dar a esse luxo. Mostrar-lhe Itália em pequeno, dissera Wally. Era um pai muito orgulhoso, adorava o filho, via beleza em cada guincho seu. Wally não podia ter sido melhor pai.

Depois, de repente, fez aquele dinheiro todo e levaram mesmo Roman a Roma. Tinha dois anos e eles ficavam à noite, até tarde, com ele a dormir no joelho de Wally enquanto jantavam massa com *scampi* e *porcini* e *ravioli* de *foi gras* e bebericavam um vinho tinto de cor intensa e sabor suave,

contemplando, cheios de espanto, as construções antigas em redor da *piazza* minúscula, monumentos que brilhavam sob as luzes dispersas das *trattorias*, animados pelas vozes italianas que falavam uma língua que Rose desejava conhecer e pelos violinos e acordeões de músicos ambulantes que sorriam ao bebé e acenavam com a cabeça, agradecendo o pequeno donativo colocado no chapéu de três bicos estendido.

«As memórias», pensou Rose, agora sozinha na cama da casa do lago, «são a cola das nossas vidas. Sem memórias para partilhar, só se tem o presente, se calhar nem sequer um futuro.»

Rose amava o marido, adorava os filhos: Roman, de dezoito anos, e as gémeas Madison e Frazer, de dezasseis, e cheias de si próprias, muito dadas a sacudir o cabelo, a mandar SMS e a ter segredos dela. Rose receava que elas estivessem na rota para uma adolescência problemática. E ainda havia Diz, de onze anos, assim chamado em honra de um tio-avô Disraeli e conhecido como «o retardatário» por ter sido uma surpresa inesperada, justamente quando Rose achava que a sua família estava completa.

Diz era diferente dos outros, um miúdo pequeno, magricela, de cabelo ruivo; não se parecia nada com a mãe nem com o pai. Wally dizia que ele devia sair aos seus antepassados irlandeses, muito embora Rose não fizesse ideia de quem poderiam eles ser.

– Não te preocupes, será apenas uma longa linhagem de camponeses – disse-lhe Wally a rir.

Com a sua aparência vistosa e opulenta, Rose irradiava «mãe-terra» e, ancorada como parecia estar sempre na sua cozinha atravancada, com a mesa comprida em que se tinha de afastar coisas para arranjar um sítio onde pousar a caneca de café, a sua imagem correspondia ao papel que desempenhava. Era boa cozinheira, embora desorganizada; havia sempre sopa pronta, bem como uma garrafa de vinho à mão para alguém que passasse por lá, havia sempre miúdos a entrar e sair a correr, ainda que nos dias de hoje não fossem os seus, dado que esses tinham crescido. Porque seria, pensava ela, que os miúdos se tornavam mais reservados à medida que cresciam. Encolhiam-se perante as confidências, apesar de ela se esforçar ao máximo para não ser intrometida. Até Diz se fechava, mas ele era diferente, um solitário, como muitas vezes o são as crianças que chegam tarde e por último a uma família.

Encostada às almofadas com a sua camisa de dormir de cetim branco – optara por branco por ser virginal, pelo cetim por ser sensual e por uma camisa de dormir porque nos dias que corriam nunca dormia nua –, Rose pensou no seu casamento. Onde é que as coisas tinham corrido mal, perguntava-se. E onde estava Wally?

Wally era um escritor de sucesso de, quem diria, histórias de terror, duas das quais haviam sido adaptadas ao cinema. Rose não gostava das histórias dele; achava-as sinistras e perguntava-se como podiam ter saído da cabeça de um homem tão bonito, que podia ser modelo de um cartaz a anunciar uma vida limpa e boa saúde. O que só mostrava, calculava ela, que quem vê caras não vê corações. Devia estar a escrever naquele momento, a trabalhar no seu próximo «épico», mas parecia que a única coisa que fizera nas últimas semanas, ali no lago, fora pegar no barco à vela sempre que se levantava o vento e, caso não se levantasse, remava até se perder de vista, de cana de pesca em riste, e ficava fora o dia inteiro, regressando tarde sem nada para mostrar e sem nada para dizer em sua defesa.

Claro que a ideia de uma outra mulher passou pela cabeça de Rose. Aquela estância tinha muitas pessoas de férias como eles, cujas famílias iam para lá há décadas. Com efeito, agora que pensava nisso, aquele lugar estava provavelmente cheio de esposas entediadas que bebiam demasiados martinis e andavam à cata de sarilhos. Um homem como Wally era um alvo preferencial; bem-sucedido, atraente e inquestionavelmente sedutor. Pelo menos, costumava ser e ela tinha a certeza de que as coisas não haviam mudado no que lhe dizia respeito. Ter-se-ia, pura e simplesmente, o tédio instalado?

Pensava nele agora. Estaria lá em baixo, sozinho na cozinha, a beber? Já não aguentava mais, teria de o encontrar para lhe perguntar o que se passava, porque estavam assim?

Mas, de súbito, a porta abriu-se e ali estava Wally, ainda completamente vestido, de calças de ganga e camisola, fitando-a como se ela fosse um fantasma. Rose retribuiu o olhar, espantada.

E depois, inesperadamente, o quarto ficou todo vermelho, o vidro das janelas estalou como um lenço de papel esmagado na mão, e a explosão que se seguiu derrubou Wally e arrancou Rose da cama.

6

EVENING LAKE, 3 DA MANHÃ
MADISON E FRAZER OSBORNE

Madison e Frazer Osborne não eram gémeas verdadeiras, facto que, sempre que se olhavam no espelho, agradeciam a Deus. «Pelo menos eu fiquei com o cabelo loiro», dizia Madison, com uma expressão convencida. E, tal como lhe diria Frazer, era demasiado convencida para o seu próprio bem, o que segundo Madison soava a ameaça e inevitavelmente levava a uma briga.

«Darem-se» era o que se esperava de pessoas da mesma família, informava-as a mãe, exasperada com as discussões constantes.

Rose tinha o seu próprio conjunto de regras, uma das quais era: «Não baterás na outra.» Outra era «não chamarás nomes à outra» (a palavra «foda-se» ficava definitivamente de fora). A terceira era «deverás lembrar-te de que és...» Aqui Rose ficava um pouco confundida com os «és» e os «sois» e as raparigas soltavam a sua risadinha. «São irmãs», concluía Rose com firmeza. «As irmãs não discutem, defendem-se uma à outra, independentemente de quem tem cabelo loiro.»

– Então porque sou eu que tenho este ruivo horrível? – questionou Frazer.

Encontravam-se de pé na plataforma da casa do lago umas semanas antes quando isso aconteceu. Estava-se no fim da tarde e Sol era uma bola vermelha fundida que se afundava rapidamente no lago ondulante, transformando o cabelo alaranjado de Frazer num verdadeiro vermelho ardente e os seus olhos, geralmente azuis, em bolas de fogo vermelhas. Rose disse-lhe que perguntasse ao pai. Os antepassados de Wally eram irlandeses

de cabelo vermelho. Frazer decidiu que, de qualquer modo, era tudo culpa do pai, mas Rose acalmou-a, afirmando que o cabelo dela era lindo e que um dia haveria de ficar muito feliz por tê-lo. Era ele que tornava Frazer diferente, concluiu Rose com firmeza.

Era também o que permitia a Rose distinguir mais facilmente as duas no quarto escuro à noite, quando se esgueirava para espreitar as raparigas que dormiam: uma cabeça pálida na almofada esquerda, outra cabeça verdadeiramente vermelha – não havia nela nada de cenoura – à direita.

Além disso, na cama de Madison, sobre o seu peito, praticamente enfiado debaixo do queixo dela, estava sempre *Baby Noir*, o gato preto resgatado. Lustroso e tão gordo que Rose se perguntava como era possível que Madison aguentasse o seu peso, se bem que às vezes, quando Rose ia espreitar novamente mais tarde, encontrava *Baby Noir* aos pés da cama, os olhos amarelos brilhando malignamente para ela no escuro. Gato de uma só pessoa, a devoção de *Baby Noir* a Madison era total. Mais ninguém se podia sequer aproximar dele e, se o tentasse fazer, seria recompensado com um golpe veloz da pata preta.

Estranhamente, o gato dava-se bem com o cão de Frazer, a *pug Peggy*, que também ocupava o seu pequeno pedaço da cama da dona: compacta, de pelo bege e nariz achatado, sempre a ressonar ruidosamente. Rose não percebia como era que as raparigas suportavam aquilo, mas elas pareciam nem reparar.

Madison era não só loira, como também mais alta que Frazer, um facto da vida de que Frazer também culpava Rose. «A única coisa que eu fiz foi dar-te à luz», afirmou Rose calmamente em resposta às acusações. Nessa altura, as raparigas tinham sete anos. Ela acrescentara: «Seja como for, vais crescer.» Na verdade, Frazer acabou com um mero metro e sessenta e cinco, ao passo que Madison tinha um metro e setenta e três de modelo.

Durante toda a vida, as gémeas partilharam um quarto, queixando-se de quem deixava a casa de banho um nojo (uma casa de banho privada no quarto, portanto, Rose não percebia de que se estavam elas a queixar), de modo que, quando estavam no lago, onde cada uma podia ter um quarto só para si, mas, em vez disso, preferiam partilhar um, Rose ficava perplexa. A ligação entre as gémeas estava ali para toda a vida. Nunca nada haveria de as separar.

Foi o que juraram uma à outra, deitadas nas respetivas camas, falando noite

dentro de tudo e de nada: a escola, a perspectiva da faculdade, que escolha fazer e caso fossem ambas aceites se iriam juntas, ou se deviam separar-se por fim. E falavam de rapazes, claro está. «Homens», chamavam-lhes elas.

Com a *Peggy* a ressonar aos seus pés e *Baby Noir* com um dos olhos amarelos aberto, atento ao seu território, noite após noite as duas debatiam os problemas adolescentes da sua vida. Madison enrolava o cabelo de lado em volta da cabeça, prendendo-o com um clipe de plástico que se lhe cravava no couro cabeludo, mas que permitia que o cabelo loiro comprido caísse suave como a seda todas as manhãs. O cabelo de Frazer caía, como o da mãe, num caos de caracóis em torno dos ombros. Por mais que ela tentasse domesticá-lo, era como era. «A revolta vermelha», chamava-lhe ela, e era verdade. Planeava um dia escapar-se para ir cortá-lo, sem dizer nada a Rose, claro, porque sabia que a mãe iria chorar.

Os dezasseis anos, decidiram as raparigas, eram uma idade difícil, não se era uma coisa nem outra, os pais continuavam a considerar-nos crianças, os rapazes, uma presa fácil, e as próprias viviam aterrorizadas por sentimentos e emoções novos.

– E pelas responsabilidades – sussurrou Madison a Frazer, ainda acordada embora fossem quase três da manhã.

Estavam as duas com *T-shirts* velhas, já moles de tantas lavagens, e *boxers* de rapaz, que as faziam sentirem-se como que em linha com «eles». Sendo que «eles» eram os «homens». Assustador como tudo, mas igualmente empolgante, e felizmente havia ali no lago um bom sortido deles, alguns com quem elas tinham crescido, com quem tinham brincado em pequenas, com quem tinham aprendido a nadar ao mesmo tempo no comprido lago gelado sob a tutoria de April Morecombe. Campeã dessa grandiosa época que eram os velhos anos sessenta e ainda forte, com ombros de lutador profissional, e de peso pesado, nenhuma criança podia ter medo de se afogar tendo April atrás de si a dizer-lhe para pôr a cara debaixo de água e soprar uma bolha, e depois espernear, por amor de Deus, miúda, mas tu não sabes espernear? As instruções eram seguidas de um grunhido, mas toda a gente aprendeu a nadar, e não só isso, toda a gente aprendeu a nadar mesmo bem. Viviam num lago, numa vasta extensão de água, e o que April precisava de obter era nadadores seguros, e todos os membros da família Osborne haviam beneficiado da sua instrução. Até mesmo Rose, que na água era tímida, apesar de graciosa, ficou mais forte, mais à vontade e sem medo de se afogar.

Por alguma razão ainda acordada às três da manhã, demasiada conversa sobre rapazes, sem dúvida, Madison desenterrou um chocolate *Kit Kat* do esconderijo debaixo do colchão. Rose não permitia doces nos quartos deles por causa dos dentes, mas claro que tinham encontrado uma maneira de contornar essa regra e, de qualquer modo, eram diligentes e lavavam os dentes a seguir. Madison partiu-o ao meio e deu metade à irmã.

– Olha só como estou a ser simpática contigo – disse ela, recostando-se novamente nas almofadas e dando uma dentada gigantesca no chocolate, cuja consistência estaladiça lhe agradou na boca.

– Mas isso é só porque eu contava, se não fosses – respondeu a gémea.

As raparigas tornaram a afundar-se nas almofadas com uma risadinha, depois, de repente, as janelas altas que davam para o lago e que tinham sido deixadas abertas para apanhar a brisa, brilharam com um tom rosado. Sentaram-se num ápice, a olhar aquele fenómeno enquanto escurecia até um tom coral e depois vermelho ardente. Seguiu-se a explosão que fez chocalhar toda a casa, estilhaçou as janelas e mandou o gato para debaixo da cama a bufar e o cão a sair pela porta e descer ao andar de baixo, com as gémeas atrás dele a gritar e o irmão Roman não muito atrás.

7

EVENING LAKE, 3 DA MANHÃ, DIZ OSBORNE

Diz Osborne, de onze anos, estava sentado no ramo da figueira que se estendia quase até à janela do seu quarto. A árvore, decidiu ele, devia ter uns trinta anos, talvez cinquenta, o seu tronco era largo como a proa de um navio, só que com ramos sólidos alongando-se e sítios para pôr os pés e agarrar com as mãos quanto baste para acomodar um miúdo pequeno e abelhudo como ele. Era fim do verão e ele não conseguia dormir. A televisão estava proibida, o *iPad*, confiscado, e não havia nada a fazer a não ser trepar pelo ramo e contemplar a noite silenciosa.

Muito mais cedo nessa noite, por volta das sete, justamente ao escurecer, houvera uma onda de «emoção» quando, pelos binóculos sempre presentes, ele viu a rapariga loira da casa na outra margem do lago sair furtivamente pela janela. Perguntou-se porque não teria ela usado a porta e depois decidiu que evidentemente não queria ser vista. Trazia dois grandes sacos de plástico, que transportava cuidadosamente à frente do corpo.

Diz ficara a vê-la correr, agachada, até à estreita língua de margem, depois subir para o pequeno barco ali atracado, pousar os sacos na popa e remar até à ilha que ficava a umas duas centenas de metros, sair do barco, levar os sacos de plástico e desaparecer nos arbustos.

Tornara a aparecer pouco depois sem os sacos e entrara no barco. Afastou-se da margem remando com destreza, quase sem agitar as águas, reparou ele com admiração, de volta à praia de areia grossa, onde atracou o barco. Diz vira-a regressar a casa, sempre camuflada pelas árvores, e trepar para o seu interior pela janela da cozinha.

Ao mesmo tempo, uma outra coisa, um movimento, fizera-o olhar novamente de relance para a ilha. Foi com surpresa que viu lá um homem. Não conseguia identificá-lo, mas agora era ele que tinha os sacos de plástico. Diz viu-o entrar pela água dirigindo-se a um barco a remos e depois desaparecer da vista remando devagar.

Nessa altura, Diz perguntara-se o que estariam os dois a tramar, o que estaria dentro dos sacos, se teriam tido um encontro secreto. Afastou aquilo da mente com um encolher de ombros. As raparigas eram um mistério. Provavelmente, tinha alguma coisa a ver com sexo. Tinha sempre. Pelo menos com as suas irmãs era assim.

Na verdade, embora fossem três da manhã, o silêncio não era total. Não havia muita gente que o soubesse, mas havia sempre alguma coisa em atividade à noite. Não era o piar das corujas e essas coisas chatas do campo, mas uma grande dose de rastejamentos e grunhidos acontecia quando o resto do mundo dormia em segurança nas suas camas. Os ratinhos do campo roçagavam pela relva fugindo das garras das corujas vigilantes, silenciosas; as ratazanas arranhavam no abrigo de madeira dos barcos, esfiapando-a, queixava-se o pai, mas nos dias que corriam o pai estava sempre a queixar-se de alguma coisa. Mais interessante do que isso, um grupo de texugos reluzia no escuro como faróis de carros, levando Diz a perguntar como poderiam eles esperar não ser vistos por outras criaturas mais predadoras.

Assim se vê, pensou ele, depois apanhou outro figo da árvore e enfiou-o inteiro na boca, de modo que os sucos escorreram dos cantos e deslizaram-lhe pelo queixo. Ele limpou-o com as costas da mão, entediado. E então viu uma luz acender-se na janela do piso inferior da casa na outra margem do lago.

Verificou novamente as horas. Três da manhã. Imediatamente alerta, agarrou nos binóculos que trazia pendurados ao pescoço. Curioso, Diz vinha observando a família nas últimas semanas, embora nunca a tivesse conhecido. Sabia que a sua própria mãe, Rose, que quase sempre gostava de toda a gente sem reservas, não aprovava a maneira como a mãe da rapariga se vestia, vistosa, com calções demasiado curtos e *tops* muito justos, e sempre com óculos de sol enormes. Demasiado *sexy* para o seu próprio bem, ouvira as irmãs comentarem na outra noite, estava ele ali sentado no seu ramo da árvore, que ficava convenientemente perto da janela do quarto delas. Não que ele as andasse a espiar, só se punha com as suas risadinhas quando elas falavam de rapazes e assim. Seriam todas as irmãs tão estúpidas como as

dele, perguntava-se, e decidia que provavelmente todas as raparigas o eram. Mas não a que veio com a mulher na outra margem do lago, e que ele vira antes, nessa noite, remar até à ilha e depois de regresso a casa. Essa era qualquer coisa.

Alta, magra como uma cobra, cabelo comprido pálido que lhe caía, liso, pelos ombros e ondulava quando ela caminhava, o que fazia sempre mesmo atrás da loira rasca que ele achava que devia ser a mãe. «Anda, mas que raio», ouvira rosnar a mãe quando a rapariga se demorava para olhar os cavalos que pastavam no campo ou o falcão de cauda vermelha voando ao alto, ou outra coisa igualmente importante e que, de qualquer modo, seria provavelmente a razão para ela estar ali de férias, para apreciar a natureza, etc., como o resto deles. A mulher tinha uma boca severa e olhos franzidos e havia algo nela que deu a Diz a impressão de que bebia. Diferente do pai, que Diz sabia que bebia. O seu palpite era que Wally fosse considerado bonito pelas mulheres, e muito provavelmente atraente, e isso podia ser a razão para ele agora o ver, a meio da noite, a atravessar o lago remando, vindo da direção da casa da mulher. Merda! Não podia ser ele! O pai não faria uma coisa daquelas, e não com ela! Meu Deus, nunca podia contar à mãe, nem a ninguém, nem sequer a Roman, o irmão mais velho... Mas, calma, aquele podia ser o Roman? Escondido nas árvores, a observar o pai? Porque não chamara Roman um mero: «Olá, pai, o que se passa?» O que se *estava* a passar, já agora?

Diz ficou a observar o pai atracar o barco pequeno e leve, arrumar os remos, arrastá-lo para o abrigo dos barcos e caminhar em silêncio até casa, seguido, segundos mais tarde, por Roman. Diz encostou as costas com força ao tronco da árvore, provocando um rumorejo de folhas. O pai parou por um segundo a olhar diretamente para a árvore. Roman estava na sombra atrás dele. Diz achou que de certeza o estavam a ver... mas não, o pai prosseguiu caminho e entrou em casa, ao passo que Roman desapareceu simplesmente na noite.

Passados dois minutos, o mundo inteiro acendeu-se num surpreendente brilho tingido de rosa.

Pasmado, Diz focou imediatamente os binóculos na casa da outra margem do lago. A porta estava aberta. A rapariga loira ficou ali parada durante um segundo, depois fugiu a correr para o lago. Era estranho, pensou Diz, porque ela parecia rodeada por um halo que lhe iluminava o rosto, dando brilho à

boca aberta que gritava. E depois percebeu que a rapariga tinha o cabelo em chamas... Oh, meu Deus, oh, meu Deus... desceu da árvore em segundos, de joelhos esfolados e mãos em carne viva...

A rapariga atirou-se à água, afundando como uma toninha aterrorizada. E depois a explosão retumbou, atirando Diz ao chão e sacando-lhe o ar dos pulmões com a sua força, e a casa atrás da rapariga pareceu desintegrar-se em câmara lenta, pedaços a voarem pelo ar, numa bola de fogo que irradiava calor para o próprio lago.

8

Instantes após a explosão, Harry levantou-se. Viu a rapariga mergulhar no lago e começou a nadar para a ilha. Agarrou no seu barco com motor de popa, de reserva para emergências no lago, e dirigiu-se velozmente a ela, mas mesmo com o choque e a casa em chamas com escombros caindo-lhe em toda a volta, ela chegou lá antes dele. Arrastou-se para a língua arenosa da margem, onde ficou deitada de barriga para baixo e braços abertos.

Todas as casas do lado dela do lago estavam agora às escuras, porque a eletricidade fora abaixo com a explosão, mas na outra margem todas as luzes estavam acesas. O barco em que ele tinha reparado antes e que julgara poder ser de Len Doutzer tinha desaparecido, tal como o de Wally.

Rastejou para a margem e correu para a rapariga, que estava sentada, de joelhos dobrados debaixo do queixo e rosto enfiado nas mãos, a chorar.

Harry ficou de pé junto dela, a escorrer água do lago. Disse com urgência:

– Estás ferida?

Ela não respondeu.

Diz saiu subitamente do lago.

– Caramba – gritou ele à rapariga. – Tinhas o cabelo a arder, deves estar queimada.

Harry puxou o cabelo da rapariga para trás e inspecionou-a. Ela fechou os olhos, parecendo esperar o veredicto, como se não sentisse nada, pensou Harry. Viu que ela não tinha queimaduras na cara, mas que estava em choque. Ao fundo, soavam sirenes dos bombeiros ao longo da estrada do

lago.

– Temos de a tirar daqui – disse ele ao rapaz. – Eu levo-a para o barco, tu vens connosco.

Mesmo com as calças de ganga encharcadas, Harry achou que a rapariga era leve como uma criança. A palavra «órfã» veio-lhe à cabeça quando a deitou na popa, enquanto Diz, que sabia umas coisas sobre barcos de motor de popa, ligava a ignição. Deslizaram em direção ao molhe dos Osborne, onde se encontrava a família, iluminada como uma fileira de figuras de cartão, à semelhança dos ocupantes de todas as outras casas do lago, todas fitando com espanto o inferno.

OuvIU-se de repente o ruído de um helicóptero da polícia, com os focos de luz sobre o barco. A rapariga tornou a gemer, escondendo os olhos com as mãos. Harry bem gostaria de ter um cobertor para lhe tapar a cabeça, mas não tinha havido tempo para pensar. A única coisa que trazia vestida era os *boxers* às riscas encharcados; as calças de fato de treino e a camisola continuavam no caminho do lago, onde as tinha deixado, juntamente com o cão, enquanto ele nadava primeiro para o seu próprio molhe para ir buscar o barco, porque o barco era o único meio de chegar à rapariga a tempo. Estranhamente, apesar do cabelo queimado, pelo que lhe era dado ver tinha o rosto sem ferimentos; até o cabelo parecia estar bem, graças sem dúvida ao facto de ter pensado depressa, mergulhando daquela forma no lago. Nunca haveria contudo de esquecer o halo de fogo em redor da cabeça dela.

De súbito, ela abriu os olhos e olhou para ele; uns olhos grandes azul-claros submersos em terror.

– A minha mãe – murmurou.

Harry virou-se para olhar o inferno. Sabia que não havia esperança.

A brigada de buscas e salvamentos baixou a altitude do helicóptero. Harry pediu a Diz que desligasse o motor. O pequeno barco flutuava em silêncio quando o resgatador baixou oscilando e, com a ajuda de Harry, colocou a rapariga na maca de rede para ser içada e levada para dentro. Estava já a ser envolta num cobertor de alumínio quando o piloto ergueu o polegar e se elevou de novo para o céu. Ela estaria num hospital em Boston dentro de meia hora. Sem conhecer a extensão dos ferimentos, Harry esperou que fosse tempo suficiente.

Estava a pensar naquele segundo barco que vira no lago e em quem estaria nele. Tinha de ser alguém dali, alguém que sabia andar no lago no escuro,

que sabia o que estava a fazer. Julgara que podia tratar-se de Len Dautzer, a ave rara do sítio, de qualquer modo parecia-lhe ser ele, mas podia estar enganado. Mais tarde, iria contudo falar com Len, perguntar-lhe se era ele e, em caso afirmativo, o que estava exatamente a fazer quando a casa se incendiou.

9

BOSTON, MASSACHUSETTS

Eram perto das quatro da manhã desse mesmo dia quando Carlo Rossetti, detetive da unidade de Homicídios, encostou o *BMW* preto de cinco anos e manípulo de mudanças, os pneus chiando, no parque que ficava à porta do armazém convertido à beira da água, agora conhecido como Moonlightin' Club. Foi passando de uma mudança à outra até chegar à de estacionamento, saiu deslizando do banco da frente, bateu com a porta e deu uma palmadinha afetuosa no carro.

Deixou-se ficar um minuto à luz amarelo-limão da rua, a ouvir o silêncio. Rosetti tinha trinta e seis anos, era bonito e sabia-o. Fechou o blusão de cabedal italiano, abotoou a camisa branca imaculada até ao pescoço, ajustou a gravata *Hermès* – a que tinha os dragõezinhos dourados, presente de uma mulher que gostava dele – alisou para trás o cabelo preto lustroso e já alisado e depois, satisfeito, entrou descontraidamente no clube.

Das colunas gigantescas saía uma explosão de som que formava um muro, envolvendo os dançantes que continuavam a bombar a sua energia apesar de ser tarde. A maior parte não tinha mais nenhum sítio onde ir. O Moonlightin' Club tinha sido ideia de Harry, por si financiado anonimamente numa tentativa de tirar os miúdos problemáticos da rua, de lhes dar um lugar onde pudessem parar, um lugar onde sabiam pertencer e onde não lhes eram feitas perguntas, se bem que havia regras rigorosas: nada de discriminação, nem drogas, nem armas, nem gangues. Até ao momento, o investimento de Harry fora bem-sucedido: as regras eram respeitadas, os miúdos jogavam

basquetebol, faziam exercício e vídeos de música amadores, inventavam jogos para *iPad*, procuravam uma vida que não fosse de sarilhos. Harry já vira tantos seguirem o caminho errado, vira tantas vidas serem destruídas.

Rossetti sabia que o colega era um homem solidário, que se preocupava e que, por alguma razão, nunca conseguia arrancar com a sua própria vida. Agora a noiva fartara-se e deixara-o. O amigo estava com problemas emocionais e Rossetti sabia que ele podia muito bem estar a considerar deixar a polícia.

Pegou numa chávena de café e foi ver o ginásio. As máquinas estavam apinhadas, apesar da hora tardia. A «adrenalina» que se obtinha a fazer desporto era melhor do que andar pelas ruas sombrias à procura da adrenalina do perigo.

Encostou-se à parede, a bebericar café da chávena de papel (era proibido o uso de plástico, tudo tinha de ser reciclável, Harry fora inflexível nesse aspeto), a observar a ação, de olho atento, sempre à cata de tensões que pudessem desencadear alguma coisa. Mas estava tudo tranquilo, cada um metido consigo, a correr em passadeiras, suando sob os pesos, a sentirem-se bem.

Rossetti assobiava a sua música preferida, a ária italiana «Nessun Dorma», por entre os dentes perfeitos, alisando para trás o cabelo preto já alisado, quando o seu telefone tocou. Olhou de relance para o seu *Rolex Oyster Perpetual*. Tinha sido um presente de Harry aquando da conclusão de um caso em que Rossetti se excedera e se colocara em grande perigo pessoal para apanhar um assassino infame. O relógio era uma relíquia para ele e ajeitava sempre o punho de maneira a ver-se um pouco. Agora dizia quase cinco minutos depois das quatro. Merda.

Rossetti descolou-se da parede e tirou o telemóvel do bolso interior onde o guardava sempre, muito embora perturbasse a maneira como o blusão caía, mas raios o partissem se o iria usar enfiado no cinto, onde, de qualquer modo, já trazia preso o distintivo de detetive. Verificou o nome de quem lhe telefonava. Wally Osborne – o Wally Osborne? Caramba! E a meio da noite.

Premiu a tecla.

– Sim, Mister Osborne – disse ele. – Em que posso ser-lhe útil?

– Sou eu, Rossetti – respondeu Harry. – Estou a usar um telemóvel emprestado, eu estou bem, mas há uma pessoa que não está. Enquanto falamos, ela está a ser levada de helicóptero para o Mass General,

provavelmente com queimadura e certamente em estado grave de choque. A sua casa acabou de explodir. Fica na outra margem do lago relativamente à minha. Vi-a correr para a água com o cabelo a arder... Tirei-a de lá. Tem cerca de dezoito anos e chama-se...

Rossetti aguardou. Quase podia ouvir Harry a pensar. Este disse:

– Porra, Rossetti, não sei como se chama. Só a conheço de vista, a ela e à mãe.

– Então e onde está a mãe?

Ao pensar no que Harry dissera sobre o fogo, Rossetti quase não queria ouvir a resposta, mas tudo o que obteve foi:

– Sabe Deus onde.

– Detetive – disse Rossetti, com um suspiro. – Julguei que ias para o lago à procura de paz e sossego e agora olha o que aconteceu. Juro que levas isto contigo...

– Levo o quê?

– Sarilhos, parvo, é o que é. – Rossetti resmungou. – Estamos a meio da noite...

– Eu sei que horas são. – Harry ouvia música aos berros como pano de fundo da voz de Rossetti. – Então, mas porque estás no clube e não na cama?

– Estou só a divertir-me.

Fez-se silêncio e Harry disse:

– Detetive Rossetti, tu e eu somos dois tipos solitários que usam o trabalho para evitar relações com mulheres a sério, que vão a clubes às quatro da manhã beber café rançoso em chávenas de papel para se certificarem de que o resto do mundo está bem, quando nós não estamos.

Rossetti bebeu o resto que tinha na chávena de papel e deitou-a no caixote de lixo.

– E descobrir porque se queimam jovens em incêndios em casa e as suas mães desaparecem. Já pensaste que a rapariga se pode ter querido ver livre da mãe, Harry?

A gargalhada de Harry não tinha nada de divertido.

– Nem pensar – retorquiu. – Esta não passa de uma pobre miúda que sobreviveu a um inferno, que por direito a devia ter matado também a ela.

– Isso quer dizer que achas que a mãe está morta?

– Aposto que sim – afirmou Harry. – Agora não te importas de ir por mim ao Mass General ver como está essa jovem sem mãe? Vou vestir-me e estou

ao pé de ti dentro de umas duas horas. – Harry fez uma pausa, lembrando-se de repente. – Oh, meu Deus – exclamou ele. – Eu devia apanhar um avião para Paris amanhã. Hoje. A Mal disse que ia ao meu encontro.

Rossetti endireitou-se, alisou o cabelo para trás e desapertou o blusão de cabedal preto.

– É a história da tua vida – comentou ele. – O melhor é telefonares-lhe. E não deixes o *Squeeze* para trás na pressa de ires ver a rapariga.

– Eu nunca faria uma coisa dessas – assegurou-lhe Harry.

Enquanto atravessava o parque de estacionamento em direção ao seu *BMW* preto, Rossetti pensou que provavelmente isso fazia parte do problema de Harry Jordan. Isso e a sua relação com as mulheres. Com uma mulher. Nomeadamente, Mallory Malone.

– O amor da sua vida.

10

*A*qui estou eu de novo, e como podem ver cada vez mais perto, ainda não do alvo, mas eu até gosto de um bocadinho de preliminares. Achavam mesmo que o meu alvo era a minha mãe? Achavam que era o detetive porreiro que está sempre a salvar pessoal que não devia ser salvo? Então e o miúdo que está sempre a olhar para onde não devia e pode, no final, vir a revelar-se o maior perigo para mim. Os espiadores, voyeurs, chamem-lhes o que quiserem, têm sempre um aguçado sentido de normalidade; sabem por vê-lo com tanta frequência o que é habitual, o que é desajustado, deslocado. Diferente.

Já o vi empoleirado naquela figueira, «a espiar o espião», pode dizer-se. Se bem que seja claro que não me teria visto. Ninguém me vê quando eu não quero ser vista. É engraçado como sempre tive a capacidade de desaparecer diante dos olhos de toda a gente, de quase ficar invisível ao tornar-me uma pessoa diferente da que realmente sou. O que, no meu coração, e sim, eu tenho um, é uma assassina perfeitamente sintonizada que adora safar-se, que adora enganar toda a gente. Porque não ir à biblioteca municipal procurar-me nos muitos manuais sobre desvios psicológicos e sexuais. Ou então no Google.

Diabólica, pode dizer-se. Depravada. Um demónio. Não me ponham esses rótulos todos. Sou perfeitamente normal. Tenho uma aparência normal. Sou parecida com qualquer pessoa do vosso bairro. Sou parecida contigo. Eu podia ser tu. Ou uma amiga tua.

Bem, agora vamos ter de esperar, não vamos, para ver o que acontece a

seguir e a quem.

De volta ao lago, o helicóptero tinha partido. Diz viu os irmãos à espera na margem quando saiu do barco de Harry e arrastou as pernas com água pelo joelho até à areia. Água fria, reparou então Diz com um arrepio, o que não tinha observado antes, no «calor do momento», digamos assim. O irmão Roman já lá estava. Pôs um braço amigo no ombro de Diz, algo que nunca tinha feito. O palpite de Diz era que a maior parte dos irmãos mais velhos seria assim, mantinha a distância e não nos deixavam entrar nas alturas senhoriais onde «viviam». Mas agora parecia pensar que ele tinha feito algo notável ao saltar para o lago e ir a nadar salvar a rapariga cujo nome Diz ainda não conhecia. Tornara-se subitamente um herói, ainda que não tivesse sido ele a resgatá-la. Fora Harry Jordan. E em grande medida resgatara também Diz, porque por essa altura este estava sem fôlego e podia ter tido de nadar até à ilha em vez da rapariga.

Roman era alto, musculoso e bonito, como o pai. Era tudo aquilo que Diz não era. As gémeas estavam ali de pé, embrulhadas em mantas para se protegerem do frio. O vento que se levantara soprava o cabelo comprido das raparigas para o lado e elas olhavam com admiração, não para ele, mas para Harry Jordan, que estava encharcado e semidespido.

A mãe avançou apressadamente e envolveu-o numa manta. Os seus olhos brilhavam de lágrimas quando disse:

– Oh, meu Deus, Diz Osborne, nunca mais me pagues um susto destes, se não vou ter de te apertar o pescoço com as minhas próprias mãos.

Harry Jordan arrastara o barco a remos da água e agora vinha para junto

deles. Rose deu-lhe uma manta e Wally emprestou-lhe o telemóvel para que pudesse telefonar ao detetive Rossetti.

– Tape a sua nudez – disse Rose a Harry com aquele maravilhoso sorriso de orelha a orelha que, sem que ela dissesse se apercebesse, acertava em cheio no coração do detetive Jordan. Não era o destinatário desse género de sorriso, desse profundo e personalizado olhar de preocupação, há demasiado tempo. Na verdade, há muito tempo, mesmo antes do fim marcado pela noiva.

– Peço desculpa. – Tapou com a manta áspera de xadrez os *boxers* molhados. – Despi as calças antes de mergulhar. Deixei-as na margem junto da minha casa.

– Vou buscar-lhas, se quiser – ofereceu-se Roman. – Deve estar gelado.

Harry agradeceu a Roman, mas afirmou que não era preciso, ia regressar, o cão continuava lá.

Depois, inesperadamente, o ar foi sacudido por outra explosão. Viraram-se todos ao mesmo tempo e olharam para aquilo que era uma casa grande e rica a ser arrasada, tornando-se em escombros vermelhos fulgentes com chamas disparando e um enxame de carros de bombeiros e um helicóptero descendo a pique que deitava água.

Os vizinhos amontoavam-se de calções e roupões de banho enfiados à pressa e Rose, tomando o controlo da situação, disse:

– Tenho sopa para toda a gente na cozinha. E brande. Acho que estamos todos a precisar.

Em privado, Harry achou que a explosão não parecia um fogo normal, era demasiado grandiosa, demasiado abrangente; havia quase algo de planeado naquele inferno.

Pensou novamente na mãe, se ela estaria dentro de casa e no pouco que devia restar dela. Ou estaria, na verdade, a rapariga sozinha naquela casa?

Decidiu que o melhor era ir ao Mass General fazer-lhe algumas perguntas.

Diz estava com Wally, ainda a contemplar a débil luz que era a única coisa que se podia ver do helicóptero de salvamento, que desaparecia rapidamente. Wally disse-lhe que o melhor era juntarem-se aos outros na cozinha, onde Rose tinha sempre sopa pronta para emergências.

– Bem, desta vez, ela tem mesmo uma emergência – concluiu Harry.

– Também há brande – acrescentou Wally. – Eu próprio estou a precisar de um. O que me diz, detetive?

Harry desconhecia que Wally Osborne soubesse o seu nome, quanto mais

que era detetive. Agradeceu-lhe, mas respondeu que tinha de pôr-se a caminho.

Wally disse:

– Para Boston, calculo. Ao hospital, ver a rapariga.

– O meu colega já lá está; tenho de saber se ela está bem e espero ouvir o que tem para dizer.

– Quer dizer, sobre a mãe?

Harry perguntou-se se Wally conheceria a mãe, mas o outro calou-se, de olhos postos no outro lado do lago, onde os bombeiros continuavam a tentar amansar as chamas.

Harry agradeceu-lhe o empréstimo do telemóvel e foi recolher a sua roupa no caminho à beira da água. Já de regresso a casa, deu a *Squeeze* os restos do bife grelhado antes no Weber. Não tivera muito apetite, por isso o cão estava com sorte. Depois tomou um duche quente, enfiou as calças de ganga, uma *T-shirt* cinzenta e o blusão de cabedal preto. Ele e o cão estavam no carro e em viagem para Boston enquanto Wally Osborne contornava a sua casa em direção ao barco e ao abrigo para os barcos, onde limpou o barco a remos ainda molhado.

Verificou os remos, ainda viscosos das algas esverdeadas, limpou-os também e fê-los deslizar para o seu lugar. Depois, mantendo-se junto das árvores, regressou a pé a casa. Não reparou que o filho Roman, que aguardava nas traseiras do abrigo, entrou e, quando o pai desapareceu, tornou a lançar o barco à água e atravessou o lago a remar.

Rose virou-se quando ele entrou.

– Wally! – gritou. – Estava a começar a ficar preocupada. O Diz disse que ainda estavas lá fora, julguei que tivesses ido buscar o barco e atravessado o lago para ires ajudar.

Wally encolheu os ombros enquanto se servia de uma bebida.

– Não está lá ninguém a não ser os bombeiros e os polícias – comentou ele, evitando os olhos dela. – Um mero cidadão não poderia aproximar-se, nem sequer um detetive.

– Estás a falar do Harry Jordan?

– Falei com ele. Vai a caminho do hospital para ver a rapariga. Acha que ela não está ferida, mas em estado de choque. Penso que quer saber o que aconteceu.

Rose levou uma mão ao peito por cima da camisola grossa de lã que enfiara

por cima da camisa de dormir.

– À mãe dela, queres tu dizer?

Os olhos de Wally desafiaram os da mulher.

– Não sei quem ela é. Nunca a conheci.

As sobrancelhas de Diz ergueram-se de surpresa. Sabia que o pai estava a mentir. Os seus olhos desviaram-se para a mãe, mas ela acenava com a cabeça, solidária. Uma coisa que se tinha por garantida em Rose era a solidariedade. Às vezes, como por exemplo agora, Diz achava que ela podia afinar-se um pouco, desmascarar o pai, ver o que estava a passar-se. Subitamente com medo, ele achou que afinal não podia fazê-lo, não podia dizer à mãe que o marido estava a mentir; que acabara de o ver vir a remar de casa da outra mulher mesmo antes da explosão. Ou podia?

Rossetti estava à espera em Boston, encostado à parede junto da entrada para as urgências, de braços cruzados sobre o peito, onde os botões estavam perfeitamente abotoados, de óculos de sol postos. Ao vê-lo, Harry achou que ele parecia mais um daqueles sujeitos que agarram a corda de veludo, os que decidem se uma pessoa pode entrar num clube noturno popular, e não um detetive de homicídios.

Rossetti tinha trinta e seis anos e era um bonzão, mas ainda vivia em casa da mãe, que lhe passava as camisas a ferro, lhe preparava os seus pratos de massa preferidos e nunca o autorizava a levar uma rapariga para casa. Harry sabia que Rossetti mantinha o seu próprio apartamento, mas simplesmente não suportava a ideia de magoar a mãe viúva dizendo-lho. Era um bom filho italiano à moda antiga.

Harry levou o pé ao travão, disse ao cão que passasse para o banco de trás e baixou o vidro.

– Olá, menino da mamã – gritou e sorriu ao ver que Rossetti olhava rapidamente para um lado e para o outro para perceber se alguém ouvira o insulto.

– Vai à merda. – Rossetti contornou o *Jaguar* e entrou. – Menino do papá.

Harry sorriu.

– Nunca. Nem por sombras. Aliás, fico surpreendido por o «papá» falar sequer comigo, porque sempre fiz o que queria e nunca o que ele queria que eu fizesse.

Rossetti encolheu os ombros.

– Espero que tenhas telefonado à Mal para a informar de que não vais conseguir ir para Paris amanhã – disse ele, enquanto Harry fazia deslizar o carro para um lugar de Proibido Estacionar e depois espetava a luz azul da polícia em cima do carro.

– Vou mandar-lhe um SMS – retorquiu Harry. Nesse momento, tinha a cabeça noutras coisas que não voos para Paris.

– Seja como for – disse Harry, mudando de assunto para o que estava à mão. – Agora falando a sério, a rapariga chama-se Beatrice Havnel. A mulher dentro de casa é... era... acho que podemos partir do princípio de que está morta... a mãe. De nome Lacey Havnel.

– Como sabes isso tudo?

– Ela falou.

Harry olhou para ele com surpresa. A última vez que vira a rapariga estava ela a ser levada de helicóptero, depois de quase ter sido apanhada num incêndio e de quase ter morrido afogada.

– Ainda não disse muita coisa. Os médicos não nos deixam aproximar dela até terem a certeza de que está bem e de que não a deixamos em stresse, se bem que é coisa que me ultrapassa como poderíamos deixá-la mais stressada do que aquilo que já está.

– Os médicos acham sempre que os polícias deixam os seus pacientes em stresse. E talvez seja verdade – admitiu Harry, pensativo. – Além disso, têm razão. Acabou de ver a sua casa feita em chamas, provavelmente com a mãe lá dentro.

– Caramba. – Rossetti tirou uma lima de cartão do bolso interior junto ao peito e começou a limar uma unha, de rosto de pedra. Já vira tudo, já ouvira tudo, ainda que talvez não exatamente assim. – Coitada da miúda – comentou ele, subitamente solidário.

Harry abriu uma nesga do vidro para *Squeeze* e saiu do carro.

– Levanta daí esse traseiro, Rossetti, temos de falar com ela. Temos de saber se a mãe estava lá dentro, quem é realmente, o que faz e como começou o fogo.

– Mas os médicos... – Rossetti apressou-se atrás de Harry, que passava a porta das urgências a passo largo.

– Os médicos que vão à merda. Podemos ter aqui um caso de homicídio, Rossetti, e eu gostava de saber quem é o meu suspeito.

– Que merda, não estás a querer dizer que achas que a rapariga...
– Eu nunca me limito a «pensar» – declarou Harry, dirigindo-se já para o posto das enfermeiras. – Eu descubro.

Bea Havnel estava num pequeno quarto privado ao fundo de um corredor muito comprido, suficientemente longe, era o palpite de Harry, para dificultar o acesso da imprensa. Não que as câmaras de televisão ou mesmo um telemóvel tivessem grandes oportunidades; as enfermeiras estavam em alerta máximo e um polícia de uniforme montava guarda à porta do quarto, que estava firmemente fechado. E, de qualquer modo, Harry e Rossetti estavam acompanhados pelo médico que a observara na unidade de Trauma.

O médico retirou o relatório da bolsa na porta e olhou para ele, de sobranceiras levantadas, espantado.

– Ela é extraordinária – disse ele, e virou-se para Harry –, sair assim de um incêndio praticamente ilesa.

– Exatamente como «ilesa»? – perguntou Harry.

O médico encolheu os ombros ao abrir a porta.

– Vejam com os vossos olhos – sugeriu ele e levantou a mão para saudar a paciente, que estava sentada na cama a beber sumo de laranja por uma palhinha.

O médico apresentou-os e Bea Havnel lançou aos detetives um olhar suave sob as pestanas.

Pestanas intactas, reparou Harry. E cabelo intacto também. À parte uma ligadura no pulso direito, não havia sinal daquilo por que a rapariga acabara de passar. Com exceção talvez do olhar assustado ao fundo dos seus olhos, por detrás do sorriso de «linda menina» que Harry era obrigado a admitir ser uma ternura.

– Lamento tudo aquilo que acabou de passar – começou ele. – Tenho de lhe fazer umas perguntas, mas, se não se sentir capaz de falar, podemos voltar mais tarde.

– Não. Por favor. – Bea indicou com um aceno da branca e esguia mão a cadeira junto da sua cama. – Tenho de falar com alguém, tenho de vos perguntar... – Hesitou. – Tenho de saber da minha mãe.

Os olhos de Harry encontraram brevemente os de Rossetti. Detestava ser colocado nessa posição de mensageiro da desgraça.

– Tudo bem – murmurou Bea baixinho. – Já posso adivinhar a resposta. Eu estava com ela quando aquilo aconteceu.

– Quando aconteceu exatamente o quê? – perguntou Harry. Ele e Rossetti continuavam de pé junto da cama, pouco à vontade nos seus papéis.

– Aconteceu tudo tão de repente. – Bea pousou o copo de sumo. Cruzou os braços no peito numa atitude defensiva, agarrando os ombros com as mãos. Usava uma camisa de hospital azul às flores, que lhe ficava muito larga e que a fazia parecer, achou Harry, ainda mais infantil.

– Eu vi a explosão – revelou Harry. – Estava na outra margem do lago.

– Oh, meu Deus, então deve ter sido o senhor quem me salvou! – Bea estendeu o braço para ele e Harry tomou-lhe instintivamente as mãos nas suas. – Oh, meu Deus – repetiu, olhando-o maravilhada. – Se não fosse o senhor, eu podia não estar aqui.

– Estaria, sim – afirmou Rossetti secamente; afinal de contas, aquilo era um inquérito policial. Tornou a verificar as suas notas. – Saiu a correr de casa com o cabelo em chamas, mergulhou no lago, na verdade, salvou-se a si própria.

– Agora me lembro, também havia um rapaz pequeno – recordou Bea. – Queria salvar-me. Que ternura, que grande ternura. Mas foi você que me meteu no helicóptero. – Olhava para Harry.

O seu sorriso de grandes olhos azuis tocou não só o coração de Harry como lhe chegou ao fundo do estômago. Nunca tinha conhecido uma rapariga assim; mesmo no seu estado de choque, na iminência da perda da mãe, sabia que ela seria o género de mulher cortês que mais tarde haveria de enviar uma nota de agradecimento escrita pela própria mão, e não um mero postal já impresso. Independentemente do que tivesse sido a mãe, parecia ter criado bem a filha.

– Por favor – disse Bea baixinho –, têm de me ajudar.

– Tudo o que estiver ao nosso alcance, *miss...* hã... *mistress*. – Rossetti tropeçou nas palavras, sucumbindo ao encanto dela, o que também fez Harry sorrir.

– O detetive Rossetti tem razão, Miss Havnel – disse ele. – Diga-nos o que podemos fazer por si.

Bea atirou a colcha para trás e saiu da cama. Ficou ali de pé em silêncio, apertando à volta do corpo a camisa curta às flores do hospital, toda ela pernas brancas compridas, cabelo loiro comprido caindo-lhe sobre os ombros.

Havia nela qualquer coisa de estranhamente infantil e, no entanto, o instinto de Harry dizia-lhe que ela sabia exatamente quem era como mulher e como usar o poder da sua beleza delicada.

Ela agora direcionava todo esse poder para ele.

– Veio contar-me sobre a minha mãe – disse ela. – Eu sei que está morta. Estava com ela quando aquilo aconteceu. Só queria saber se encontraram o corpo.

Ela tremia e Harry estendeu o braço para o roupão felpudo que estava pendurado atrás da porta e colocou-lho em volta dos ombros. Bea pareceu afundar-se nele e na cadeira que Rossetti empurrou na sua direção.

– Conte-nos como aconteceu – pediu Harry suavemente, sentado mesmo à frente dela. Rossetti afastou-se para um dos lados. Encontravam-se nas posições clássicas de «polícia bom, polícia mau», se bem que nenhum deles acreditasse estar a interrogar um criminoso. Bea Havnel era uma vítima.

A rapariga entrelaçou os dedos no colo de algodão branco felpudo.

– A minha mãe chama-se Lacey Havnel. Tem cinquenta e quatro anos. Eu tenho vinte e um. O meu pai... – Hesitou, com uma expressão de embaraço. – Bem, a verdade é que nunca houve de facto um pai, pelo menos que eu tivesse conhecido. Houve sempre homens com a minha mãe, mas nunca um pai. – Esboçou um sorriso hesitante para Harry. – Tive de aprender a desenrascar-me. Especialmente com uma mãe como a minha.

– Como o quê, exatamente? – perguntou Harry.

Bea pareceu pensar durante um momento, depois encolheu os ombros.

– Acho que se alguma vez tivesse visto a minha mãe, perceberia o que eu quero dizer. Ela era indomável. «Namoradeira» seria uma expressão demasiado leve. Oh, meu Deus – lamentou-se, em súbito desespero. – A verdade é que a minha mãe era um caos. Bebia em excesso. Abusava do álcool. Tinha estado muitas vezes em clínicas de reabilitação e consumia drogas sempre que lhes conseguia deitar a mão. – Ergueu os olhos e olhou de um homem para o outro. – Seja como for, o que acham que terá causado a explosão?

Harry encolheu os ombros enquanto Rossetti fitava em silêncio, as unhas minuciosamente limadas.

Bea respondeu por eles.

– Foi a metanfetamina. Ela sabia fazer metanfetaminas de cristal. É tão simples que até eu as poderia fazer. Não que fizesse, claro. – Olhou

novamente para eles. – Ela tinha um amigo. Chama-se Divon. Nunca soube o apelido. Nunca o conheci realmente, mas ela saía com ele, faziam farras... ele arranjava-lhe as doses, ensinou-a a fazer.

– E onde estava você enquanto tudo isso acontecia?

A pergunta de Harry pareceu apanhá-la de surpresa.

– Bem, eu estava só... em casa... acho eu. A segurar o forte, pode dizer-se.

– Não andava na faculdade? Não tinha um trabalho?

– Desisti da faculdade ao fim de um ano. A minha mãe precisava de mim. Estava novamente em reabilitação, a matar-se com aquelas outras coisas todas.

– Que outras «coisas», exatamente? – Rossetti concentrou-se novamente nela e Bea lançou-lhe uma vez mais aquele olhar de grandes olhos azuis.

– Tudo aquilo em que conseguir pensar, ela consumia. A primeira coisa de que me lembro em miúda era cocaína. Havia sempre saquinhos por todo o lado, montinhos nas mesinhas de café com notas de dez dólares enroladas só à espera de os sugarem.

– Nunca experimentou? – O tom de Harry era neutro, mas ele sabia que ela sentiu nele um toque de ceticismo.

– Esquece-se de que cresci com isto. Eu vi o que faz às pessoas. Uma coisa em que eu nunca na vida hei de tocar, detetive Jordan, são drogas.

Lembrando-se do que ela dissera acerca da promiscuidade da mãe, Harry perguntou-se se ela teria a mesma reação negativa aos homens que tinha às drogas.

– Tem graça – dizia agora Bea, a sorrir como se se tratasse de facto de uma coisa divertida aquilo que estava prestes a dizer-lhes. – Sempre achei que ela haveria de rebentar com aquelas metanfetaminas todas, os ingredientes são extremamente voláteis. Mas sabe o que começou de facto tudo?

Fitaram-na em silêncio, à espera que ela lhes contasse.

– A minha mãe fumava, detetive Jordan. Também gostava de usar o cabelo com volume, penteado para trás, preso no alto da cabeça com laca para ficar bem firme. Tinha-se arranjado toda, com um *top* brilhante e calças brancas, tinha posto batom, pestanas postiças, arranjara o cabelo. Parece que a estou a ver, sentada na sua cadeira, a mirar-se ao espelho, humedecendo o cabelo com o frasco da laca. E depois acendeu um cigarro.

– E...?

Bea Havnel ergueu os olhos para os dois e disse:

– E depois o frasco da laca pegou fogo e ela ficou em chamas. A seguir tudo se incendiou e eu desatei a correr dali para fora. E depois a metanfetamina explodiu.

– Meu Deus – disse Rossetti.

– O seu cabelo estava em chamas – lembrou Harry. – Atirou-se ao lago...

– Na verdade, era uma peruca. A minha mãe obrigava-me a usá-la quando já não suportava olhar para a sua filha jovem e loira.

O tom de voz de Bea era amargo, e era a primeira vez que Harry o ouvia.

– Tentei tirar a peruca e queimei o pulso. – Mostrou a ligadura. – Deve ter saído na água quando caí.

Harry achou que a história da peruca era esquisita, além de que ela não tinha «caído», mas ia deixar passar. Estava contente por ela ter sobrevivido sem queimaduras de maior. Lembrou-se que tinha de perguntar se a peruca fora encontrada, talvez na água junto de casa. Na qualidade de detetive, estava habituado a verificar todos os fragmentos de informação relevantes, não era nada contra Bea Havnel, a quem ele agora tinha de ajudar.

– Obrigado por falar connosco. Foi muito corajosa – disse ele suavemente.

– O que me vai acontecer agora? Vou ser presa?

– Sob que acusação?

– Bem, sabe, do tipo... cúmplice nas drogas, a morte dela. Não é isso que geralmente acontece?

– Só em circunstâncias suspeitas – apressou-se Rossetti a dizer para a tranquilizar.

Bea alisou o roupão felpudo e fez-lhe aquele sorriso.

– O que faço então eu agora?

– Vou falar com os serviços sociais – respondeu Harry. – Amanhã resolvem a sua situação, tomam conta de si, arranjam-lhe roupa e um lugar para ficar.

– Ah, por favor – exclamou Bea rapidamente. – Há dinheiro. Façam-me uma reserva no Ritz-Carlton e pronto. Vou pedir a uma das enfermeiras que vá aos armazéns Target comprar-me umas coisas. O Target é bom – acrescentou ela, agora solene. – Tem tudo. Faço sempre lá as compras.

Harry ficou surpreendido por ela ter dinheiro seu.

– E em relação a familiares, Miss Havnel? A quem devemos telefonar, para que venha olhar por si?

– Não tenho família. – Bea parecia espantada por ele ter sequer feito a

pergunta. – Nem sequer tenho amigos. Nunca ficávamos tempo suficiente para isso em lado nenhum, e também por causa da minha mãe, sabe. Ou seja, nunca ninguém me quis conhecer... com exceção talvez daquela mulher simpática que vive na outra margem do lago, aquela que tem uma família encantadora. A Rose Osborne. Tinha sempre um sorriso e um aceno. Eu costumava observar essa família. O Roman, as gémeas, o Diz, invejava-os... achava que eles pareciam pessoas reais.

Perdida em pensamentos de uma família que nunca teve, Bea tinha um ar infinitamente triste. Havia lágrimas nos seus olhos.

– Quem me dera poder viver com eles – desejou ela de repente. – Com os Osborne. São o meu ideal.

Olhando para aquela mulher-criança patética que tinha à frente, envolta nas dobras volumosas do roupão felpudo, que lhe estava grande, e com aquele olhar perdido ao fundo dos grandes olhos azuis, Harry perguntou-se se poderia fazer alguma coisa nesse sentido. A casa da família Osborne, cheia de movimento e de vida, seria melhor do que um quarto de hotel para uma jovem recém-enlutada, sozinha no mundo.

Rossetti e ele despediram-se e afastaram-se, depois o telemóvel de Harry fez um zumbido.

– Sim? – Prendeu o telefone entre o queixo e o ombro, virando-se para acenar à rapariga. Rossetti seguia em marcha ao seu lado, também de telefone na mão, a fazer verificações com o departamento da polícia. E depois: – Caramba – exclamou Harry. – Está bem, vamos já para aí.

Rossetti olhou para ele com uma expressão inquiridora.

– Encontraram o corpo da Lacey Havnel junto da casa há uma hora, vai agora a caminho do médico-legista.

– Bingo. – Rossetti sorriu e bateu com a mão na de Harry no ar. – Agora podemos dar isto tudo por terminado e deixar que aquela jovem siga com a sua vida.

– Talvez – admitiu Harry, dirigindo-se para o carro.

Era verdade que Rossetti sempre achara que Harry se mostrava hesitante até estar extremamente seguro dos factos. Era isso que fazia dele um bom detetive.

– Só que desta vez – disse Harry – tem uma faca espetada no olho direito. Estamos a falar de um homicídio, Rossetti.

A sala branca e fria na morgue estava forrada de armários de aço refrigeradores, onde os cadáveres eram armazenados à espera da autópsia e de ficarem disponíveis para os serviços fúnebres. Quando havia uma investigação em curso, como era agora o caso, o cadáver podia ficar ali guardado indefinidamente.

Rossetti virou a gola do casaco para cima.

– Detesto esta parte – murmurou, de pé junto de Harry à frente de uma parede de gavetas, cada uma com uma etiqueta que fornecia o nome do morto. Isto se fosse conhecido. Muitas vezes não era.

No entanto, Lacey Havnel ainda não fora qualificada para gaveta. Jazia numa das mesas de metal, fechada dentro de um saco de plástico azul-escuro para cadáveres, debaixo do qual Rossetti conseguia identificar os dedos grandes dos pés e o monte que era a sua cabeça. Achou que ela parecia muito pequena debaixo daquele plástico.

Os corpos assassinados nunca eram uma coisa bonita de se ver, mas desta vez Harry teve de se controlar para que o choque não o fizesse inspirar bruscamente, quando o assistente abriu o fecho de correr e ele deu por si a olhar para a carne chamuscada e para o olho esquerdo ainda aberto, fitando o vazio, da mulher que era a mãe de Bea Havnel. Uma faca, de aproximadamente quinze centímetros, sobressaía do olho direito. A carne da testa estava queimada, preta, ficara sem cabelo e o resto da cara não se reconhecia como sendo de uma mulher.

– Pode ser uma pessoa qualquer – refletiu Rossetti, afastando-se. – Como sabemos que ela é quem julgamos ser?

– Só sabemos quando confirmarmos os registos dentários – explicou a assistente.

– Foi encontrada à porta da casa que ardeu – informou Harry. – A Bea disse-nos que tinha o cabelo em chamas e que ela própria tinha saído a correr.

– Não nos falou da faca no olho. – O olhar de Rossetti encontrou o de Harry. – Agora diz-me, detetive, porque não nos contou ela esse pequeno pormenor? E, seja como for, porque haveria alguém de esfaquear uma mulher que já está a morrer queimada?

Harry olhou novamente para o olho direito da mãe de Bea Havnel.

– Sabe-se lá, que porra – resmungou ele.

Os fotógrafos da polícia já tinham tirado fotografias na cena do crime, agora estavam ali para fotografar o cadáver em pormenor. Mais um facto macabro que Harry não contaria à filha.

– Tenho a certeza de que isto envolve drogas – afirmou ele a Rossetti. – De uma maneira ou de outra. E a nossa primeira tarefa, detetive, é descobrir quem é e onde está exatamente esse Divon.

Rossetti seguiu Harry até à rua agradecido.

– Havia uma velha faca de cozinha no olho dela – disse Harry. – Uma *Wüsthof*. – Como cozinheiro que era, Harry conhecia as facas e tinha uma coleção de que se orgulhava. – É preciso muita força para se esfaquear alguém, tem de se pôr muito peso atrás do ato.

– Mesmo no olho?

– O nosso assassino pode não ter querido acertar no olho, talvez a Lacey Havnel se tenha mexido, tentado fugir... e foi simplesmente onde ele conseguiu apanhá-la.

– Sorte a dele. – Rossetti curvou-se dentro da gola, ainda frio. – A questão é porquê.

– Encontra o Divon – replicou Harry – e depois descobriremos.

13

PARIS

Mal soube que havia problema quando, em vez da mensagem de texto com os dados do voo, recebeu um telefonema.

Estava em Paris, sentada numa mesinha minúscula a imitar mármore, no Café Les Deux Magots, no bulevar Saint-Germain, ocupando-se pacificamente da contemplação da igrejinha de pedra na praça em frente, que ela sabia ser uma das mais antigas, se não mesmo a mais antiga, de Paris, uma informação que lhe dava uma agradável sensação histórica e de fazer parte de um esquema de coisas mais alargado. Se não fosse o telefone a tocar. Claro que era Harry.

– O que foi? – perguntou ela, sabendo que havia um problema.

– Tu sabes o que foi – disse Harry. – Mal, foi inevitável, tinha acabado de falar contigo quando, mesmo à frente dos meus olhos, a casa na outra margem se incendiou e uma rapariga com o cabelo em chamas atirou-se ao lago.

– E o corajoso detetive salvou-a.

– Servir e proteger, é esse o lema da polícia.

Mal ouvi-o contar toda a história. Depois falou:

– Diz-me uma coisa, Harry Jordan. – Fez sinal ao empregado para trazer outro copo do champanhe com que estivera a celebrar a iminente chegada de Harry. Agora bem podia afogar nele as mágoas.

Disse:

– Diz-me, Harry, tu procuras problemas? Ou são sempre eles que vêm ao

teu encontro? E, de qualquer modo, como já salvaste a nadadora do cabelo em chamas e eu presumo que a casa ardeu, o que te impede de apanhares o tal avião para Paris?

Harry afastou o telefone da orelha; sabia que devia meter-se num avião para Paris e pronto, era o que devia fazer. Mas:

– A mãe dela ficou torrada – disse ele sem emoção.

– Oh, oh. – Mal sentiu-se esmagada, sentiu-se pequena face a uma tragédia assim. – Espero que a rapariga fique bem.

– É uma sobrevivente – afirmou Harry.

Não foi o que ele disse, mas o seu tom de voz que fez espetar as antenas femininas de Mal.

– Aposto que é loira e tem dezanove anos – comentou ela, bebendo um pequeno gole do champanhe fresco, subitamente ciente de que era novamente uma mulher sozinha em Paris. Durante um tempo, sabendo que Harry vinha ao seu encontro, perdera essa sensação. Agora ela regressava em toda a sua força.

– Vinte e um – disse-lhe Harry.

O sujeito giro da mesa ao lado em que ela reparara antes procurou o olhar de Mal e sorriu. Tinha um ar tão atraentemente francês: magro, moreno, trinta e tal anos, de calças de ganga e casaco impecável de *tweed*, que até tinha cotoveleiras em pele; e com um cachecol dobrado daquela maneira francesa. Que porra, não tinha de ficar ali sentada à espera que Harry Jordan metesse os pés num avião para se ir juntar a ela no quarto *petit* da Margem Esquerda, para fazerem amor... podia trocá-lo agora mesmo por aquele tipo francês.

– Partes-me o coração, Harry Jordan – disse ela, baixinho, para que o francês não ouvisse, se é que falava inglês, o que ela imaginava que falasse, porque todos os estrangeiros falavam. Tinha lágrimas nos olhos, que afastou pestanejando, virando a cabeça, com o cuidado de não pegar num lenço de papel para as borrar. Não queria que ninguém a visse chorar por causa de um homem.

Teve de remexer na mala à procura do tal lenço, porque aquelas lágrimas tinham pura e simplesmente de sair, e o francês olhava solidário para ela, inclinou-se na sua direção, ofereceu-lhe mais lenços novos, pediu ao empregado que trouxesse mais champanhe.

– Por favor – disse o francês, olhando para os olhos lacrimejantes de Mal com os seus castanhos cheios de preocupação. – Deixe-me ajudá-la.

Mal achou que talvez devesse deixar.

Porém, ao mesmo tempo, pensava que, se queria continuar presa a Harry, o melhor seria descobrir quem era exatamente a sua concorrente. Harry não fizera referência ao nome da rapariga, mas não era à toa que Mal era detetive televisiva. Enviou imediatamente uma mensagem de texto para o escritório. Lulu, a assistente, saberia o que fazer. Dentro de horas, apostava Mal, saberia mais sobre a sua nova «rival» do que Harry. Se calhar até mais cedo, porque não estava presa a «ajudar» a pobre rapariga queimada, se bem que na verdade era a mãe que ficara «torrada», como dissera sucintamente Harry.

O cérebro perspicaz de Mal não podia deixar de se perguntar, entre todas as outras questões que nesse momento lhe acorriam à cabeça, por quanto dinheiro estaria segurada a casa queimada. Não era preciso ser-se um génio para se saber que a pobre loira de vinte e um anos era herdeira.

Tratava-se, pensou Mal enquanto sorria ao francês atraente e aceitava um copo de champanhe, de uma situação clássica. Ou talvez não. Talvez ela estivesse só a ser uma cabra ciumenta, o que, sinceramente, era exatamente o que ela agora era. E que mulher não seria quando acabava de ser deixada sozinha, em Paris, trocada por uma vítima de incêndio jovem e agora sem abrigo, que perdera a mãe no fogo e em relação a quem o amante de Mal sentia agora o impulso de cuidar.

Bebericou o champanhe e, aproximando-se mais, sorriu ao francês.

– *Bonjour* – disse ela. – E acrescentou em silêncio: *c'est la vie*.

De volta a Evening Lake, Len Doutzer foi a primeira pessoa a ser interrogada por Harry.

Len era os olhos e os ouvidos do lago. Ao contrário do jovem Diz, que via apenas o que se passava a partir da sua árvore, a Len não escapava nada. Vivia ao cimo de uma encosta numa casa triangular dos anos cinquenta pintada de verde-lama, «para se fundir na paisagem como eu», dizia ele com ar zangado aos curiosos que subiam a encosta ofegantes para ver a vista e também o homem conhecido na região como «zelador», porque mantinha o seu pequeno composto em condições meticulosamente «verdes». Nada de inseticidas, nem pulverizadores de nenhuma espécie. Dizia-se que havia vermes a sério sob a sua terra, razão pela qual os seus legumes cresciam tão profusamente, especialmente as curgetes, que mal agarrava era difícil de controlar até para um jardineiro experiente. Ainda assim, as florinhas amarelas eram encantadoras na primavera e a única macieira de Len dava uma boa colheita de frutos, que ele parecia nunca se importar que os miúdos apanhassem, embora ficasse com as ameixas para si, envoltas em rede para manter os pássaros afastados.

Se se perguntasse a alguém dali, ou seja, das pessoas que ali viviam o ano inteiro, que não eram em grande número, porque Evening Lake era sobretudo uma estância, mas se as encontrássemos na rua principal, ou no Red Sails Ba, ou no café Tweedies, ou em alguma loja pequena ou sítios de comida para fora, e perguntássemos pelo Len, a única coisa que nos diziam era que ele

estava ali desde sempre, se mantinha reservado e guiava um *Chevy Woody* dos anos oitenta, de que ele próprio cuidava. Dizia-se que Len era o tipo de homem que conseguia tratar do que quer que fosse. Vivia sozinho, sem sequer um cão por companhia nas longas noites de silêncio do inverno. Nunca aparecera família para o visitar, por certo nunca uma mulher ou netos.

Solitário que era, parecia ter o suficiente para subsistir. Tinha uma televisão, bebia uma cerveja de vez em quando no Red Sails, comia panquecas no Tweedies, usava sempre as mesmas calças castanhas desbotadas de bombazina – no inverno, com uma camisola cinzenta deformada, no verão com uma *T-shirt* desbotada –, deixava a barba branca e cinzenta mais farfalhuda no inverno, aparava-a encurtando-a nos meses mais quentes. Era baixo e magro, podia dizer-se escanzelado, e tinha a cara castanha como uma noz e cheia de rugas por se expor a todas as temperaturas, os olhos baços sempre semicerrados ao sol. E, tanto quanto se sabia, nunca tinha precisado de um médico ou de um dentista. Na verdade, dizia-se que Len Doutzer não precisava de ninguém a não ser de si próprio. Não pedia nada a ninguém.

Mais recentemente, acontecia não ser visto durante semanas. Alguém podia reparar que o carro desaparecera ou que não ia buscar as magras mercearias do costume, ovos e pão e coisas do género, bem como a garrafa de *Jameson* que lhe alimentava a vida solitária. De quando em quando, alguém preocupava-se e ia verificar a casa triangular, espreitava pelas janelas encrustadas de pó, batia à porta, mas, quando não recebia resposta e viam que o carro não estava ali, partia-se do princípio que Len estava fora nas suas andanças. Fosse onde fosse que elas o levassem.

De facto, Len Doutzer fazia parte da paisagem de tal maneira que os que estavam à sua volta mal davam conta da sua presença. A vida dele pertencia-lhe. Não a partilhava com ninguém.

Len sabia tudo sobre o lago e falaria a qualquer um curioso o bastante para perguntar sobre a sua história, a sua evolução constante, desde o seu começo como lugar de pesca pouco conhecido, onde sujeitos como o avô de Harry iam socializar, acampar e embebedar-se com cerveja quente, até à sua transição para um lugar onde esses mesmos homens, agora casados, traziam as suas famílias, mulheres e filhos, para nadar e berrar, e construir novos modelos de casas com telhados de telha, alpendres e molhes de madeira; até mais recentemente, quando o lago fora «descoberto» como estância e se

construíram casas mais grandiosas, pintadas de branco ou de tons pastel, com telhados a sério, de telha verde, e barcos profissionais caros ancorados lá fora, embora nunca, mas nunca, se tenha permitido que lanchas profanassem a ecologia do lago, que até esse dia, como verificaria Len, era límpido como no dia em que ele tinha chegado.

«E quando foi isso?», poderiam perguntar os ouvintes curiosos da história do lago. E Len diria, como sempre, que já havia algum tempo.

Com efeito, Len tinha sessenta anos, mas parecia mais velho. Trinta desses anos tinham sido passados no lago, que ele considerava seu. Vivia na sua casa triangular verde, bebia o seu *Jameson* e de vez em quando saía para as suas «andanças». Ajudava, em troca de um valor em dinheiro, quando algum vizinho precisava de uma mão – era bom em coisas como eletricidade, pequenos acidentes com canos, a inundação que às vezes acontecia. Talhava mesas em pinheiro macio para serem postas no terraço, fazia estantes, fosse o que fosse que as pessoas quisessem a preços modestos. E, se tinha qualquer outro negociozinho por fora, ninguém se importava. Len fazia parte da mobília e aquele lugar não podia ser o mesmo sem ele.

Harry e Rossetti iam a caminho para interrogar Len.

– Porque estamos a fazer isto? – resmungou Rossetti, fazendo subir o precioso *BMW* pela encosta empoeirada que conduzia ao lugar de Dautzer. – Está a dar-me cabo do carro.

– Nada dá cabo de um *BMW*. – Harry fechou o vidro para que o pó não fosse para cima de *Squeeze*. O cão agachou-se no banco traseiro, não estava a gostar da viagem. – O Len Dautzer é os olhos e ouvidos de Evening Lake. Qualquer coisa desadequada, seria ele a conhecê-la. Além disso, estou em crer que pode ter sido ele no segundo barco nessa noite.

– E então? Porque não estava lá imediatamente com os outros quando a casa explodiu? Onde estava ele quando a rapariga se afogava? Porque não veio desde então oferecer qualquer informação que tenha, em vez de termos de fazer esta escalada até à barraca dele para o interrogarmos?

Harry encolheu os ombros. Já se perguntara a mesma coisa e não chegara a nenhuma resposta lógica.

– Talvez seja um homem que sabe mais do que quer contar – admitiu. – Talvez, só talvez, soubesse coisas sobre a Havnel, via bem a casa dela do seu poleiro ali em cima do monte, vê quem entra e sai.

– Parece que não havia muitos desses – retorquiu Rossetti, quando Harry

parava o carro num floreado de poeira, em frente da sórdida casa triangular, com as janelas cheias de sujidade incrustada e a porta da frente fechada com um cadeado ridiculamente grande.

– Porquê um cadeado? – perguntou Rossetti, porque era evidente que a única coisa que algum aspirante a intruso tinha de fazer era partir uma janela para estar lá dentro num segundo. E, de qualquer modo, a julgar pela aparência daquele lugar, não havia nada por que valesse a pena forçar a entrada.

Não havia campainha, de modo que Harry bateu à porta. Esperaram. Rossetti fez deslizar a biqueira do sapato no pó, escrevendo o seu nome. *Squeeze* recusou-se a sair do carro e sentou-se com o focinho espetado para fora da janela, a observar. Não acontecia nada.

– Provavelmente está no barracão de trabalho nas traseiras – disse Harry e dobrou a esquina.

Rossetti seguiu-o sem pressa e a contragosto. Preferia sempre a sordidez urbana.

O barracão teria provavelmente menos de duzentos metros quadrados, tinha sido feito à mão por Len, sem licença, sabia Harry, há anos. Ninguém julgara que valia a pena opor-se. Len guardava nele os utensílios de jardinagem e as ferramentas de trabalho. De estranhar para um homem rude que não se preocupava nada com a aparência, sabia que Len usava luvas de borracha amarelas para trabalhar. Faziam-se piadas às custas dele no bar, dizia-se que precisava de uma manicura, o que ele ouvia em silêncio e com um sorrisinho retorcido.

Harry e Rossetti estavam à porta da oficina e bateram, chamando o seu nome.

De repente, a porta entreabriu-se dois centímetros e Len olhava para eles, os olhos estreitados como sempre, expressão truculenta na cara também como sempre, e uma serra elétrica na mão. Rossetti não gostou nada daquilo.

– Olá, Len – disse Harry à vontade, meio levando a mão à testa para o saudar, uma vez que não lhe podia apertar a mão, já ocupada com a serra elétrica *Black & Decker*. – Há que tempos – acrescentou, à procura de uma resposta.

A expressão severa de Len não se alterou.

– Meto-me na minha vida – disse ele. – Há mais gente que devia fazer assim, havia menos problemas.

Harry conhecia Len – isto é, via-o por ali, cumprimentavam-se, observava-o a pescar e assim, há anos, mas nunca tinham passado disso. Agora, porém, tinha perguntas a fazer.

– Vejo que está ocupado – disse ele, apontando para a serra e para a serradura que rodopiava na brisa, saídas pela fresta da porta. – Tenho a certeza de que sabe que têm estado aqui a acontecer coisas, no nosso lago. – Usou cuidadosamente a palavra «nosso» depois de lago; queria que Len sentisse que eram camaradas de armas contra alguma coisa que perturbava o seu tranquilo retiro.

– Coisas más. – Len pousou a serra e fechou cuidadosamente a porta atrás de si. Usava uma *T-shirt* que em tempos tinha sido cinzenta e tinha um cheiro forte a suor. Rossetti recuou um passo, embora Harry não tenha sequer vacilado.

– Então porque não nos sentamos um bocadinho, Len? – sugeriu ele. – Aqui no seu bom banco corrido, você e eu temos de falar.

– Esse banco não é meu – replicou Len, ficando onde estava enquanto Harry se sentava e depois se sentiu imediatamente mal por fazê-lo. – É daquela Havnel. Parece que já não precisa dele.

Harry esperava que não lhe tivesse caído o queixo ao ouvir o nome de Havnel. Passou a mão pelo cabelo escuro, ajustou os óculos de sol, lançou a Rossetti um olhar inquiridor pelo canto do olho.

– Não sabia que a conhecia sequer – respondeu, de modo fortuito.

A cara de Len contorceu-se naquilo que podia ter sido um sorriso cético, ainda que fosse difícil de afirmar por baixo da barba.

– Se vieram aqui fazer perguntas sobre ela, vieram ao sítio errado. A única coisa que eu fiz foi receber a encomenda que ela fez de um banco e mesa para o terraço. Não parecia ser o tipo de mulher que se senta em bancos de pau-brasil a admirar as vistas, mas – Len encolheu os ombros – ofereceu um bom dinheiro e eu aceitei.

– E tornou a vê-la? – perguntou Harry.

– Não, senhor, nem tornarei, agora que está morta. Ardeu toda no fogo, segundo dizem.

– Um fogo que se veria bem daqui, Len, mas não se deu ao trabalho de descer a encosta e perguntar se podia ajudar até já ser demasiado tarde. Lembra-se? Quando nos encontrámos?

Harry observou com atenção o rosto de Len, os olhos estreitos, a boca, uma

linha tensa.

– Não era da minha conta.

– Viu a rapariga, a filha, correr para o lago?

– Não vi. – Len olhou diretamente para Harry ao dizer estas palavras.

– Então não viu que ela tinha o cabelo em chamas, não a viu atirar-se ao lago para se salvar?

Len encolheu os ombros e afastou-se.

Harry disse:

– Len, agora pergunto-lhe como polícia, viu mais alguém no lago nessa noite? Eram três da manhã. Tanto o Len como eu sabemos que havia dois barcos, porque eu estava lá e ouviu-os. Vi-os. Sei quem estava num deles, mas continuo confuso em relação ao outro. Bem, tanto você como eu, sabemos que a si não lhe escapa nada. Se alguém sabe quem era a pessoa nesse segundo barco é você. Estou a falar de homicídio, Len. É melhor que me diga se era o Len.

Len limpou as mãos à *T-shirt*, ficou durante um longo tempo a olhar para o céu, como se procurasse inspiração.

– Eu vi um barco – revelou ele por fim. – Era o Wally Osborne. – Baixou de novo os olhos para Harry. – Não sei de nada sobre um segundo barco.

– E a rapariga com o cabelo em chamas?

Len encolheu os ombros.

– Aqui em cima do meu monte estou muito longe para salvar um nadador, além disso, você fez um serviço melhor, com helicóptero e isso tudo.

Harry levantou-se. O mesmo fez Rossetti. O cão deu um esticão de impaciência no carro.

– Obrigado, Len. – Harry não lhe fez um gesto de despedida. – Vou precisar de falar novamente consigo, mais tarde.

Os dois homens encaminharam-se para o carro, ambos cientes de terem os olhos de Len cravados neles.

Rossetti entrou, procurou um lenço de papel e limpou cuidadosamente o pó dos sapatos. Deu outro lenço a Harry e disse-lhe que fizesse o mesmo.

– Não vou foder o carro por causa de um truculento daqueles – disse ele. – O que nos disse ele, afinal?

– Não disse tanto como sabe – respondeu Harry. – Até dinheiro apostava em como era ele naquele segundo barco.

Len ficou a ver os dois detetives descerem a encosta no carro. Quando a nuvem de poeira levantada pelo veículo assentou, regressou ao barracão e fechou a porta. Não havia janelas. O interior estava iluminado por uma única lâmpada de cem watts, que oscilava pendurada no teto. Uma mesa de trabalho feita à mão ocupava o fundo, com utensílios de jardinagem pendurados ordeiramente ao longo da parede da esquerda e ferramentas de eletricidade presas por grampos à direita. Havia uma coleção de facas defronte do banco de trabalho, atrás do qual estavam estiradas as peles de dois animais pequenos, um texugo e um coiote, ambos mortos e desmembrados por Len.

Era uma espécie de passatempo para ele. Taxidermia amadora. A princípio o cheiro era terrível, mas desaparecia passado algum tempo ficando apenas um odor a ranço sarnento em que ele mal reparava. Uma terceira pele pendia de cabos gémeos suspensos do teto de ripas de madeira, e uma outra pele maior e mais áspera que, como ainda tinha cabeça, se identificava imediatamente como sendo de um pastor alemão, cujo pelo espesso e as orelhas esticadas faziam lembrar bastante *Squeeze*, o malamute de Harry.

Umas semanas antes, uma família da zona perdera o cão e vasculhara os bosques à procura dele, a chamá-lo, mas Len avistou-o primeiro e achou que ele seria o grande destaque da sua coleção. O cão perdido tinha ido ter avidamente com ele quando lhe assobiou; não tinha razões para temer os humanos. Com exceção daquele. Len cortara-lhe a garganta, com cuidado,

porque não queria estragar a pele, levava o cão morto para o seu barracão e trancara-o lá dentro durante uns dias, até os chamamentos e os gritos se extinguirem, embebendo-o em inseticida, cujo uso normalmente ia contra os seus princípios, mas ele tinha de prevenir o aparecimento de moscas e vermes.

Gostara de tirar a pele ao animal, de lhe queimar as entranhas, os tecidos, os detritos de um cadáver, no forno de grelha feito em casa, as pedras quentes fulgindo, o fumo erguendo-se a direito para um céu imaculado. Se alguém reparara, partiu do princípio de que Len estaria a queimar os desperdícios das plantas, preparando as colheitas para a estação seguinte. Fosse como fosse, ninguém se dera ao trabalho de parar para ver o que se passava; Len tornara-se uma personagem de pano de fundo, ao ponto de não chamar a atenção sobre si, era um sujeito esquisito sem importância, um bocado maluco, talvez, mas inofensivo.

Len estava a mentir quando disse que não conhecia Lacey Havnel. Claro que a conhecia. Conhecera-a há muitos anos, tinha ele cerca de trinta e ela os seus vinte e tal e um outro nome, em Miami, na Florida, onde ele trabalhava numa marina, a prestar serviços aos barcos e a beber imenso, e ela era a rapariga do bar que morava num estúdio, que era tanto esqualido como vistoso, porque «Lacey» adorava lantejoulas e brilhantes, se bem que tivesse preferido diamantes. Na altura não havia criança. Mais tarde, Lacey tentara impingir a paternidade da sua filha a Len, mas ele tinha a certeza de que ela não era sua filha. De maneira nenhuma. Era demasiado cuidadoso para uma coisa dessas. Isso fora há muitos anos, há tempo suficiente para ter sido tudo esquecido. Foi por causa da antiga ligação entre eles, contudo, que Lacey Havnel o encontrou de novo.

Ela seguiu-lhe o rasto através de velhos conhecidos do bar e anúncios de jornal. Ligou-lhe, disse-lhe que estava metida em sarilhos e que era dever dele, em nome dos velhos tempos, ajudá-la.

– Não tenho dinheiro – respondera-lhe.

– Não preciso de nenhum – declarou ela. – Só preciso de me esconder.

O nome que ela usava quando Len a conhecera era Carrie Murphy. Desde então, passara por diversos casamentos e ligações e acabara por adotar o nome de uma mulher morta, Lacey Havnel, contou ela a Len, porque conseguira deitar a mão ao número da segurança social da mulher e à sua carta de condução. A filha, contou-lhe também, era o que restava de um

casamento que tinha corrido mal. Len não acreditava naquilo.

O encontro deles, aquele em que tudo aquilo fora discutido, ocorrera em Miami alguns meses antes. Atraído pela promessa que Lacey lhe fez de dinheiro que viria de um grande «negócio» em que ela estava prestes a envolver-se, Len foi até lá de carro, no seu *Woodie*, com cuidado, claro, porque se tratava de um carro antigo que gerava alguns comentários de admiração pelo caminho. Quando a viu pela primeira vez em mais de trinta anos – ele estava agora na casa dos sessenta, e ela, calculou ele, na dos cinquenta – disse-lhe que ela não envelhecera nada. E graças à cirurgia plástica parecia não ter envelhecido.

– Tu não sabes, Len, mas eu já fui a Evening Lake, inspecionei a zona com os meus olhos para o meu negócio.

Lacey contou-lhe isso quando estavam sentados num bar com copos do seu favorito *Jameson*, uma coisa de que ela se lembrava que ele gostava, o que lhe agradou.

Ele usava as suas calças de verão mais limpas e comprara uma *T-shirt* nova para a ocasião. Também tomara um duche no motel de Dade County que Lacey lhe recomendara. Len não saía do seu ambiente, misturando-se assim com gente real, há anos. Mostrava-se cauteloso como um gato vadio, sentia que estava toda a gente a olhar para ele, odiava os carros, as ruas barulhentas, a infinita planície da Florida que ele atravessara.

– Porque estou eu aqui? – perguntou ele por fim.

Ela estava sentada à frente dele numa mesa de canto do bar escuro. Era um final de tarde e aquele lugar encontrava-se praticamente vazio. O empregado do bar limpou o balcão com um pano oleoso e reorganizou as garrafas, desinteressado. Uma ventoinha espalhava o ar espesso em redor deles. Len sentia o suor escorrer-lhe pelo pescoço. Limpou-o com a mão e depois limpou a mão às calças. O queixo de Lacey ergueu-se, a boca comprimida de nojo.

– Tenho um pacote para entregares – revelou ela. – Tem de estar neste endereço até amanhã às cinco da madrugada. Deves deixá-lo na caixa de correio no portão da frente da casa. – Mostrou-lhe um pedaço de papel com uma morada de Boca Raton. – Se me fizeres isto, Len, dou-te quinhentos dólares.

Ele olhou-a, ainda em silêncio.

– Em dinheiro – acrescentou ela. – E, se fizeres isto bem, vai haver mais de

onde vem este.

– É ilegal – disse Len num tom inexpressivo.

O facto de que o que fizera, na privacidade do seu barracão, ser efetivamente um crime, era diferente.

– Claro que é ilegal. Se não porque porra eu te havia de pagar para ires entregar uma coisa praticamente ao virar da esquina? Tu arriskas, és pago e eu fico limpa.

– Drogas – afirmou Len.

Lacey deu umas palmadinhas no rabo-de-cavalo, puxado sob a pala branca, ajeitou a franja e desviou o olhar.

– Não tens de saber o que é. Não é da tua conta. És meramente o mensageiro, o homem das entregas. E ninguém te conhece. É por isso que és perfeito para este serviço. – Recostou-se na cadeira e fez-lhe aquele tipo de sorriso de que ele se lembrava de quando eram os dois novos. – Deves-me uma, Len – lembrou ela. – Tiveste os meus melhores anos, e sabes disso.

Len não sabia se era assim, mas, apesar disso, ela era o mais próximo de uma relação humana que ele alguma vez tivera.

– Eu faço – disse ele. – Estou a ficar velho, dava-me jeito um pouco de dinheiro para a reforma.

Lacey disse:

– Também achei que era boa ideia eu arranjar uma casa nova num lugar como Evening Lake, desaparecer da vista durante uns tempos, de pessoas que podem andar atrás de mim, pessoas que podem querer o meu pescoço na sua força.

Len não disse nada.

– Consegui arranjar uns dinheiros aqui há pouco tempo – dizia Lacey. – Já comprei uma casa no teu lago. Um «esconderijo», pode-se dizer. – Fez uma pausa, a pensar no que acabara de dizer. – Bem, seja como for, uma coisa diferente, vou continuar no negócio, só que num mais pequeno, o suficiente para manter uma rapariga ocupada.

Empurrou um saco de plástico pesado por cima da mesa na direção de Len, depois contou quinhentos, em notas de dez, e empurrou-as também para ele. Len guardou o dinheiro no bolso, pegou no saco de plástico, guardou o papel com a morada de Boca no bolso, esvaziou o copo, fez um aceno de cabeça abrupto e saiu pela porta.

– Olha – chamou-o ela.

Ele virou-se para a olhar.

– Vemo-nos em Evening Lake – disse ela com um sorriso. – Eu e a minha filha.

Desde que Lacey se mudara para Evening Lake, há três meses, Len andava a «ajudá-la» com pequenas transações, como esconder os pacotinhos de droga, cocaína, heroína ou fosse o que fosse, calculava ele, em sacos de plástico na ilha onde Lacey lhe dissera que as pessoas que andavam atrás dela nunca haveriam de os encontrar. Umas quantas vezes pediu-lhe que fosse entregar coisas fora do estado onde viviam.

E agora Lacey estava morta e rebentada naquela casa e Len tinha medo de ser apanhado e acusado de homicídio.

Rose Osborne, descalça, de calções de ganga velhos, cortados de um par de calças, e uma blusa cigana de suave algodão branco ainda mais velha estava na cozinha quando recebeu o telefonema de Harry Jordan a perguntar se se podiam encontrar: ele queria falar com ela sobre a rapariga salva do fogo na casa do lago. Contou a Rose que a rapariga estava sozinha no mundo e que tanto ele como ela precisavam dos conselhos de Rose.

– Dos seus conselhos de mãe, claro – disse Harry passado uma hora, sentado defronte de Rose à mesa da cozinha, apinhada de jornais de vários dias, bem como de uma mixórdia de amostras de tecido às flores. Rose estava a pensar em redecorar a sala, mas acontecia que estava sempre a pensar redecorar a sala, sem que nunca chegasse realmente a fazê-lo. Havia também na mesa várias canecas de café frio meio vazias, um quarto de litro de leite numa embalagem de cartão, um par de ténis encardidos (de Diz) e umas quantas páginas antigas escritas à máquina (de Wally).

– Fique à vontade, detetive – disse Rose alegremente. – Vou dar uma tigela de água ao seu cão. – *Squeeze* estava na sua pose de espera, à «lindo menino», no terraço. – E como mãe vou dizer-lhe o pouco que sei. Para começar, não há muito que saber sobre a maternidade. É um ofício, não é uma arte. Vamos aprendendo o trabalho enquanto o fazemos, por assim dizer.

– Por assim dizer. – Harry assentiu com a cabeça. Rose era conversadora. Ele afirmou: – Na verdade, o que aqui me traz é uma rapariga sem mãe.

– Claro. A rapariga da casa do lago.

Rose colocou outra cápsula na máquina *Nespresso*.

– É mais forte – explicou ela. – Gosto mais do que do café normal de filtro em momentos mais duros como, por exemplo, aquilo que está prestes a dizer-me. Tenho a sensação de que não é coisa boa – acrescentou. Encheu a pequena chávena, empurrou-a por cima da mesa e tornou a sentar-se à frente dele.

Na verdade, embora não parecesse, Rose sentia-se pouco à vontade com Harry Jordan. Era como se o conhecesse, como se não o conhecesse, como se gostasse dele... bem, gostava pelo menos do seu ar interessante, duro e de olhar alerta, e com uns abdominais fascinantes. Não ia mais além do que admirar abdominais, isso era ponto assente, embora já não tivesse muita oportunidade de admirar os do marido, uma vez que ele estava tanto tempo fora.

Rose pensava agora que gostava de ter, pelo menos, escovado o cabelo, e de não o ter deixado solto e desgrenhado em volta dos ombros. Além disso, as gémeas tinham-lhe dito que a cor precisava de ser revitalizada, fosse o que fosse que isso significava, mais «dourado» do que «castanho», haviam dito elas, mas nunca «acobreado». Credo. Aos trinta e oito anos, tinha de aprender a reinventar-se e agora queria fazê-lo, porque de repente estava a olhar para um homem de quem era, ela admitia-o, muito fácil gostar. Mas estava ali por razões profissionais. Por causa da rapariga resgatada do inferno.

– Então, o que está a acontecer com ela? – Apertou a chávena de café entre as mãos e recostou-se, com os grandes olhos castanhos alerta. – Pobre miúda – acrescentou –, se bem que creio que já não é propriamente uma criança. Que idade tem?

– Vinte e um – referiu Harry. – Que bom café, a propósito.

Esvaziou a chávena e pousou-a na mesa à sua frente. Rose bebeu um gole do seu e também pousou a chávena, subitamente nervosa. Perguntou-se porque estava a comportar-se como uma rapariga parva embora, no seu íntimo, conhecesse a resposta. Mas não haveria de o reconhecer, nem sequer a si mesma.

– O que vai acontecer-lhe? – perguntou.

– Chama-se Beatrice Havnel. Desistiu da faculdade. Para olhar pela mãe.

Rose recostou-se na cadeira, espantada.

– Desistiu da faculdade para olhar por aquela bruxa? Vou dizer-lhe uma

coisa, detetive, nunca conheci uma mulher assim, vestia-se como uma galdéria, com a filha atrelada atrás como uma escrava, para lhe levar os sacos, imagino. Ah, eu sei que não devia fazer juízos de valor precipitados, afinal nem a conhecia, mas também ninguém aqui a conhecia. Uma mulher dessas, sabe, não seria popular junto das mulheres casadas.

– A filha é muito diferente – argumentou Harry. – Fosse como fosse a mãe, parece bem-educada, com bons modos, tem uma natureza suave. A verdade é que, Mistress Osborne...

– Ah, por favor. – Rose passou a mão pelo cabelo, constrangida. – Rose.

Os olhos de Harry encontraram os seus do outro lado da mesa. Disse:

– Rose, tenho um favor para lhe pedir. A Bea não tem família nenhuma. Não tem onde viver. Na verdade, uma das coisas mais trágicas que ouvi foi quando perguntei à rapariga para onde ia e ela pediu-me simplesmente que lhe fosse feita uma reserva no Ritz-Carlton. – Abriu muito as mãos, espantado. – Parece não haver ninguém para quem ela se possa virar, não tem para onde ir depois de a sua casa ter ardido por completo, não conhece nenhuma mulher que a possa aconselhar ou ajudar. Na verdade, foi então que ela me disse como a admirava, como invejava a sua família, só de olhar para ela na outra margem do lago. «São como pessoas reais», comentou Bea. – Os olhos de Harry estavam agora presos aos de Rose. – Foi uma das afirmações mais tristes que já ouvi – acrescentou ele suavemente.

Rosa recostou-se na cadeira. Fitou a chávena de café vazia. Fez-se silêncio. Harry não o quebrou.

Passados uns minutos, os olhos de Rose foram ao encontro dos de Harry.

– Porque tenho a sensação que sei o que vai pedir-me? Mas, antes que o faça, quero perguntar-lhe porquê. Porquê eu?

– Não é só a Rose. É a sua família. A Bea precisa de uma família, nem que seja por pouco tempo. Um lugar onde se possa sentir em segurança, talvez pela primeira vez na vida. A única coisa que fez na vida foi tomar conta da mãe, em vez do contrário.

– Ela pediu-lhe que me fizesse este pedido?

Harry abanou a cabeça.

– A Bea não me pediu que lhe pedisse. Foi simplesmente a maneira como falou de si, uma mulher que mal conhece, mas é a sua imagem da mãe que ela gostava de ter tido, da sua família, que faz o que fazem as famílias. É algo que ela nunca teve, e que talvez nunca venha a ter. É uma jovem sofrida,

Rose, não vou fingir que não é. Precisa de ajuda e eu vim ter consigo para lhe pedir em vez de a entregar a psicólogos e médicos.

– E ao Ritz-Carlton – acrescentou Rose, o que o fez sorrir. – Parece que o dinheiro não é problema – acrescentou ela. – Os Ritz-Carltons não são baratos.

– Tenho a certeza de que podemos elaborar um esquema financeiro...

– Meu Deus, por favor, Harry Jordan! – Rose dirigiu-se ostensivamente ao fogão, irritada, onde deu mais uma mexedela à eterna panela da sopa para onde eram atiradas todas as sobras. – Não estou a pedir dinheiro. Claro que vamos acolher a rapariga, mas ela terá de perceber claramente como funcionam as coisas aqui na nossa família.

Rose estava afogueada, as faces coradas, os olhos, um clarão, e a blusa cigana descaíra de um ombro roliço, levemente dourado.

– Então? – Harry reparara na blusa. – Como funcionam por aqui as coisas?

– Hã, bem... – Rose estava a pensar em Roman e no efeito que podia ter o facto de haver uma jovem atraente, sedutora, lá em casa. Porque havia mesmo uma aura de sexo em Bea e «órfãs vulneráveis» podiam ser muito atrativas. – Toda a gente tem de fazer a sua parte para manter tudo em funcionamento. O Wally gosta de sossego... por causa da escrita, sabe.

Harry assentiu. Estava a lembrar-se de Wally Osborne a remar de regresso a casa mesmo antes da explosão. Disse:

– Tenho a certeza de que a Bea gostaria de ajudar como pudesse. Aquilo em que agora estou a pensar é no seu marido. Já tem quatro filhos cá em casa.

– E então? Mais um? – Rose encolheu os ombros e a blusa cigana descaiu mais um pouco. – Na verdade, gosto da ideia. Dar um modelo às gémeas, esse tipo de coisa. Estou a dizer sim, portanto, mas durante uma semana apenas. Só para ela dar o salto, por assim dizer.

– Por assim dizer – concordou novamente Harry, aliviado. – Deixei-a agora mesmo ao cuidado dos serviços sociais, não podia permitir que ela fosse sozinha para um hotel depois do que aconteceu.

Rose anuiu, compreendendo.

– Está perturbada, talvez de coração partido.

Harry não achava que Bea estivesse de coração partido. Informou Rose sobre o passado de Lacey Havnel, segundo o que a filha dela lhe contara e também referiu que Bea era agora provavelmente uma jovem rica, uma vez

que herdaria tudo o que a mãe supostamente abastada tinha, assim como o seguro, ainda que tivesse de verificar melhor a informação.

– Incluindo – acrescentou ele – as ruínas queimadas da casa, que vemos daqui.

Dirigiu-se à janela e Rose foi pôr-se ao seu lado. Olharam para o lago. Os bombeiros continuavam a peneirar os destroços para se certificarem de que nada estava a arder.

Harry afirmou:

– Encontraram a mãe dela, sabe. Está na morgue.

Rose virou-se e fitou-o, espantada. Acabara de lhe mostrar a realidade.

– Pobre miúda – disse baixinho, sentindo-se mal por não ter querido dar-lhe a sua casa. – E agora? Vai haver um funeral, imagino eu.

– Para já não. Temos de dar a investigação sobre as causas do incêndio por concluída. – Harry encolheu os ombros, deixando vaga a razão exata para a delonga.

– Ah! – Rose estava chocada. – Isso piora ainda mais as coisas. Claro que vamos fazer tudo o que pudermos para a ajudar. Vou pedir ao Wally que a vá buscar, se quiser. – Rose não sabia bem se seria uma tarefa que agradaria ao marido, mas ela não podia ir, fazia falta ali à sua família.

– Não é preciso. Ainda não. E, de qualquer modo, podemos pedir aos serviços sociais que tratem disso.

– Talvez ela precise de uma limusina – ironizou Rose com um esboço de sorriso, ao lembrar-se do Ritz-Carlton.

Harry olhava para a ilha, lembrando-se de Bea semimorta na água.

– A quem pertence aquela ilha? – perguntou ele.

– A verdade é que não sei – retorquiu Rosa, surpreendida. – Nunca me perguntaram isso, e também parece que nunca pensei no assunto. É simplesmente um sítio para onde os miúdos vão mal têm idade para isso. Há uma corrente considerável sob aquelas águas calmas, como certamente descobriu, detetive.

Harry estava muito ciente da presença de Rose junto de si, do levíssimo aroma a roupa lavada, do cabelo acabado de lavar, de uma «boa vida» que pairava em volta dela. Nunca tinha conhecido uma mulher como Rose Osborne. Ela não o procurara, não tentara de maneira nenhuma atraí-lo, mas ele sentia-se atraído. Harry recordava a si próprio que ela era a mulher atarefada de um escritor famoso, que era mãe de quatro filhos, um dos quais

entrou pela cozinha enquanto eles conversavam. Mas Rose Osborne era uma mulher sensual. Harry perguntou-se se ela o saberia.

Diz estava à porta da cozinha, com as mãos enfiadas nos bolsos dos calções, a *T-shirt* vestida ao contrário, pés descalços – eram dele os ténis que estavam em cima da mesa. Tinha diversos arranhões fundos nas pernas e nos braços – feitos, deduzia Harry, ao atirar-se da figueira para a água numa tentativa de salvar Bea.

Diz perguntou:

– O que se passa?

– Olá, Diz. – Harry avançou e ofereceu-lhe a mão. – Estava a pensar em pedir uma medalha para ti, depois daquela tentativa de salvamento.

– Foi o senhor que a salvou. – Diz apertou-lhe a mão com relutância. A do rapaz estava peganhenta de sumo de figo e Harry queria limpar a sua à parte de trás das calças, mas conteve-se.

– Bom – começou Rose, e foi buscar um pedaço de papel absorvente molhado em água para Harry. – Imagina lá. Vais ter uma nova irmã durante uma semana.

As pestanas ruivas de Diz piscaram de horror.

– O quê? Outra miúda!

Rose explicou a situação de Bea e o que a esperava.

– Por isso, temos todos de fazer o que pudermos para ajudar – acrescentou.

Diz olhou cautelosamente para a mãe. Depois para Harry. Estava a pensar naquela serpente de rapariga que vira à distância.

– Têm a certeza de que sabem o que estão a fazer? – foi tudo o que perguntou.

Mais tarde, quando pensou no assunto e falou com Wally e os outros filhos fizeram coro da reprovação e relutante aceitação, Rose não estava certa de saber.

Mas que querida é a Rose Osborne. Quer dizer, como podia uma pessoa encontrar alguém mais simpático, mais disposto a dar o seu tempo, energia e compaixão do que a linda e rechonchuda Rose? Será que a mulher é simplesmente estúpida? Disposta a ser usada? Afinal de contas, Bea Havnel não é responsabilidade sua. E, já agora, também não é do Harry Jordan. Uma é dona de casa e mãe, o outro é polícia. E agora tomaram para si a tarefa de pôr na linha uma jovem «perturbada», quando, na verdade, nenhum dos dois precisava de se ter dado ao trabalho de o fazer. Jordan podia tê-la simplesmente passado aos serviços sociais; Rose podia ter dito não. Mas é assim que a vida dá as suas voltas, a partir de pequenas decisões aparentemente simples, quase sempre tomadas impulsivamente. Teria o destino da família Osborne sido diferente caso Rose não os tivesse convencido a «cuidar» da órfã de vinte e um anos?

Enquanto isso, estou alerta, a aproximar-me do meu objetivo, metida comigo mesma, nos bastidores da vida real. Mas não gosto do miúdo. É um abelhudo de merda e muito mais esperto do que toda a gente, exceto eu, pensa. Torna-se agora evidente que vou ter de tratar dele em primeiro lugar, o que é problemático, porque irá aguçar o interesse do público pela família Osborne.

Faço a mim mesma essa pergunta ao pensar na casa arrasada pelo fogo, que em tempos foi a de uma drogada espampanante, com mais dinheiro do que devia graças a um «negócio» que, embora perigoso, lhe proporcionou

esse dinheiro, se bem que começasse primeiro por ser conseguido através de três maridos que ficaram embeaçados pelo seu estilo rasca, espalhafatoso e berrante, sempre a rir, sempre pronta a ir chupar alguém debaixo da mesa, sempre a rapariga de festas, mesmo aos cinquenta e quatro anos. Era o que Lacey Havnel era quando morreu. Ali mesmo, naquela casa terrível.

Foi um cão farejador de cadáveres que acabou por encontrar o corpo, não propriamente nas ruínas, mas à porta. Como se, ouviu-se o detetive Jordan dizer, ela tentasse fugir do fogo. Estranho, ela ter sido encontrada lá fora e com uma lâmina de faca partida espetada no olho.

Como sei eu isto?

Claro que sei tudo sobre essa mulher. E também conheço aquela filha melhor do que ela própria. Sei exatamente o que aconteceu e, acreditem em mim, não foi o que Bea Havnel contou aos polícias. Esses detetives estão a levar um baile e eu, pela parte que me toca, estou a gostar de ver o desenrolar dos acontecimentos.

Pergunto-me quem será o mais esperto no final. O detetive Jordan? Ou eu?

Mal não estava a encarar bem a fuga de Harry. Havia responsabilidade no facto de se amar alguém. Estar «apaixonado» é um ato decisivo. Escolhe-se estar apaixonado. Ele tinha deveres para com ela bem como para com o seu trabalho, só que, como sempre, o trabalho vinha em primeiro lugar. Magoada com aquilo que ela considerava ser a sua rejeição, Mal foi imediatamente até à rue du Cherche-Midi, a sua rua de compras preferida em Paris. Não tinha uma vida de alta sociedade que precisasse da *couture* da avenue Montaigne, a que de qualquer modo não se podia dar ao luxo, e preferia aquela alma chique das butikues da Margem Esquerda. Especialmente os sapatos. Não era preciso uma despesa enorme quando lojas como a L.K. Bennett vendiam exatamente os mesmos sapatos que a adorável jovem duquesa britânica usava. Ou seria condessa? Prestes a tornar-se princesa e, depois disso, rainha. Fosse como fosse, Kate comprava os sapatos na mesma loja de King's Road, em Londres, e se eram bons para uma princesa, também o eram para Mal. Não significava que a Maud Frizon não tivesse um ou outro par de sandálias *suis generis*, ou que a Sabia Rose não fizesse a melhor *lingerie*, e a mais cara, de Paris, e talvez do mundo. Um par de *boxers* para mulher em *chiffon* esgotava-lhe o orçamento.

Passou às Galeries Lafayette, onde foi distraída durante algum tempo pelas bancadas exteriores que exibiam bijuteria magnífica ao preço da chuva. Um grande anel com pérolas e pedras brilhantes e um colar, que parecia feito de dispendiosas folhas de cristal *Limoges* mas era falso, claro, colocou o seu

orçamento novamente em linha. Não que ela tivesse de facto um orçamento, evidentemente. Um coração partido nunca tem preço.

Mas tornava uma mulher faminta. Percorreu a rua projetando os ombros e esticou o braço para fazer sinal a um táxi. Milagre dos milagres, em Paris, um abrandou e parou imediatamente. Mal atirou os sacos das compras para o interior e depois entrou.

O motorista olhou-a com as sobrancelhas arqueadas.

– Madame?

Ah. Pois. Esperava-se que fosse a algum lado.

– Véfour – disse ela, do nada.

O Grand Véfour era um dos restaurantes mais antigos, mais caros e mais venerados de Paris. Era hora de almoço, ela não tinha reserva e, de qualquer modo, estava acima das suas posses. Era um lugar para se ser levada por um amante rico e atencioso, algo que ela não tinha. Demasiado tarde, o tráfego aligeirou-se e já tinham chegado.

Um porteiro abriu a porta e Mal saiu. Pagou a despesa do táxi e deu, no seu recém-instalado estado de pânico, uma gorjeta desmesurada, porque o que devia ter feito era tornar a entrar e pedir ao motorista que a deixasse no bulevar Saint-Germain, onde havia dezenas de restaurantes decentes mais baratos, mas agira como uma *grande dame* e agora tinha de levar a coisa até ao fim.

Foi escoltada até um dos restaurantes mais antigos e venerados de Paris, grandioso com os querubins e a folha de ouro do teto, mas intimista com a decoração *bordeaux* dos reservados, alguns dos quais tinham pequenas placas de latão com o nome de clientes famosos do passado: Colette, Alexandre Dumas e até Napoleão!

Os sacos de compras de Mal foram-lhe retirados com cortesia, o casaco quente foi levado e encontraram-lhe uma mesa pequena junto à parede.

– A madame está com sorte, houve um cancelamento – murmurou o empregado de mesa enquanto lhe entregava o menu, perguntando-lhe depois se queria beber alguma coisa.

– Oh, uma *Perrier*, por favor.

Mal passou então a mão pelo cabelo; preocupada com a possibilidade de o batom se ter esbatido na longa correria das compras, apressou-se a tirar da mala o bálsamo labial *Burt's Bees*, tom peónia, e a espalhá-lo pelos lábios. Espreitou a sua imagem na parede espelhada. Ainda estava com o cachecol

azul! Uma vista de olhos rápida mostrou que não havia problema, metade dos homens que ali estava continuavam de cachecol. Era evidente que se tratava do acessório *du jour*.

Empertigou-se e observou o meio envolvente, o que podia fazer livremente sem ser acusada de olhar fixamente, uma vez que todos os reservados eram ocupados por comensais de ar feliz, a bebericar vinho e a conversar em diversas línguas, algumas das quais não reconheceu. Uma coisa era certa, contudo, as mulheres tinham boa aparência e os homens também não estavam nada mal. Mulheres com sorte, pensou Mal de sobrolho carregado. Com os seus homens.

Chamou o empregado e pediu um copo de champanhe da casa. O empregado regressou passados uns minutos com um copo frio e uma garrafa de *Taittinger*. Claro que o restaurante era posse da marca de champanhe. Encheu-lhe delicadamente o copo, permitindo que as bolhinhas minúsculas estalassem e o aroma do vinho subisse. Mal agradeceu-lhe, bebeu um gole, recostou-se e descontraíu. Harry Jordan não sabia o que estava a perder. Imaginou-o no Ruby's, a comer mais um *cheeseburger* e a beber mais uma *Bud*. Talvez ela o levasse a progredir até uma *Stella Artois*, acrescentando um pouco do espírito europeu à sua vida de polícia de Boston.

O empregado trouxe uns pratinhos daquilo a que chamou *amuse-gueule*, pequenas porções para «tentar o apetite». Tirinhas de alcachofra em molho de limão e azeite e asinhas de frango.

Entre goles, analisou o menu e decidiu esbanjar em ostras e depois num peixe chamado *rouge*, que afinal era um salmonete. Mais tarde escolheria entre sobremesa ou queijo.

«Isto é fantástico», pensou, endireitando-se na sua mesa de mulher só, olhando discretamente para os outros comensais. Era a última pessoa que comia sozinha. Havia alguns homens de negócios, claro, como seria de esperar, e pelo menos um casal de amantes, ao fundo da sala, de mãos dadas debaixo da mesa, a comerem de olhos presos um no outro. «Difícil», pensou Mal, com inveja. Tinha de aprender a fazer aquilo.

Chamou o empregado para lhe pedir um segundo copo de champanhe. «Mas, que diabo», pensou ela lembrando-se do velho ditado, perdido por cem, perdido por mil, ou seria um caso de chegar ao ponto de não retorno? Bom, coisas dessas. Bem podia esquecer Harry e desfrutar simplesmente do almoço.

Um telefone tocou algures. Bebeu mais um gole e reparou que havia cabeças a virarem-se na sua direção. Oh, meu Deus, era o telefone dela.

– Perdão, perdão, *je m’excuse!*

Fez um gesto de pedido de desculpas com a mão, tirou o telefone da mala cavernosa... mas porque comprara um telemóvel preto, nunca conseguia encontrar o raio da coisa. Finalmente agarrou-o. Suspirou de alívio e premiu a tecla.

– Está? Mal?

Fechou os olhos, recostou-se na banquetta *bordeaux* estofada, com o telefone apertado contra o peito. Era Harry.

– Estou, claro que sim – retorquiu ela, sorrindo no seu íntimo. – E nunca adivinharias onde estou. – Baixou a voz e enfiou o telemóvel debaixo do cabelo, mantendo assim Harry junto de si. – Estás a ligar para me dizer que te vais meter no avião?

– Desta vez não, Mal. Só queria dizer...

O telefone morreu. Mal chocalhou-o furiosamente, tornou a encostá-lo à orelha, mas não funcionava. E também não lhe podia voltar a ligar dali, seria positivamente grosseiro e indiscreto para os franceses ligar ao amante de um sítio público e toda a gente a ouvir a discussão sobre meter-se num avião e ir imediatamente para ali para estar com ela...

Telefonar-lhe-ia mais tarde, se conseguisse tornar a apanhá-lo, claro. Nunca se sabia onde Harry podia ir de um momento para o outro.

Ainda assim, ele telefonara-lhe. E ela estava rodeada de pessoas bonitas, portanto, podia ficar ali a observá-las e a apreciar uma refeição fabulosa num dos restaurantes mais belos de Paris. E Harry que fosse para o diabo. Bem, quase. Fosse como fosse, a comida era fabulosa! Oh, meu Deus, sentia-se tão sozinha sem ele.

Já era tarde, bom, passava pelo menos das dez, quando Harry se sentou por fim à sua mesa preferida, de vinil vermelho, no Ruby's Diner, aquela que tinha uma perspetiva perfeita da porta, de modo que ele podia ver quem entrava e quem saía. O cão estava sentado sobre o traseiro à espera do seu hambúrguer cru, «especial do *Squeeze*», que praticamente aspirou abocanhando-o, extasiado. Esse processo ficava sempre concluído ainda antes de Harry ter sequer conseguido fazer o seu pedido, ainda que, à semelhança do que acontecia com *Squeeze*, era sempre o mesmo: um *cheeseburger* à Ruby, com queijo suíço, bem passado. Ultimamente andava a tentar passar sem as batatas fritas, mas aquela noite parecia estar a pedir comida reconfortante. Depois de ter olhado na morgue gelada para um corpo assassinado, e especialmente macabro, e de horas passadas à procura, em vão, de um traficante de droga chamado Divon, que tinha registo criminal desde miúdo, com liberdade condicional e pena por drogas e que parecia ter desaparecido, precisava de um hambúrguer e de uma cerveja. Além disso, pensava em Mal. Perguntava-se o que estaria a fazer. Sozinha. Em Paris.

O Ruby's estava apinhado de gente. As janelas de vidro plano, com as suas cortinas apartadas de quadrados vermelhos e brancos, davam para a rua fria e ainda movimentada, o que fazia o interior parecer ainda mais aconchegante. As mesas de fórmica eram as mesmas desde que o Ruby's abrisse e as empregadas de mesa matronas podiam muito bem ser da mesma década. Doris, a preferida de Harry, veio ao seu encontro quando ele se sentou.

Pousou uma garrafa fresca de *Miller* à frente dele sem fazer qualquer pergunta, tirou o *iPad* do bolso do avental branco e olhou expectante para ele.

– Não que precise dele – disse ela e tornou a meter o *iPad* dentro do bolso.
– Vai ser o mesmo de sempre. Então, onde está o entaliano hoje?

Harry suspirou.

– Então, Doris, não podes continuar a chamar isso ao Rossetti.
– Conhecemo-nos uns aos outros. – Os olhos escuros de Doris enrugaram-se num sorriso. – Só um italiano pode chamar entaliano a outro. E então? O costume?

Harry assentiu com a cabeça. Despiu o velho blusão de cabedal preto e olhou em redor da sala. Às vezes levava ali Mal. Ela nunca gostara daquele lugar e nem Doris, pensava ele agora, gostava dela, embora tivessem sido ambas escrupulosamente corteses. Mal queixara-se do cheiro a fritos e a gordura de frango que pairava ali eternamente e Doris concluiu que ela se sentia num lugar demasiado reles para si.

Harry bebeu um longo gole de cerveja fria, fechou os olhos e tentou pensar em coisas boas. Ouviu *Squeeze* rosnar um aviso e ergueu os olhos.

Uma jovem deslizava para a sua mesa. Sentou-se à frente dele, sem sorrir, só a olhar, sobranceiras erguidas numa expressão inquiridora. Depois disse:

– Olá.

Mesmo sentado, ele percebeu que ela era alta. Vinte e muitos anos. Franja vermelho-fogo acima de uns olhos pálidos e o cabelo ruivo num corte curto e ondulante. Uma cara arredondada, mas maçãs do rosto bonitas; definitivamente não era magrizona, mas também não era roliça. Parecia ser o tipo de mulher, pensou Harry, que gostava de comer as suas batatas fritas ocasionalmente e sem grande sentimento de culpa.

Estendeu a mão para ele. Tinha as unhas curtas pintadas de preto brilhante e usava uma delgada aliança de ouro no terceiro dedo, mas da mão direita, não da esquerda. Vestia um blusão de cabedal preto, não muito diferente do de Harry, com uma *T-shirt* branca por baixo e, embora ele não lhe conseguisse ver os pés, por já estarem debaixo da mesa, Harry apostava que ela usava uns saltos enormes e minissaia. Era esse tipo de mulher. Jovem, confiante e muito dos nossos dias. E Harry não tinha tempo para ela.

– Vai-me desculpar – disse ele, com uma cortesia gélida –, mas vou agora começar a jantar.

– Não há problema, eu junto-me a si. – Dirigiu-lhe um grande sorriso, com uma confiança tão estonteante que Harry quase sucumbiu à curiosidade.

Squeeze apareceu de debaixo da mesa. Harry pôs a mão na coleira do cão.

– Credo – disse a rapariga, espantada. – Nem sequer o vi. Ele pode estar aqui?

– Tem uma autorização especial – respondeu.

Retirou a mão que oferecera a Harry e que continuava por apertar e, em vez disso, ofereceu-a ao cão, que a cheirou com curiosidade e se voltou a instalar debaixo da mesa.

– Que lindos olhos azuis – disse ela. – Nunca vi um cão assim.

Era uma deixa que acertava em cheio no coração de Harry: gosta de mim, gosta do meu cão.

– O *Squeeze* é arraçado de malamute – explicou ele. – Cães do Ártico, um pouco como os Huskies.

– Deve ser útil na neve de Boston – disse ela.

– Então, a que devo o prazer? – perguntou ele, derretendo um pouco.

– Ah... bom é um pouco complicado...

– Bem me pareceu que seria. – O seu olhar encontrou o dela, muito aberto, do outro lado da mesa, no preciso instante em que Doris chegou com um copo espumoso de *Miller Lite* para a rapariga.

Harry olhou desconfiado de Doris para a mulher e depois novamente para Doris. Ela não pedira a cerveja, mas Doris soubera o que lhe trazer. Ele disse:

– Porque tenho a sensação de que isto foi planeado?

– Porque foi mesmo – concordou Doris. – Esta é a minha sobrinha, Jemima Forester. É jornalista de investigação. Exatamente a sua onda, pensei eu.

– Uma aspirante a jornalista de investigação, na verdade sou mais bloguer do que isso – retificou Jemima.

Pelo menos a rapariga teve a graça de parecer constrangida.

Harry bebeu um grande gole. A cerveja gelou-lhe a garganta. Era uma sensação maravilhosa. Ficou a ver Jemima erguer o seu copo para ele e beber também um grande gole. Apesar de contrafeito, Harry estava interessado.

– Mais tarde, podíamos ir ao mexicano ao fundo da rua – sugeriu Jemima.
– Beber uns *shots* de *tequila*.

– E depois quem a conduziria a casa?

– *Moi?* – Fez um sorriso traquina que Harry considerou, apesar de cliché,

lhe iluminou de facto o rosto. A tez era da cor do alabastro, os lábios, vermelhos como as cortinas do Ruby's. Tirou um cartão da mala preta cavernosa e atirou-o para ele por cima da mesa.

– Um bom serviço de táxis, se alguma vez precisar de um, embora eu imagine que os polícias possam sempre chamar os seus para os apanharem e levarem em segurança até à cama.

– Então imagina mal.

Doris chegou com o hambúrguer dele e um cestinho de arame com batatas fritas ainda com o óleo quente.

– Meu Deus, fantástico, estou cheia de fome. – A mão de Jemima pairou por um ou dois segundos por cima das batatas fritas e depois retirou-a, mordendo o lábio inferior, envergonhada. – Merda, lá estou eu outra vez. O meu pai diz sempre que sou demasiado impetuosa.

– O seu pai não acertou. Eu diria que você é «insistente». – Harry arrastou batatas para um prato pequeno e passou-lho, juntamente com o frasco de *ketchup*. – E, uma vez que me está a comer o jantar, eu não deveria pelo menos saber porque escolheu a minha mesa para se sentar esta noite?

– Parecia sentir-se só. – Fez uma pausa. – Bem, não é essa propriamente a razão, ainda que seja verdade. Efetivamente... bem, o que acontece é que sei que está a trabalhar no mistério do incêndio de Evening Lake, aquele em que a mãe ficou estorricada e a rapariga fugiu. Ela chama-se Bea, vi-a nas notícias da noite.

– Caramba! – Harry fitou o hambúrguer, subitamente sem fome.

– Ohhh, desculpe – disse ela. – Não queria tirar-lhe o ânimo, quer dizer, não é suposto estarem habituados a esse tipo de coisa? Os polícias da televisão estão sempre.

Harry empurrou o prato para o lado, pousou os cotovelos sobre a mesa e descansou o queixo nas mãos.

– Cale-se – exigiu ele –, e depois pense no que me quer dizer exatamente.

Terrivelmente envergonhada, Jemima Forester afundou-se no vinil vermelho. De olhos baixos, parecia considerar o que ele acabara de dizer.

– Mereci essa, acho eu – declarou ela.

– Jemima Puddleduck, tem a lata de se intrometer no meu jantar, no meu espaço. – Agora Harry estava a ficar muito zangado. – Sem qualquer explicação. E depois questiona-me acerca de um caso atual sobre o qual eu nunca falaria consigo, mesmo que pudesse fazê-lo. Não sou um polícia da

televisão – acrescentou. – Nunca se esqueça disso.

Ele terminou a sua cerveja, afastou a comida e prendeu a trela na coleira do cão. O animal levantou-se e olhou para a porta com expectativa, antecipando já o biscoito que receberia ao sair.

– Sempre me chamaram isso na escola – disse Jemima. – Puddleduck. A personagem do livro infantil da Beatrix Potter. Às vezes sinto-me como ela.

– Então tente não se comportar como ela.

Jemima endireitou-se no assento. Os seus olhos pálidos não estavam alegres, tinha uma expressão mortalmente séria.

– Eu sei onde está o Divon – revelou ela.

Harry pensou que de todas as coisas que Jemima podia ter dito, aquela era a mais inesperada. Tornou a sentar-se e chamou Doris.

– Duas *Coca-Colas*, Doris, por favor – pediu ele. – E muito gelo.

– Não sabia que o tinha feito aquecer tanto – comentou Jemima.

Harry perguntou-se se ela estaria a meter-se com ele. Merda, ela sorria-lhe com aquela expressão traquinas que o fazia ficar de pé atrás. Perguntava-se também o quanto saberia ela e o quanto estaria a tentar descobrir.

– Então – questionou ele, quando Doris chegava com as bebidas. – Como conhece o Divon?

– Andei no liceu com ele. Na mesma turma. Já na altura todos nos preocupávamos com ele por conhecer pessoas tão suspeitas. Gostávamos dele, era bom tipo, sempre simpático, sempre disponível, nunca tratava mal ninguém... ou seja, era um miúdo normal, como o resto de nós. Tirando o problema em que se meteu.

Apertou as mãos em torno do copo gelado de *Cola*, olhando pensativamente para o fundo do mesmo, como se evocasse uma cena, pensou Harry, ou uma história. Ele não confiava nela.

Jemima disse:

– O pai do Divon matou a mãe. Esfaqueou-a até à morte. Na altura, ela estava na banheira. – Encolheu os ombros, num esforço, pensou Harry, para parecer indiferente. – Facilitou a limpeza, imagino eu, o facto de estar na casa de banho. Mas o Divon nunca mais foi o mesmo. O pai desapareceu e ele teve de ir morar com familiares, uma tia, acho eu, sim, agora me lembro que era irmã da mãe. A mãe chamava-se, não dá para acreditar, Fairy Formentor. Isto foi há quinze anos, provavelmente antes de ter entrado para a polícia – acrescentou ela, olhando Harry demoradamente, como que a verificar se ele

acreditava nela.

– Acredito em si – respondeu Harry, tomando nota mentalmente para procurar o homicídio de Fairy Formentor, quinze anos antes.

Ela continuou:

– Seja como for, de vez em quando, ao longo dos anos, o Divon aparecia. Sabia onde eu andava na universidade: Oberlin, uma faculdade pequena, adorei, foram os melhores anos da minha vida.

Harry não estava interessado nos tempos de estudante dela.

– O Divon – comentou ele.

– Ah, pois. Então, o Divon aparecia, às vezes com os bolsos recheados de dinheiro, outras a pedir algum para se aguentar. Mas pagava sempre, mandava ordens de pagamento. Na verdade, era um jovem muito responsável. – Os olhos de Jemima encontraram os de Harry. – Embora andasse metido na droga. Da pesada – acrescentou. – E depois, mais recentemente, telefonou a dizer que me dava os cem que me devia e tudo o mais que eu quisesse. Aquilo que disse exatamente – continuou ela com ar sério – foi: «Jemima, querida, acertei no raio do *jackpot*. Estou a trabalhar com uma mulher que tem os contactos todos e sabe o que está a fazer, e eu sei o que consigo fazer, portanto é recíproco». – Claro que lhe perguntei quem era a mulher, estava preocupada, ele parecia tão pedrado. A princípio, riu-se, depois disse: «Tem dinheiro e classe, querida, e uma casa de morrer no lago.»

Jemima esvaziou a *Cola* e suspirou.

– E parece que foi isso que fez – concluiu.

– Sabe onde está o Divon neste momento? – perguntou Harry.

Jemima parecia preocupada.

– Disse-me que ia a Evening Lake naquela noite para se encontrar com ela – confessou. – Mas o que vai fazer-lhe? Eu sei que ele é inocente, depois do que aconteceu à mãe nunca seria capaz de matar uma mulher. Nem ninguém, já agora.

Parecia tão preocupada que Harry soube que tinha bom coração. Contara-lhe a história com o intuito de proteger Divon, não para o ver ser preso por homicídio.

– Defendo-o em tribunal, se tiver de ser – acrescentou Jemima, estendendo de repente a mão por cima da mesa para pegar na de Harry. – Ele é um bom tipo, Harry Jordan. Só que está no caminho errado, só isso.

Harry já tinha ouvido aquela história, já vira aquilo mil vezes. A mão de Jemima era fria na sua, provavelmente por ter agarrado o copo de *Coca-Cola* gelado. Por alguma razão, fê-lo sentir-se protetor em relação a ela.

– Obrigado por me ter contado – disse ele suavemente. – E por tentar ajudá-lo. Fugir é a pior coisa que ele podia fazer neste momento. Faz ideia de onde ele estará?

Jemima baixou a cabeça e olhou, envergonhada, para o cesto das batatas agora frias.

– Em minha casa – respondeu ela.

Harry levou Jemima de carro ao apartamento dela, que ficava numa fileira de casas em North End, numa rua recém-recuperada que outrora alojara imigrantes irlandeses em apartamentos esquálidos de Boston. Agora, os edifícios tinham sido remodelados, o tijolo era luminoso, até havia árvores. Claro que Jemima teve de se sentar no banco de trás, porque *Squeeze* não ia ceder facilmente. Ainda assim, disse a Harry que gostava do carro dele. Até exclamou «uau» quando ele estacionou num lugar onde não devia fazê-lo, mesmo à frente da porta de casa dela, e colocou a luz da polícia no teto.

Esperou que Harry lhe abrisse a porta e meneou-se para sair depois do cão, mostrando grande parte da coxa.

– Desculpe, não estou habituada a carros desportivos tão elegantes – comentou ela; liderou o caminho até aos degraus da entrada e fê-los entrar.

– Terceiro andar – disse ela, dirigindo-se já às escadas. Havia apenas uma porta no terceiro andar e ela destrancou-a.

– Tudo bem, Divon – chamou ela... –, sou só eu. E o detetive Jordan – acrescentou quando Harry a seguiu para o interior.

Não havia corredor e entraram diretamente no pequeno apartamento. Divon Formentor estava sentado no sofá azul, de cabeça baixa, mãos entrelaçadas à frente do corpo, como se esperasse pelas algemas que inevitavelmente nelas seriam colocadas. Era muito magro, jovem, com vinte e muitos anos, de aspeto hispânico como a mãe. A cabeça calva tinha o brilho característico da pele acabada de barbear. Os seus olhos eram escuros e estavam assustados.

Squeeze foi sentar-se mesmo à frente dele, fitando-o com aquele seu olhar azul.

Divon encolheu-se, com medo.

– Não fui eu, senhor agente – afirmou ele a Harry. – Eu não tenho nada a ver com mortes.

Jemima apressou-se a ir ter com ele e sentou-se ao seu lado, pegando-lhe na mão com as suas.

– Eu já disse isso ao detetive Jordan – assegurou-lhe. – Ele vai ajudar-te, Divon, só tens de lhe dizer a verdade.

Harry estava junto da porta, de rosto impassível.

– Tenho de o levar, Divon, compreende isso, não compreende?

– Compreendo, senhor agente, mas eu, tipo, não a matei.

O estalido das algemas a serem fechadas em torno dos pulsos de Divon pareceu a Jemima uma sentença de morte.

– Eu devia ter-te ajudado a fugir – disse ela, subitamente horrorizada com o que tinha feito. – Eu devia ter-te ajudado.

Harry disse:

– E eu relembro-lhe que, se o tivesse feito, seria cúmplice posterior de um homicídio.

– Meu Deus. – Jemima deixou-se cair no sofá. Todo o fulgor e a bravata que antes mostrara no Ruby's pareciam tê-la abandonado. Até o seu cabelo vermelho-chama parecia de repente mais pálido.

Harry pegou no telefone e chamou um carro da polícia, depois ligou a Rossetti, contou-lhe o sucedido e que ia levar Divon Formentor. Rossetti respondeu que já ia a caminho.

– Vem connosco para ser interrogada – ordenou ele a Jemima, que se encolheu perante o seu olhar.

– Só irei para o ajudar – declarou ela em tom de desafio, o que fez Harry sorrir.

Rossetti estava à espera na esquadra. Era uma noite movimentada, havia polícias de uniforme a preencherem papelada, detetives a conferenciarem em esquinas bebendo café frio, um cheiro a piza que pairava sobre tudo. O processo de Divon foi iniciado rapidamente. Já tinha registo criminal; prisão por drogas, liberdade condicional, nada de violência. Os serviços sociais tinham-no tido sob a sua alçada precocemente, mas, quando ele fez dezasseis anos, escapou-lhes e seguiu o seu caminho, vendendo doses pequenas nas

esquinas.

– Até conhecer aquela mulher – contou-lhes Divon.

Encontravam-se numa pequena sala de interrogatório. Jemima levava *Squeeze* a dar uma volta. Harry estava sentado à frente de Divon com a mesa despida ao meio. Rossetti foi buscar café e pousou-o diante do jovem, que agora estava sem as algemas.

– Bebe isso, filho – disse Rossetti. – Vais sentir-te melhor.

– Nunca me hei de sentir melhor – disparou Divon de repente. – Com isto sobre a minha cabeça. Eu não tenho nada a ver com mortes – assegurou ele, com o pânico a elevar-lhe a voz. – Estou a dizer-vos que não fui eu...

– Porque não começa por nos contar como conheceu a Lacey Havnel – sugeriu Harry. – Não era o género de mulher que anda pelo seu bairro.

– Não fui eu que a encontrei. Foi ela que me encontrou a mim. Vocês conhecem-me, sabem tudo a meu respeito – disse ele, subitamente mais calmo. – Sabem que trafiquei, em pequena escala. Um dia ela ia a passar de carro pela rua, viu-me na esquina, andava à procura de cocaína, *Oxycontin*, heroína, qualquer coisa. Disse-me para entrar no carro, precisávamos de conversar, disse-me que me usaria como seu único traficante, que me pagava bem se eu ficasse calado.

– E? – questionou Harry. – Tornou-se o traficante de Mistress Havnel?

– Tornei, sim. E ela pagava-me bem. E também não lhe pedi nenhum dos favores sexuais que ela oferecia – acrescentou, zangado. – Ela era aquilo a que as mulheres decentes chamariam uma putéfia rasca, ainda que tivesse dinheiro para torrar. Andava sempre de minissaia e ténis e usava o cabelo loiro num rabo-de-cavalo volumoso debaixo do visor que trazia sempre, a fingir que era uma jovem tenista ou coisa do género.

OuvIU-se alguém bater à porta e um polícia entrou trazendo um ficheiro intitulado «Lacey Havnel», que entregou a Harry; este abriu-o e leu apressadamente as duas páginas que continha. Ergueu as sobrancelhas e entregou as páginas a Rossetti.

A informação sobre Lacey Havnel era errática: ela mudara muitas vezes de sítio, tinha nascido numa pequena cidade do Idaho, filha de mãe solteira. Na altura, chamava-se Carrie Murphy. Abandonara a escola aos dezasseis anos. Não lhe era conhecida família. Reaparecera aos dezoito anos na Florida, onde

arranjou trabalho como empregada de mesa. Tinham essa informação porque ela perdera o cartão da segurança social e pedira um novo.

A vez seguinte em que o seu nome surgiu oficialmente foi numa licença de casamento, com um homem da Florida de sessenta e tal anos. Depois disso, foi um ano mais tarde, uma certidão de óbito. O marido estava no quintal das traseiras a cortar toros para casa. O machado escapou-lhe e cortou uma artéria. O relatório da polícia era consistente com a versão de acidente.

Lacey ficou numa situação confortável e abandonou essa região. Apareceu outra vez oficialmente com um segundo casamento vários anos mais tarde. Desta vez, o marido morreu de ataque cardíaco. Mais uma vez, Lacey foi herdeira, embora desta vez depois de uma disputa com a família consternada do defunto. Novamente, abandonou o lugar. Nenhum dos maridos se chamava Havnel. Se tinha havido um Mr. Havnel, e Bea alegava que não houvera, ele teria entrado por uma porta e saído por outra e Lacey, presumivelmente grávida, fora deixada com o bebé nos braços. Não havia um registo de nascimento oficial de Bea, o que parecia querer dizer que Lacey não a registara e usava documentos falsos. Mudou-se com a criança para Boston, onde começou uma nova vida de viúva alegre e amiga de festas.

O palpite de Harry era que Lacey tinha ficado sem dinheiro. Tivera necessidade de uma nova atividade. Deduzia que não tivessem havido novos pretendentes ricos a fazer fila para ela dizer sim. Encontrara nas drogas uma saída fácil. E morrera por causa disso. Não havia dúvidas na sua cabeça de que Divon lhe fornecera os ingredientes necessários, e simples, para fabricar metanfetaminas em grande escala.

Rossetti foi buscar mais café. Disse a Divon:

– Então conta-nos, filho, estavas na casa do lago nessa noite?

Os olhos de Divon faiscaram de pânico.

– Não estava, senhor agente, não, não... eu não...

– Vá lá, Divon – comentou Harry. – Não eras tu que ias a remar em direção à ilha? – lançou simplesmente a pergunta, pensando em Wally Osborne, e talvez em Len. Mas podia ter sido Divon quem estava no lago naquela noite.

– Nunca remei, não gosto de água, não sei nadar, assusta-me, aquele lago...

– Tretas. – Rossetti estava a perder a paciência. – Estavas lá e sabes muito bem.

Fez-se um longo silêncio. Divon não bebeu o café.

Finalmente, disse, com a mesma voz estridente, assustada:

– Não era eu. Era ele. Aquele escritor.

Harry lançou um olhar de relance a Rossetti e depois novamente a Divon. Retorquiu calmamente:

– E que escritor é esse?

– Aquele famoso. Ficou lá em casa depois de eu ter saído, vi-o chegar quando estava a entrar no meu carro.

– Que carro era esse, Divon?

– O velho *Corolla* que comprei para poder ir ter com ela à casa do lago, para lhe levar as cenas. Ele, esse escritor, chegou a remar, vi-o e ela também. Disse-me para me pôr a andar e foi o que eu fiz.

– Ele estava lá em casa quando se foi embora? – Ao pensar em Rose Osborne, Harry quase não queria ouvir a resposta de Divon.

– Estava a remar na sua direção, tal como disse.

– E tem a certeza de que se tratava de Wally Osborne?

– Tenho, sim, tenho a certeza.

– Viu-o chegar ao molhe, sair do barco, amarrá-lo? Viu o Wally Osborne dirigir-se à casa?

Divon abanou a cabeça.

– Não, senhor. Já me tinha ido embora, como disse. E nem ia a meio da estrada que acompanha o lago quando tudo explodiu, e eu continuei a andar porque pensei que de certeza me haviam de pôr isto tudo em cima, e agora está a acontecer, e eu digo-lhe, detetive, não fui eu... eu não mato mulheres...

Por alguma razão, Harry achou que ele não matava mesmo. Então e Wally Osborne?

– Mas antes tinha visto o filho lá em casa – acrescentou Divon, um pensamento posterior. – O mais velho, de bom aspeto. Roman, acho que ela lhe chamou Roman. Eu sei que ele e a Bea se conheciam. Isso é certo.

– Como é que se «conheciam»?

– Bom, como disse, vi-os juntos. Algumas vezes. A passearem pelo lago.

Harry fixou os olhos nos de Divon; poderia estar a mentir? A procurar atribuir as culpas a outro. Mas porquê Roman Osborne?

– Quando viu o Roman com a Bea? – perguntou.

Mas Divon encolheu os ombros.

– Pode ser que eu esteja enganado – foi tudo o que Harry lhe conseguiu arrancar.

Era tarde e Diz estava no seu ramo, a ouvir a mãe e o pai conversarem. Rose e Wally encontravam-se no terraço a olhar para o lago. O perímetro era assinalado por luzinhas brancas e o lago reluzia como tinta preta. Wally tinha uma expressão zangada quando disse:

– Vais cancelar essa combinação, dizes aos polícias para arranjam outra pessoa, não queremos ter nada a ver com essa gente.

Diz não queria realmente ouvir aquilo, detestava que os pais estivessem a discutir, especialmente por causa daquela loira magrizela que ele nem queria ter ali. Como se o seu voto contasse para alguma coisa. Mas a mãe estava decidida a fazer o bem e o pai estava decidido a que ela não o fizesse.

– Dei a minha palavra – afirmou Rose. – Vá lá, Wally, ela está a passar um mau bocado, perdeu a mãe e a casa, não tem ninguém, coitada da miúda...

– Não é uma coitada. Ela e a mãe andavam metidas com drogas. Mas porque achas que a casa explodiu?

– Wally! Como sabes isto? – Rose apertou mais o casaco de malha feito à mão.

– Ouvi na cidade – referiu Wally entre dentes. – Sabes bem que estou sempre de ouvido alerta para essas coisas, para os meus livros.

– Então o que sabes sobre Mistress Havnel é meramente pesquisa?

Diz nunca ouvira a voz de Rose num tom tão frio. Não gostava do que se estava a passar. Não gostava que o pai mentisse à mãe. Não sabia ao certo porque estava a mentir, só que estava, e que nada podia dizer. Nunca poderia

contar à mãe.

Wally afastara-se de Rose. Parecia estar a controlar-se quando se virou para a olhar.

– Rose, eu não conheço aquela mulher. Simplesmente, sei coisas sobre ela. Está bem?

Rose estava em silêncio, a olhar para ele. Diz estava em silêncio, também a olhar para ele. Estariam os dois enganados? Podia dar-se o caso de Wally estar a dizer a verdade?

– Olha, está bem, eu desisto. – Wally deu um passo novamente na direção de Rose. Passou a mão pelo próprio cabelo loiro, já despenteado, e dirigiu-lhe uma espécie de meio-sorriso. – Desculpa – disse ele. – Deixei-me levar. A nossa vida aqui é tão tranquila, nunca fomos tocados por nada deste género, em todos os anos que viemos para Evening Lake.

– Nada mudou, Wally – disse Rose calmamente. – Só tu.

No silêncio que se abateu sobre os dois, Diz ouvia a respiração pesada do pai, como se ele se contivesse para não dizer algo mais. O lago fazia ondinhas sob a brisa fresca da noite. Uma lâmpada apagou-se com um pequeno silvo na fileira de luzes em redor do gradeamento do terraço.

– Está bem, desculpa – pediu Wally amargamente. – Estou errado e tu és quem és, a pessoa que és, a cuidadora carinhosa. Como poderia eu esperar que rejeitasses uma jovem necessitada, quando sei que, se fosse a tua filha, esperarias que alguém a ajudasse. Amanhã de manhã saio do teu caminho, vou pescar, deixo que te organizes. Está bem? E prometo que te apoio. Está bem? – perguntou ele de novo. Diz ouviu a mãe suspirar em resposta.

– Oh, Wally, eu sei que estamos a fazer bem – murmurou ela tão baixinho que Diz quase não a ouviu. – Confia em mim, ela vai ficar bem.

Diz perguntava-se por que razão a mãe pensava assim e o pai obviamente não. Pensou no pai a remar vindo da casa mesmo antes da explosão. Claro que podia estar enganado, Wally podia ter ido simplesmente dar um passeio de barco, para libertar energia; às vezes fazia isso quando ficava tenso da escrita. Pelo menos, era o que Diz esperava. E esperava que aquela cobra esquelética não lhe viesse destruir a família.

Wally já tinha saído quando Bea Havnel chegou na manhã seguinte. Rose ficou admirada de a ver sozinha; esperava que Harry Jordan a acompanhasse.

Ficou também surpreendida ao constatar que a sua previsão se concretizou quando uma limusina preta comprida apareceu a ocupar o caminho de acesso. O motorista abriu a porta e Bea saiu agarrada a um monte de sacos de plástico do Target. O cabelo estava puxado para trás numa trança presa por um elástico e não havia maquilhagem no seu rosto macio. Tinha as pernas compridas vestidas com umas calças de ganga justas deslavadas e era, como observara Diz anteriormente, magra como uma cobra. Estava indecisa, como se se perguntasse se estaria no sítio certo. Rose reparou que a *T-shirt* nova que trazia vestida ainda tinha o autocolante do tamanho colado ao ombro. S, de *small*. Tinha um ar tão patético que Rose sentiu compaixão dela. Sabia que estava a agir bem.

– Bea – chamou. – Aposto que pensaste que não estava aqui ninguém para te receber. Bem-vinda, querida, bem-vinda a nossa casa. Julguei que o detetive Jordan te tivesse trazido.

– Quis vir sozinha – explicou Bea.

Rose deu-lhe um abraço apertado. Sentia as costelas da rapariga debaixo das mãos. Harry Jordan dissera que a achava muito frágil.

– Entra e deixa-me mostrar-te o teu quarto – disse ela. – Espero que não te importes, mas tive de te pôr com o Diz. Só tem onze anos, mas é um miúdo sossegado e não te vai incomodar com música alta. Insistimos para que use auriculares, porque não aguentamos a barulheira.

– Ah, eu não me importo.

Bea tomou impulsivamente a mão de Rose entre as suas enquanto subiam juntas os degraus rasos que conduziam a casa e entravam na ampla zona de estar com a vista para o lago por entre as bétulas. E, infelizmente, para os destroços enegrecidos da casa de Bea. Rose pensou que era melhor não mencionar isso naquele momento e acompanhou rapidamente a convidada para a cozinha.

– Pousa as tuas coisas na mesa, querida – sugeriu ela. – Senta-te enquanto eu preparo café para nós. Tenho a certeza de que te vai saber bem depois das coisas horríveis que te deram no hospital.

– Ah, não foi assim tão mau. A sério.

Bea olhava à sua volta e Rose reparou que tinha no rosto um sorriso de satisfação.

– Que agradável – comentou a rapariga. – É muito mais simpática do que a nossa casa alguma vez foi. É tão... bom, tão acolhedora, acho que é a palavra

certa.

– Então fico contente por te sentires em casa. Queremos agradecer. Senta-te.

– Rose desviou um exemplar do jornal da região, *The Lakeview Monitor*, e pousou uma caneca de café fumegante em frente de Bea.

– Uma caneca do Peter Rabbit – exclamou Bea. – Sempre adorei estes livros quando era pequena.

– Era de quando o Diz era pequeno, não sei como sobreviveu aos anos. Também há queques de banana feitos esta manhã, embora confesse que não foram feitos por mim. Fê-los a Madison, que gosta de cozinhar. Talvez acabe por ser *chef*.

Bea bebeu um gole de café e deu uma dentadinha de cortesia no queque que Rose colocou num pires à sua frente.

Rose achou que a rapariga tinha ar de quem não comia uma refeição decente há muito tempo. Pensou na mãe dela. Embora estivesse morta, e ela não devesse pensar mal dela, era evidente que a filha tinha sido negligenciada. Não só não se alimentava como devia ser, como Rose apostava ainda que devia estar emocionalmente faminta.

Bea debruçou-se sobre a mesa, de olhos fixos no queque que estava no pires como se se perguntasse o que fazer com ele, e Rose perguntou-se se afinal estaria mesmo a agir bem. Podia ser que Harry Jordan a tivesse convencido a cometer o maior erro da sua vida, cuidar daquela rapariga perturbada.

– A Madison, a rapariga que fez os queques, é uma das minhas filhas gémeas – explicou. – A outra é a Frazer. Acabaram de fazer dezasseis anos e estão cheias de angústia adolescente.

– Não me lembro de angústias adolescentes nenhuma. – Bea franziu o sobrolho. – Não creio que em minha casa se permitissem angústias.

As Havel só tinham vivido no lago uns dois meses e agora Rose perguntava-se onde seria aquela casa onde Bea passara a sua adolescência isenta de angústia.

– Então, és uma rapariga de Boston? – perguntou casualmente, e deu uma dentada num queque e que se lixassem as calorias; aquela rapariga deixava-a nervosa como nenhum outro jovem.

– Do Idaho – respondeu Bea; também pegou num queque e inspecionou-o cuidadosamente.

– É de onde vêm as batatas. – A voz de Diz surgiu vinda da entrada da

cozinha. Estava de pé, com as mãos enfiadas nos bolsos dos calções como sempre, descalço como sempre, com os ténis em cima da mesa, como sempre. Mas Rose reparou que o filho vestira uma *T-shirt* lavada. Ficava-lhe muito grande e ela sabia que pertencia a Roman.

Para surpresa de Rose, Bea sorriu a Diz.

– Como sabes?

Diz encolheu os ombros.

– Embrulhamo-las em folha de alumínio e pomo-las no churrasco. Quando se desembrulham, passada uma hora ou assim, cheiram que é uma delícia. Nem sequer precisam realmente da manteiga. – Dirigiu-se à mesa e pegou num queque. – Mãe – queixou-se –, detesto banana.

– Culpa a Madison, que os fez. E, seja como for, cumprimenta a Bea, que vai ficar connosco algum tempo.

– Eu sei. Já ouvi falar muito de ti. – Diz estava junto à mesa a olhar para Bea. – Às vezes, via-te na outra margem do lago. Vi-te remar para a ilha no dia do fogo – acrescentou, olhando-a cautelosamente, tendo o cuidado de não fazer referência aos sacos de plástico nem ao homem que também lá vira.

Bea olhou-o com ar inocente.

– Sabes que há uma toca de texugos na ilha? Não faço ideia de como lá chegaram, mas estão lá. A princípio escondiam-se quando me viam, mas eu ficava por lá dias a fio e habituaram-se a mim, acho eu.

Rose ficou a pensar porque passaria uma jovem o seu tempo numa pequena ilha desabitada a ver texugos. Cuidar de Bea iria ser uma tarefa de peso. Foi então que a porta da frente bateu e as suas filhas entraram apressadas, todas elas pernas bronzeadas e calções brancos curtos, camisas de cambraia com as mangas enroladas, cabelo comprido a voar livremente. Uma lufada de ar fresco. Rose suspirou, aliviada. Bea Havnel era uma tarefa árdua, mesmo que não fosse essa a sua intenção.

– Ela já chegou? – perguntaram em coro, como faziam às vezes, porque eram gémeas e pensavam de maneira idêntica. Detiveram-se, contudo, na sua entrada impetuosa e olharam para a nova «convidada».

Eram raparigas altas e magras, mas Bea era mais alta e mais magra, e tinha ar de quem usava uma roupa escolhida por outra pessoa, as calças de ganga deslavadas e a *T-shirt*.

– Olá – disse Madison e fez um sorriso. – Já viste o nosso quarto?

Bea ergueu timidamente para ela os seus olhos, sob as pestanas compridas.

– Bem, não, acabei de chegar.....

– E a mãe já te está a enfiar os meus queques de banana. – Madison riu-se.

– Anda lá, então, vamos mostrar-te o teu quarto, ajudamos-te a instalares-te.

– É o quarto assombrado – disse Diz enquanto uma das raparigas pegava num braço de Bea e a levava pelas escadas acima, com os chinelos de praia a baterem nos degraus de madeira.

Bea deteve-se. Virou-se e olhou para ele, de olhos esbugalhados.

– O que queres dizer com isso, assombrado?

Parecia tão assustada que Diz se arrependeu de ter dito aquilo.

– Estava só a gozar – replicou com um encolher de ombros. – Seja como for, não é uma assombração a sério, só coisas a baterem durante a noite. Pelo menos, é o que dizem alguns hóspedes.

As gémeas resmungaram e Rose riu-se.

– Ele é terrível, está sempre a gozar – disse Madison a Bea. – Acredita em mim, vais ficar bem. É só com o meu gato, o *Baby Noir*, que tens de te preocupar.

Mas, ainda assim, Bea lançou a Diz um olhar nervoso por cima do ombro enquanto subiam o resto das escadas.

O telefone estava a tocar e Rose apressou-se a ir atender. Era Harry Jordan.

– Julguei que vinha com ela – comentou sem nenhum «olá, como está» preliminar. – Chegou sozinha.

– Foi assim que ela quis – explicou Harry. – É uma jovem independente.

– Bem, as minhas filhas estão a tomar conta dela, portanto vai ficar bem.

– Então e o seu marido?

– O Wally? Bem, claro que não está delirante, mas está disposto a aceitar, pelo menos durante uma semana. Foi com isso que concordei, lembra-se?

Harry disse que sim, lembrava-se. Depois, ao pensar em Divon, referiu:

– O Roman conhece a Bea de algum sítio? Quer dizer, podiam ter-se conhecido, passeado pelo lago...

– O Roman? Bom, acho que não, ele nunca falou dela, mas certamente teria dito alguma coisa agora, depois de tudo o que aconteceu.

– Acho que tem razão. – Harry pensou novamente em Divon. E disse: – Tenho uma coisa para lhe dizer, mas não quero que seja por telefone. Devia ir aí contar-lhe pessoalmente.

– Oh, meu Deus, o que se passa agora? – Rose encostou o telefone com

mais força ao ouvido para Diz não ouvir. O rapaz era tão abelhudo que ouvia tudo o que se dizia e ela não queria que a sua conversa fosse monitorizada e depois talvez reproduzida ao seu marido. Não sabia porque se comportava assim em relação ao detetive, mas o seu coração batia com mais força quando ouvia a voz dele. E era só isso. Ele nunca se metera com ela, nunca dera mostras de interesse. Estava a comportar-se como aquelas loiras veraneantes com o seu marido. Era tão má como elas.

– É melhor não vir agora – pediu a Harry –, até a Bea estar instalada. Além disso, quase me esquecia que vamos ter um jantar esta noite, com algumas pessoas daqui. Sinceramente, hoje não tenho tempo para mais dramas, detetive Jordan.

Fez-se um longo silêncio do outro lado da linha. Depois, Harry retorquiu:

– Não tenho alternativa senão dizer-lhe agora que a Lacey Havnel foi assassinada. Não posso dizer porquê, nem como, mas estamos a investigar. Ainda hoje, eu e o meu colega, o detetive Rossetti, vamos ao lago com uma segunda equipa forense procurar pistas. Gostava que a Bea soubesse que vamos estar aí, mas, por favor, não lhe conte que se trata de homicídio.

– Homicídio! – exclamou Rose, afastando o telefone de si e olhando-o como se se perguntasse se o que ouvira podia ser verdade. E depois: – A pobre rapariga não passou já por muito? – perguntou, angustiada.

– Passou. – O tom de Harry era delicado. – E prometo que tudo faremos para a proteger. Mas o assassino da mãe tem de ser encontrado. Prendemos uma pessoa que tem interesse neste caso, mas é tudo o que lhe posso dizer de momento.

– Estou a ver.

Não era bem verdade que estivesse. Não sabia o que se estava subitamente a passar no seu tranquilo lar, onde nessa noite dava a sua festa anual no terraço para amigos de longa data. Como de costume.

– Por favor, peço-lhe que não confidencie isto a ninguém – estava Harry a dizer. – Nem ao seu marido.

– Ao Wally?

– A ninguém, Rose. Por favor. Posso confiar em si?

Rose disse que achava que sim e Harry afirmou que falaria com ela mais tarde. Ainda perplexa, Rose voltou à cozinha e preparou um rápido *Nespresso*. Pensou em Wally, a emborcar os *shots* de vodca e, pela primeira vez, como que entendeu.

Não viu Diz a espreitar da porta do terraço, não sabia que ele tinha ouvido.

Rose voltou a entrar e ficou junto do telefone, a olhar para ele como que à espera de que tornasse a tocar e Harry lhe dissesse que tinha sido tudo um engano... «Por favor, esqueça o que eu disse.» Claro que não tocou e Harry não disse essas palavras. Ela era confrontada com uma realidade terrível e agora, com a filha da mulher assassinada ao seu cuidado, a viver na sua casa, estava envolvida no caso.

– Mãe?

Virou-se e olhou para Diz.

– O que se passa, mãe? – perguntou ele.

Ao fundo da mente de Diz estava a imagem assustadora do pai a voltar remando da casa da mulher.

Rose estava tão perdida nos seus pensamentos que não se apercebeu de que ele estava ali.

– Não se passa nada, querido. Foi só uma pessoa que me telefonou para me falar de... de uma coisa.

O filho tinha um ar tão perturbado que ela envolveu-o num abraço. De repente, não lhe parecia justo fazer parte daquilo, não era justo para a sua família. Iria esquecer o assunto, não contaria a ninguém, seguiria com a sua vida. Bea Havnel partiria dentro de uma semana e depois certamente as coisas voltariam ao normal.

Fosse como fosse, tinha convidados para jantar e estava a fazer-se tarde.

Já eram seis da tarde quando Rose saiu finalmente para o terraço e começou a pôr a mesa. Tivera de ir num pulinho ao supermercado da cidade buscar «o necessário» para o jantar. Como queria que fosse rápido e fácil, decidira-se por melão com presunto para entrada, depois o bom velho *stroganoff* de vaca, que já ninguém fazia e que era tão simples, servido com *fettucini* amanteigado e uma maravilhosa salada cheia do melhor que as hortas da região podiam dar, envolta, claro está, no seu molho balsâmico caseiro e com um bom queijo parmesão ralado. E depois framboesas e morangos com natas frescas e espessas para os que quisessem, e sorvete de laranja para os que não quisessem, com as bolachas de amêndoa finas que Madison faria.

Não tinha conseguido pedir a opinião de Wally sobre os vinhos, uma vez que ele estava fora «a pescar», portanto, tomou a adega de assalto e ele que se lixasse, levou três garrafas de bom francês com imagens de grandes *châteaux* e o ano impresso. O melhor era beber aquele maldito vinho bom enquanto podia, pensou, mas depois perguntou-se porque teria pensado aquilo. Seria porque pensava que Wally a ia deixar? O que se passava com ele, já agora? Porque estava tão no limite, tão nervoso? E por que razão, oh, mas por que razão o perdera? Porque, de algum modo, ela sabia que era assim.

Mas. Agora. A vida não podia parar. Os jantares não podiam parar. Olhar por almas perdidas como Bea Havnel não podia parar. Criar quatro filhos não podia parar. E talvez acabasse tudo por funcionar.

Olhou para a casa Havnel, na outra margem do lago. A cena de um homicídio. Via a fita amarela da polícia a isolá-la de possíveis observadores, e homens de blusões azul-escuros com as letras da POLÍCIA em grande, ainda dobrados sobre montinhos de vigas enegrecidas e restos queimados. Não era propriamente uma vista ideal para os seus convidados.

Rose virou-se com um suspiro para a sua própria casa. A sua adorada casa do lago, o melhor lugar do mundo: uma casa branca, quadrada e simples, com as janelas de sótão em cima e uma fileira de janelas duplas em baixo; uma chaminé, claro, não era verdade que todas as casas de conto de fadas tinham chaminé? E aquela casa era o seu conto de fadas. Tinha o terraço de laje, com a cerca pintada de branco e as luzinhas pendendo entre os postes, e o molhe de madeira onde balouçava um barquinho amarelo, e o oscilante abrigo para barcos que parecia prestes a ser deitado abaixo e substituído. E, claro, a pequena enseada arenosa que lhes pertencia, com as bétulas prateadas apinhadas nas traseiras, e sempre o lago... às vezes azul como céu, outras, de um silêncio de prata, outras ainda, quando chegavam os ventos e as tempestades, negro e encrespado com cristas brancas, a bater espumoso na margem em súbita ira, deixando atrás de si um rasto de algas esverdeadas que mais tarde eles limpavam.

Quantas vezes mergulhara ela, pensou, daquele molhe? Lembrar-se-ia Wally da primeira vez? Ela de fato de banho branco, que lhe assentava como uma segunda pele, os seios a sobressaírem da parte de cima? Lembrar-se-ia de ter mergulhado depois dela, de lhe fazer deslizar as alças do fato de banho, segurando-a junto ao peito até os seus corações baterem em uníssono?

Rose afastou-se daquelas memórias. Tinha de trabalhar. Sacudiu a toalha de linho e alisou-a sobre a mesa envelhecida de pau-brasil que estava no terraço desde sempre e onde se podiam sentar, e muitas vezes sentavam, vinte pessoas apertadas. E tinha havido muitos «apertos» ao longo dos anos. Nessa noite, contudo, seriam catorze. Não, quinze, com Bea. Quase se esquecera da rapariga. E onde estava ela, a propósito?

Como que em resposta à sua pergunta muda, Bea saiu da cozinha com um pesado castiçal de prata para três velas.

— Olhe — disse Bea, e pousou-o numa das extremidades da mesa. — Limpei-o para si. Estava tão manchado, por causa da humidade do lago, imagino eu.

Rose, que gostava da prata quase negra por lhe conferir um ar mais «informal», obrigou-se a sorrir e disse com entusiasmo:

– Bem, meu amor, mas que querida. Nem acredito... como está bonito.

– Ah, limpei os dois. Vou buscar o outro. – Radiante, Bea desapareceu novamente na cozinha.

Rose pensou que pelo menos ela parecia feliz. Na verdade, era a primeira vez que a via de facto a sorrir, não uma mera elevação dos olhos e a tímida sugestão de uma curva nos lábios. A rapariga sorria. Talvez Harry Jordan tivesse razão, talvez tivesse, afinal de contas, feito bem. Se ao menos Wally concordasse, mas Wally não aparecera desde que Bea chegara. E os convidados eram esperados às sete horas.

As gémeas chegaram com pilhas dos pratos brancos e simples que Rose usava sempre no lago. Rose foi buscar os talheres e pôs Bea a trabalhar, atando facas, garfos e colheres com tiras de rafia verde, que depois colocava em cima dos guardanapos de linho verdes. Frazer e Madison espetavam velas verdes nos castiçais de prata e espalhavam copinhos de vidro verdes para velas. Bea desapareceu no interior de casa durante alguns minutos e depois regressou com um tabuleiro nas mãos.

– Fiz isto para a mesa – disse ela e pousou cuidadosamente o tabuleiro.

Havia oito copinhos rasos verdes, cada um com um pequeno pé de feto colhido no jardim e uma única rosa branca. Eram lindos, pensou Rose, admirada. E perfeitos para a mesa. Ela própria comprara aquelas rosas no mercado, com a intenção de as enfiar rapidamente num vaso que colocaria ao centro. Agora, Madison e Frazer exclamavam, delicias, perante a sua beleza.

– Mas que inteligente da tua parte, Bea, estão adoráveis – elogiavam elas, enquanto Bea colocava um copinho entre cada dois lugares.

Rose disse:

– Obrigada, obrigada a todas, não há dúvida de que vou precisar de vocês mais tarde na cozinha. Agora é altura de mudarmos de roupa.

Lembrou-se dos sacos do Target e perguntou-se se Bea teria alguma coisa para vestir. Ao ver a sua expressão de incerteza, calculou que não tivesse.

Madison, que percebeu, disse muito depressa:

– Não te preocupes, emprestamos-te alguma coisa, não é muito formal, de qualquer modo, são só pessoas daqui, mas os nossos pais gostam de nos ver de vestido de vez em quando. Não sei porquê, mas é assim que são os pais. – Depois, lembrando-se da mãe de Bea, calou-se depressa e disse: – Oh, Bea, desculpa. Anda lá, então, vamos despachar-nos.

Rose olhou uma última vez para a mesa. Duas folhas caíram na toalha branca e ela olhou para a figueira, de sobrolho franzido. Estaria a levantar-se vento? «Por favor, meu Deus, não deixes que venha aí uma tempestade.» Mas o céu estava límpido. A única coisa que tinha a fazer agora era tomar um duche rápido e vestir o vestido azul e branco, comprido e largo, que lhe parecia gaze na pele e escondia, esperava ela com um sorriso pesaroso, um grande leque de pecados.

Diz rastejou pelo ramo e estava de volta ao quarto quando Rose bateu à porta e depois espetou a cabeça pela fresta da porta.

– Duche, Diz Osborne. Um par de calções lavados, um polo, tens uns lavados no roupeiro, e não te esqueças de calçar sapatos.

– Ténis – corrigiu Diz entre dentes, relutante.

– Desde que não seja chinelos – disse Rose; fechou a porta e foi para o seu quarto, despindo já a camisa pela cabeça.

O tempo era fundamental. Ainda tinha de cortar o melão, bem como o *filet mignon* para o *stroganoff*. Ia pedir às raparigas que dispusessem o presunto nas travessas. Ah, e não se podia esquecer das tacinhas de amêndoas para acompanhar as bebidas, nem das salsichas especiais que Madison tinha preparado. Era engraçado como os antiquados pedacinhos de salsicha envoltos em massa folhada eram o elemento mais popular em qualquer festa com bebidas. Os homens adoravam, seriam memórias da infância, imaginava ela.

Ouvia as raparigas a falar com Bea ao fundo do corredor, exclamando que estava linda com qualquer coisa que lhe tinham dado para vestir; ouviu o duche do filho mais velho; meu Deus, se não se despachasse, ficaria sem água quente, era sempre insuficiente ali no lago, com a caldeira pequena.

Cinco minutos mais tarde, estava com o seu vestido azul e branco, sentada ao toucador a escovar o cabelo desgrenhado como o raio e a decidir simplesmente prendê-lo atrás; colocou pó no nariz bronzeado – devia usar

mais protetor – um pouco de brilho para lábios cor-de-rosa – *Dolce & Gabbana's Beauty* e um borrifo de *Neroli Portofino*, de Tom Ford, um pouco exótico para uma mulher pragmática como ela era, mas tinha sido presente de Natal dos filhos.

Oh, meu Deus, lamentou-se no seu íntimo, onde está o Wally... oh, meu Deus, por favor, faz com que apareça... faz com que fique tudo bem...

– Mãe! – Diz espetara a cabeça no corredor e estava a chamá-la aos gritos.
– Não encontro os meus ténis.

– Na mesa da cozinha – respondeu Rose automaticamente; os filhos achavam sempre que ela sabia onde estava tudo e, na maior parte dos casos, sabia mesmo, exceto onde estava o marido.

Mas, passados alguns minutos, novamente na cozinha, não conseguiu encontrar a faca de que precisava para cortar o melão. Era a sua velha e predileta *Wüsthof*; usava-a para quase tudo, desde melão até *filet mignon*.

– Frazer, onde está? – exigiu quando a gêmea apareceu, muito gira com uma saia branca e um *top* de jérsei vermelho que lhe deixava os ombros nus.

– Onde está o quê?

– A minha faca boa, aquela alemã que uso para cortar.

– É para isso que servem as facas. – Frazer deslizou até ao canto onde estava o porta-facas e tirou outra de lá.

– Aqui tens, mãe. Usa esta. Vai dar no mesmo.

A resmungar, Rose começou a cortar a carne e as cebolas enquanto Madison foi preparar a música.

– O Leonard Cohen é de mais? – gritou à mãe.

Rose resmungou.

– Uma coisa alegre, por favor – pediu ela; embora adorasse Leonard Cohen, não era propriamente música ambiente alegre para uma festa.

Frazer pôs Neil Young, que cantava baixinho praticamente sobre as mesmas coisas que Leonard, depois preparou música ambiente para o resto da noite.

Roman desceu. Rose não o tinha visto durante todo o dia. Estivera com os seus livros. Mas Roman sempre tinha sido distante, mesmo em criança; agora continuava no seu mundo, lá em cima no seu quarto sob o beiral. Metade do tempo, Rose nem sequer sabia se ele lá estava. E talvez às vezes não estivesse, talvez se esgueirasse para fazer o que os rapazes da sua idade faziam, farras e olhar para as raparigas. Mas Roman queria ser médico e ia

começar a preparação para medicina dentro de poucas semanas. Rose sabia que também o iria perder; toda a gente dizia que, quando um filho ia para a universidade, era o fim da vida como a conhecíamos. A partir de então, ficava-se sozinho.

– Que belo diabinho – disse ela, mirando-o. – É melhor estares atento às raparigas hoje à noite, convidei duas especialmente para ti, sobrinhas dos Elliot, que cá vieram passar uns dias.

Roman resmungou. Diz entrou e foi pôr-se ao lado dele. Abriu os braços e deu uma voltinha.

– Então? – perguntou, olhando para a mãe.

Rose riu-se; estava mesmo giro com o cabelo cor de areia ainda molhado e penteado rente à cabeça, com as orelhas espetadas. Parecia um extraterrestre de *Dr. Who*.

– Serves – disse-lhe com um piscar de olhos.

E então, de repente, Wally estava ali, a contornar a esquina do terraço empurrando um carrinho de mão cheio de gelo. Acenou-lhes.

– É para o champanhe – gritou. – Vou deixá-lo aqui e depois vou buscar o vinho.

O coração de Rose batia com força... ele voltara... estava ali... ia à festa buscar champanhe... afinal, estava tudo bem. Queria correr para ele, beijá-lo, queria que ele a abraçasse e lhe dissesse que estava tudo bem entre eles, que continuava a amá-la... mas a única coisa que conseguiu dizer foi:

– Já fui buscar vinho. Tem bom aspeto. Pode ser que queiras abri-lo, meu amor, para o deixar respirar... acho eu.

– Acho que tens razão. – Wally veio pôr-se ao lado dela e deu-lhe um beijo no cabelo. – Vou fazer isso, depois tomo um duche rápido e ficamos prontos para a matança.

Sorria quando se virou para ir embora. Foi então que Bea chegou. E o sorriso de Wally ficou congelado.

Ela trazia um vestido de algodão cor-de-rosa de decote redondo e saia curta, que alargava a partir da cintura, onde usava um cinto fininho dourado. Tinha o cabelo loiro preso dos lados com ganchos largos dourados, o que lhe acentuava a curva das maçãs do rosto. Usava rímel e um brilho para lábios pálido, brincos pequenos de ouro em forma de folha e sandálias rasas com tiras douradas.

– Bem – comentou Rose, erguendo os olhos da sua tarefa de cortar para o

marido e o filho mais velho. – Devo dizer que vale a pena quando te arranjas. Estás linda, Bea.

Bea baixou a cabeça, mas espreitou para Roman.

– Graças às gémeas – respondeu ela. – Foram elas que me arranjam. Eu não saberia tê-lo feito sozinha.

– E porque não? – questionou bruscamente Wally. – Que idade tens? Vinte e um, ouvi dizer. As gémeas só têm dezasseis.

Fez-se um súbito silêncio constrangedor. Rose desviou-se, horrorizada, da tábua de cortar alimentos.

– Creio que a Bea queria dizer que não trazia roupa consigo, perdeu tudo no incêndio, as raparigas tiveram de lhe emprestar roupa. – Mediadora como sempre, sorriu para o marido. – Mas claro que ainda não conhecestes a Bea. Bem, Bea, este é o Wally, o meu marido.

Bea tinha a cabeça baixa.

– Eu sei quem é – disse ela em voz baixa. – É muito famoso.

– *Hum*. – A resposta de Wally foi esquivada.

Não deu as boas-vindas à rapariga a sua casa. Limitou-se a virar-se para Rose e a dizer-lhe que fosse pôr o champanhe no gelo. Ignorando Bea, Roman seguiu-o.

– Já me apetecia um copo – disse Rose, enquanto verificava os ingredientes para o *stroganoff*: o *fillet* de vaca já estava cortado em tiras, a cebola tinha sido picada, os cogumelos, laminados.

Se salteasse agora a cebola, dentro de apenas dez minutos o prato estaria pronto. Para isso bastava dourar rapidamente as tirinhas de carne em manteiga, depois acrescentar os cogumelos e a cebola, mexer tudo com um pouco de caldo de carne até ferver, juntar natas e mexer novamente. *Et voilà*. Servido com *fettucini* amanteigado, também diretamente da panela, seria divino, e ela sabia-o.

– Posso ajudá-la a fazer isso.

Bea estava ao seu lado. Tirou a espátula das mãos de Rose. – Só tenho de mexer a cebola, não é, para não secar.

Rose observou-a com ar aprovador durante uns segundos e disse que ela já devia ter cozinhado antes.

– Não muito – referiu Bea. – Eu gostava de cozinhar, mas a minha mãe... bem, ela não gostava de boa comida. Vivíamos praticamente de carnes frias e sopa enlatada.

Não era de espantar que a rapariga fosse tão magra. Rose viu Wally, de volta ao terraço, já a abrir o vinho. Foi ter com ele e disse:

– Hoje senti a tua falta.

Ele ergueu a cabeça do carrinho de mão cheio de gelo, que agora estava apinhado de garrafas geladas.

– Fui buscar umas pequenas, pu-las aqui dentro – retorquiu ele, sem responder diretamente à pergunta muda dela: onde estivera o dia todo?

Abriu uma garrafa de champanhe com precisão, como sucedia com tudo que Wally fazia, rodando a garrafa de maneira que a rolha deslizou para fora com um mero fio de fumo. Serviu um copo a Rose, que agradeceu com um aceno de cabeça e se foi embora. As coisas entre eles estavam tão más que ela não sabia o que dizer, nem o que fazer.

Agora tinha de pensar em Bea. Mais cedo, nessa tarde, telefonara a cada um dos convidados para os informar que tinham acolhido a filha da mulher que morrera no fogo na outra margem do lago. «Damos-lhe um teto», dissera ela, «só até as coisas se resolverem.» Quando pousou o telefone, perguntou-se o que teria querido dizer com aquilo. Como podiam as coisas ser «resolvidas» no caso de Bea? Agora estava a falar-se de homicídio.

– Mãe? – Diz estava ao seu lado e ela dirigiu-lhe um sorriso e pôs-lhe um braço sobre os ombros. – Mãe, se eu soubesse alguma coisa... um segredo, digamos... mas achasse que não devia contar porque podia incomodar as pessoas, o que achas que devia fazer?

– Fazer? – perguntou Rose. – Ora, Diz, meu filho, acho que o melhor é guardares para ti os teus segredos. Não queremos andar por aí a incomodar os nossos amigos, pois não?

Diz, que continuava sem certezas, ficou calado. Depois disse, com reserva:

– Talvez.

Rose foi cumprimentar os vizinhos, que chegaram todos ao mesmo tempo, juntamente com as raparigas com quem ela esperava que Roman se desse, mas elas deixaram-se ficar timidamente para trás até as gémeas as irem puxar para o terraço com copos altos de uma coisa a que chamavam margaritas virgens. Depois, Bea veio da cozinha, a oferecer delicadamente a taça de amêndoas e as salsichas embrulhadas que salvara do forno porque Rose se esquecera delas completamente.

Rose viu Roman ir rapidamente ajudar Bea. Ela recuou, contemplando a sua «festa», a mesma, com as mesmas pessoas, que dava todos os anos, só

que desta vez era diferente. O ambiente estava diferente. Evening Lake mudara. Como sempre, pensou Rose, as mulheres juntaram-se num grupo pequeno numa das pontas do terraço, a bebericar champanhe servido por Wally, que estava muito atarefado a encher copos e a fazer conversa de circunstância, enquanto os homens se reuniam na outra ponta.

Rose perguntava-se porque seria que, até ela os sentar à mesa, os seus convidados gravitavam inevitavelmente para os do seu sexo. Avançou para se juntar às mulheres.

Claro que estavam a falar do fogo.

– Parece uma coisa tirada dos livros do Wally – comentou alguém. – E aquela pobre miúda, que perdeu a mãe, a casa inteira foi-se... nunca vi nada como aquele clarão... a explosão... achei que íamos todos ser atirados para o céu.

A boa Rose, diziam todas com admiração, mesmo que em privado duvidassem um pouco de que ela tivesse feito bem ao aceitar aquele fardo que vinha com a rapariga. Que tragédia.

Olhavam pelo canto do olho para Bea enquanto bebericavam o champanhe e perguntavam-se o que seria feito «daquela rapariga» quando se fosse embora de casa de Rose.

Rose pediu licença e foi colocar-se junto da sebe com as suas luzes festivas, a fitar, na outra margem do lago escuro, com as suas ondinhas, aquilo que dantes fora uma casa. Um lar. Só ela sabia que tinha havido um homicídio. Alguém ali, em Evening Lake, matara aquela mulher. Talvez até alguém que ela conhecesse.

Divon Formentor estava preso e Jemima Forester sentia-se uma traidora. Tomada pela culpa, andava de um lado para o outro no apartamento, na medida em que conseguia «andar de um lado para o outro» nuns meros vinte metros quadrados, enquanto tinha de se desviar do sofá azul e da mesinha branca de canto da IKEA, enquanto tropeçava no tapete felpudo que tinha sido a última moda para jovens no ano anterior e que ela imaginava que já devia estar desatualizado. Deu um malicioso pontapé ao tapete, tropeçando novamente ao fazê-lo.

Afundada no tapete, olhou inexpressivamente a sua pequena casa. As paredes eram de um vermelho lacado. Ela própria as pintara ao longo de vários fins de semana e várias camadas. Mas, agora, questionava-se em relação a elas; uma cabeça ruiva podia perder-se entre todo aquele vermelho. E o tapete felpudo cor de rato também não estava bem; esperara que de algum modo ele diluísse toda aquela cor, o sofá azul-índigo, as paredes vermelhas, mas o único efeito era parecer deslocado. Além disso, os seus saltos altos ficavam sempre presos nele. Se se pudesse ter visto livre dele tê-lo-ia feito, mas não se podia dar ao luxo de comprar outro agora.

Os pais tinham doado o televisor de quarenta e seis polegadas que estava na parede em frente do sofá, e que ela tinha sempre ligado porque lhe dava a ilusão de ter companhia. «Outras vozes, outros espaços» – não tinha alguém dito isto? Capote, achava ela. Fosse como fosse, o som de vozes era uma companhia quando estava acordada às duas da manhã a ver filmes antigos, ou

a «trabalhar».

A trabalhar em quê?, perguntou-se, ainda esparramada no tapete, a olhar o vazio. Era uma atriz de vinte e oito anos. Pelo menos, dissera a si mesma durante vinte anos que era uma atriz, tendo começado em criança a fazer anúncios de sumos, graduando-se depois em aparições em programas de televisão infantis, depois programas para adolescentes, mais tarde num vídeo conhecido de exercícios e *fitness* que lhe granjeara uma espécie de reconhecimento temporário e uma boa maquia de dinheiro, pelo menos o bastante para comprar o seu pequeno apartamento, arranjá-lo e começar a pensar noutra vida, porque não lhe apareciam trabalhos de representação. Era demasiado «invulgar», diziam os diretores de *casting*, demasiado distinta com aquele cabelo vermelho, a pele de alabastro, os olhos pálidos. «Pensamos em si quando tivermos alguma coisa mais “gótica”», foi o que fez soar a sentença de morte às ambições de atriz de Jemima. Ainda considerara tornar-se loira, mas percebeu que não iria funcionar, agradeceu, mas não, e desistiu logo.

Tinha sido um ano antes. Como via muita televisão, disse a si mesma que ia ser fácil, seria detetive privada. Começaria por baixo, com maridos enganadores e esposas ansiosas, para fazer algum dinheiro rapidamente, depois passaria às «coisas boas». Dinheiro a sério. Disse a si mesma que agora era uma mulher adulta e fez imediatamente um curso de informática avançada, onde aprendeu uns quantos truques «especiais» com outros alunos seus colegas, por exemplo, como ser *hacker*, que ela achava que devia ser ilegal, mas, se tinha de o fazer para apanhar criminosos, na sua nova profissão de detetive privada, provavelmente não contava. Pusera um anúncio na Craigslist e nos jornais regionais a comunicar os seus serviços, até agora sem resultados. Era, com efeito, uma detetive privada desempregada, sem sequer uma mulher a querer ficar de olho no marido enganador. Agora, estava sentada à frente do seu *MacBook Air* de dezasseis polegadas a tentar decidir o que fazer da sua vida, enquanto verificava a das outras pessoas. E era essa a razão verdadeira do seu envolvimento com Divon.

Devido à sua amizade com ele, andara a investigar um pouco a origem das drogas – não ao nível de Divon, mas para além disso – e fizera umas descobertas interessantes, embora assustadoras. Divon admitira que se envolvera com Lacey Havnel, a mulher da casa do lago, e confidenciou que sabia com quem ela estava envolvida, «mais acima». Divon não lhe contara

de facto esta última parte, mas Jemima sabia que ele sabia. E, se se perguntasse a razão por que ele não lhe contava, também sabia a resposta a isso. Porque estava borrado de medo.

Desembarçou-se do tapete, deu-lhe um pontapé para que ficasse novamente debaixo da mesinha de canto e recomeçou a andar de um lado para o outro. Mas aquilo de que ela precisava realmente para andar de um lado para o outro a sério era um cão que ela podia levar a dar um passeio a passo rápido, com o cão a puxar a trela e ela a firmar-se, andando depressa atrás dele. Um cão como *Squeeze*, pensou. O que lhe trouxe de novo à mente Harry Jordan.

Voltou ao seu *MacBook* e procurou Jordan com o Google. Ali estava ele, uma mera linha de informação, se quisesse mais que fosse ao seu Facebook. Ela não podia fazer isso, não podia simplesmente aceder ao Facebook dele, porque então ele saberia que ela andava atrás dele. Suspirou e escreveu «Havnel». Havia muitos Havnel na lista e ela escreveu «Lacey». Para sua surpresa, ali estava ela. Ou melhor, um obituário. Sem fotografia, apenas uma pequena biografia... uma vida aparentemente imaculada, à parte, claro está, três maridos mortos e nenhum filho. E que tinha morrido vários anos antes.

Como!

Jemima procurou rapidamente para outro motor de busca e apareceu-lhe o mesmo resultado. Oh, meu Deus. Se Lacey Havnel estava morta e não tinha filhos, então quem era Bea Havnel que se dizia sua filha? Com efeito, quem era a morta, queimada no fogo, que dizia ser Lacey Havnel?

Tinha o telemóvel em cima da mesinha de canto. O detetive Jordan gravara-lhe lá o seu número na outra noite. «Só para o caso de ter de telefonar por causa do Divon», dissera. Tinham-se entreolhado durante uns segundos. Jemima sentira-se constrangida, porque tivera a vaga esperança de que ele lhe pedisse para a voltar a ver, nem que fosse só para jantar no Ruby's, mas não o fizera, de modo que ela lhe dera rapidamente as boas-noites e se virara para se ir embora à pressa.

– Espere – chamara-a ele.

Ela virara-se nos seus saltos, com um sorriso esperançoso. Mas a única coisa que ele disse foi:

– Vou chamar um carro da esquadra para a levar a casa.

Tinha-se esquecido de que fora assim que chegara, no banco traseiro de um carro da polícia.

– A minha mãe tinha um chilique se me visse chegar num carro da polícia – dissera-lhe ela. – Eu apanho um táxi.

E ficara por aí. Mas agora... procurou o número de Harry. «Jordan».

Ele atendeu ao primeiro toque, o que tomou Jemima de surpresa; na sua fanfarronice de fazer a chamada, mal se dera tempo para pensar no que ia dizer e agora tropeçava nas palavras.

– Hã.....hã, é uma coisa importante.

– Só que não se consegue lembrar o quê. É isso? A verdade, Jemima Puddleduck, é que eu ia mesmo telefonar-lhe. – Harry queria fazer-lhe umas perguntas.

Ela afundou-se no odiado tapete cor de rato.

– Foi... quer dizer, imagino que seja uma coisa importante sobre a Havnel e a filha.

– Na verdade – disse Harry –, ia perguntar-lhe se lhe apetece encontrar-se comigo para tomarmos uma bebida. Achei que, se pelo menos a convidasse para sair, não ia pensar que estava prestes a prendê-la como cúmplice de um homicídio – acrescentou.

Mas Jemima não se riu.

– A Lacey Havnel pode não ser quem pensa que ela é – referiu ela muito depressa, sem parar para pensar.

Pairou entre eles um silêncio de alguns segundos. E depois Harry disse:

– Apanho-a às dez. Pode ser?

Jemima passou a mão pela velha camisola de caxemira que trazia vestida, a que tinha desde os dezassete anos e que nunca, mas nunca, haveria de deitar fora, e pelas calças pretas largueironas que usava quando estava sozinha por serem confortáveis.

– Pode ser? – voltou Harry a perguntar.

– Vou estar lá em baixo à espera – prometeu ela, já a pegar nas novas calças de ganga *skinny* que estavam no chão, onde as deixara cair antes, uma *T-shirt* branca lavada, o blusão de cabedal preto: era o que usava sempre... ele já a vira assim, da única outra vez que a vira, lembrou-se ela.

Dois minutos mais tarde estava enfiada nas calças de ganga, embora não conseguisse imaginar como metera as pernas nelas, tão estreitas eram; a *T-shirt* branca; o blusão atirado informalmente por cima dos ombros, botas altas de camurça castanha, um borrifo rápido de *Gaultier Femme*; o batom rubi da *Dior* que, de algum modo, se tornara a sua imagem de marca. Recuou um

passo do espelho, mirando-se com olhar crítico, enquanto penteava com os dedos a franja vermelha e comprida, que lhe caía nos olhos azuis pálidos enevoando-lhe a visão, mas ficava-lhe bem. Acessórios? «Que sejam simples», disse a si mesma, enquanto punha uma pérola em cada orelha. Um colar de pérolas, de um fio só, tamanho médio... mas onde raio os fora buscar? Eram a nota certa entre a hedonista de blusão de cabedal preto e lábios rubi e uma senhora. Respirar fundo. Oh, meu Deus, tinha um encontro com Harry Jordan. Bem... quase um encontro.

Estava à espera lá em baixo quando ele apareceu com o seu *Jaguar* clássico verde-escuro com o maldito cão de cabeça espetada fora da janela. Esperou que Harry saísse. Ele foi abrir a porta ao cão e depois mandou-o sentar-se no banco de trás. Virou-se para sorrir a Jemima.

– Vai ter de esperar que o *Squeeze* a perdoe por isto – comentou ele. – O lugar da frente é dele.

– Cão velho, truques novos – disse ela e entrou no carro baixo.

Harry fechou a porta, contornou o carro e sentou-se atrás do volante.

– Alguma objeção ao Blake's? – perguntou.

– Pode levar-me onde quiser – respondeu Jemima. E falava a sério.

Só soube mais tarde do intrigante encontro do detetive Jordan no Blake's com a Jemima a que ele chama Puddleduck e pensei então que podia – mas só que podia –, como se costuma dizer, «pôr uma pedra na engrenagem». Não preciso que esta mulher ande a bisbilhotar – a fazer os seus «relatórios de investigação» amadores. O meu palco está a ficar um bocado apinhado. Não preciso de ninguém. Claro que podia sacudir esta rapariga daqui para fora. (Chamo raparigas a todas as mulheres com menos de trinta anos e sei que ela tem vinte e oito – na verdade, sei tudo sobre ela, fiz disso tarefa minha por conhecer o Harry Jordan.)

Seja como for, o detetive bem pode esquecer o sex-appeal dela, afinal já tem uns interesses femininos, já para não falar na noiva, a famosa Mal Malone, encarnação da estrela televisiva, que se evadiu para Paris e nunca mais foi vista. Ou tornará a ser?

Ainda assim, vou tratar da Menina Abelhuda, a minha potencial «pedra na engrenagem». A curiosidade pode conduzir a um confronto e à minha exposição. Não se pode permitir uma coisa dessas. É chegada a hora de me aproximar do meu objetivo, a doce e simpática Rose e a sua família, que eu odiaria de todo o coração se tivesse um. Sim, eu sei, já antes confessei ter um coração a sério, mas bem veem que não é como o vosso.

O meu coração é um coração de assassina, guia-me de maneira diferente, manda-me por caminhos desviantes. Se me conhecessem nunca haveriam de o perceber, mas todo o meu ser se concentra na matança. No caso dos

Osborne, é uma espécie de vingança. Quero que a família inteira sofra como me fazem sofrer, indiretamente é certo, mas sofrer é sofrer. Se outros tiverem de tombar como consequência do meu objetivo de destruir os Osborne, que assim seja. O que fizeram eles para que eu me sentisse assim tão vingativa? Podem vocês perguntar.

Sabem, eu nunca tive uma «família». Estive sempre à margem. Nunca contei, a minha vida inteira. Aquilo que transforma uma criança em bully foi o que fez de mim assassina, aquele instinto de atingir um ponto fraco, a fissura na armadura. A princípio, a pessoa faz isso para se salvar dos bullies, desses aspirantes a assassinos, depois torna-se um deles. É assim tão simples.

E começa-se a gostar. Aprecia-se. É o derradeiro poder.

Mas primeiro a pessoa tem de se colocar na posição de poder. Nunca tive problemas com isso, o que naturalmente me facilitou a vida e sempre consegui o que quis. E que era o quê? Tanto quanto o poder, pode-se juntar o dinheiro à lista. Com poder e dinheiro pode-se ter tudo aquilo que se quer, as pessoas correm para fazerem o que mandamos. Mesmo sem muito dinheiro consegui encantar, persuadir, assustar se quiserem, as pessoas a fazerem o que eu quero. Parece uma coisa antiquada, neste mundo eletrónico e rápido em que vivemos, mas deixem-me que vos diga que no fundo o básico é sempre básico. O mesmo que sempre foi. Medo. Poder. Dinheiro. Sexo. Vida. Morte.

Ser atraente e saber usar o sexo faz parte do negócio, faz parte da aprendizagem do ofício de um assassino novato. Tem de se querer mais o prazer de matar do que o prazer do sexo, se não não funciona. A pessoa deixa-se envolver e depois onde vai parar? Fica nas lonas e só, aposto eu.

Jemima e Harry sentaram-se, lado a lado, numa banquetta de plástico num bar e *grill* local pouco iluminado, onde ele era obviamente conhecido, uma vez que o cumprimentaram chamando-o pelo nome. Harry tinha uma garrafa de *Perrier* à sua frente, Jemima, um martini com vodca. Agora sentia-se mal por ter pedido uma bebida alcoólica sem que ele também bebesse uma, mas achou que pareceria tonta se mudasse o pedido à última hora. Fiel ao seu nome, o cão espremeu-se para se pôr debaixo da mesa pequena, deixando a ponta da cauda espetada sob os pés de Jemima. Ela decidiu que era melhor não se mexer, se não ele viria morder-lhe o tornozelo.

– Ele não morde – informou Harry.

Ela virou-se para o olhar.

– Como sabia o que eu estava a pensar?

– É o que toda a gente pensa quando conhece o *Squeeze*. A verdade é que ele é meigo. A não ser que seja provocado, claro.

Jemima esperava certamente não o provocar.

– Bem – disse ela, subitamente insegura se teria percebido bem os factos sobre as Havnel. Nem sempre se podia confiar nas informações da internet. – Como sabe que a mulher queimada era a Lacey Havnel? – perguntou.

– Não sabemos, não temos a certeza até nos chegarem os relatórios dentários.

– Então e a filha?

Harry ergueu as sobrancelhas.

– Não sei se devo discutir isto consigo.

– E se eu lhe dissesse que a Lacey Havel morreu há dez anos e que não tinha filhos. Que não havia filha nenhuma.

Houve uma breve pausa antes de Harry dizer:

– E como saberia exatamente uma coisa dessas?

– Ou seja, se a polícia não sabe, como sei eu? – Jemima encolheu os ombros. – Não sei, não tenho a certeza, mas foi o que encontrei na internet. É bastante simples, sabe, pode aceder-se a quase toda a gente que se conhece, obter a sua informação pessoal, saber coisas da sua vida privada, tanto passadas como presentes.

Harry fitou-a intensamente.

– E porque haveria de querer saber isso?

Jemima mexeu-se pouco à vontade sob o olhar dele.

– Está bem, a verdade é que eu estava a pensar em si, o que me levou a pensar no incêndio do lago e na mulher queimada e na pobre filha... Estava só a pensar. – Deixou que as palavras ficassem a pairar no ar. – Quer dizer, achei que ia ajudar.

– Jemima – começou Harry, com um suspiro –, você provoca-me, sabe? E eu pergunto-me por que porra... desculpe... porque não pensei nisso antes. Ou porque não pensou o Rossetti. Ou outra pessoa qualquer, já agora.

– E porque haveria de pensar? – questionou Jemima num tom prático. – Quer dizer, eu sou uma cruma informática e tenho um caso de curiosidade em último grau.

– Coscuvilhice.

– É isso.

Harry bebeu um grande trago da *Perrier*. Ela bebericou o martini. Debaixo da mesa, o cão tinha a grande cabeça pousada no pé dela. Justin Timberlake cantava alguma coisa em fundo. Ela olhou novamente de relance para Harry. Ele olhava fixamente para a frente, para nada ou, pelo menos, para os seus pensamentos. Certamente nada que tivesse a ver com ela. Ouviu o telefone dele vibrar. Ele tirou-o do bolso do casaco.

– Rossetti – respondeu.

Jemima esforçou-se muito por parecer não estar à escuta. Olhou para o cão, e não para Harry. *Squeeze* retribuiu-lhe o olhar. Era capaz de jurar que o maldito cão sabia o que ela estava a pensar. Era enervante. Bem, mas o que estava ela a pensar? Apenas que ela – Jemima Puddleduck – contara uma

coisa ao grande detetive que ele não sabia, alguma coisa que ele não «detetara».

– Vou ter contigo à casa do lago – estava Harry a dizer, já de pé. Num instante, o cão estava em pé, ao lado dele. – Desculpe, tenho de me ir embora, surgiu uma coisa – disse ele a Jemima. Acenou ao sujeito atrás do bar e, com a mão nas costas de Jemima, fê-la sair depressa para a rua, onde se virou para a olhar.

Jemima esperava que a luz forte do letreiro luminoso do bar, que piscava, não lhe tivesse tornado a pele verde e o cabelo laranja.

– Vamos – disse Harry bruscamente, com a cabeça claramente noutro sítio. – Eu levo-a a casa.

Jemima decidiu com um humor sombrio que aquilo era um final falhado para um encontro falhado. Embora, claro está, não tivesse sido um encontro, em qualquer dos casos.

Passados uns minutos estavam à porta de casa dela. Harry saiu apressadamente do carro para lhe abrir a porta, mas ela adiantou-se.

– Obrigada – agradeceu num tom gelado. – Espero ter sido útil.

Harry agora olhava realmente para ela.

– Os seus olhos são da mesma cor dos do *Squeeze* – constatou ele.

Jemima revirou os olhos azul pálidos para ele.

– Obrigada.

– Não, obrigado eu. Deu-me uma informação valiosa. Fico-lhe grato.

– E nem sequer foi preciso prender-me – ironizou ela.

– Há sempre uma próxima vez. Vou ter as algemas prontas.

Subitamente tomada pela culpa, Jemima lembrou-se de Divon.

– Não foi ele, sabe – comentou ela. – Vou jurar isto.

– Eu sei. No tribunal.

– E não acredito que aquela mulher seja a verdadeira Lacey Havnel de Miami, que de qualquer maneira já estava morta.

Harry olhou-a demorada e intensamente.

– Sabe uma coisa, Jemima. Eu também não.

Depois fez um aceno de despedida, voltou a entrar no carro e desapareceu. *Squeeze* pendurou a cabeça fora da janela e ficou a olhá-la até o carro desaparecer numa curva.

Aquele cão devia estar apaixonado por ela, decidiu Jemima. Citando mal a canção dos Meatloaf, pensou ela, ah, bom, um em dois já não é mau.

Perguntou-se porque iria Harry à casa do lago. A curiosidade sempre fora a sua ruína e no seu novo papel de investigadora achou que devia descobrir. Pensou na história que havia de pôr no Facebook. A decisão levou apenas segundos a ser tomada, foi buscar o carro e dirigiu-se ao lago.

*H*avia uma maneira imediata de esfaquear Rose Osborne no coração, mas para prolongar a tortura eu tinha escolhido um caminho tortuoso. Claro que Diz era a solução óbvia. O último a nascer, o «bebé da família», a criança que fazia com que Rose ainda se sentisse jovem, que a fazia rir nos momentos difíceis. Rose é do tipo que tem fé, o género de mulher que nem sequer olha para outro homem. Pelo menos não a perguntar-se como será ele nu. Não acredito que seja uma puritana, são simplesmente anos e anos de doutrinação masculina.

Portanto. Como ver-me livre de Rose através do Diz. Tem de se fazer um plano. Deveria ele ser morto? O corpo encontrado no sopé de um penhasco? Atirado de uma ravina? A flutuar, verde e inchado, no lago? Talvez devesse, pura e simplesmente, desaparecer. Um predador. Um pedófilo. Um tarado. As crianças estão sempre a desaparecer dos seus quartos, por janelas abertas, sem deixar rasto. Na sua maior parte, nunca mais são vistas. Mas eu preciso que o Diz seja visto. Morto ou vivo? «Eis a questão», como foi para Hamlet, príncipe da Dinamarca. Devo decidir mais tarde qual é a resposta.

Rose achava que o jantar estava a correr tão bem como seria de esperar, tendo em conta a tensão entre ela e Wally. Não acreditava em lugares marcados e preferia deixar os convidados escolherem onde se queriam sentar. Não deixou, porém, de notar que Wally se foi sentar na outra ponta da mesa, mais ou menos o mais longe possível dela. E, ao lado dele, surpreendentemente, estava Bea, com ar de anjo triste, com o cabelo loiro comprido a cair-lhe sobre os olhos quando pegou delicadamente no prato de presunto e melão, disposto habilmente por Madison. Roman estava do outro lado dela. Rose pensou, com admiração, que pareciam um modelo do jovem casal.

Era uma noite perfeita, o lago negro não era agitado por uma única onda, as luzinhas brancas do terraço conferiam aquele suave brilho natalício que Rose adorava durante todo o ano. Havia pão fresco em cestinhos com panos brancos de linho, pequenos retângulos de manteiga francesa dourada, cada um deles com a impressão de uma vaca e uma folhinha minúscula de salsa, um pequeno toque, mas que era típico da atenção de Rose aos pormenores. Tinham passado do champanhe para um rosé de Provença, colocando as garrafas ao longo da mesa para que todos se pudessem servir. A única coisa que manchava a perfeição daquela noite, daquela cena que Rose montara com tanta arte que parecia isenta de esforço, era o cheiro acre da casa queimada e as luzes na outra margem do lago, onde a polícia forense continuava a peneirar os destroços. Ninguém olhava para lá, ninguém se lhe referia, toda a

gente continuava a falar como se aquilo nunca tivesse acontecido e como se a jovem sentada à mesa não tivesse acabado de perder a mãe num incêndio horrendo.

O que não era normal, decidiu subitamente Rose ao olhar para Bea. As conversas e as gargalhadas fluíam em redor das raparigas, mas ela nada dizia. Parecia sentir os olhos de Rose postos nela, ergueu rapidamente os seus e sorriu-lhe. Caloroso, pensou Rose. Olhou para Wally, recostado na cadeira, fitando a atividade que decorria na outra margem, sem contribuir para a conversa acerca de uma proposta de renovação local na qual normalmente estaria imensamente envolvido. Agora estava simplesmente ali sentado a beber – vodca, e não vinho, reparou Rose – sem dizer absolutamente nada.

Rose pediu licença e foi à cozinha.

– Preparem-se para um mimo – avisou os convidados. – O meu *stroganoff* de vaca. Só demora uns minutos. Wally – chamou. Ele ergueu a cabeça e olhou-a. – Dava-me jeito a tua ajuda – pediu ela.

Tinha de lhe perguntar o que se estava a passar. Tinha de saber.

Mas foi Diz quem a seguiu até à cozinha, não o marido.

– Eu ajudo-te, mãe – ofereceu-se, o que fez o coração dela bater de amor por ele.

Como teriam ela e Wally, perguntou-se ao olhar para ele, gerado uma criança com aquele aspeto?

– É uma bela festa, mãe.

Diz foi colocar-se ao lado de Rose junto ao fogão, onde ela começou a dourar as tiras de carne, aquecendo a cebola e os cogumelos. A água para o *fettucini* fervia e ela pôs a massa lá dentro, olhando para o relógio na parede para contar o tempo.

– Vai buscar-me a manteiga, querido – disse a Diz, que fez o que ela lhe pediu e depois se colocou novamente ao pé dela, ansioso.

– Mãe, tenho de te contar uma coisa – começou ele. – Não te quero contar, mas tenho de o fazer, porque, bem, porque... ouvi-te ao telefone, disseste que era homicídio. E agora estou com medo.

Rose virou-se para o olhar. O filho tinha o rosto contraído com a gravidade do que precisava dizer-lhe. Ela desligou o lume sob a carne e envolveu-o nos seus braços.

– O que pode ser tão mau que não me possas contar?

– Eu vi o pai naquela noite, no seu barco, a remar vindo da casa daquela

mulher. Da casa da mãe da Bea. – Olhou para ela. – O pai esteve lá mesmo antes de explodir. Eu vi-o. E vi a Bea, a correr para o lago... e o Roman também estava no bosque... o pai estava lá, mãe, quando aquilo aconteceu... e o Roman... e agora a mulher está morta... e não sei que mais dizer.

Rose olhou em volta, na cozinha, para o *fettucini* que fervia lentamente, para as travessas aquecidas e prontas a servir. A sua vida acabava de se desmoronar, mas ela manteve a compostura e fez o que tinha a fazer, pelo filho que a olhava com ansiedade e pela sua família, e por Wally, porque ela nunca, mas nunca acreditaria que ele tivesse feito algo de mal.

– Bem – disse ela, sorrindo para Diz. – Vamos fazer assim, eu mais tarde vou perguntar ao pai. Ele vai explicar tudo. E tenho a certeza de que o Roman estava só a dar um passeio. Agora, lembra-te, temos aqui uma festa. Podes ajudar as raparigas a levar as travessas. E não te preocupes, vai ficar tudo bem.

Enquanto via o rapaz sair devagar da cozinha, esperava estar certa.

Harry estacionou junto da esquadra e viu Rossetti sentado no seu *BMW*, à espera dele. Rossetti abriu a porta para o cão, que saltou para o banco de trás e lhe deu uma lambidela afetuosa no pescoço antes de se sentar, satisfeito.

– Então, o que se passa?

Harry entrou, mal conseguindo fechar a porta antes de Rossetti arrancar.

– Estás sentado em cima das provas – disse Rossetti. – Estão no ficheiro por baixo do teu traseiro.

Harry puxou a pasta de plástico. Continha algumas fotografias.

Rossetti disse:

– Estávamos a verificar a conta bancária da Havnel, que, a propósito, é bastante substancial, são quase novecentos mil, numa conta à ordem, por amor de Deus, já para não falar no que ela pode ter em cofres, que ainda não conseguimos ver. Seja como for, quase que nem é essa a questão. Arranjámos os vídeos de segurança do banco, só para vermos... e lá está ela, a nossa Lacey Havnel assassinada na fila, à espera da vez... e quem achas que está mesmo atrás dela? Talvez até com ela?

Harry olhou demoradamente para as imagens impressas do vídeo.

– Meu Deus! O Wally Osborne!

– O famoso marido da encantadora Rose.

Harry analisou as fotografias. Havia alguma coisa na linguagem corporal de Wally que lhe mostrava que ali estava um homem a tentar fingir que não

estava com a mulher com quem estava.

– Achas que andava a enganar a Rose com ela? – perguntou, olhando para Rossetti.

– É isso que vamos descobrir.

Harry folheou novamente as imagens. Lacey Havnel usava uns calções brancos curtíssimos e um *top* perigosamente decotado.

– Uma roupa pouco adequada para uma ida ao banco – comentou. – De facto, eu diria que era mais apropriada para um encontro com um homem em quem ela andasse de olho, como o famoso escritor, seu vizinho.

– Calculo que não fosse o tipo de mulher que respeita o casamento. Ou o marido de outra mulher. – Rossetti encolheu os ombros. – Vale tudo na guerra e no amor, provavelmente o lema de Mistress Havnel. – Entregou a Harry mais uma fotografia. – Há mais. Esta foi tirada fora do banco, pelo vídeo de segurança.

Havia três imagens. Na primeira, Wally e Lacey estavam à entrada do banco. Na segunda, Wally entregava-lhe um envelope. Na terceira, ela beijava Wally em cheio na boca.

– Rossetti – disse Harry –, estaremos a falar de chantagem?

– É o que parece, amigo.

– Então em que achamos que o Wally Osborne se meteu para que esta mulher tivesse poder para o chantagear?

Rossetti voltou a encolher os ombros, indeciso.

– Esse tipo tem tudo: sucesso, fama, dinheiro, uma boa mulher...

Harry pensava nessa boa mulher, pensava que Rose Osborne não fazia ideia do que estava prestes a atingi-la.

– Estás a pensar o mesmo que eu? – perguntou a Rossetti, que o olhou pelo canto do olho.

– Acho que temos um motivo – afirmou Rossetti.

– O que não quer dizer necessariamente que o Wally a tenha matado. O homem é inteligente, esperto, podia ter ido ter com a polícia, ter-nos falado da chantagem.

– Mas não o fez – retorquiu Rossetti. – Há outra razão, Harry, e eu aposto que envolve a família dele. Com um tipo desses, envolve sempre. Pode estar a proteger alguém. Ai, que merda, pá, não gosto nada de falar assim. É uma família simpática, não merecem o que lhes vai acontecer....

Harry ergueu a mão para o calar.

– A única coisa que vai acontecer neste momento é umas perguntas – replicou ele. – E quem estaria ele a proteger, já agora? Espera aí, não estás a falar do filho, estás? O Roman?

Rossetti encolheu os ombros.

– Porque não?

– Porque é um miúdo simples e sossegado e ela é uma «mulher do mundo» e estou a falar de um mundo de que ele nada sabe.

– A mim parece-me tentação – respondeu Rossetti.

E Harry teve de concordar que talvez parecesse.

– Pois. Bem. O Roman. É uma espécie de miúdo fantasma por estas bandas, não achas? Tipo, está aqui mas ao mesmo tempo não está, se é que me percebes.

Harry percebia.

– É um adolescente – disse ele, tentando arranjar uma explicação mas encontrando aquele velho lugar-comum já gasto.

Rossetti fitou-o demoradamente com ar incrédulo.

– Eras assim em adolescente?

Harry pensou um pouco.

– Acho que gostava de vinho, mulheres e canções, como diz o ditado.

Rossetti riu-se.

– Como diz o ditado, assim dizes tu. Eu era todo virado para passar o tempo com gajos, a olhar para as miúdas e com esperança de...

– A esperança é a última a morrer – acrescentou Harry, mais um lugar-comum, e ambos sorriram. – Mas eu sei o que queres dizer. O que achas que se passa com este miúdo? Tem o mundo numa bandeja, uma mãe que o adora, uma família excelente, um bom futuro.

– Tem de ser uma mulher – disse Rossetti.

Harry lançou-lhe outro daqueles olhares inquiridores.

– É por isso que eu trabalho contigo, Rossetti. Tens sempre a resposta.

– Queres apostar que é a certa?

– O que tens em mente?

– Só há uma mulher no lago que encaixa...

– Meu Deus, achas que ele tinha um romance com a Bea?

– Nos dias que correm, não se chama a isso «romance», meu amigo. E também não podemos esquecer a mãe de Bea, a adorável Lacey Havnel. Uma mulher mais velha, toda aquela cena de tentação para um tipo jovem. Uma

mulher que agora está verdadeiramente e bem morta. Assassinada, se te lembras.

– Porra! – Harry estava deveras espantado e, ao pensar em Lacey, repugnado. – Se tiveres razão, estamos com outro problema em mãos – admitiu.

– E com outro suspeito – disse Rossetti.

Harry não queria acreditar, mas sabia que Rossetti tinha razão e o melhor era ir investigar a vida do jovem Roman Osborne. E quem saberia mais do que a mãe do rapaz?

Harry pôs o assunto a aboborar por ora. Achava que Roman Osborne não passava de mais um elemento naquele caso.

– E, antes disso, tenho outra coisa em que quero que pensemos. Pergunta a ti próprio, Rossetti – disse ele –, será que sabemos mesmo quem é Lacey Havnel? Temos como certo que a mulher que está na morgue é efetivamente a mulher que ela dizia ser? Deixa-me informar-te – acrescentou – que tenho de boa fonte – achou que Jemima haveria de gostar desta definição – que a Lacey Havnel de Miami, Florida, morreu há uns anos. Sem filhos.

Rossetti inspirou com força.

– Então quem porra é ela?

– É isso mesmo que temos de descobrir. E, além disso, não nos esqueçamos, amigo, de quem é exatamente Bea Havnel.

– A filha.

– A mulher que se diz «filha».

Estavam agora na estrada do lago. *Squeeze* pôs-se em pé quando se aproximaram da casa de Harry, pensando que ia para casa. Solto um latido de irritação quando não pararam.

– Está tudo bem, cão – sossegou-o Rossetti por cima do ombro. – Primeiro, temos trabalho a fazer.

Harry viu as luzinhas penduradas em redor do terraço dos Osborne, com a sala iluminada por trás. Tinha um ar tão tranquilo, tão acolhedor. Detestava fazer o que estava prestes a fazer, mas Lacey Havnel fora assassinada e o seu trabalho era descobrir quem a matara e porquê. Até um homem como Wally Osborne teria de arriscar a sorte no tribunal e no sistema de justiça, como qualquer outro cidadão.

Veio-lhe à cabeça a imagem encantadora de Bea Havnel. Perguntou-se até que ponto estaria envolvida no caso, se seria um facto que a verdadeira Lacey

Havnel estava morta e enterrada e que o corpo que estava na morgue era o de uma impostora. Ou estaria Jemima errada e aquela era mesmo a filha dela? Ao pensar em Bea, nos seus modos calmos, na sua simplicidade, não conseguia vê-la a fazer parte de uma fraude assim. E depois, pensando em Rose Osborne, disse:

– Rezo para estar enganado, Rossetti.

Ao aproximar-se do caminho para a casa dos Osborne, viu um carro estacionado ao lado. Um pequeno *Honda Accord* prateado.

– Parece que não somos os primeiros a chegar aqui – comentou, enquanto abria a porta de trás para *Squeeze* sair, e depois dirigiu-se com Rossetti para a casa.

* * *

Jemima chegara lá antes deles, justamente quando os convidados estavam a ir embora. Agora estava agachada atrás do carro, a observar os dois detetives. Não fazia ideia do que ia acontecer, se é que ia acontecer alguma coisa, mas pelo menos estava ali. Se alguém fosse preso, podia relatar o sucedido no seu *blog* de crimes. Estava mesmo na cena da ação.

Seguindo furtivamente os detetives, através das bétulas, viu a porta da frente aberta, observou o miúdo que a abriu e ficou de olhos esbugalhados a fitar os dois homens, depois a desaparecer rapidamente no interior, ouviu-o gritar: «Mãe.» Os detetives seguiram-no para o interior e fecharam a porta.

Alguma coisa fez restolhar as folhas atrás dela. Um passo. Deu meia volta, fez um «ah» de reconhecimento, viu a mão que segurava a faca sangrenta quando a arma se dirigiu a si.

Rose viu os dois detetives no *hall* de entrada, ouviu-os perguntar a Diz onde estava o pai.

Linda no seu vestido comprido de seda, com a nuvem dos seus cabelos presa num laço atrás do pescoço comprido, quando se dirigiu a eles os seus olhos era um ponto de interrogação castanho-dourado.

– Mistress Osborne. – Harry cumprimentou-a com uma pequena vénia de cortesia.

– Rose. Lembra-se?

– Este é o detetive Rossetti. – Harry acenou na direção do detetive.

– Mostram-se os dois muito formais. Tenho a sensação de que não estão aqui para a minha festa, se bem que de qualquer modo estariam um pouco atrasados.

– Mãe? O que se passa? – As filhas vieram para junto dela, fitando os dois desconhecidos com uma expressão inquiridora.

Roman juntou-se a elas. Ficou mais atrás em silêncio. Usava óculos, o que escondia a sua expressão.

– Peço desculpa por interrompermos a sua noite, Mistress Osborne. – Rossetti fazia a conversa, uma vez que Harry se calara, estava de boca fechada como se se tratasse de uma armadilha na qual não queria ser apanhado. – Na verdade, é com o seu marido que gostávamos de falar.

– O Wally?

– O pai?

As raparigas e a mãe falaram ao mesmo tempo.

Depois, Diz disse:

– Vi-o sair há uns minutos. Provavelmente, foi dar uma volta ao lago.

– Suar a vodka – irinizou Roman. O pai andava a beber muito.

Harry olhou para Rose, que pareceu recompor-se e assumir o controlo.

– Eu sei onde está – disse ela. – Vou buscá-lo.

Rossetti levantou uma mão.

– Não é necessário, Mistress Osborne, o detetive e eu vamos encontrá-lo. A senhora diz que ele não se afastou para longe.

– Não, não, claro que não, nunca o faz.

– A menos que leve o barco – disparou Diz, mas depois desejou logo não o ter dito. – Quer dizer, só às vezes é que faz isso. Mas não tipo agora. Pelo menos, geralmente não à noite.

Chegou até eles um gemido abafado vindo da direção do *BMW*. Harry olhou lá para fora e viu *Squeeze* com a cabeça fora da janela de trás, a espernear como louco. Os olhos de Harry encontraram os de Rossetti e eles pediram licença para irem ver o que se passava. O cão olhava fixamente para o bosque de bétulas junto à margem do rio.

Harry deixou-o sair e o cão desatou imediatamente a correr para as árvores. Ouviram-no rosnar enquanto percorriam o caminho no seu encalço, viram que estava um homem encostado a uma árvore. O homem tinha as mãos numa atitude protetora à frente do corpo. Caído aos seus pés estava o corpo de uma jovem. Harry teria reconhecido aquele cabelo cor de chamas em qualquer lugar.

O seu coração fez-se chumbo quando captou a cena arrepiante. Esse mesmo coração dizia-lhe que fosse apanhar aquele sacana, que o matasse como ele devia ter matado. A adrenalina disparou. Depois o seu cérebro recordou-lhe que era um detetive, que a sua função era apanhar assassinos, não matá-los. Independentemente de quem fosse a vítima.

As mãos tremiam-lhe quando chamou o cão, que veio imediatamente para junto de si, sem nunca desviar os olhos do homem que continuava de pé, demasiado aterrorizado até para se mexer.

Rossetti fez incidir a luz da lanterna sobre o corpo de Jemima Forester, depois sobre a cara do homem. Era Wally Osborne.

Pelo canto do olho, captou um lampejo de outra coisa. Um movimento. Rossetti também viu. A *Sig Sauer* já estava na mão de Harry, pronta a

disparar. Gritou:

– Pare ou eu disparo.

A pessoa parou durante uma fração de segundo, mas depois fugiu, depressa, para a noite. O ra-ta-ta dos tiros rasgou as árvores, ecoando no lago, que estava negro sob o céu sem Lua. Harry corria velozmente, com o cão à frente, enquanto Rossetti algemava Wally e chamava os médicos e reforços.

– Pare ou morre – gritava Harry. – Braços acima da cabeça, no chão. Agora!

A pessoa parou de repente, fez o que lhe mandaram, atirou-se para o caminho de cascalho, de braços e pernas esparramados, as mãos estendidas. O cão montou guarda, rosnando.

De arma na mão, Harry aproximou-se cuidadosamente do prisioneiro.

– Sacana – resmungou baixinho, quase para si, pensando em Jemima Forester que jazia lá atrás e naquele assassino no chão diante de si.

Aproximou-se, ajoelhou-se, foi verificar se havia armas, viu que o prisioneiro era uma mulher. A ferver, agarrou-lhe o cabelo e levantou-lhe a cara para que se olhassem.

– Meu Deus – exclamou ele, espantado.

– Desculpe, desculpe – disse Bea tão alto que Harry achou que os tiros a deviam ter ensurdecido. – Não era minha intenção, saí só para apanhar um pouco de ar, vi-a ali, quis ir ver o que se passava, se podia ajudar... não sei quem ela é... não sei porque está ali... não sei porque está morta... oh, meu Deus, oh, meu Deus....

Harry soltou-lhe o cabelo e Bea enterrou a cara nas mãos, murmurando para si mesma que não sabia o que fazer.

Harry reparou que ela não perguntara quem era a rapariga, não perguntara o que tinha acontecido, nem se estava ferida ou morta. Não perguntara o que estava a rapariga ali a fazer. Bea não perguntara nada sobre a vítima.

Squeeze ficou de guarda enquanto ele voltava atrás para ver como estava Jemima. Virou-a de costas, pressionou a mão com força no peito dela, não sentiu nada. O sangue que saía de um ferimento no pescoço misturava-se como ferrugem com o cabelo ruivo. Havia umas perolazinhas espalhadas pelo chão, restos do colar que usava e parte do qual ainda se encontrava em redor do pescoço branco.

Voltou para junto de Bea.

– Levanta-te – ordenou-lhe, mantendo um tom de voz deliberadamente

neutro. – Mãos atrás das costas.

Bea obedeceu. Harry fechou as algemas. Ela olhou-o, espantada.

– Não pode fazer isto – disse ela. – Porque está a fazer isto? O que fiz eu? Porque não fala comigo, deixe-me contar o que aconteceu...

– Sim? Então conte. – Harry ficou diante dela, com um rosto impassível.

Atrás dele, Rossetti estava ao telefone com as Urgências, a explicar a situação.

Os olhos azuis de Bea abriram-se de pânico, as palavras saíam como se ela não pudesse esperar para contar.

– Eu vi-o. – Agora falava muito depressa. – Eu vi-o fazer aquilo. Eu vi-o... oh, meu Deus, não sei porque o fez, tinha de haver uma razão... a pobre rapariga estava só... aqui... talvez fosse namorada dele... ou uma delas... talvez tivesse ciúmes... ou estivesse zangada. – Aqueles olhos azuis enormes encontraram os de Harry numa expressão de súplica. – Foi o Wally.

Rose viera ter com eles em silêncio e agora Bea desviava os olhos para ela. Ficou com um soluço preso na garganta. Mexeu as mãos algemadas atrás das costas.

– Olhe – gritou, mostrando a Rose –, olhe o que o Wally me fez. Eu vi-o, Rose, vi-o com ela. – Parou e pendurou a cabeça, como que envergonhada. – Oh, meu Deus, foi tão boa para mim, é um anjo, é a mãe que eu devia ter tido, é tudo o que eu quero ser. Tenho tanta pena, Rose. Tenho tanta pena, pelo Wally, mas sabe como ele era com as mulheres. De certeza que sabe.

Bea parou de falar e Rose ficou durante um longo minuto a olhar para ela. O vestido de seda azul e branca produziu um suave roçar quando ela se virou e, sem uma palavra, se foi embora.

Harry olhou para Wally Osborne, de pé em silêncio sob as bétulas, com as mãos algemadas atrás das costas e o cão aos seus pés. Não disse nada quando Rossetti lhe recordou os seus direitos, não olhou para nenhum dos detetives, nem para a mulher morta no chão. Também não olhou para Bea Havnel, cujos soluços rasgavam o ar da noite, um gemido baixo que Harry não ouvira antes, nem sequer quando a tirara do lago com a casa a explodir em chamas atrás dela, nem quando lhe confirmara que a mãe estava morta, nem quando lhe sugerira que os serviços sociais a ajudariam.

Harry chegara então à conclusão de que Bea Havnel era uma jovem muito independente, com uma espécie de força interior adquirida com as agruras da vida. Sobrevivera a uma vida com uma «mãe» viciada em drogas, que provavelmente não era a sua mãe verdadeira, sobrevivera a uma quase morte no fogo, aparentemente com a inocência intacta. Mas agora estava cético.

Estava ciente da presença de Rose junto de si. As gémeas, Roman e o miúdo abelhudo estavam todos em silêncio e abismados, a olhar para ele, para o pai, para Bea.

O som das sirenes quebrou o silêncio da noite, luzes azuis e vermelhas piscaram na escuridão; carros da polícia; uma ambulância, que pisava com ruído o caminho arenoso e parou com um guincho; os médicos correram para junto deles, ajoelharam-se ao pé de Jemima, deslizaram-lhe as pestanas para trás, uma injeção de adrenalina, para o coração, tubos, depressa, no braço, uma máscara de oxigénio. Harry sabia que era demasiado tarde.

Os carros do xerife estavam agora ali, três. Os agentes encontravam-se em silêncio, à espera, enquanto os médicos faziam o seu trabalho. Quando fecharam Jemima no saco para cadáveres e a colocaram na maca e na ambulância, avançaram, de mão na arma, a olhar para Bea, algemada e a gemer, caída de joelhos, com a cabeça loira repousando no solo duro diante de si; olharam para o homem algemado que todos conheciam como sendo um escritor famoso; para a sua família, que estava ali de pé num silêncio de espanto.

– Então, muito bem – disse um deles –, vamos lá levar o espetáculo para a estrada.

Olhou para Harry que anuiu. O agente içou Bea, que estava frouxa, sem resistência. Enquanto a conduzia para o carro da polícia, ela virou-se para olhar Harry.

– Enganou-se redondamente – barafustou ela. – Eu contei-lhe o que vi, disse-lhe a verdade. – Virou a cabeça e olhou diretamente para Roman. – É melhor que me livres disto – disse ela, mas Roman desviou o olhar.

O agente agarrou-a pelo braço e metia-a na parte de trás do carro.

– Guarda isso tudo – disse ele. – Podes contar-nos a verdade mais tarde.

Ao ver Bea olhar para trás, para ele, pela janela do carro da polícia enquanto este se afastava, Harry pensou nessas palavras.

Virou-se para Wally. Rose estava em frente ao marido como que para o proteger. As gémeas agarravam-se uma à outra, aterrorizadas. Diz estava sozinho, olhando para o pai com um olhar vazio. Roman tinha um olhar inexpressivo atrás dos óculos.

Passado um instante, Diz correu para junto de Rose. Harry ouviu-o dizer vezes sem conta enquanto corria:

– Desculpa, mãe, não foi minha intenção, não foi verdade o que eu disse que vi... desculpa, mãe...

Pareceu a Harry que de repente toda a gente queria contar a sua versão da verdade. Perguntou-se qual seria a de Diz.

Wally estava a ser metido no segundo carro de polícia. Harry reparou que Roman não fez um único gesto para o ajudar. Harry dirigiu-se a Rose. Não sabia o que dizer a uma mulher em quem começara a pensar como amiga e cujo marido acabava de ser preso por suspeita de homicídio. Ela tinha a cabeça caída para a frente, o cabelo brilhante puxado para um dos lados. Lançou-lhe um olhar longo e cansado, vindo de uns olhos que já não eram

castanho-dourados, mas sim negros de angústia.

– Ele não fez aquilo – disse ela baixinho. – Não matou aquela rapariga. O Wally escreve essas coisas. Ele nunca, mas nunca faria mal a ninguém. Nem sequer a conhece de facto, ele esteve aqui connosco, tivemos uma festa... estava tudo normal.....

– Rose. – Harry estava prestes a dizer a coisa mais difícil que já dissera na vida, porque gostava daquela mulher. – O seu marido foi levado para ser interrogado relativamente à morte de Lacey Havnel. – Lembrou-se do rosto de Jemima estendida no chão, pálida como o alabastro, o ousado batom cor de rubi, o cabelo de fogo e a personalidade arrojada. – E também por suspeita do homicídio de Jemima Forester.

Bea Havnel afundou-se na cadeira, afastada para trás da mesa na pequena sala de interrogatórios. Tinha a roupa em desalinho, o cabelo caído sobre a cara virada para baixo e os pulsos à frente do corpo, e esfregava as marcas vermelhas onde as algemas tinham estado. Harry quase não reconheceu nela a jovem fresca e loira que conhecia. Bea estava um caos e tinha os olhos cheios de raiva dele.

– Porque estou aqui? – perguntou num fiozinho de voz, como se fosse uma criatura digna de pena que estava presa contra sua vontade.

– Tu sabes porque estás aqui, Bea. Porque foste apanhada na cena de um homicídio. Na verdade, de dois homicídios. Tens de admitir que não é coisa que aconteça com frequência.

Harry mantinha um tom de voz razoável, embora na verdade estivesse estupefacto com o ponto a que Bea chegara. Era capaz de jurar que ela era uma pessoa inocente, que por acaso se encontrava no sítio errado à hora errada. O único argumento contra isso era que acontecera duas vezes e uma das vítimas era a sua mãe.

– O que sabes de facas? – perguntou ele.

Bea não disse nada. Harry ouviu a porta abrir-se atrás de si e Rossetti entrou com as canecas de café quase obrigatórias.

Harry ficou a ver Rossetti colocar uma caneca diante de Bea. Ela não reagiu à presença dele.

– Café, querida – disse Rossetti em voz alta.

Harry sabia que ele não gostava da rapariga e pensou que talvez agora tivesse razão para isso. Disse:

– Tenho de te informar, se é que ainda não sabes, que a tua mãe foi esfaqueada no olho com uma faca de cozinha, do tipo comum que se encontra em casa de quase toda a gente.

Bea não ergueu a cabeça.

– Disseste-nos antes que, e passo a citar – Harry folheou os papéis onde se encontrava a versão pormenorizada dela do que acontecera no incêndio – «o cabelo dela estava em chamas e ela começou a correr, depois aquilo explodiu tudo e também eu tinha o cabelo a arder».

Bea olhou para ele.

– Foi isso que eu vi acontecer.

Harry olhou de relance para Rossetti, que estava encostado à parede, na sua habitual posição de indiferença, de braços cruzados sobre o peito, olhos cravados na rapariga, em quem Harry sabia que ele não confiava. Nem um bocadinho. Então? Porque confiava *ele* nela? Instinto, era o seu palpite. Era puro instinto o que lhe dizia que Bea não podia ter matado.

– Acontece – começou Harry, agora suavemente, porque não queria confiar simplesmente nos seus instintos no que tocava àquela mulher, uma vez que todos os factos contrariavam aquilo que ela dizia. – Acontece que a autópsia confirmou que a tua mãe foi morta antes de ficar queimada.

Bea permaneceu em silêncio.

– Consegues explicar isso? Alguma coisa diferente do que já nos contaste?

Bea permaneceu uma vez mais em silêncio, parecendo estar a pensar, achou Harry, no que ele acabara de dizer. Por fim, olhou para ele.

– A minha mãe estava em chamas, aquilo explodiu tudo. Eu estava em chamas. Corri para salvar a vida, tal como ela correu para salvar a dela. Seja quem for que lhe tenha espetado essa faca no olho, fez isso depois de eu me ter afastado dela a correr. Não antes. Não sou capaz de esfaquear ninguém, especialmente a minha mãe, por mais que as coisas entre nós não fossem como eu desejava. Ela fazia coisas em que eu não acreditava. Tinha a sua própria vida. Eu ia só... – Parou e depois ergueu um ombro. – Eu ia só com a corrente. Ela nunca me quis. Eu sabia disso, mas não tinha alternativa. Era ela que tinha o dinheiro todo, e pagava-me. E foi o que eu fiz. Cuidei dela durante estes anos todos, porque embora a desprezasse, embora desprezasse quem ela era e o que era, tinha uma obrigação para com ela. Cumpri o meu

dever – concluiu ela, agora num tom sereno, olhando para os dois detetives como que a dizer: «são estes os factos, agora façam de mim o que quiserem», mas com uma nota de confiança que Harry sabia querer dizer que ela apostava que eles não podiam fazer nada. Não tinham provas.

– E que explicação tens para o facto de estares na cena do homicídio de Jemima Forester? – O tom de Harry era agora frio. Tinha a imagem de Jemima gravada na memória.

– Já disse, o jantar tinha terminado e eu precisava de apanhar ar, fui lá fora (só para dar uma volta), uma coisa normal. E lá estava ela. Quase caí em cima dela. Não fazia ideia de quem era. Continuo sem saber quem é e porque pensam vocês que eu estou ligada, ou que tenho sequer uma razão, para matar a pobre mulher. Meu Deus, não podia ser muito mais velha do que eu. Porquê, mas porque haveria alguém de fazer uma coisa destas? – Bea baixou a cabeça e começou a chorar.

Harry e Rossetti entreolharam-se. Bea tinha razão; eles não tinham uma ligação direta entre ela e Jemima, nem nenhuma razão para pensarem que ela a poderia ter querido ver morta ou para acreditar que podia ser a assassina. Tirando a coincidência da faca no olho da mãe. E a faca que cortara a garganta de Jemima.

– Acho que agora devia arranjar um advogado – disse Bea.

Durante um segundo, Harry achou que ela ia acrescentar: «Antes que me enforque verbalmente», mas ela limitou-se a olhar para ele, à espera de uma resposta.

– Claro – concordou Rossetti. – E estás ciente de que toda esta entrevista foi gravada em vídeo e pode ser reproduzida para o teu advogado.

Queria deixar claro que não tinham ultrapassado limites nem violado regras.

– Eu compreendo – respondeu Bea.

Apesar de tudo, Harry teve pena dela. Não tinha dúvidas de que, quando o advogado dela chegasse, ela sairia rapidamente dali. Mas desta vez não lhe perguntou para onde ia, onde ficaria. Não lhe dizia respeito.

Interrogar Wally Osborne era um assunto bem diferente. Em primeiro lugar, veio acompanhado da família inteira, com Rose Osborne a liderar, determinada, segundo parecia, a não o perder de vista.

– Não pode simplesmente levar o meu marido e prendê-lo – disse ela a Harry. – Ele não fez nada de mal.

Agarrado à mão da mãe, Diz disse:

– O meu pai não fez nada. Só foi visitar aquela tal Havnel uma única vez, aquela em que eu o vi.

Harry viu que Rose lhe lançou um rápido olhar de lado que dizia «cala essa boca». Não interrogaria uma criança, mas Diz acabava de confirmar o que dissera antes; que Wally conhecia Lacey Havnel, ou Bea Havnel, ou ambas, e que Diz o vira a remar vindo da casa mesmo antes da explosão.

O facto de Wally conhecer certamente Lacey Havnel e ter sido visto no lago quando a casa explodiu, e de ter sido encontrado junto do corpo de Jemima Forester, parecia não penetrar na armadura daquela família. Acreditavam em Wally. Era simples.

– Não se preocupe – disse ele a Rose. – Não vou fazer perguntas ao Diz, ainda que ele vá ser entrevistado mais tarde por um elemento dos serviços de proteção a menores, assim como por um terapeuta infantil. Não queremos que lhe aconteça nada, em termos emocionais. Pode achar-se responsável – acrescentou, baixinho, para que Diz não o ouvisse.

As duas filhas estavam atrás da mãe. Roman, o filho mais velho,

encontrava-se ao lado dela. Sempre no papel de observador, teria dito Rossetti.

– Acho que temos de telefonar ao advogado do meu pai – disse Roman.

Harry assentiu com a cabeça, claro.

Entretanto, Wally tinha sido levado para uma sala de interrogatório e Harry não tinha nenhuma dúvida de que ele ia acabar na prisão. Por quanto tempo, não sabia. Isso iria depender da história de Wally, das provas que surgissem e da inteligência do advogado. Achou irónico que o homem que escrevia romances sobre o mal acabasse por se ver envolvido nele. Talvez fosse verdade que a maçã nunca caía muito longe da árvore – um escritor de homicídios transformado em homicida. A questão era porquê.

Não foi preciso muito tempo para descobrir. Wally não estava à altura de Bea no que tocava a uma confiança muda. A Harry ele parecia um homem destruído.

Sentou-se no mesmo lugar onde Bea se sentara, atrás da mesma mesa, ignorando o café de Rossetti, o seu belo rosto extenuado. Até o bronzeado parecia deslavado, empalidecido, ilusório. Teria Wally Osborne vivido uma das suas próprias histórias? Teria querido matar Jemima pela pura emoção que sentia ao escrever os livros? Era inédito, mas Harry sabia por experiência própria que havia sempre uma primeira vez para tudo.

– Qual é a sua explicação para Jemima Forester estar em Evening Lake? – começou Harry.

Wally olhou para ele, perplexo.

– Eu nem sequer sei quem ela é.

– Deixe-me lembrar-lhe – acrescentou Rossetti – que ela já não é. Era.

Wally abanou a cabeça.

– Peço desculpa.

– Cortaram-lhe a garganta – acrescentou Harry e olhou de relance para o ecrã de vídeo para se assegurar de que estava a gravar.

Wally olhou-o com ar apatetado.

– A Lacey Havnel, que o senhor conhecia, também foi esfaqueada.

Wally abanou a cabeça.

– Foi o fogo.

Harry respondeu:

– O fogo queimou-a. A faca matou-a antes disso.

Wally baixou os olhos para as suas mãos.

– Como conheceu a Lacey Havnel? – Foi Rossetti quem perguntou e Wally virou a cabeça para o olhar.

– Era uma vizinha – disse ele. – Tinha vindo morar para o lago, como nós... a minha família, quero eu dizer. Não a conhecia a sério.

Os olhos de Harry foram ao encontro dos de Rossetti. Desta vez, a intuição disse-lhe que Wally estava a mentir. Mas não lhe disse porquê.

– Tinha um caso com Lacey? – perguntou Rossetti, de modo casual, olhando Wally nos olhos. – Está a ver, aqui entre homens, estas coisas acontecem, os dois a viverem no lago e assim a proximidade é sempre um fator de peso em questões sexuais.

– Eu não conheço a mulher.

– Então porque estava em casa dela? Porque foi visto a vir de lá a remar nessa noite, imediatamente antes da explosão?

– Não vinha a remar de lá. Estava cansado, preocupado com a escrita. Fui dar uma volta de barco pelo lago. Faço-o muitas vezes quando as coisas ficam difíceis, tensas. As coisas não estavam bem entre mim e a minha mulher, não havia mais ninguém. Foi tudo culpa minha – explicou, olhando diretamente para Harry.

Ouviram-se alguém bater à porta e um polícia de uniforme disse-lhes que estava ali o advogado de Mr. Osborne. Atrás dele, Harry viu Roman, que continuava observador, à espera. Seria mera preocupação pelo pai? Ou estaria a observar por si, e talvez por Bea?

Quando entrou na sala, Harry disse-lhe que Wally era suspeito de dois homicídios. Wally iria para a prisão e não havia nada que o seu advogado, ou a sua família, pudessem fazer. Por enquanto.

A infelicidade fez Mal chorar. O tédio fê-la desejar o seu trabalho de volta. Desistira de tudo – e para quê? Para se pôr a olhar para quadros no Musée d’Orsay? As pinturas eram maravilhosas, mas ela não estava com cabeça para as interiorizar, para as absorver na sua alma, por assim dizer. Estava outra vez sozinha. Bebera um copo de champanhe na noite anterior, no café, com o francês encantador que a ajudara a secar as lágrimas, mas recusara o convite dele para jantar e... E o quê? Não estava com disposição para o romance, para coquetismos, para sexo. Isso ela queria de Harry, mas ele não lho dava porque estava enterrado até ao pescoço no lago com Lacey Havnel e a sua linda filha loira de vinte e um anos.

Mal passeava pela apinhada rue de Buci. Era dia de mercado, mas ela era indiferente à aromática exposição de queijos, às pilhas reluzentes de fruta, aos cestos coloridos de flores e aos peixes prateados de olhos brilhantes. Os pensamentos de Mal fixavam-se nas Havnel. Tinha a sensação de que Harry não estava a fazer avanços rápidos na investigação, de que estava atolado, apostava ela, pela inocência da rapariga que ele sentia precisar da sua proteção. E talvez precisasse, mas, entre mulheres, Mal tinha de saber mais sobre a família Havnel.

Podia ter abandonado o emprego de rompante, mas o escritório continuava a funcionar, assim como Lulu, a sua assistente, que estava sempre do outro lado da linha e sempre em cima do acontecimento.

Lulu atendeu imediatamente.

– Eu sabia que ia telefonar – disse ela. – Não se consegue manter afastada, pois não?

– Não, sem um homem para me abraçar, não consigo – concordou Mal, depois passou para um relato rápido da atual situação em que ela e Harry se encontravam, ou falta dela.

– Quer dizer, mas o que se passa comigo, Lulu?

Mirou-se com olhar crítico no reflexo de uma montra: saia preta justa, botas altas de camurça, casaco branco de inverno e um cachecol novo de caxemira azul dobrado exatamente à maneira dos franceses; decididamente, apertar cachecóis era uma arte para os franceses. Os seus brincos eram pequenas argolas de ouro, os óculos escuros que lhe escondiam os olhos inchados eram *Dior*, o seu perfume, *Hermès*.

– Quer dizer, sou o tipo de rapariga que um sujeito pode levar a qualquer lado.

– Pois – disse Lulu, prática como sempre. – Só que este não quer. Pelo menos, neste momento. Então, que mais há?

– Quero que investigues uma pessoa. De nome Lacey Havnel. E também a sua filha de vinte e um anos, de nome Beatrice. Estiveram envolvidas num incêndio em Evening Lake.

– O Evening Lake do Harry? – perguntou Lulu, surpreendida.

– Esse mesmo. Ele viu a casa ser queimada com a mãe lá dentro, salvou a filha bela e loira das ondas e nunca mais foi o mesmo. Estou só curiosa em relação à rapariga, Lulu, sabes como é.

– Sei – concordou Lulu.

Os homens eram homens e as mulheres eram mulheres, e os ciúmes geralmente empinavam a cabeça em algum momento do jogo.

– Bom – disse Mal bruscamente –, supostamente são da Florida, da área de Miami... leva uma pessoa a perguntar-se como tinham dinheiro para comprar uma grande casa que acabou simplesmente consumida pelas chamas. Pode perguntar-se à seguradora, por exemplo, e exatamente onde arranjaram o dinheiro para a comprar.

– Máfia? – perguntou Lulu.

– Drogas? – respondeu Mal, pensando que tanto uma como outra podiam ser verdadeiras. – Ah, e se, só por acaso, o Harry telefonar a perguntar, não lhe digas nada.

– Assim farei – prometeu Lulu, pronta para deitar mãos à obra.

Satisfeita, Mal desligou. Ia sentar-se no cinema a ver um filme francês, num francês incompreensível, só para se torturar e à sua solidão; depois, iria afogar as mágoas em mais champanhe. Ou talvez acabasse apenas por ir de carro para aquele campo encantador, onde não passavam tantas multas de estacionamento e os cães não alçavam a perna nos pneus de uma pessoa e afinal o café era igualmente bom. Na verdade, começava a gostar de França.

Só muito mais tarde teve notícias de Lulu, que lhe falou do homicídio de Jemima Forester e da prisão de Wally Osborne.

Para variar, Harry estava em casa, no seu apartamento remodelado numa construção de arenito vermelho, com a sua cozinha de *chef* equipada a aço inoxidável, que agora mal era usada, com exceção do micro-ondas, porque nunca tinha tempo; a casa de banho com o chuveiro enorme, de cinco jatos e azulejos pequenos, brancos e simples; a sala com o soalho de madeira escura e o piano ébano na janela em semicírculo e o tapete de seda antigo desbotado que *Squeeze*, em cachorro, roera nos cantos; o sofá simples de pele e o cadeirão de pele vermelha, colocado junto da lareira original em mármore, onde um toro húmido ardia nesse momento de modo inconstante, e havia uma garrafa de *Jim Beam* na mesinha de apoio cromada, ao lado desse cadeirão em pele vermelha, ao alcance da mão de Harry, de maneira a que pudesse tornar a encher o copo sem o esforço de se levantar e ir ao balcão do bar buscá-lo. Porque nessa noite Harry ia beber.

Não era a primeira vez que Harry via uma mulher assassinada. Mas era a primeira vez que se tratava de uma mulher que ele conhecia. A tempestuosa, arrojada, intrépida Jemima Puddleduck já não existia, e Harry pensava no seu cabelo ruivo selvagem, na sua boca rubi, na sua alegria de viver. Não tinha o coração despedaçado; era um nó dentro do peito, um órgão sem sentido porque a vida que ele levava não tinha sentido.

Tinha andado a pensar em deixar a polícia, a pensar em começar uma vida nova, a considerar seriamente assentar com Mal, o amor da sua vida. Mas não por aquela razão. Não porque já não aguentava mais.

Sem olhar sequer para a garrafa em cima da mesa, estendeu cegamente o braço e voltou a encher o copo. Teria sido bom juntar dois cubos de gelo, mas não era capaz de fazer o esforço de se levantar para os ir buscar. Naquela noite, o álcool tinha como função entorpecê-lo, levar-lhe os sentimentos, retirar-lhe o desespero subjacente à noção de que provavelmente tinha sido a causa da morte de Jemima. Se não fosse ele, ela não se teria envolvido no mistério das Havnel. Nunca teria ido à casa do lago. Se bem que a razão por que o tinha feito também era um mistério. Lembrava-se de Jemima ter dito que era um caso sério de curiosa. «Cusca», chamara-lhe Harry. Lembrava-se de ela o ter ouvido dizer a Rossetti que ia ter com ele e que iriam ao lago. Não tinha dúvidas de que Jemima os seguira. Na verdade, chegara lá primeiro, porque Harry tivera de fazer um desvio até à esquadra para apanhar Rossetti. Fora no pequeno *Honda* prateado de Jemima que Harry reparara estacionado de um dos lados e eram as pérolas de Jemima – as que ele se lembrava de brilharem no seu pescoço fino de alabastro – que jaziam espalhadas, como o trilho de migalhas no bosque naquele conto de fadas, que estavam no solo em redor do seu corpo sangrado.

Enquanto se servia de mais um copo, o cão foi roçar o focinho com urgência no seu joelho, querendo a atenção dele. Harry fez-lhe uma festa, distraído. Os seus pensamentos desviaram-se para Mal, para Paris, para onde ela fugira depois do rompimento. E se ele se tivesse metido no avião e pronto? Se tivesse ido ao encontro dela? Teria acontecido alguma daquelas coisas? Teria aquilo acontecido caso ele tivesse mantido a sua promessa de deixar a polícia, dar uma volta à sua vida, dar a si próprio e ao amor da sua vida o tempo que precisavam para ficarem juntos?

O remorso é uma emoção terrível; corrói a alma com os seus «e se» e «podia ter sido» e «se ao menos». A verdade era que só existia o presente, e atualmente Harry já estava farto dele.

Ergueu a mão e olhou para o relógio. Ao contrário do presente que dera a Rossetti, o seu era simples, utilitário e barato. Não era homem que precisasse desse tipo de *glamour* dispendioso, não era um borrachão à solta, como Rossetti, que ele apostava estaria a essa hora numa discoteca qualquer esforçando-se ao máximo por esquecer os acontecimentos anteriores, a dançar com alguma miúda gira que haveria de certeza de gostar dele e com quem poderia acabar por passar a noite. Que felizardo, o Rossetti, por encontrar o esquecimento, ainda que temporariamente.

O rosto de Jemima pairava diante dos olhos fechados de Harry: a franja vermelha como chamas em desalinho sobre os olhos azul pálidos; a sua vontade de agarrar a vida e de se tornar detetive quando não sabia o que estava a fazer; a sua boca rubi e a pele pálida, a sua vida, por amor de Deus.

Harry verificou novamente o relógio. Passavam exatamente cinco minutos desde a última vez que olhara para ele. Provavelmente era meio-dia em Paris. Onde Mal se encontrava. Sozinha. Ou assim estava na última vez que falaram. Tudo podia ter acontecido desde então.

O amor da sua vida era uma mulher muito atraente, às vezes diria até mesmo bonita. Nos seus «dias bons», era como Mal definia o ser bonita – quando o cabelo estava na perfeição e ela tinha dormido como devia ser e não estava maquilhada para as câmaras de televisão. Como ela odiava a maquilhagem, bem preferia a pele limpa, o brilho de lábios e o seu perfume especial, o *Hermès 24 Faubourg*, que Harry achava que só Mal usava, porque parecia que mais ninguém alguma vez tinha ouvido falar nele e cujo nome, explicou-lhe Mal, correspondia na verdade à morada de Hermès em Paris. O seu suave toque de especiarias pairava em redor dela como uma aura, deixando uma nota atrás de si quando saía de uma divisão.

Harry não só conhecia o perfume de Mal como também conhecia o aroma da pele dela, da sua feminilidade, a textura dela, aquela suavidade macia, as unhas dos pés pintadas de dourado e as das mãos, cor-de-rosa, o seu riso, que começava como o tolo bufar pelo nariz de uma menina e que a deixava sempre embaraçada. Conhecia o som da sua voz na televisão, o som diferente da voz ao telefone, o seu som sensual quando faziam amor. Sabia tudo, decidiu ele, sobre Mal. Exceto a sua localização precisa nesse momento e se tornaria sequer a falar com ele.

Olhou para o telemóvel, que estava ali ao lado da garrafa de *Jim Beam* e do copo meio cheio – um dos copos que Mal lhe comprara de presente porque dizia que não se podia beber pelos dele, que eram do supermercado.

– Isto é, quando se está a beber uma coisa boa – acrescentara com um sorriso perverso.

Claro que os copos de vinho de Harry eram *Riedel*, porque ele nunca usaria um copo grosso para um bom vinho, quando a fragilidade do vidro nos lábios acentuava os sabores e o prazer do vinho... Mas em que estava ele a pensar! Telefona-lhe, que porra, descobre onde está, fala com ela, diz-lhe que estás aqui a morrer sozinho, diz-lhe que não consegues continuar...

Pegou no telemóvel, premiu a tecla de ligação rápida, ouviu o toque, um, dois, três...

– O que foi agora? – respondeu Mal, e parecia distante.

– Não consigo continuar assim – disse Harry simplesmente. – Eu desisto. Uma pessoa que eu conhecia, uma mulher jovem, foi morta esta noite e fui eu que a encontrei. Posso ser eu o responsável. Era jovem, Mal, e tão cheia de vida, tão ansiosa pelo futuro. Quase acho que deve ter sido como tu eras com a idade dela, que queria ser como tu, detetive de televisão. E agora está morta e cabe-me a mim descobrir quem a matou. O marido da Rose Osborne é um suspeito, a rapariga loira também. Não consigo fazer isto, Mal. Sou culpado.

Ouviu-a inspirar fundo, depois ela disse:

– Eu compreendo. Não sei bem se estás a desistir pelas razões certas, mas compreendo. Nunca julguei que fosse dizer isto, mas quero que penses primeiro, Harry. E, se quiseres falar comigo, então apanha o próximo voo. Está bem?

– Está bem – concordou Harry. E desta vez falava a sério.

Rossetti não ficou surpreendido quando Harry lhe telefonou a meio da noite. De qualquer modo, estava habituado a chamadas fora de horas. Ficou contudo surpreendido com o que Harry queria.

– Vem buscar o cão – foram exatamente as suas palavras.

Rossetti, o sujeito frio que tinha sempre resposta para tudo, foi tomado de surpresa.

– Queres dizer, tipo ir aí e trazer o *Squeeze*? Mas para que porra? O que vou eu fazer com ele?

– Toma conta dele durante uns dias enquanto estou em Paris – declarou Harry.

Rossetti apercebeu-se de como ele falava.

– Estás a arrastar as palavras – retorquiu. – Isso é o álcool a falar, detetive, não é o bom senso.

O suspiro de Harry foi ampliado no ouvido de Rossetti e ele afastou o telemóvel, fitando-o com espanto. Aquilo não era nada do Harry.

– É o meu coração a falar, Rossetti – estava Harry a dizer. – Não consigo ficar aqui sentado sozinho, tirando o meu cão, a pensar naquela pobre rapariga assassinada a sangrar com as pérolas espalhadas à sua volta. Não consigo pensar que posso ser responsável. Não quero ser o homem que tem de falar à família dela, ir ao funeral, apanhar o gajo que a matou. Estou feito em cacos, Rossetti, e preciso que leves o *Squeeze* porque vou a Paris ver a Mal. Ver se ela me consegue consertar.

Rossetti compreendeu. A vida do amigo estava num momento crítico.

– Se há alguém que te possa ajudar, é a Mal – assegurou-lhe. – Vai ter com ela, meu amigo. Passo agora por aí para ir buscar o cão. Não te preocupes, vou tomar conta dele como se fosse meu filho.

– Eu sei – afirmou Harry. – E obrigado. Por tudo.

Harry desligou e Rossetti pensou, em pânico, que era como se ele se tivesse finalmente despedido. «Porra», disse para consigo, ao entrar no *BMW* para se dirigir a Beacon Hill. «Espero que ele fique bem. Só espero que ele fique bem.»

Harry nem sequer mencionara os dois suspeitos e parecia ter-se esquecido de que mantinham Bea Havnel para interrogatório e Wally Osborne como suspeito de homicídio. A vida de Harry tomara-o de assalto e ele não estava a conseguir lidar com isso. Cabia a Rossetti pô-lo na linha, recordar-lhe os seus deveres, o respeito pela família da rapariga morta. Eram polícias. Era isso que faziam.

Era evidente que Harry ouvira o carro estacionar e estava de pé junto aos degraus para cumprimentar Rossetti. Abraçaram-se durante um longo minuto. Rossetti sentia o cheiro a álcool no hálito do amigo. *Squeeze* latiu baixinho, abanando a cauda.

– Não te preocupes, *Squeeze*, ele toma bem conta de ti. – Harry falava assim ao cão, enquanto instava Rossetti a entrar.

Na sala, indicou com um gesto a garrafa de *Jim Beam* e levantou um copo, com uma expressão interrogativa. Rossetti abanou a cabeça.

– É melhor que só um de nós esteja bêbado, meu amigo – disse ele, e sentou-se à frente de Harry, que se afundou no cadeirão de pele vermelha, a olhar para ele, como se, pensou Rossetti, tivesse todos os cuidados do mundo em cima dos ombros.

– Não foste tu, sabes – disse Rossetti, decidindo ir direto ao assunto.

Harry ergueu as sobrancelhas, mas não respondeu.

– A Jemima morreu por causa da sua própria tontice, não porque a tenhas incitado. Não a incentivaste. Não fazias ideia de que ela ia tomar o assunto nas próprias mãos. A Jemima era nova, mas era evidente que era senhora do seu nariz. Era uma pessoa inquieta e meteu-se num jogo grande de mais que não sabia jogar.

Rossetti inclinou-se para a frente, de ombros descaídos, mãos apertadas entre os joelhos, com preocupação no bonito rosto.

– Harry, a rapariga meteu-se numa situação em que não se devia ter metido e sofreu as infelizes consequências. Infelizmente, «consequências» é uma palavra em que poucos de nós pensamos quando perdemos a cabeça, seja em sexo, em casamento. Ou homicídio. Pôs-se no lugar errado à hora errada. Só isso.

Os olhos de Harry foram ao encontro dos seus por cima da garrafa de *Jim Beam*.

– Viste a expressão da cara dela? – perguntou, como se de repente ele próprio se lembrasse.

A única coisa em que Rossetti conseguia pensar era na quantidade de sangue e naquelas pérolas que pareciam do colar de uma menina... tocaram-lhe o coração, aquelas pérolas.

– A Jemima ficou espantada quando aquilo aconteceu – disse Harry, lembrando-se da expressão dela. – Não só por alguém a ir atacar, mas como se reconhecesse a pessoa que o fez. Eu acho que ela o conhecia, detetive.

Rossetti não disse nada. Foi ao bar e encontrou *Perrier* no frigorífico. Bebeu da garrafa, voltou e foi sentar-se novamente na cadeira à frente de Harry, que, pensou Rossetti, parecia voltar a si. Pelo menos, Harry estava outra vez a pensar. Um pensamento construtivo acerca da morte de Jemima e não apenas a esconder-se.

Rossetti disse:

– A equipa forense diz-me que, tendo em conta o ângulo da entrada, o assaltante era da mesma altura de Jemima. Não há mais de dois ou três centímetros de diferença.

– Então, isso elimina o Wally Osborne, que tem bem mais de um metro e oitenta – retorquiu Harry, surpreendido porque se lembrava nitidamente de Wally de pé junto de Jemima.

– Mas não elimina a Bea Havnel – replicou Rossetti, reparando na expressão espantada de Harry ao interiorizar o que acabava de ouvir.

– Aquela miúda. – Harry levantou-se e começou a andar de um lado para o outro na sala, indo até ao piano cor de ébano junto à janela, depois regressando, e depois indo até lá de novo, com o cão junto aos calcanhares, na esperança de um passeio. – Não fazia mal a uma mosca. Meu Deus, já te esqueceste, pá, que ela quase morreu no incêndio que lhe matou a mãe e podia ter-se afogado se eu não tivesse lá chegado a tempo.

– Mas não se afogou – disse Rossetti e bebeu mais um grande gole de

Perrier. – Além disso, não te esqueças que temos aqui uns problemas de identidade. A mulher não era Lacey Havnel. Essa morreu há anos, em Miami, na Florida. A jovem que se diz sua filha pode ser uma pessoa qualquer. Uma pessoa qualquer. Uma coisa é certa, não se chama Bea Havnel. Além disso, temos de voltar a pensar no Roman. Aposto que está caído pela Bea. E não nos vamos esquecer do que sabemos sobre os seus movimentos nessa noite. Nunca te esqueças, é ele que consegue entrar e sair de casa, através da sua escada exterior privada, sem que ninguém se dê conta.

Harry pensou naquilo. Um jovem louco de amor? Assentaria essa descrição a Roman, silencioso e observador? Suspirou. Nunca se sabia, mas, por Rose, esperou que não.

– Porra. – Harry sentou-se de novo no cadeirão de pele vermelha. *Squeeze* foi pôr-se à frente dele, de orelhas espetadas, olhos suplicantes, ainda com esperança no tal passeio. – Portanto – disse Harry, depois de ter pensado um pouco. – Temos duas pessoas mortas. Pelo menos, duas que sabemos. Sabemos que a mulher era traficante de droga, com que dimensão não sabemos, nem quem nesse ramo podia ter querido eliminá-la. Temos o Divon, que trabalhava para ela e alega nada saber. E uma mulher jovem que não deve ter nome e que, em qualquer dos casos, não é quem diz ser.

– Acho que tu e eu temos umas perguntas a fazer-lhe – respondeu Rossetti e levantou-se.

– Nada melhor do que o presente – disse Harry, levantando-se também, mas Rossetti abanou a cabeça.

– De manhã, meu amigo. – Primeiro tens de curar isso com sono. Além disso, tens de telefonar à Mal para lhe dizer que partes no voo da tarde.

– Oh, meu Deus. – O rosto de Harry esmoreceu. Pensou durante um minuto e depois: – Ligo-lhe amanhã – disse ele. – O *Squeeze* e eu precisamos de um passeio.

Rossetti acompanhou o amigo e o cão em duas voltas pelo quarteirão, viu-o regressar à poltrona vermelha, guardou o *Jim Beam* e o copo, colocou os pés do amigo na banqueta e pôs-lhe umas almofadas debaixo da cabeça; descobriu no armário da cozinha onde estava a comida do cão e deu de comer ao grato *Squeeze*, olhou uma última vez para o amigo e saiu com o cão.

Amanhã era outro dia. Não tinha alguém famoso dito isto? Talvez a Scarlett O'Hara? A única coisa que Rossetti sabia era que, fosse quem fosse, era acertado. Para ele e para Harry, e para Mal Malone em Paris, e para Bea

Havnel e Rose Osborne e a sua família, amanhã era efetivamente outro dia.

Depois de ter deixado Harry, Rossetti foi diretamente para a esquadra, com o cão na trela a provocar comentários no habitual punhado de polícias de uniforme e detetives, todos eles esgotados de trabalho, naquele tumulto de atividade, com homens debruçados sobre computadores ou ao telefone e onde o crime nunca parava.

Pediu para falar com o capitão, contou a história de Harry, falou do seu estado de espírito, que tinha finalmente sido apanhado pelo excesso de trabalho, a falta de descanso e o stresse.

– Toda a gente conhece este cão – disse Rossetti, alisando a cabeça macia de *Squeeze* com a mão.

O cão empurrou as orelhas para trás e olhou-o com adoração.

O capitão respondeu:

– Portanto, agora tem de pegar no trabalho do Harry, ou seja, no caso Jemima Forester/ Wally Osborne/ Bea Havnel. E também no cão dele.

Era um homem grande, de camisa azul, mangas arregaçadas, que brincava com uma caneta entre os dedos e tinha a fronte ampla permanentemente franzida, onde o cabelo recuara há anos numa espécie de franja cor de ferrugem à Donald Trump.

– Mas qual é realmente o problema dele?

Rossetti ponderou durante um segundo e disse:

– O seu futuro. Aqui, como polícia. E noutro sítio, com uma mulher.

– A Malone? – O capitão sabia da existência dela, toda a gente sabia.

Pessoalmente, achava que Jordan era um sortudo por tê-la na sua vida, fosse o que fosse que isso significava. – Vai casar-se com ela, então?

Rossetti encolheu os ombros.

– Não sei dizer, mas espero bem que sim.

– Acaba com a miséria de todos – afirmou o capitão, parando de brincar com a caneta. – Um homem não é capaz de fazer bem o seu trabalho quando tem problemas de saias na cabeça.

– Pode crer – concordou Rossetti. – Seja como for, o Harry deu o couro sem parar durante o último ano. Agora está exausto, bem como perturbado com a Mallory Malone. Precisa de tempo para si.

O capitão recostou-se na cadeira, cruzou os braços sobre o peito e suspirou.

– Precisamente quando precisávamos da perícia dele – disse. – Mas também nunca nada parece acontecer em boa altura. Mas ele bem o mereceu – acrescentou, atingindo de repente o ponto de vista de Rossetti. – Não há homem nenhum que trabalhe mais que o Jordan, ou melhor. Tem uma cabeça e peras, agarra-se aos pormenores mais ínfimos e chega a novas pastagens.

– Novas pastagens? – inquiriu Rossetti.

– Com isto quero eu dizer que o Harry vê coisas de uma perspetiva diferente do resto de nós, às vezes várias perspetivas ao mesmo tempo, e segue-as a todas até descobrir qual delas tem algum significado.

Rossetti estava a pensar no que Harry dissera na noite anterior acerca de Wally ser demasiado alto para ser o atacante de Jemima, de Bea Havnel ter a estatura certa, de Lacey e talvez Bea não serem quem diziam ser. E as suas preocupações relativamente a Roman.

– Creio que então o melhor é eu informá-lo sobre o que vai na cabeça do Harry, capitão – disse ele e começou a fazê-lo.

O capitão escutou, anuindo de vez em quando em sinal de concordância, depois declarou:

– Esqueça o Roman. Mas não podemos manter o Wally Osborne durante mais tempo. Vamos libertá-lo imediatamente. Mas isso ainda não o tira desta história. O homem foi apanhado junto do corpo da Jemima com sangue a toda a volta. E a Bea Havnel foi apanhada a correr pelo bosque.

– Talvez estivesse a correr para se salvar... do Wally? – sugeriu Rossetti, porque de repente isso lhe pareceu lógico.

– De qualquer modo, também não a podemos manter presa, de maneira

nenhuma. – O capitão debruçou-se sobre a secretária e olhou Rossetti nos olhos. – Tem os melhores advogados da praça, e vai arranjar mais, se tiver de ser. Esta jovem tem dinheiro para queimar e está preparada para o fazer.

– Tal como queimou a casa – afirmou Rossetti, como que para consigo. – A mãe morre no fogo, a mãe tem dinheiro, a rapariga herda o dinheiro.

– A casa foi cara e estava no seguro – afirmou o capitão.

– Porra. – Rossetti olhou-o novamente.

– Mas... – O capitão recostou-se novamente na cadeira e recomeçou a brincar com a caneta. – Mas podemos provar alguma coisa? Só temos teoria. E é por isso que precisamos do Harry, porque é ele quem descobre as ligações nos casos. O Harry é um bocado génio nesse aspeto.

– Não neste caso. – Rossetti levantou-se e o cão também, a ganhar, de orelhas baixas, com saudades do dono e amigo. – O Harry acha que essa rapariga é o sol. Inocência numa embalagem loira, é nisso que ele acredita, capitão. – Rossetti dirigiu-se à porta. Virou-se e olhou para o seu superior. – E sabe que mais? Pode ser que tenha razão.

Atravessou a esquadra e, ao parar para verificar trabalhos em curso, descobriu que tinha sido bruscamente retirado do homicídio de Jemima Forester para lhe ser atribuído um caso que envolvia uma série de assaltos à mão armada, na maioria pequenos comerciantes que haviam levado uma pancada na cabeça, caixas registadoras retiradas do balcão, sem mortes. O capitão despromovera-o. Rossetti achou que pelo menos lhe afastaria a mente de Harry e Mal, bem como de Jemima e do resto do maldito fiasco.

Mas primeiro ia falar com Bea Havnel, antes de ela ser libertada. Só para testar os seus instintos relativamente a ela. Iria descobrir quem ela era de facto. Homicídios por dinheiro eram comuns e Bea herdara o dinheiro de Lacey, mais dois seguros que ele apostava chegariam a mais dois milhões. O motivo estava lá. E se Roman estava de facto envolvido com ela, seria o primeiro a aparecer. Era garantido que um homem apaixonado estaria lá pela sua dama. Pobre Rose Osborne, como se não tivesse já muito com que lidar.

Bea Havnel e o seu advogado, que se chamava Mike Leverage e era conhecido por ser um assassino jurídico e custar mais a manter do que um iate, estavam sentados à mesa da sala de interrogatórios da esquadra quando Rossetti entrou. Olhou rapidamente para a jovem que conseguia mostrar-se recatada e inocente como sempre, mesmo com o macacão cor de laranja da prisão. Tinha uma maneira de erguer os olhos, por baixo das pestanas, queixo baixo, um meio-sorriso tímido nos lábios como se pedisse aprovação ou, talvez, pensou Rossetti, perdão por algo a que com certeza iria chamar a sua «tolice».

Estava certo. Mike Leverage abanou a cabeça por cima da mesa, começando logo com um relato do «comportamento pateta» de Bea Havnel, a sua cliente, que ele alegava ser bastante compreensível, «dadas as circunstâncias».

Rossetti estava sentado em silêncio, a escutar. Olhou demoradamente para Bea e ela retribuiu, olhos nos olhos. Os dela eram grandes e muito azuis e inocentes. Os dele eram castanhos, frios e céticos.

– As circunstâncias? – perguntou ele, entrelaçando os dedos à sua frente em cima da mesa e sem perguntar se queriam café, algo que ele sabia que ia enraivecêr o advogado, que esperava deferência, independentemente de querer ou não café. Era assim que ele era, poderoso a esse ponto.

– Não, obrigado, detetive – disse Leverage, deixando que a ironia lhe impregnasse a voz. – Não quero café. Entretanto, as «circunstâncias

especiais», como bem sabe, são que a minha cliente, Mistress Havnel, corria porque se disparavam tiros contra ela. Mistress Havnel temia pela própria vida, detetive. Chamo a isso «circunstâncias razoáveis», como tenho a certeza que também fará. Agora já sabe a verdade.

– A verdade continua a ser questionável, doutor.

Rossetti teve o cuidado de ser cortês, embora detestasse a porra do advogado, não confiasse nada na sua cliente e soubesse que não poderia mantê-la presa por mais tempo.

Mike Leverage remexeu nuns papéis que estavam em cima da mesa, juntou-os com um clip e empurrou-os para Rossetti.

– Aqui tem uma cópia do depoimento sob juramento da minha cliente, acerca dos acontecimentos dessa noite – informou ele. – Pode lê-los com calma, detetive, quando Mistress Havnel for libertada e as acusações contra ela eliminadas do relatório.

– Essas acusações são «estar presente num homicídio», como bem sabe – acentuou Rossetti. – Presumo que Mistress Havnel não refute esse facto.

Olhou para Bea, que novamente o fitou olhos nos olhos. Rossetti pensou em Harry, em como ele via a personificação da inocência naquela rapariga jovem, loira, encantadora. Pensou por um breve instante que Harry poderia estar certo e ele errado, mas pôs imediatamente de lado a ideia. Ela estivera presente em dois desastres de grande monta, duas mortes suspeitas, esperava que não houvesse uma terceira, mas sabia que ela tinha conhecimento de que ele não a podia manter ali por mais tempo. O interrogatório estava terminado.

– Mistress Havnel encontrava-se efetivamente na cena, mas, como poderá ver através do depoimento sob juramento, tal deveu-se ao facto de a jovem Jemima Forester a estar a seguir. Numa qualquer charada como detetive, creio eu. Julgo que poderá confirmar isso com o seu colega, o detetive Jordan – acrescentou Leverage com um sorriso confiante de superioridade.

Rossetti anuiu, sempre a olhar Bea. Um sorriso ergueu os cantos da boca da rapariga.

– Obrigada, detetive Rossetti – disse ela, no seu tom de voz baixo e doce. – Não sei onde está o Harry, mas não se importa de lhe agradecer por mim, por toda a ajuda que me prestou. Pela sua confiança – acrescentou.

Nesse momento, até Rossetti esteve inclinado a acreditar nela; afinal de contas, não tinha provas concretas. Mas tinha de saber mais sobre quem ela

realmente era e sobre quem realmente era a mulher que dizia chamar-se Lacey Havnel – e que também dizia ser mãe de Bea. Enquanto isso, não lhe fazia perguntas acerca da sua identidade; ia ver como ela regia. Apostava que o seguro não teria alternativa a não ser pagar. E também, entretanto, a mulher queimada não podia ser enterrada até se descobrir quem lhe espetara a faca no olho direito. E porquê.

Meia hora mais tarde, já Bea trocara o macacão da prisão pelas habituais calças de ganga e camisola preta nova que o advogado tivera o cuidado de lhe trazer porque o tempo arrefecera, ela dissera-lhe que queria voltar ao lago.

– Tenho de ficar lá – explicou. – De alguma maneira, lá sinto-me mais perto da minha mãe. Até descobrirem quem lhe fez isto. Quem me fez isto. – Pousou delicadamente uma mão no braço dele quando lhe abriu a porta do carro.

Mike Leverage olhou para ela, surpreendido.

– Mas a sua casa já não existe. Onde vai ficar?

– Ora, com os Osborne, claro. – Bea ficou espantada por ele ter sequer feito a pergunta. – Tem de me levar já para lá. Preciso de pedir desculpa à Rose, de lhe explicar o meu engano ao pensar que tinha sido o Wally por tê-lo visto lá também. Quer dizer, foi exatamente o mesmo que me aconteceu. O Wally e eu fomos postos na mesma situação. Alguém matou a pobre rapariga e nós estávamos lá e arcámos com as culpas. Alguém com um motivo, alguém que a detestava, fez aquilo e depois fugiu, saiu de carro dali para fora, escapou... e eu quero saber quem era essa pessoa. E tenho a certeza de que a Rose e o Wally Osborne também querem.

Mike revirou os olhos. Não via a mínima hipótese de Bea conseguir o que queria dos Osborne, mas ia levá-la lá de carro, tentar abrir as negociações, ver o que acontecia.

Wally não tinha ido para casa, embora Rose soubesse que ele tinha sido libertado, ainda que temporariamente. Ficou, portanto, estupefacta quando viu o carro do advogado estacionar à frente da sua casa e Bea sair dele. Abriu a porta e ficou, de braços cruzados, à espera que eles falassem.

Mike Leverage avançou primeiro e ficou ao fundo do pequeno lance de

escadas que conduzia à casa.

– Mistress Havnel veio pedir desculpa, minha senhora – disse ele, abrindo os braços como se fosse ele a fazer o pedido. – Mistress Havnel está inocente de qualquer crime, minha senhora. Tão inocente como o seu marido. Foram ambos apanhados numa posição má, no lugar errado à hora errada. Mistress Havnel pede-lhe que a deixe falar, que a receba, que a deixe pedir desculpa a si e ao seu marido. Na verdade, a toda a família. A vida dela desmoronou-se, por assim dizer. Não tem para onde se virar. Ninguém que a ouça.

– Ninguém que a receba. Novamente – afirmou Rose, numa voz tão fria que quase provocou um arrepio a Mike.

Bea fitava Rose da janela aberta do carro. Tinha um ar jovem, aterrorizado e sozinho.

– Por favor, diga à sua cliente – disse Rose a Mike – que se ela quer refrescar a memória, pode recordar que não só acusou o meu marido de homicídio, como causou infinita angústia a toda a minha família, que a reputação do meu marido está claramente arruinada e que tem uma propriedade sua na outra margem do lago. Queimada, é claro, e com a mãe lá dentro. Assassinada, segundo dizem, embora a Bea, que estava com ela quando tudo aconteceu, pareça não saber nada sobre o assunto. E também nada sabe sobre a morte da jovem Jemima, embora também estivesse na cena do crime. Não me parece aconselhável acolher uma mulher com essas suspeitas pairando sobre si. Não só isso, também pode relembrar à Bea, uma vez que parece ter-se esquecido disso também, que há um pequeno anexo na sua propriedade que não ficou queimado pelo fogo. Sugiro que vá para lá, que faça do lugar o que quiser. Não é bem-vinda na minha casa.

Bea ouviu tudo. Saiu do carro e foi pôr-se ao lado do advogado ao fundo dos degraus. Tinha a tez pálida, os lábios cerrados.

– Por favor, Rose – pediu ela, quase num sussurro, de tal maneira estava à beira das lágrimas. – Deixe-me pedir desculpa. Vim ter consigo quando estava já tudo perdido. Acolheu-me. Sempre a admirei à distância, quando a via passear à volta do lago, a si e à sua família. Queria tanto uma família, mas a única coisa que tinha... – Deteve-se e apertou as mãos, olhando para elas. – Nunca acusei o Wally – disse ela. – A única coisa que eu disse foi que ele estava ali, tal como eu. Fomos os dois apanhados na mesma armadilha. Ambos inocentes. Eu fui presa, Rose, tal como o Wally. Por favor, por favor, pode perdoar-me? Não lhe vou suplicar que me receba, sei que isso é pedir

demasiado, mas, por favor, volte a falar comigo, Rose. Deixe-me ser a pessoa que acreditou que eu era, que eu sou de facto.

Era tentador. A rapariga parecia tão genuinamente ma-goadada, tão completamente sozinha. Tinha apenas um advogado, dinheiro no banco e um quarto no Ritz. Rose pensou na sua própria família, nas raparigas, em Diz, que vira tudo, e em Wally, que estava a comer o pão que o diabo amassou. Descobriu que não lhe sobravam emoções para dispensar a Bea Havnel.

– Desculpa, Bea, mas tens de descobrir o teu próprio futuro – disse ela; voltou para dentro e fechou a porta.

Mike olhou para a sua cliente. O seu rosto era ilegível, completamente isento de emoção, se bem que ele deduzia que ela acabava de receber um duro golpe no seu futuro.

Bea captou o olhar dele, desviou os olhos e disse:

– A Rose tem razão, tinha-me esquecido por completo do anexo. É na outra margem do lago. Vê-se daqui, ao lado das ruínas do fogo onde morreu a minha mãe. E – acrescentou – vou assegurar-me que quem o fez vai pagar o preço final.

Mais tarde, ainda nesse dia, Wally regressou a casa. Entrou simplesmente, disse «olá» como se se tivesse ausentado para uma sessão de autógrafos, enquanto eles ficaram em silêncio, arquejantes. Depois subiu ao andar de cima para mudar de roupa.

Rose estava a tentar agir normalmente, como se tudo es-tivesse como sempre. Foi para os seus afazeres habituais na cozinha, atacou o fogão com tiras de *bacon* que fervilhavam loucamente na frigideira, embora fosse hora de jantar, bateu ovos num frenesim para fazer omeletes, cortou restos de frango, aqueceu molho de carne congelado no micro-ondas, ferveu água para um legume que sabia que tinha no frigorífico, só não tinha tido disposição de o procurar agora. Na verdade, não queria fazer nada daquilo, queria estar a sós com o marido, queria pedir-lhe a verdade. Não que isso importasse, porque sabia que, de qualquer modo, Wally não lha contaria.

Estava toda a gente sentada à volta da mesa, menos Wally. Tinham-se aberto garrafas de vinho, disposto latas de *Coca-Cola* que os rapazes amachucaram com as mãos depois de as terem esvaziado. Aparentemente incapaz de tolerar a falta de conversa, Roman levantou-se e ligou o rádio FM, que passava clássicos contemporâneos: Rod a cantar canções antigas; Bublê a cantar outras coisas. Pelo menos, pensou Rose, cobria o buraco de silêncio das suas vidas. Temporariamente. Roman sentou-se de olhos fixos na lata de *Coca-Cola*, distante como sempre. Era como se a vida se desenrolasse diante dos seus olhos, mas ele optasse por não reparar.

– Detesto isso.

Diz olhou para o irmão, que encolheu os ombros sem se importar e respondeu:

– Seja.

Rose bateu com a espátula, atravessou a cozinha a passos largos e desligou a música.

– Ele tem razão – disse ela a Roman. – Pelo menos põe alguma coisa decente.

Sem esperar que ele o fizesse, enfiou um disco de *études* para piano de Chopin tocados por alguém com uns dedos de uma delicadeza etérea, que naquela cozinha com os nervos em franja destoava completamente.

Todos os olhares se desviaram para Wally quando ele entrou. Mudara de roupa, trocara aquilo em que Rose agora pensava como sendo o «fato da prisão», referindo-se à roupa que usava quando foi apanhado na cena do crime, para uns calções castanhos largos e uma *T-shirt* branca. Tinha o cabelo colado à cabeça, ainda molhado do duche. Acenou com a cabeça num cumprimento à família e sentou-se à mesa.

Ninguém falou; o único barulho que se ouvia era o do *bacon* a crepitar. Toda a gente olhava Wally pelo canto do olho, com medo de ser o primeiro a fazer as perguntas que tinham na ponta da língua.

Passado um minuto, Wally levantou-se. Foi ao frigorífico, tirou de lá uma garrafa de vodka e um copo, branco do gelo, e serviu-se da bebida. Bebeu-o de um trago, de pé junto da porta aberta do frigorífico, depois virou-se e analisou a família, que estava de olhos esbugalhados.

– Nunca esperei ter de vos dizer isto. – Bateu com a porta do frigorífico e ficou de pé, alto, belo e loiro, o homem que qualquer mulher quieria, o homem a quem qualquer miúdo chamaria orgulhosamente «pai». – Sou drogado – disse ele. – Caí na situação de que toda a vida vos tentei desviar. Fiquei preso nela. As drogas são insidiosas, roubam-nos a vida enquanto nós, uns pobres diabos, sentimos que temos o mundo inteiro a tentar espremer-nos. Só que não temos. A pessoa que pela primeira vez nos puxa para cima... me puxou para cima quando eu estava em baixo, a pensar se alguma vez conseguiria voltar a escrever, a pensar aonde estava a ir a minha vida, a cair numa depressão tão profunda que o fundo do lago me parecia uma resposta válida. Essa pessoa viu-me, salvou-me, encontrou uma resposta para todos os meus problemas. Foi isso que eu pensei, como pensam todos os viciados,

acho eu, até que depressa percebi que continuava a ter os meus problemas todos, e mais um, ainda maior. Um pelo qual tinha de pagar magnificamente. E assim fiz.

Diz levantou-se e foi pôr-se ao lado do pai.

– Vai correr tudo bem, pai, nós sabemos que não mataste a Jemima, vamos ajudar-te com as drogas.

Wally fez uma festa no cabelo do rapaz:

– Obrigado, filho.

Rose pousou a espátula e deixou queimar o *bacon*. Estava em frente ao marido, com as mãos nos ombros dele, a olhá-lo nos olhos como se procurasse alguma coisa que ele pudesse estar a esconder.

– Não tive nada a ver com a Jemima – disse-lhe. – Nem sequer a conhecia, mas para a polícia continuo a ser uma «pessoa de interesse». – Wally franziu a fronte, como se pensasse na rapariga morta a tornar-se um mero caso de polícia. A sua voz tremeu quando acrescentou: – Ou seja, no homicídio dela. Não sei quem o fez, mas sou obrigado a crer que tenha tido alguma coisa a ver com drogas. Tinha acabado de sair do jantar, Rose, fui simplesmente dar um passeio lá fora porque precisava de estar sozinho, para me perguntar o que achava que estava a fazer, onde me imaginava a acabar. E foi quando ouvi a Bea gritar. Vi-a correr por entre as árvores, fui atrás dela e descobri a Jemima ali estendida. – Wally pôs a cabeça entre as mãos. – Meu Deus, espero nunca mais ter de ver nada assim. Eu escrevo sobre estas coisas! Sei exatamente como se faz, que faca usar. Escrevo sobre a sensação da faca a abrir uma garganta, a maneira como o sangue jorra, escrevo sobre o sangue a manchar o cabelo, os colares partidos...

Levantou a cabeça e olhou para a sua família, muda e estupefacta.

– Estou a contar-vos a verdade e a pensar que mereço ser suspeito deste horror, um homem como eu, que faz dinheiro com isso.

Rose passou os braços em redor do marido e ele baixou a cabeça para o pescoço macio dela, o tipo de pescoço que Rose sabia que Wally sabia como cortar, sabia exatamente onde ficava a jugular, sabia onde se encontrava o músculo que paralisava.

– Eu acredito em ti – disse-lhe ela, embora um peso desconfortável se tivesse apoderado do seu coração. – Acredito em ti, Wally – repetiu, olhando em volta, captando os olhos dos filhos com os seus.

– Acreditamos em ti, pai – disseram Frazer e Madison em coro, com

devoção.

– Então e a Bea? – perguntou Roman.

Todos se viraram para ele.

– Tinhas um caso com ela? – perguntou Roman.

– Caramba! – Wally estava chocado. – Não sejas ridículo – respondeu Wally muito depressa. – Claro que não.

Diz achou que Roman parecia aliviado quando se virou e deduziu porquê. Era *Roman* quem estava apaixonado por Bea, não o pai. Bea tinha Roman nas palmas das mãos e ele faria qualquer coisa por ela... Mas *matar*? Não, não, ele achava que não. Roman *não* seria capaz de fazer isso, não tendo uma mãe como *Rose*... não *lhe* faria mal, embora pudesse ir atrás de Bea se ela o estivesse a deixar pendurado. Oh, meu Deus, o que se passava com aquela família?

Diz viu a mãe apertar o pai com força, como se deixando-o toda a família se pudesse afogar no lago. Como se, sem Wally, todos desaparecessem para sempre.

Com um braço a cingir a cintura de Rose, Wally voltou para a mesa e serviu-se de um copo de vinho. Olhou para o rótulo. Era um bom chateau francês de um ano exemplar.

– Sabes sempre fazer o melhor – disse a Rose, que se apressou, demasiado tarde, a tentar salvar o *bacon* esturricado.

– Pai? – questionou Diz, e o pai ergueu os olhos para ele. – Onde está exatamente a Bea?

O nome caiu como uma pedra no charco, formando círculos cada vez maiores até os circundar a todos.

– Eu pedi-vos que nunca mais pronunciassem esse nome – disse Rose demasiado depressa, porque estava nervosa e muito possivelmente com medo da resposta.

Mas Wally respondeu:

– Creio que tem a sua casa, na outra margem. Imagino que continue a viver lá.

– Queres dizer... ao pé de nós? – Diz estava estupefacto.

– Ou aí ou no Ritz – respondeu Rose, brincando com a situação e raspando o *bacon* para o caixote do lixo.

Diz como que desejava que ela pudesse fazer a mesma coisa a Bea, mas limitou-se a encolher os ombros e a subir as escadas, onde trepou para o seu

ramo e focou os binóculos na propriedade Havnel.

Não havia luzes. Até a equipa forense devia ter dado por terminado o seu trabalho nessa noite. Tinha sido ali assassinada uma mulher; uma segunda mulher fora morta ali mesmo no bosque. O pai tinha sido implicado. Bea tinha sido implicada. Diz tinha de saber a verdade e era sua intenção descobri-la a observar, à espera de que um movimento em falso revelasse a jogada de Bea. Porque agora tinha a certeza de que tinha de ser ela. No dia seguinte, podia ir até lá, espiá-la, podia segui-la, descobrir o que andava a tramar.

Era evidente que ela ia cometer um erro, os criminosos cometiam sempre na televisão e Diz precisava desesperadamente de provar a inocência do pai.

Harry estava a curar a bebedeira com sono. No seu sonho, encontrava-se num buraco labiríntico, frio e escuro, um lugar repleto de água negra onde nenhum som se ouvia, com exceção de um tinido abafado. Tocava e tocava. Por mais que quisesse, Harry não se conseguia libertar dele. Então acordou, e ele continuava lá. Deus todo-poderoso, era a campainha da porta. Alguém tinha o dedo a premi-la e não ia tirá-lo.

Cheio de súbita raiva, desaninhou-se do cadeirão em pele vermelha e foi abrir a porta, pronto para dar a quem quer que fosse uma seleção daquilo que lhe passava pela cabeça.

– Mas que porra... – disse ele, e deteve-se.

Rose Osborne estava parada à porta da sua casa, envolta num grande xaile cor de laranja que trazia por cima das calças de fato de treino cinzentas e de um blusão que dizia HARVARD à frente, em letras vermelho vivas. Tinha o cabelo escuro e grosso num carrapito, não trazia maquilhagem e os seus olhos eram enormes adagas castanhas e raivosas olhando para ele.

– São três da manhã – disse Harry, sabendo que pelo menos devia ser por volta dessa hora.

– E depois? – Ela passou por ele e ficou parada no corredor, a olhar em redor. – Onde está o cão?

– Foi-se. *Hum...* o meu amigo... *hum*, o Rossetti levou-o e vai ficar com ele enquanto estou fora.

– Você não está «fora» – fez notar Rose. Friamente.

– Bem, sim, quer dizer, não, mas vou estar a partir de amanhã. Quer dizer – olhou uma vez mais de relance para o relógio. – Quer dizer, hoje.

Ela virou-se então para ele, com os olhos não «em chamas», como poderia tê-los descrito, mas duros, malévolos. Harry pensou que ela parecia pronta para o matar.

– Rose – disse ele, tentando recuperar a primeira imagem que tinha dela, com a blusa branca estilo cigano que lhe deixava os ombros à mostra, o cabelo agitando-se livremente e aquela encantadora aura de feminilidade que tanto o atraía. Agora era uma virago. Ele sabia que ela estava ali para proteger o seu homem.

– A Bea veio dizer-me que está inocente – disse Rose. – Implorou-me que acreditasse nela. Acho que até queria que eu a aceitasse de novo em minha casa, que cuidasse dela. Novamente. – Sacudiu a cabeça ao pensar naquela loucura. – Você prendeu o Wally – acusou ela, num tom de voz gelado. – Acusou o meu marido de assassinar aquela jovem mulher, a Jemima. Eu disse-lhe que o Wally nunca faria uma coisa dessas, não seria capaz de ter feito uma coisa tão horrível. – Aproximou-se um passo, ficou com o rosto junto do de Harry. – Agora já sei o que ele estava a fazer – disse ela. – Não vai admiti-lo por causa dos filhos, acredita que vai provar-se a sua inocência e que nada manchará a sua reputação, a reputação da sua família. Os filhos são tudo para o Wally. Só que... – Harry pegou no braço de Rose e levou-a para a sala. Sentou-a no cadeirão de pele vermelha e agachou-se na banquetta diante dela.

– Só que?

Rose inspirou fundo.

– Era droga. O Wally andava a consumir droga, detetive Jordan.

Passou pela cabeça dele que já não era «Harry», o sujeito simpático com quem ela tomava café à comprida mesa de pinho naquela cozinha tranquila com o agradável aroma da sopa no fogão e aquela frescura que era Rose. Pensou na distância que os separava em apenas alguns dias.

– Posso apostar que sei quem lha fornecia – disse ele.

Rose abanou a cabeça.

– Então sabe mais do que eu. Só sei o que ele me contou. Talvez tenha contado mais aos advogados, que passaram horas com ele, não sei que vai acontecer agora.

– O seu marido estava a ser chantageado. O «bom homem de família», o

«escritor famoso», o «defensor de uma vida honesta», da «vida encantadora». Infelizmente, Rose, o ego do Wally não tolerava ser exposto como mentiroso e viciado, isso seria a ruína e ele sabia-o.

Ela olhava-o, com os grandes olhos escuros vazios de tão espantados. Ele levantou-se, foi até ao bar, abriu uma garrafa de vinho, um *Syrah* decente da Califórnia, que julgou ser substancial o bastante para acalmar nervos em franja, pelo menos um pouco. Serviu-lhe um copo e foi entregar-lho em mão, fechando-lhe os dedos em volta para que ela não o deixasse cair.

Rose olhou para o copo, surpreendida e, sempre bem-educada, agradeceu-lhe. Bebeu um gole, seguido de mais um. Limpou a boca com as costas da mão e disse:

– O que quer dizer com isso, Harry Jordan, o meu marido é um drogado?

– Não é isso que importa neste momento. O que importa é que eu acredito... eu sei... que o seu marido não é um assassino. Ele não matou a Jemima Forester. Apostava a minha vida em como não.

Rose começou a chorar, lágrimas enormes corriam-lhe, ignoradas, pelas faces, sobre o queixo, para o pescoço. Harry foi buscar uma caixa de *Kleenex* ao bar.

– Pronto – disse ele baixinho. – Vai ver que correrá tudo bem. Vamos tirar o Wally de lá, vai levá-lo para casa, cuidar dele. Eu asseguro-me que o Rossetti faz tudo como deve ser, ele vai tratar de tudo por si.

– Então e você? – Olhou para ele em pânico. – Porque não trata você de tudo? Afinal de contas, foi você que começou.

Harry deixou-se ficar sentado durante um momento na banquetta, a olhar para aquela encantadora e angustiada mulher que precisava da sua ajuda, cujo marido precisava da sua ajuda, cujas vidas tinham sido tocadas pelo mal. Claro que devia ser ele a tomar conta dela. De todos eles.

– Confie em mim – disse ele a Rose. – Eu quero fazê-lo. Mas vou partir amanhã... ou melhor, hoje, para Paris. É algo que não posso adiar.

Levantou-se e ela também. Ele tirou-lhe o copo vazio da mão, envolveu-a no xaile cor de laranja, alisou as franjas nas extremidades. Era suave ao toque, caxemira, ele sabia-o. Suave como a mulher que estava à sua frente, cujos braços foram então envolvê-lo. Ele apertou-a com força contra si, inspirando aquele aroma de ar fresco que era o dela, apreciando a delicadeza dela.

– Vai correr tudo bem – murmurou ao ouvido dela. – Vai ver que correrá

tudo bem. Eu sei que sim.

Ela afastou-se e olhou para ele.

– Promete? – perguntou.

– Prometo – respondeu Harry.

Depois chamou um táxi para levar Rose a casa. De seguida, telefonou à companhia aérea para confirmar o voo para Paris na tarde do dia seguinte – ou melhor, desse mesmo dia. Então, telefonou a Rossetti.

– Quero que fales com os advogados do Wally – disse ele. – Não é ele o nosso homem, tenho a certeza. Além disso, não podemos de maneira nenhuma mantê-lo preso, não há provas.

– Eu sei, já falei com o capitão – referiu Rossetti. – Seja como for, porque não estás na porra do avião?

– Eu estou – retorquiu Harry. – Só preciso de um duche, de fazer uma mala e vou-me embora.

– Tens a certeza de que vais para Paris?

Harry sorriu perante o ceticismo na voz do amigo.

– Desta vez, tenho a certeza – afirmou. – Vais resolver tudo, Rossetti. Sozinho.

Quando foi ao encontro de Harry no aeroporto Charles de Gaulle, Mal achou que ele estava como sempre: o mesmo cabelo escuro desgrenhado, os mesmos olhos cinzentos vivos que a procuravam na multidão, o mesmo passo trotado, como «uma pantera à solta», como lhe dissera ela certa vez, apenas meio a brincar. Esguio, ágil e sedutor, assim era o seu Harry. E também, como pôde ver quando ele se aproximou, muito cansado.

Ele sentiu os olhos dela postos em si, identificou-a, sorriu e depois já estavam nos braços um dos outro, o rosto dele no cabelo de Mal, as suas mãos firmes nas costas dela, a chegarem-na mais para si.

– Nem imaginas como é bom ver-te – murmurou.

Ela disse, a sorrir:

– Sempre tentei trazer-te a Paris.

– E agora conseguiste. E eu estou feliz por estar aqui.

– Vais ficar ainda mais feliz – disse ela, aproximando-se mais dele, sem se importar com o que o resto do mundo, que passava à pressa com o peso da bagagem de mão e da fadiga, pensava sobre eles. Eram amantes. E depois. Estavam em Paris.

Ela olhou por cima do ombro dele com a expressão de quem procura alguma coisa.

– Estou à procura do cão – explicou, contente por fazer Harry rir.

A única coisa que ele levava consigo era um saco desportivo, onde Mal

apostava que estaria um par de *boxeurs* lavados; talvez um par de meias se nesse momento estivesse a usar meias, na maior parte das vezes não usava; uma camisa branca lavada, um velho casaco de caxemira que ele às vezes usava quando iam a algum sítio «chique», que era como ele se referia a um bom restaurante, o que para ele queria dizer qualquer um exceto o Ruby's; decididamente, não havia gravata, ele nunca usava. Estaria lá dentro a velha bolsa de pele com a escova de dentes, etc., e um exemplar de *Guerra e Paz*. Harry levava sempre o *Guerra e Paz* quando viajava. Nunca o terminava; dizia sempre que tinha de começar do princípio, porque não se lembrava de quem era quem, os nomes confundiam-no imenso. «É um bom treino para um detetive», disse ele a Mal quando ela se riu. Decididamente, Harry não era um homem de *Kindle*, continuava a querer um bom velho livro, o toque do papel na sua mão, as páginas que ele podia virar, o fim que podia ler antes para acompanhar melhor a história. Harry tinha sempre de saber o final antes e agora, com aquele caso das Havnel e a morte da jovem mulher, Mal apercebeu-se de que ele não sabia o final e que isso o fazia sofrer.

Ela estacionara o carro, naturalmente, numa linha vermelha. Havia mais uma multa e um polícia irado que, quando ela tentou espremer umas lágrimas e lhe explicou num francês macarrónico que o seu passageiro era o detetive de homicídios Harry Jordan, célebre nos Estados Unidos, a deixou ir-se embora com um aviso.

– Não mudaste nada – disse ele, encolhendo-se no *Fiat*. – Eras capaz de te safar de um homicídio.

Dadas as circunstâncias, Mal achou que se tratava de uma escolha de palavras infeliz.

– Queres ir primeiro a minha casa? Ou preferes fazer-te parisiense e ir beber um copo de vinho, num certo café de passeio de que eu gosto?

– Decididamente o vinho. – Harry pousou a mão no joelho dela e apertou-o. – E o café de passeio de que tanto gostas. Tenho de saber onde tens passado o tempo, aqui sozinha em Paris.

Mal considerou que seria melhor não fazer referência ao homem de casaco de *tweed* com quem bebera champanhe na noite anterior. Afinal de contas, ela estivera a chorar por causa de Harry, razão pela qual se tinham conhecido.

Ela guiou depressa e com confiança através do tráfego de hora de ponta, passando por infindáveis subúrbios sombrios e entrando naquilo que Mal designou de «a luz», quando apareceu a célebre linha de horizonte marcada

pela Torre Eiffel.

– As cidades são meras cidades até que se lhes encontre a alma – explicou a Harry, enquanto abria caminho até Saint-Germain e estacionava, mais uma vez ilegalmente, na estreita rue Jacob, a alguns passos do minúsculo quarto de hotel onde se sentira tão só, a ouvir crianças da creche a cantar e cheia de saudades de Harry. E agora ali estava ele.

– Então as cidades são como as mulheres – comentou Harry. – Tem de se esperar para se encontrar o coração delas, tal como eu esperei pelo teu.

Inclinou-se para ela e envolveu-a nos braços enquanto as suas bocas se encontravam num demorado beijo.

Quando ela se afastou, ele disse:

– Agora tens a certeza em relação ao vinho?

Mal abriu um grande sorriso.

– Ouvi dizer que a expectativa é a melhor parte do sexo.

– Não sei bem se alguma vez achei isso.

– Estacionei num sítio proibido – explicou ela. – Pode muito bem ser o copo de vinho mais caro que já bebeste. – Mas Harry tirou um papel azul do saco desportivo e espetou-o no vidro do carro.

– Polícia – disse Mal, espantada.

– É um código internacional – retorquiu Harry, agora mais animado do que quando saíra do avião. – Leva um tipo a qualquer lugar, a qualquer hora.

– Lá que funciona comigo, funciona – anuiu ela, enfiou o braço no dele e dobrou a esquina em direção ao Café Deux Magots, onde um empregado de mesa, que já a conhecia das solitárias estadas noturnas, a cumprimentou com um sorriso. Arqueou contudo as sobrancelhas quando a viu acompanhada.

– *La même chose, madame?* – perguntou ele, e afastou-lhe a cadeira para trás, enquanto Harry tentava encaixar as pernas debaixo da mesinha, rematada por outras mesinhas cheias de pessoas que pareciam completamente envolvidas nas suas conversas e nos seus mundos, com exceção dos turistas como ele que ali estavam para absorver tudo o que conseguissem e sentir-se felizes com isso, e que lhes lançavam sorrisos acolhedores do género «estamos todos no mesmo barco».

– *Oui, s'il vous plait, le champagne, mais, je crois, deux cafés aussi.*

– *Avec du lait, madame? Du lait chaud, peut-être.*

Era evidente que o empregado de mesa conhecia o pedido habitual de Mal e ela impressionou Harry com o seu domínio da língua.

– *Pas moment* – disse Mal, exibindo-se e sorrindo a Harry para ver se ele tinha reparado.

– Estás aqui há demasiado tempo – disse ele. – Já falas a língua.

– Só sei dizer o que acabaste de ouvir. Sou capaz de pedir coisas, comprar uma baguete na verdade, uma *ficelle*, que é aquela fininha e comprida com duas pontas em vez de uma. Não sei porquê, mas sabe melhor.

– Fico contente por saber que não tens passado fome.

O empregado regressou com dois copos de champanhe.

– Se calhar, devíamos ter comprado uma garrafa – disse Harry, enquanto erguiam os copos um para o outro.

– Pode ser que não fiquemos aqui tempo suficiente para isso. – Mal dirigiu-lhe um sorriso cheio de intenção que para a alma ferida de Harry tinha todo o significado do mundo.

– Isto vir aqui ter contigo... é a melhor coisa que já fiz – disse ele baixinho, e aproximou-se. – A não ser...

Fez uma pausa e Mal aguardou.

– A não ser quando fiquei com o *Squeeze* – acrescentou, provocando nela um resmungo.

– Lembra-te de que aquele cão te salvou a vida – lembrou-lhe ele.

Ela anuiu. Nunca se esqueceria. Mas isso era outra história.

– Sabes como eu o adoro. – Ela bebericou o champanhe, olhando para ele por cima da borda do copo. – Então, o que se passou, Harry? Eu sei que estás a sofrer, sei que a tua carreira está em crise. Talvez estejas em crise até comigo. Só te quero ajudar a resolveres as coisas.

Harry inspirou fundo, pensando nos milhares de quilómetros que o separavam de Evening Lake e da rapariga morta, com a garganta cortada, e as pérolas do colar partido espalhadas no solo encharcado de sangue como flores primaveris a abrir caminho por entre a terra morta.

– Eu não conhecia realmente a mulher – disse ele. – Ou seja, não a conhecia bem. Só a tinha conhecido há poucos dias. Mas era tão viva, Mal. Chamava-se Jemima. Puddleduck, claro está – acrescentou, lembrando-se daquela noite no Ruby's. – Acho que, em certo sentido, me lembrava de ti, ou pelo menos de como devias ser antes de te teres tornado uma famosa investigadora de televisão. Jovem, curiosa, abelhuda, na verdade, a meter-se em situações, em lugares onde não devia.

– Assim era eu – concordou Mal.

– Veio ter comigo porque sabia que o Divon, o jovem passador de droga, estava envolvido com a mulher de Evening Lake. Trabalhava com ela, ir buscar e vender coisas da pesada. Andou no liceu com a Jemima, ela declarou que jurava em tribunal que ele nunca mataria ninguém. E eu acredito nela.

– Então ele... o Divon... não matou a Jemima?

– Não podia ter matado, porque já estava preso. Mas encontrava-se em casa da Havnel, no lago, na noite do incêndio. Ainda não te disse, mas ela também foi esfaqueada. Tinha uma faca de cozinha espetada no olho direito. Partimos do princípio que ela estava a fugir de fosse quem fosse que a queria matar, mesmo antes de a casa explodir em chamas. Mas o estranho é que a filha, que nos contou a história toda daquele inferno e que estava com a mãe nesse momento, nunca mencionou faca de cozinha nenhuma.

– Não via a faca no olho da mãe?

– A única coisa que a filha disse foi que viu a mãe arder depois de pôr abundante laca no cabelo e de seguida acender um cigarro. – Harry encolheu os ombros. – Não é a primeira vez. A rapariga fugiu quando a casa começou a arder, eu vi-a atirar-se ao lago para apagar o fogo do cabelo...

– Foi quando a salvaste – disse Mal.

Harry olhou para ela.

– O cabelo em chamas era uma peruca.

Os olhos de ambos entrecruzaram-se por cima da mesinha, os joelhos tocaram-se sob ela. Mal apertou a mão de Harry entre as suas.

– Agora tenho uma coisa para te dizer – revelou ela. – A mulher não se chamava Lacey Havnel. Essa mulher morreu há dez anos.

Harry retorquiu:

– Acho que o Rossetti descobriu isso.

– Aquilo que nenhum de nós descobriu, no entanto, é quem é exatamente essa jovem mulher que se diz filha da Lacey Havnel.

– Deixei isso com o Rossetti – disse Harry, desgastado agora que lhe voltava tudo à memória.

– Deixa também comigo – sugeriu Mal. – Estou aqui para te ajudar.

– E eu estou aqui porque te amo – disse Harry.

Ela olhou-o demoradamente e acenou ao empregado para que trouxesse a conta.

– Vou-te levar para casa, para a cama – disse ela; fez deslizar os joelhos para fora da mesa e levantou-se. – Só te quero amar, Harry Jordan.

Na cama demasiado pequena, o famoso *lit matrimonial* francês, jamais intencionado para robustos cidadãos americanos, Mal estava em cima de Harry. Os dois estavam nus.

– Encaixamos – murmurou ela – como um par de luvas velhas.

– Meias – corrigiu Harry.

Mal ergueu a cabeça do peito dele e os seus olhos encontraram-se.

– Luvas. Nas mãos. Qualquer coisa assim.

– Ou meias. Nos pés.

– Há dois pés e duas meias – insistiu ela. – Uma luva, uma mão, se é que me entendes.

– Caramba – resmungou Harry. – Porque estamos a falar com eufemismos.

– Tenho a pila dentro de ti e encaixa na perfeição. Pelo menos, encaixava há momentos, antes de termos começado a discutir semântica e eu ter perdido...

– De teres perdido o teu «brilho» – respondeu Mal e deu um beliscão no traseiro de Harry que o fez gemer de dor, mas não teve qualquer efeito sobre a sua ereção.

– Agora é a minha vez de dizer «caramba» – replicou ela, indignada. – Guardei-me para ti, aqui, em Paris. – Lembrou-se do sujeito engraçado no Deux Magots e acrescentou: – Sozinha.

Harry levantou a cabeça da almofada e olhou por cima do ombro dela para a extensão do seu corpo nu.

– És linda – murmurou.

– Eu sei – disse ela. – Sou linda quando estou aqui, assim, contigo. Sou linda quando tens os braços à minha volta. Quando me provas e me fazes gritar de agonia ou alegria, nunca sei bem qual das duas é, e quando estás dentro de mim e me sinto cheia de poder graças à enorme vaga que sinto quando te vens e dou por mim a gritar uma e outra vez, e quero mais.

Sentiu o peito de Harry mover-se e olhou para ele com indignação. Estava a rir-se.

– Mas onde está a maldita graça? – perguntou bruscamente.

– És insaciável – disse Harry e percorreu toda a extensão das costas dela com a mão, ao longo do declive que precedia a curva do traseiro, que lhe lembrava, tinha de o dizer em voz alta, dois melões gémeos.

– Meloas? Ou melancias? – perguntou Mal.

– Um de cada – respondeu.

Portanto, ela bateu-lhe.

– Então e as mamas? – Empurrou-o e agarrou com as mãos as esferas gémeas cujos mamilos estavam espetados como ponteiros a *laser*.

Harry resmungou.

– Por favor, por favor, são seios – afirmou ele. – E são lindos. E tu és linda, até logo de manhã, com cabelo de cama, perfume apagado e o cheiro do sexo da noite anterior.

– Esqueceste-te do mau hálito matinal – lembrou-lhe.

– Acho que prefiro esquecer isso – admitiu.

Mal suspirou.

– Eu sempre soube que não eras um verdadeiro romântico.

Harry virou-se na cama. Puxou-lhe o cabelo para trás com uma mão e olhou para o rosto sem maquilhagem, ainda rosado de terem feito amor e os olhos brilhantes de excitação.

– Ah, sou sim, sou um romântico – disse ele. – E, independentemente do que acontecer, nunca te esqueças disso.

Mal olhou para ele, espantada. O que queria ele dizer – o que podia acontecer?

Rossetti obteve os pormenores da morte da verdadeira Lacey Havnel dez anos antes em Miami, primeiro através da segurança social, que lhe deu acesso não só à identidade dela como também à conta bancária, ambas as coisas usurpadas pela mulher que eles agora acreditavam ser Carrie Murphy, de cinquenta e dois anos, natural de Gainesville, na Florida. A verdadeira Lacey Havnel nunca tinha sido casada, não tinha filhos e morrera num atropelamento e fuga no estacionamento do bar onde trabalhava como empregada. Não se sabia se Carrie Murphy, a mulher que lhe roubara a identidade, a «nova» Lacey Havnel, tinha filhos, embora fosse evidente que, antes de se tornar Lacey, tivera três maridos, sendo que todos eles «me morreram», segundo citação da própria num inquérito sobre o terceiro. A serra do primeiro marido deslizou quando ele estava a cortar lenha no jardim; o segundo teve um ataque cardíaco, embora não tivesse sido feita autópsia, e o terceiro desaparecera, pura e simplesmente, no mar. «Foi à pesca», contara Lacey ao tribunal.

Rossetti leu depois o resto do texto:

A nossa divisão de Narcóticos manteve Murphy (Havnel) sob vigilância em Miami durante alguns meses até ela abandonar a região. Tínhamos sido informados de que ela expedia cocaína e possivelmente heroína do México, onde ia com frequência «de férias». Foram feitos esforços para a localizar e pensava-se que ela teria sido «eliminada». Ela era um risco para os que

estavam mais acima na hierarquia do cartel. Não se registou mais atividade com as pessoas com quem ela tivera contacto anteriormente, ainda que houvesse indícios de que ela podia andar a trabalhar com um parceiro.

Rossetti recostou-se na cadeira, absorvendo o que acabara de ler. Aquela mulher era uma traficante de alto nível. Tinha ido para Evening Lake com o intuito de se esconder de quem quer que fosse que andava atrás dela, um proeminente cartel mexicano, suspeitava ele, e provavelmente andavam atrás dela por os ter enganado, roubado dinheiro, ou droga, ou as duas coisas. Dinheiro, droga e sexo eram os fatores da maior parte dos crimes. Lacey Havnel, também conhecida por Carrie Murphy, qualificava-se em duas dessas categorias.

E então onde ficava Bea Havnel nesta história? A cuja existência não havia qualquer referência. A «filha» encantadora, delicada e tão inocente e loira? A filha ou a cúmplice.

Rossetti estava perturbado e precisava de pensar. Chamou o cão, prendeu-lhe a trela e saiu para dar um passeio. Os seus passos levaram-no, como sempre que estava perturbado, ao Ruby's Diner, onde *Squeeze* foi saudado como um camarada há muito perdido, embora na verdade ainda na outra noite lá tivesse estado com Harry.

– Lamento o que aconteceu à sua amiga – disse Rossetti quando Doris chegou com um biscoito para o cão e uma *Cola Diet* para ele.

Doris pegou no seu *iPad*, pronta para o pedido.

– Era minha sobrinha – abreviou ela e Rossetti viu o brilho de lágrimas por derramar. – A inocência tem muitas formas – acrescentou Doris – e a minha Jemima era verdadeiramente inocente. E foi por isso que foi morta. Só viu o perigo, a verdade, quando já era demasiado tarde.

Recordando o que dissera Harry, Rossetti perguntou:

– Acha que foi alguém conhecido dela?

– Ninguém que conhecesse realmente a Jemima teria feito uma coisa dessas – respondeu Doris. – Ninguém que a conhecesse bem, que soubesse como era maravilhosa. Às vezes, acho que «confiar» é uma coisa má, nos dias que correm – acrescentou. – E a Jemima confiava de mais.

Rossetti pensou que ela provavelmente tinha razão.

Puxou o punho da camisa e olhou para o *Rolex Oyster Perpetual* e, por uma vez na vida, não sentiu prazer ao vê-lo adornar-lhe o pulso. Depois pensou

que se lixasse, não importava que horas eram em Paris, tinha de falar com Harry. Levantou-se, foi lá fora com o cão, pegou no telefone e usou a chamada automática para ligar a Harry. Mas foi Mal quem atendeu.

– Porque lhe estás a ligar? – perguntou num sussurro severo. – O coitado está a dormir. Na verdade, é a única coisa que tem feito desde que chegou. Tirando um copo de champanhe. Caiu na minha cama sem tocar em comida nenhuma, sem... bem sem nada – acrescentou Mal, o que fez Rossetti sorrir. Não acreditava nela, nem por um segundo.

– Acorda-o, Mal, é urgente – pediu ele. – Depois, apercebendo-se de que se comportava como o polícia mau, acrescentou: – Por favor.

Fez-se uma pausa, após o que Mal disse está bem, com relutância.

No entanto, passado um segundo, quando veio ao telefone, Harry parecia alerta e nada sonolento.

– Então? Como está Paris? – perguntou Rossetti, porque era a única coisa que lhe ocorria para começar, uma vez que acabara de arrancar um homem da cama da sua amada.

– Paris faz de mim um homem melhor – respondeu Harry e Rossetti achou, espantado, que aquela atitude parecia a antiga desenvoltura despreocupada, de homem mundano, do amigo. – Pelo menos, até teres telefonado – acrescentou Harry.

– Eu sei que temes o pior.

Rossetti bem desejava não ter de lhe contar, desejava não lhe ter telefonado, tê-lo deixado na sua Paris de sonho, afastado da realidade da mulher esfaqueada no olho e depois queimada; afastado de Jemima, a sobrinha de Doris, com a garganta cortada.

– Estive no Ruby's – começou ele. – O *Squeeze* teve a recompensa do costume – acrescentou para aligeirar um pouco as coisas.

– Fico contente e agradeço pelo *Squeeze*. – Harry olhou por cima do ombro e, ao ouvir o nome do cão, Mal resmungou. – É o melhor cão do mundo – acrescentou, só para se meter com ela. – Lembras-te daquela vez que salvou a vida da Mal?

– Como podia eu esquecer – respondeu Rossetti, ao ouvir Harry rir. Mal tinha-lhe atirado uma almofada.

– Então? O que se passa?

Harry afundou-se na cama e pôs um braço à volta dos ombros de Mal. Ela atirou uma perna para cima dele e encostou-se suavemente ao seu corpo. Era

quase demasiado para ele, e tinha ao mesmo tempo de falar com sensatez ao telefone, mas havia urgência na voz de Rossetti. Harry sabia que ele não lhe estava a telefonar apenas para perguntar se o amigo se estava a divertir em França.

Rossetti atualizou-o rapidamente.

– Interessante – comentou Harry, agora alerta.

– Também falei com a empregada de mesa, a Doris – referiu Rossetti. – A Jemima era sobrinha dela, lembraste?

Harry lembrava-se bem de mais. A imagem de Jemima pairou de súbito diante dos seus olhos fechados, o cabelo ruivo selvagem, os olhos pálidos, o sangue.

– Eu conheço a Doris – retorquiu.

– Bem, a Doris disse uma coisa que me pareceu interessante. E passo a citar: «A minha Jemima era verdadeiramente inocente. E foi por isso que foi morta. Só viu o perigo, a verdade, quando já era demasiado tarde.»

Harry estava em silêncio. Rossetti aclarou a garganta.

– E o que isso significa para mim, Harry, e creio que vais concordar, é que Jemima conhecia quem a matou.

– Certo – concordou Harry. – Parto no próximo voo – acrescentou, consultando o relógio que não tirara; mesmo na cama, tinha de saber as horas.

– Espera-me amanhã. Estás no caminho certo, Rossetti.

Desligou o telefone na tecla e ouviu um resmungo atrás de si. Virou-se ao encontro dos olhos de Mal.

– Eu sabia que era demasiado bom para ser verdade – comentou ela.

Era boa ideia, pensou Diz, ficar de olho nas coisas. E para ele isso significava fazê-lo através dos binóculos. Já tinha visto coisas bem esquisitas em Evening Lake. Por exemplo, de vez em quando, via o velho Len Doutzer passear com o seu passo rápido de homem da montanha, subia a colina em frente, com a espingarda ao ombro e com ar bastante assustador, achava Diz. Sinistro, na verdade. Haveria de se assegurar que não ia sozinho para aquele lado do lago, com um maluco daqueles por ali.

Também via muito o pai, agora que regressara a casa, a remar pelo lago com um ar sozinho como tudo, mas, então, fora ele que procurara aquilo. Presentemente, Diz não era fã do pai. Não sabia exatamente o que acontecera, mas Wally magoara a mãe e ninguém devia fazer uma coisa dessas. Nem tinha a certeza se a mãe e o pai falavam um com o outro. Como podia o pai ter-se deixado prender em associação ao caso da Jemima Forester, a simpática rapariga assassinada. E aquela horrenda Lacey Havnel. Como se podia sequer falar daquelas duas mulheres num só fôlego? Embora novo, Diz sabia reconhecer que a Havnel era sinónimo de más notícias, o que fazia com que a doçura e simplicidade da filha fossem mais espantosas ainda.

Uma pessoa seria levada a pensar que, com uma mãe daquelas, Bea não tinha hipóteses e por isso não foi uma surpresa quando ela foi presa juntamente com o seu pai. A polícia não tardara contudo a deixar cair a coisa, mas agora a mãe não queria ter nada a ver com ela. A presença de Bea estava proibida lá em casa. Diz esperava que Rose estivesse a agir bem. Achou que

se calhar a devia inquirir sobre a questão.

Desceu até à cozinha, onde Rose estava debruçada sobre o velho fogão *Aga* que gerava imenso calor no inverno, assim como mantinha os assados e pratos quentes sempre prontos. Era o orgulho de Rose, que afirmava que ele fizera dela uma boa cozinheira. E talvez tivesse feito.

Diz deixou-se ficar no vão da porta, preocupado com a hipótese de dizer alguma coisa errada. A mãe ergueu os olhos, viu-o e sorriu.

– O teu prato preferido para o jantar – disse ela. – Esparguete à bolonhesa.
– Soltou um grande suspiro. – Na verdade, foi a única coisa de que me lembrei, no momento. Parece que tenho a cabeça noutras coisas.

– Podíamos sempre ir comer um hambúrguer. – Diz enfiou as mãos nos bolsos dos calções, fitando-a preocupado enquanto ela mexia o molho. – Sabes que a Bea está de volta. Vi-a na outra margem. Está na casinha pequena atrás dos destroços.

– Que pena essa não ter ardido também – comentou Rose, surpreendendo Diz, que nunca tinha ouvido a mãe dizer nada de mal sobre ninguém.

– Mãe? – Ela ergueu novamente os olhos. – Bem, tipo, quer dizer... agora está tudo bem com o pai?

Rose parou o que estava a fazer. Pousou a colher e cruzou os braços, encostou-se ao fogão e olhou-o com os novos olhos de uma mãe que acabou de ver o filho crescer bastante.

– Nunca pensei ter de dizer isto, mas o teu pai comportou-se como um parvo. Meteu-se com pessoas más. Já acabou, graças a Deus, e não devemos falar mais no assunto.

– Então e a Jemima? – Diz ia dizer «então e o homicídio da Jemima», mas não conseguiu dizer a palavra.

– Os detetives de homicídios estão a investigar. – Rose olhou-o atentamente. Aproximou-se e envolveu-o com os braços num abraço de urso.
– Escuta, miúdo – disse ela suavemente –, o teu pai está bem. Não fez nada de mal. De mal a sério, quero eu dizer, e não quero que alguma vez penses isso. Está bem?

– A Jemima foi morta, mãe. Até eu ouvi isso – replicou Diz. – Nas notícias na televisão – acrescentou.

– Nós não conhecíamos a Jemima. O teu pai não a conhecia. A pobre rapariga envolveu-se tolamente nas investigações do incêndio e da morte de Mistress Havnel.

– Homicídio – respondeu Diz corrigindo a mãe, que deu mais outro grande suspiro.

– Olha, Diz, o Harry Jordan está à frente da investigação, ele e o detetive Rossetti. Tenho uma fé total nos dois. São os melhores. Seja o que for que aconteceu, seja qual for a verdade, eles vão descobrir, e a pessoa, ou pessoas, responsáveis serão presas.

– Como o pai, queres tu dizer – insistiu Diz. – E a Bea.

Rose virou-se novamente para o fogão, pegou na colher e começou novamente a mexer. Provou com um dedo e adicionou uma pitada de sal.

– Não quero falar dela – declarou naquele tom de voz baixo que Diz sabia que significava sarilhos. – Por favor, não me voltes a dizer esse nome.

Diz foi pôr-se ao lado dela.

– Posso provar?

– Por favor – corrigiu Rose.

Era o que as mães faziam, pensou Diz, correções; mergulhou a colher no molho vermelho e borbulhante e queimou a boca.

– Está muito quente – disse-lhe Rose, demasiado tarde.

– Obrigado, mãe. – Diz saiu da cozinha em direção ao seu quarto. – Está ótimo.

«Está sempre», pensou Rose, e perguntou-se se eles comeriam uma salada se ela a fizesse. Ninguém parecia muito virado para a comida naqueles dias. Especialmente Wally.

Lá fora, no alpendre, Diz viu o pai no pequeno barco, a remar em direção a casa. Foi até ao molhe esperar por ele.

– Olá, pai – saudou, quando Wally atracou. – E se fôssemos pescar? – Achou que o pai precisava de um pouco de companhia simpática.

Harry deixara Mal no aeroporto e estava de regresso ao que Rossetti chamou em tom de brincadeira *terra-cotta*, querendo dizer *terra firma*.

– Como te vais sempre embora no momento errado? – exigiu saber, quando Harry entrou na esquadra. – Merda, pá, mas o que tem Paris, afinal?

Harry lançou-lhe um olhar direto cheio de significado.

– Vai lá – aconselhou ele. – Experimenta e vê. – Pareceu pensar durante um instante, depois acrescentou: – Mas leva uma mulher contigo, é a única coisa que tenho a dizer.

– Ouvi dizer que a comida não era grande coisa. – Rossetti sorriu-lhe. Estava contente por tê-lo de volta. – Acontecem coisas por aqui – disse ele. – A Lacey Havnel, também conhecida como Carrie Murphy, era uma traficante e peras. O pobre Divon era coisa pouca para ela, simplesmente o que entregava em mão a droga. Continua sob custódia, a propósito. Ainda não lhe tirei a corda do pescoço, pela Jemima.

– Não acreditamos de facto que foi o Divon, pois não? – perguntou Harry, surpreendido.

– Claro que não. Estamos só a deixá-lo pensar que sim. – Rossetti sorriu. – Faz com que um gajo se sinta pressionado, pensar que pode ser acusado de homicídio. Pode ser que o deixe na disposição de contar tudo o que sabe sobre toda a gente que conhece. A um polícia bom, claro está – acrescentou. «Presunçoso», pensou Harry.

– Então e a Fairy Formentor?

– A mãe do Divon foi decididamente morta por uma pessoa ou pessoas desconhecidas, como se diz. Ninguém foi preso. Portanto, não há acusação.

– E o Divon nunca foi suspeito.

– Caramba, Harry, era um miúdo....

– Não seria a primeira vez.

Rossetti disse:

– A questão é: porque foi a Jemima morta?

– O meu palpite, e o teu, é que a Jemima viu alguma coisa, ou alguém, que não devia ter visto. Para ela, foi o sítio errado à hora errada. O que é facto, Rossetti, é que não temos provas forenses, o que significa que temos de procurar o intangível.

– Ora aí está. – Rossetti suspirou. – O que é intangível?

– Intangível, como bem sabes, quer dizer uma coisa que não se pode ver ou tocar. Na verdade, meu bom amigo, significa que não fazemos porra de ideia.

– Só posso concordar com isso. – Rossetti elevou os pés em cima da secretária de Harry, tirou a lima do bolso e começou a limar as unhas. Ajudava-o a pensar.

Harry perguntou:

– O que aconteceu à peruca?

Rossetti ergueu os olhos e as sobrancelhas.

– A peruca da Bea? Nunca apareceu.

– Drenámos o lago?

– O Evening Lake? Deves estar a brincar. Sabes quantos blocos quadrados aquela coisa iria cobrir?

Harry sabia.

Rossetti tirou os pés da secretária e recostou-se, de braços cruzados.

– Ah, uma coisa que me esqueci de te dizer.

Esperou que Harry perguntasse «o quê?». Harry também esperou.

Rossetti cedeu em primeiro lugar.

– Então, é assim. A equipa forense encontrou impressões digitais na faca.

Harry concluiu:

– Aposto que são da Rose Osborne.

– Não só isso, como também do filho Roman. Agora, o rapaz provavelmente usou-a para cortar uma maçã, talvez, mas eu aposto que o Wally não era o *chef* da família. Então porque estão as impressões *dele*

também na faca espetada no olho da mulher?

– Ah, merda – disse Harry, pensando em Rose.

– Continuando – acrescentou Rossetti. – Claro que a faca também tem as impressões da Rose, quer dizer, era de esperar que sim, é a cozinha dela.

– E dele também. Um homem pode cortar uma cebola para o seu hambúrguer, um tomate para a sandes de fiambre...

– Uma garganta para se divertir.

Agora silenciado, Harry desistiu de tentar defender o marido de Rose.

– Mas a questão – afirmou Rossetti – é porquê. Sabemos que, apesar dos livros sobre homicídios e esquisitoides, o Wally não é um psicopata. Não é um homem que possa matar por mero prazer. E está pelo pescoço de advogados caros, todos protestando a sua inocência.

– Em que por acaso eu acredito – replicou Harry.

Rossetti respondeu:

– Provavelmente, há uma dúzia ou mais de tipos que gostariam de ver a Lacey Havnel morta. Ela traficava em grande, cocaína e heroína. Os cartéis não gostam de ser enganados.

– Achas que foi isso que aconteceu?

Rossetti encolheu os ombros.

– Se ficasses longe de Paris e passasses mais tempo à secretária, como eu, já terias percebido isso sozinho. E também te terias perguntado quem mais queria ver a Lacey Havnel morta. A filha, talvez?

Harry franziu o sobrolho para Rossetti.

– Estás outra vez nesse caminho?

– A mamã tinha novecentos dólares metidos no banco. Numa conta à ordem! Mais a casa do lago e sabe Deus que mais em cofres que ainda não descobrimos, e que talvez nunca venhamos a descobrir.

Harry estava calado, a pensar em Bea, calculou Rossetti.

Harry disse:

– A Rose Osborne foi ter comigo e contou-me que a Bea tinha ido a casa dela pedir desculpa. Pediu que a aceitassem novamente na família. A «família que eu nunca tive», foi como a Rose disse que ela pôs as coisas.

Rossetti parou de brincar com a lima. Endireitou-se.

– E?

Harry encolheu os ombros.

– A Rose disse-lhe que se pusesse a andar.

– E esta? Julguei que a Rose coração mole teria caído nessa conversa de «coitadinha de mim» e a tivesse recebido «ao colo», por assim dizer.

– Então e as impressões digitais do Wally na faca?

Rossetti encolheu os ombros.

– E do filho. É normal o bastante para não contar como prova forense. Por aí não vamos a lado nenhum. Mas porque perguntas?

– O comportamento do Wally é demasiado inconstante para ser ignorado.

As drogas podem apoderar-se da cabeça de uma pessoa, especialmente as metanfetaminas. Podem mudar uma pessoa. É melhor ficarmos de olho nele.

– Mas ele está lá, a viver em casa, com a mulher. A encantadora Rose.

– Certo – anuiu Harry e sentiu a pontada do perigo ao dizê-lo. A encantadora Rose.

Ouviru-se alguém bater à porta de Harry. Geralmente ficava aberta, mas nesse dia precisava de estar sozinho, para pensar. Havia algo que o incomodava, uma coisa que tinha ouvido, talvez visto, mas que não conseguia identificar. Disse que entrassem e um polícia de uniforme apareceu à porta.

– Está aqui a família Forester, detetive, gostavam de falar consigo.

Harry ficou surpreso. Os Forester eram um casal simpático de classe média, ele um pouco homem de clube, com a camisa de golfe e os mocassins; ela, com um fato de calças *St. John* e brincos de mola em ouro e saltos rasos; não eram nada como Jemima, a filha exótica.

Mr. Forester iniciou o diálogo.

– Temos de saber exatamente o que se passa – começou ele, se bem que não num tom de exigência.

– Sabe, é que nunca mais conseguiremos dormir até sabermos quem matou a nossa filha.

Mrs. Forester também mantinha o tom de voz baixo, mas Harry via que ela se debatia para se dominar. Queria chorar, como chorava provavelmente desde que a filha fora assassinada; bastava olhar para os olhos dela, os mesmos olhos pálidos de Jemima, para ver que estavam inchados, para ver aquela expressão de impotência que significava, Harry sabia-o por experiência, que Mrs. Forester sentia que falhara nos seus deveres de mãe, que não fora capaz de proteger a filha. Era evidente que o pai sentia o

mesmo. O homicídio deixava as famílias impotentes, ineficazes, a sentir que deviam ter estado lá, feito mais, salvado a vítima. Os Forester estavam a viver o pesadelo de todos os pais e queriam uma pessoa no banco dos réus e um juiz que o condenasse a prisão perpétua, ou à morte, pelo que tinha feito à filha. Harry não os culpava, mas por enquanto não tinha respostas.

– Viemos ter consigo para sabermos notícias da investigação – disse Mr. Forester.

Harry respondeu que estavam a seguir pistas, referindo, o mais delicadamente possível, que tinham «a arma» – conteve-se para não dizer «a faca» – e explicou novamente os interrogatórios a Wally e Bea, de que eles evidentemente já sabiam. O que eles queriam eram certezas de algo; queriam saber que os polícias continuavam a trabalhar no caso, que a filha não se tornara uma mera estatística, mais um homicídio por resolver.

– É minha filha – lembrou-lhe Mrs. Forester.

Abriu o fecho da mala de pele preta e tirou de lá uma fotografia que lhe entregou.

– Esta é-lhe muito fiel. Pensei que podia usá-la, sabe, nos jornais, na televisão, para ver se alguém que a tenha visto naquela noite aparece. Acho que capta a Jemima na perfeição, se é que me entende.

Tinha razão; Harry lembrava-se de Jemima exatamente assim naquela noite em que tomaram um copo no Blake's, até o blusão de cabedal preto sobre os ombros era o mesmo, bem como o sorriso traquina que lhe iluminava os olhos.

– Claro, tem razão – concordou ele. – É a Jemima.

– Era – recordou-lhe o pai, que parecia zangado. – Era a nossa Jemima até vir um sacana qualquer que no-la tirou. E agora o que fazemos? Ficamos sentados à espera que vocês «prossigam com a investigação»? Não seria assim que descreveria aquilo que faz, detetive?

Nunca era fácil lidar com a família angustiada, Harry sabia que nunca haveria de ser; sabia também que faria o mesmo com outra família qualquer, noutra altura. Por uma fração de segundo, pensou novamente no seu trabalho; no ponto em que estava; se devia desistir. Experiências como aquela tinham o seu preço a nível emocional, especialmente porque conhecera a vítima.

– Peça-lhe que confie em mim – começou, embora continuasse mentalmente à procura do que dizer, de como acalmar o pai, confortar a mãe.
– Estou a seguir pessoalmente os acontecimentos, estou pessoalmente

determinado a descobrir porque aconteceu isto e prometo-lhe que farei tudo ao meu alcance para capturar o perpetrador.

O pai de Jemima bufou, trocista.

– Capturar? Perpetrador? A mim parece-me conversa de polícia.

– E tem razão. Estenografia policial, poderia chamar-lhe, Mister Forester, mas o que significa é que estamos a seguir o rasto do assassino da sua filha e estamos determinados a apanhar a pessoa que fez isto e a colocá-la na prisão, para depois a levar a julgamento e sofrer as consequências jurídicas.

Forester pousou os cotovelos sobre a mesa, enfiou a cabeça nas mãos e disse:

– E eu votei contra a pena de morte.

A mulher fez-lhe uma festa suave nas costas.

– Não vás por aí. O destino dele não estará nas nossas mãos. Neste momento, está nas mãos do detetive Jordan. – Olhou para Jordan com olhos inchados, rasos de lágrimas. – Desculpe por o termos incomodado, foi, na verdade, acho eu, simplesmente para nos assegurarmos de que se estava a fazer alguma coisa em relação à Jemima e para lhe dizer que, agora que o corpo foi libertado, o funeral realizar-se á na sexta-feira, ao meio-dia. Claro que não há necessidade de ir – acrescentou. – Só queria que soubesse que finalmente estamos a tratar da Jemima.

Harry agradeceu com um aceno de cabeça e disse-lhes que estaria ao dispor deles. Deram um aperto de mão e ele acompanhou-os à porta e ficou a vê-los partir. Seria imaginação sua, ou pareciam mais pequenos, mais encolhidos do que quando entraram? Como se, pensou, tivessem perdido o ânimo ao perderem a filha.

Claro que na sexta-feira choveu. Uma chuva forte, oblíqua, que fazia abater maldosamente os chapéus-de-chuva e encheu o resguardo de plástico da cova, do tamanho do caixão, de água lamacenta. Harry pensou que era uma maneira terrível de se dizer adeus a uma jovem cheia de chama, de vida e de uma promessa de futuro.

Lembrou-se do momento em que encontrou o corpo, da morte quase ao estilo de execução e do facto de não haver um motivo psicológico, nem lógico. Ali atrás da pequena multidão de pessoas, lembrou-se do ousado batom rubi de Jemima, do vermelho selvagem do seu cabelo, das pérolas

espalhadas pela terra.

Rossetti estava com ele e os dois detetives observaram os enlutados à procura de «estranhos», ou seja, alguma pessoa que não era evidentemente um familiar ou amigo, ou que não tivesse alguma ligação com a vítima. Foi com choque que reconheceram Bea, vestida de preto dos pés à cabeça, que estava à frente com a família. Tinha um lenço preto em volta do cabelo loiro e usava óculos de um tom rosado que lhe ocultavam os olhos.

Rossetti disse ao ouvido de Harry:

– Julgava que ela tinha dito que não conhecia a Jemima.

– A única ligação que a Bea tinha à Jemima, segundo ela, era o facto de ter sido presa por suspeita de homicídio.

– De que o Mike Leverage a livrou enquanto o diabo esfrega um olho. Então, porque está ela aqui?

– Vamos perguntar-lhe – decidiu Harry.

Mantiveram-se respeitosamente apartados enquanto o caixão, carregado pelo pai de Jemima e por vários primos e amigos jovens e fortes, era pousado ao lado do buraco encharcado da chuva que seria o lugar do seu derradeiro descanso. O padre entoou uma bênção enquanto Harry mantinha o olhar em Bea, que estava simplesmente ali, como que hipnotizada, a olhar pelas lentes cor-de-rosa enquanto a mulher que ela alegava não conhecer era enterrada. Só então ergueu os olhos para os detetives que a observavam. Dirigiu-se imediatamente a eles e ali ficou, de cabeça envolta no lenço preto, à procura dos olhos de Harry.

– Estão a perguntar-se, claro, o que estou aqui a fazer se nem sequer a conhecia – murmurou ela muito baixinho. – Pode ser que se tenham esquecido, detetives, de que fui questionada relativamente ao homicídio desta rapariga. Quando o fizeram, envolveram-me no espírito dela. – Encolheu os ombros. – Seja lá isso o que for. Bem, eu não podia deixar passar isto, tinha de vir, queria saber quem lhe fez isto. Não compreendo muito bem porque achei que iria encontrar aqui a resposta, só vos posso dizer que não encontrei. – Encolheu novamente um ombro estreito, vestido de preto. – Espero que vocês sim.

E com isso foi-se embora, com as sabrinhas pretas a esguicharem a lama. Alcançou o caminho de gravilha e afastou-se, como uma garça desajeitada de pernas compridas prestes a levantar voo, pensou Harry ao observá-la.

– Sabes que mais? – Rossetti mergulhou o queixo no colarinho da sua

Burberry, que na sua avaliação se molhara demasiado para uma gabardina realmente boa. – Aquela mulher é uma maluca do caraças.

Harry estava a ver Bea parar junto de uma limusina comprida preta estacionada ao lado da estrada. Um motorista de uniforme apressou-se a sair e abriu-lhe a porta. Ela desapareceu no interior, a porta fechou-se, o motorista voltou a entrar e aproximou-se do trânsito.

– Sabes que mais? – repetiu Harry pensativamente para Rossetti. – Pode ser que tenhas razão. Só que agora é rica e maluca.

Acharam melhor não se intrometer na família e regressaram à esquadra no carro de Rossetti.

Rose estava sozinha no quarto, aninhada no sofá de dois lugares junto da janela, com um copo de vinho numa mão e o comando do televisor na outra. Parou quando chegou ao canal de notícias que mostrava o funeral da «mulher assassinada», como Jemima Forester era agora conhecida. Era como se ela, pensou Rose com tristeza, tivesse perdido a identidade ao perder a vida. Na transmissão televisiva, a rua caía em lençóis, como do lado de fora da sua janela, obscurecendo a vista do lago e deixando o alpendre banhado como o convés de um navio numa tempestade.

Na televisão, as pessoas enlutadas, com roupas escuras, eram vistas a encher a igreja e depois de pé junto da campa, onde o caixão, forrado de flores molhadas, era baixado por homens jovens de ar robusto que não vacilavam na sua tarefa, nem com o tempo terrível. Rose sentiu compaixão por eles, pelos pais que seguiam a filha até ao seu derradeiro descanso, de olhos baixos, colocando um pé moroso à frente do outro. Na rápida imagem intrusiva dos enlutados que estavam junto da campa aberta, vislumbrou Harry Jordan atrás, com o detetive Rossetti. Os dois homens estavam de cabeça destapada em sinal de respeito, apesar da chuva torrencial. Por um instante, e com a chuva a cair-lhe pelo rosto, Rose achou que Harry parecia estar a chorar. Depois lembrou-se de que ele conhecia a rapariga morta e julgou que talvez estivesse mesmo a chorar. Tal como descobrira, Harry era um homem com coração, debaixo daquele exterior de polícia durão.

Endireitou-se contudo no assento, chocada, e entornou vinho no sofá ao

identificar Bea por entre os enlutados. Perguntou-se se podia de facto ser ela. Certamente que não. Mas, sim, ela reconheceria aquelas pernas compridas e magras em qualquer lugar, agora de colãs pretas e sabrinas, e o seu corpo esguio envolto num casaco comprido preto sóbrio, embora tivesse o cabelo loiro coberto por um lenço e usasse óculos com lentes coloridas.

Rose achou que o casaco comprido tinha uma aparência cara, depois lembrou-se de Harry dizer que Bea iria herdar o dinheiro da mãe, bem como a casa, aquela queimada onde a mãe morrera e sobre a qual Bea sem dúvida reclamara o dinheiro do seguro.

Ao pensar no horror daquela noite em que Jemima fora assassinada ali mesmo no lago, e de Wally e Bea a serem presos, Rose desejou ter a capacidade mágica de apagar o tempo, de se retirar, e toda a sua família, de regressar ao ponto em que estavam antes de Bea Havnel ter entrado nas suas vidas.

Tinha o sentimento de culpa inerente à responsabilidade. Embora depois de ter sido «chamada à razão» tivesse dito a Bea que se afastasse da vida dos Osborne, fora ela a primeira a aceitá-la, a ser como uma mãe para a rapariga, sem questionar o que seria que Bea queria realmente. Agora, ocorria a Rose, como uma revelação, uma epifania, quase, aquilo que Bea quisera exatamente. Quisera ser ela. Ser a mulher que tinha tudo: o marido, a família, a posição na vida, a casa no lago cheia de amigos. Rose compreendia a inveja de Bea, mas não os ciúmes. Era uma loucura demasiado grande.

Bebeu um gole de vinho com uma pontada de preocupação; nem sequer o saboreou, de tal maneira tinha a mente ocupada com a nova preocupação que sentia por Bea, em relação ao que ela podia fazer a seguir. De facto, Rose apercebeu-se de repente que aquilo que sentia era medo.

Pegou no telemóvel e premiu com força o número de Jordan, perguntando-se ao mesmo tempo se ele ainda estaria no funeral. Mas eram as notícias das seis da tarde, era evidente que a cerimónia teria acabado horas antes. Ouviu o telefone tocar e tocar, depois o pedido para que deixasse mensagem. Com efeito, foi tudo o que Harry disse. Nem nome, nem conversa, simplesmente: «Deixe uma mensagem.» E portanto Rose fez o mesmo: simplesmente o seu nome e o seu número, depois recostou-se, ouvindo a chuva bater no alpendre.

Ao fundo do corredor, ouvia Diz falar ao telefone com um amigo. As duas raparigas tinham saído para visitar a tia, em Nova Iorque, fugindo assim ao

caos das suas vidas. Roman fora ao cinema a Boston e passaria lá a noite com amigos. Rose pensou que era como se de repente toda a sua família quisesse fugir. Só ficara Wally, e estava lá em baixo, na divisão a que ela chamava com otimismo «biblioteca» por causa das duas estantes altas contendo muitas edições estrangeiras dos livros de Wally, bem como as versões em língua inglesa, e onde ele se sentava ao computador a escrever, esperava Rose, o próximo.

Não tinha contudo a certeza. Havia um silêncio entre Wally e ela; era verdade que já lá estava antes do incêndio, antes de Bea ter ido partilhar a vida deles, antes de Wally ter sido preso por suspeita de homicídio. Mike Leverage dissera a Rose que não se preocupasse; afirmara que não passava de um «escândalo»; Wally não era um assassino, aquilo só ia vender mais livros. Naquele momento, Rose não queria saber disso. Queria a sua vida de volta. A vida real, como era antes de Bea, a jovem nova-rica de casaco comprido preto caro que tinha ido de limusina ao funeral de uma mulher que não conhecia. Rose voltou a perguntar-se porquê. Seria de esperar que uma pessoa presa por suspeita do homicídio da rapariga não aparecesse no funeral dela.

Premiu novamente o número de Harry. Desta vez, ele atendeu.

– Vi a Bea – disse Rose. – No funeral da Jemima Forester e perguntei a mim mesma porque estaria lá.

– A rainha do espetáculo quer sempre estar nos acontecimentos – ironizou Harry. – Imagino que sinta falta da atenção que teve por parte da imprensa quando foi presa pelo homicídio de Jemima, provavelmente pensou que estariam novamente interessados nela. A Bea gosta de ser o centro das atenções, sabe como consegui-las, caso não tenha reparado.

– Agora já reparei – respondeu Rose. – O que eu não sabia era que ela conhecia a Jemima.

– E não temos conhecimento de que conhecesse – negou Harry. – Para além do facto de ter estado na cena do crime.

– Há alguma coisa nela que me assusta – admitiu Rose. – Quer dizer, vê-la ali, toda vestida de luto caro como se fosse irmã ou algo assim, depois entrar em grande na limusina que a aguardava, tal como fez da primeira vez que aqui veio, para ficar connosco.

– Lembro-me de que disse «só por uma semana».

– Acabou por ser uma prisão perpétua.

Harry retorquiu:

– Já lhe pedi antes que confiasse em mim, Rose. Agora peço-lho de novo. Não posso falar sobre isso, mas quero que saiba que estamos a investigar a Bea e a mãe dela. Será a primeira a saber se descobrirmos que está envolvida em alguma coisa que não devia.

O primeiro pensamento de Rose foram drogas e disse-o.

– Vamos ver – foi tudo o que Harry disse antes de desligar.

A té ao momento, Lacey Havnel não tivera funeral; os seus restos mortais continuavam embrulhados em plástico numa gaveta da morgue. Mas então decidiu-se que o corpo seria libertado.

– Imagino que devêssemos chamar a filha – disse Rossetti a Harry.

– Não nos telefonou a perguntar.

– É verdade. – Rossetti refletiu sobre o assunto. – Mas que espécie de filha é essa que não telefona a perguntar quando poderá enterrar a mãe?

– Eu diria que é uma má filha. Ou talvez não seja filha nenhuma.

– Continuas a achar que a Bea não é filha da Havnel?

Harry suspirou, pensando.

– Nada disto faz sentido – afirmou ele, passado um bocado. – Claramente, é filha quanto baste no papel para poder reclamar para si as contas bancários e o seguro. Portanto, que seja efetivamente filha de Lacey Havnel, julgo que sim.

– Então, quem é o pai? E onde está ele?

Harry encolheu os ombros.

– Talvez apareça do nada, agora que há dinheiro. Geralmente é assim que acontece.

– Mas é estranho. – Rossetti continuou naquele tema. – Bea vai ao funeral de uma mulher que não conhece, mas nem sequer pergunta pela própria mãe.

Olhou para ver a reação de Harry. Este sempre tinha sido brando em relação a Bea e Rossetti achou que ia arranjar mais uma desculpa para ela,

mas desta vez Harry não o fez.

– Uma vez que não nos contactou, contacto-a eu – declarou Harry. – Digo-lhe que pode enviar as pessoas que quiser da casa funerária para virem buscar o cadáver e depois pode enterrar a mãe quando quiser.

Pegou no telemóvel e premiu o número de Bea. Ela atendeu ao primeiro toque.

– Harry – disse.

Ele ficou surpreendido; da última vez que se tinham encontrado tinha sido «detetive Jordan».

– Estou a telefonar para lhe dizer que o corpo da sua mãe já pode ser libertado. Sugiro que dê tudo a tratar à casa funerária da sua escolha. Eu vou certificar-me de que os papéis necessários ficam disponíveis imediatamente.

– Fez-se um longo silêncio. Harry arqueou as sobrancelhas para Rossetti. – Está aí, Bea? – perguntou e teve um soluço por resposta. Desta vez, revirou os olhos.

– Estamos a falar da minha mãe. – Bea falou por entre as lágrimas.

Harry achou que Bea chorava bem.

Ele disse:

– Lamento se pareço demasiado rude, mas agora já pode tratar da sua mãe livremente. Como disse, vou certificar-me que, pela parte que nos toca, tratamos de tudo.

– Mas eu não conheço nenhuma casa funerária, não percebo nada de funerais – disse Bea e parecia desesperada.

Harry lembrou-se de a ter visto apenas um dia antes num funeral, onde aparentou grande compostura e saber exatamente o que se passava.

– Envio-lhe por *e-mail* vários nomes aqui desta zona, todos eles mais do que competentes e fiáveis.

– Mas onde a vou eu enterrar? Nós não vivíamos aqui, eu não tenho uma igreja.

Agora era a vez de Rossetti, que escutava a conversa em alta-voz, revirar os olhos numa expressão de «quem pensa ela que está a enganar». Todos sabiam que basicamente pouco restara da mãe depois do fogo. E «Bea» e «igreja» eram duas palavras que não combinavam.

– Tenho a certeza de que vai arranjar uma solução – estava Harry a dizer; reunia já no computador o nome de algumas funerárias daquela zona e premiu a tecla «Enviar», que as foi entregar ao *iPhone* de Bea. – Boa sorte,

Bea – desejou ele.

Enquanto desligava, ouviu-a dizer:

– Mas...

– Agora vamos ver o que acontece – disse ele a Rossetti.

– Agora que ela tem as mãos na massa, queres tu dizer.

– Lembro-me de no princípio me teres perguntado se eu achava que ela se queria ver livre da mãe – recordou Harry.

– E? – perguntou Rossetti.

– Acho que o teu palpite estava certo, detetive.

– Então, o que fazemos agora?

– Continuamos a ter a faca que o médico-legista lhe tirou do olho, aquela que pertencia à Rose. E ao Wally – acrescentou Harry, um pouco mais pensativo porque Wally parecia demasiado envolvido em todo aquele cenário para que se sentisse confortável. – Eu acho que a Bea matou a mãe para ficar com o dinheiro, ela achou que se safava por causa do fogo.

– Queres tu dizer que ela achou que a mãe ficaria queimada, sem marcas visíveis de facas.

– Mas a mãe não se foi assim tão depressa. A Bea devia ter arrancado a faca antes de lhe deitar fogo. – Harry soltou um suspiro de remorso. – Isto é tudo pura especulação, uma ligação de acontecimentos que pode ou não ser verdadeira. A Bea pode ser inocente e nós uns tipos maus por pensarmos mal dela.

– Quer dizer, uma rapariga com aquela aparência – acrescentou Rossetti, a pensar na beleza jovem, loira e fresca de Bea.

Harry lembrava-se demasiado bem da cena no hospital: Bea numa bata florida e excessivamente grande, a avidez infantil de agradar, de lhe contar o que acontecera – ele caíra que nem um patinho e continuava a não estar convencido de que ela era culpada da morte da mãe.

– Pelo menos, no caso da mãe havia um motivo – disse Rossetti, pensando nos novecentos mil do banco. – Então e a Jemima?

– Isso é coisa que podemos nunca vir a saber – concluiu Harry.

Como de costume, Diz estava de olho no que se passava, se bem que desta vez não se encontrava em cima da árvore, agora tinha um objetivo. Estava a seguir Len Doutzer e fazia-o porque estava preocupado com a mãe, que, como Wally e a família tinham ido para Boston, estava agora sozinha na casa do lago, apenas com ele para a proteger.

Tinha reparado que Len andava por ali a espreitar; por alguma razão, parecia andar sempre por onde andava Rose, lá em cima no monte, ou atracado num pequeno barco na margem oposta, sem se mexer. Claro que Len fazia de conta que estava a pescar, mas Diz conhecia bem o lago e sabia que não havia peixes onde o homem estava, porque a água era demasiado rasa e o sol brilhava nela, o que mandava os peixes à procura de águas mais escuras, mais profundas. Um pescador a sério estaria na extremidade do lago, onde os montes se erguiam íngremes e as árvores mergulhavam os seus ramos na água que parecia aço, gelada por uma corrente funda ondulante, que provavelmente também alimentava os vários poços espalhados pelos montes, que agora estavam, na sua maioria, contaminados e em desuso ou secos.

No entanto, nesse dia Lea nem sequer fingia que pescava. Estava simplesmente sentado, deixando que o barco flutuasse, com todo o seu meio metro de fibra de vidro desgastada, certamente não era a bonita e cara embarcação de madeira com que Diz sonhava e que podia pôr na sua lista de Natal. Isto se os Osborne tivessem lista de Natal nesse ano. Da maneira como corriam as coisas, podia até acontecer a família não estar junta nessa altura.

Fosse como fosse, Len deixava o barco flutuar na corrente que o levou para lá dos destroços queimados da velha propriedade de Havnel quando de repente, para surpresa de Diz, começou a gingar em direção à margem, fazendo deslizar o barquinho para a sombra de uma árvore pendente, onde Diz já não o conseguia ver.

Diz ficou sentado durante uma hora, ou mais, a observar, até ouvir a mãe chamar o seu nome e o tinido do velho sino de latão que anunciava o jantar. Teria ficado mais tempo, ansioso por ver o que estava Len a tramar, mas cheirava-lhe a hambúrgueres grelhados e os da mãe eram os melhores. Servidos num pãozinho com sementes, besuntados com uma colherada da maionese caseira dela, *ketchup*, alface, tomate e uma rodela de pepino em picle, lembrava o do anúncio de televisão do Burger King, com a rapariga sensual, se bem que Diz apostava que o de Rose sabia melhor.

Desceu à cozinha.

– Cheira tão bem – disse ele e concentrou-se na primeira dentada sumarenta.

Diz era da opinião de que mesmo que os grandes *chefs* do mundo inteiro se juntassem para preparar uma refeição a alguém de onze anos, nunca seria tão boa como aquela.

– Se bem que não sei se prefiro a tua bolonhesa – disse ele, só para provocar Rose, mas, por uma vez na vida, ela não reagiu.

Ele esperou uns minutos e acrescentou:

– Mãe, porque está aquele homem da montanha sempre a remar no lago ao pé de nós? Quer dizer, tipo, eu vejo-o na casa das Havnel, mas às vezes está mesmo aqui.

Rose estava a encher um copo de vinho tinto. Ergueu os olhos, alarmada.

– De quem estás a falar?

– Do Len Doutzer. Está sempre a remar para muito perto da nossa casa. Quer dizer, ele finge que está a pescar, mas aqui não há bom peixe para se apanhar. O pai já me levou onde está o peixe.

Rose estava preocupada. Naqueles dias, não gostava de ouvir que andava alguém a espreitar por ali. Mesmo assim, provavelmente não era nada. Bebeu um gole de vinho e foi buscar uma taça de azeitonas verdes pequenas ao armário.

– Têm caroço – avisou ela e meteu uma na boca.

Diz respondeu:

– Devias comprar das outras, das pretas.

– Gosto mais destas. Então, como conheces tu o Len?

Diz encolheu os ombros.

– Já o vi na loja ou a sair do Red Sails, ou do café Tweedies. Seja como for, lembro-me de pensar que ele parecia um homem da montanha, com cabelo comprido meio grisalho, cinzento como o ferro, desgrehado, como se vivesse numa gruta ou isso.

– Isso – Rose corrigiu-lhe o discurso e Diz resmungou.

– Não é essa a questão. – Terminou o hambúrguer com uma dentada gigante, fazendo Rose gemer com as suas maneiras. Eu tenho de te proteger. Tu não tens mais ninguém, por isso tenho de ficar de olho alerta.

– Como sempre – disse Rose. – E, seja como for, o Len é a personagem aqui do sítio. Vive aqui desde que as pessoas se lembram, lá em cima no monte da outra margem. Faz bancos e mesas para pessoas como nós, com casas aqui. Nunca ouvi dizer que tivesse arranjado sarilhos.

Diz interiorizou o que a mãe lhe disse, mas o seu instinto dizia-lhe o contrário. Mais tarde, nesse dia, estava deitado na cama a jogar um jogo de vídeo e a sentir-se bastante sozinho sem o pai e o resto da família.

A casa parecia ter assentado no silêncio. Não era o mesmo tipo de silêncio em que Diz já reparara; aquele sossego era de um género mais profundo, em que, pensou ao lembrar-se de um antigo poema de quando era mais pequeno, «nem um rato se mexia». Estava tudo tão sossegado que Diz sentiu um formigueiro no couro cabeludo e desejou que os ratos se *mexessem*. Depois, a coruja-das-torres, que vivia a oitocentos metros mais abaixo no rio, piou tristemente e a vida regressou ao normal.

Foi olhar pela janela. As nuvens avançavam, escurecendo o céu, e o lago deslizava como seda cinzenta sob a brisa. Ouviu o barulho de remos e subiu rapidamente ao seu ramo para observar.

Bea Havnel remava, com a mesma habilidade de sempre, em direção à ilha. Diz não conseguia ver bem, não tinha a certeza, mas achou que estava lá alguém à espera dela. Desceu do ramo e caminhou o mais silenciosamente possível por entre as árvores em direção ao lago.

Embora tenha ficado a observar durante mais de uma hora, não a viu remar de volta. Estava a dizer a si mesmo que se devia ter enganado a respeito dela, estava tão cansado que o regresso dela lhe devia ter escapado, quando ouviu um barulho. Virou-se para ver no preciso instante em que Bea lhe batia com o

remo na cabeça.

Diz veio mesmo parar às minhas mãos. Já tinha reparado nele, a andar sorrateiramente na rua da margem do rio, de binóculos focados em mim, a observar, como sempre. Vi a minha oportunidade e aproveitei-a. Um único golpe mandou-o ao chão e coloquei-o no meu barquinho leve de que gostei em particular pela sua capacidade de atravessar a água sem ruído, suave como uma mocassin d'água mas sem os colmilhos mortais. Claro que esses tinha-os eu.

Mas como o fazer? Era essa a questão e, enquanto encostava à margem e me encontrava sentada no meu barco, ponderei a resposta. Acreditava sinceramente no velho adágio «a curiosidade matou o gato»; afinal, lembram-se da Jemima? Perguntei-me exatamente quanto tempo levaria um espião de onze anos a tentar descobrir aquilo que eu andava a tramar.

Conheço muito bem o significado da palavra «compulsão»; houve alturas em que tive de lhe resistir, outras em que infelizmente sucumbi. Digo «infelizmente» porque nessas alturas – duas, na verdade – acabaram por ser perigosas para mim. A primeira foi na Florida, onde a Lacey – nunca lhe consegui chamar «mãe», embora fosse efetivamente minha mãe – deu cabo de um negócio de droga. Tornou-se gananciosa, ficou com a mercadoria e não pagou, o que, tratando-se de um negócio de droga, implicava morte imediata. Claro que nos pusemos em fuga, mudámos de identidade, de aparência, e eu tratei do aspirante a «exterminador» à minha maneira, não por querer salvar a Lacey das consequências das suas ações, mas porque na

altura só tinha treze anos, ela era tudo o que eu possuía e precisava dela.

O segundo erro foi matar a Jemima. Eu sabia que ela me tinha visto com o Wally, que suspeitava da situação da droga, sabia que ela era amiga daquele agente da polícia famoso, ou talvez «notório» seja uma palavra melhor, o detetive Jordan, que, a propósito, se não fosse tão esperto e tão cheio de si, eu podia ter facilmente seduzido. Até eu consigo detetar o «perigo» quando está à minha frente, de calças de ganga e blusão de cabedal, com os olhos azuis e graves cheios de preocupação ao olhar-me, pobrezita, com a minha camisa de dormir enorme do hospital, salva da morte apenas umas horas antes. Que homem conseguiria resistir? Meti-me um bocadinho com ele, só para me assegurar de que ficava do meu lado, mas nada mais. Eu precisava do Harry Jordan, tal como precisava da Rose.

A Rose é o meu verdadeiro alvo. Não fazem ideia do tempo que passei a observar as idas e vindas dessa família, lá na outra margem de Evening Lake, da minha assim chamada «casa». Claro que o meu primeiro alvo era a Lacey. Eu tinha de deitar as mãos ao dinheiro daquele cartel antes que ele o recuperasse, o que haviam de fazer, porque até eu sabia que a Lacey os andava a enganar. Era uma traficante com dimensão suficiente para contar, em termos de dinheiro, e, tenho de o admitir, era esperta. A Lacey encontrara o seu métier, por assim dizer, depois de anos de luta, pobreza e de vender tudo o que podia, incluindo ela própria, embora nunca, repito, nunca, a mim.

Não lhe deem crédito por isso. Fui eu que me opus. Sempre tive noção do meu valor e de como proceder para o concretizar, e não seria sendo uma prostituta rasca em Las Vegas, com todas as outras rameiras que se sentiam umas sortudas se conseguissem quinhentos numa hora a chupar um badocha e a deixá-lo fazer à sua maneira porca. Para mim, não. Eu estava muito mais no modo Harry Jordan. Com efeito, se um aborto desses me tivesse sequer tocado, eu podia tê-lo matado. Em vez disso, matei a minha mãe. Considerei ser um negócio muito melhor.

E agora era rica, ou seria quando o seguro pagasse pela casa queimada (acidente, claro) e o seguro de vida da minha mãe, o que foi muito mais manhoso por causa da faca no olho. Eu devia ter resistido a esse impulso, mas a cabra estava a correr, com os cabelos em chamas e o vestido de poliéster colado ao corpo como chumbo fundido, a gritar o meu nome e que tinha sido eu. Tive de a calar. Imediatamente.

Não adora esta palavra, «imediatamente»? Faz-nos parar logo. «Impede a tua mulher de fazer isto, imediatamente», diz a mulher amarga ao amante casado. «Para imediatamente com isso», diz a mãe exausta ao filho. «Para imediatamente ou eu disparo.» Foi o que o Jordan e o outro detetive me gritaram quando eu estava a fugir do corpo de Jemima. Foi uma pena terem aparecido tão depressa, tive tão pouco tempo para admirar a minha obra, para me regozijar com o sangue derramado como seda da linha fina que talhei na garganta da Jemima. Que vermelho maravilhoso, como nenhum outro, na verdade. Claro que não é assim tão bonito quando começa a coagular e adquire aquela aparência enferrujada, a cor de velhos assentos felpudos do cinema. E a mesma textura também.

Chegados a este ponto, claro que compreendem que eu adoro o que faço. Eu vivo para o que faço. E outros têm de morrer para que eu possa viver. Como já referi, não sou um vampiro, estou pura e simplesmente apaixonada pelo poder de matar. Pelo controlo supremo sobre outra pessoa. O momento em que sei que tenho a pessoa é o momento.

Podem estar a perguntar-se quantas pessoas matei. Sem contar com a Lacey, creio terem sido cinco até agora. Duas miúdas da escola que me enervaram, uma empregada de bar numa praia da Florida que se recusou a vender-me um mojito por eu não ter idade, uma mulher mais velha num hotel barato que se tentou meter na minha cama. Nunca mais dormiu uma noite numa cama, nem com outra mulher, depois disso. E os restantes que mencionei.

Uma vida sórdida, poderão vocês dizer, mas é a minha. Tudo isso está prestes a mudar. Agora sou rica. E agora posso tratar da encantadora Rose, a mulher que tem tudo, que é o ideal de qualquer homem, a melhor mãe do mundo para qualquer criança. Rejeitou-me e eu permiti-o. Se ao menos me tivesse acolhido, como disse que faria, se me deixasse fazer parte da sua vida, ser membro da sua família, talvez se tivesse salvado. Agora não. Tenho inveja da Rose e nunca tive inveja de ninguém. Eu quero ser a Rose.

Claro que não a vou matar já, isso é muito arriscado neste momento. Não, vou optar pela jugular emocional. O filho dela. Diz vai desaparecer. «Sem deixar rasto», dirão, confusos. «Raptado», acrescentarão, com medo. Todos os pedófilos da zona serão cercados, todos os potenciais malucos serão presos, todos os que anteriormente abusaram de menores serão interrogados.

E serei eu quem leva Diz a casa. Vou encontrá-lo. Vou salvá-lo, devolvê-lo à sua grata família. À Rose, cuja gratidão será tamanha que perdoará o meu passado e me receberá na sua casa. Onde, deixem-me que vos diga, vou assumir o comando. Dentro de meses, terei tudo sob controlo. Terei todos a comerem mansamente da minha mão.

Serei a Rose e depois, quando ela estiver emocionalmente arrasada, pensarei no que fazer com ela.

Tenho andado de olho no Diz, por esta altura já conheço bem a sua rotina em Evening Lake. É um miúdo curioso, sempre de binóculos, lá fora na árvore à noite à cata de corujas e talvez a espiar a própria família, que, sabe Deus, tinha pouco a esconder até agora, a não ser a queda do Wally nas drogas. Que pena o miúdo não ter apanhado isso mais cedo, imagino que não perceba nada da cultura das drogas, a não ser o que vê na televisão ou nos jogos do iPad, o que, agora que penso nisso, provavelmente é bastante. Mas não é suficiente para me ver chegar, e desconfio de que aquilo que ele realmente vê pelos binóculos sou eu. Diz é desconfiado, e eu também, e tenho de o apanhar antes que me apanhe ele a mim.

É importante que ele não me veja, não me deve reconhecer como sendo a «sequestradora», porque mais tarde hei de ser a sua «salvadora», a que o devolve à sua eternamente grata mãe, ficando eu com todos os louros.

Eu sei que umas horas depois de terem percebido que ele desapareceu, a busca vai começar. Vamos todos juntar-nos a ela, todos os frequentadores de Evening Lake que conhecem o miúdo e a família. Vai demorar algum tempo, talvez um dia, talvez até dois, até eu o «encontrar» e todas as pistas conduziram a rapto por um desconhecido. Há imensos caminhantes, e assim, que andam pelo nosso lago, pelos nossos montes. Na verdade, é melhor eu estar atenta a eles, não quero que nenhum veja alguma coisa que não deve. Não que alguém venha aqui até tão longe. Quase ninguém sabe que este lugar existe, a não ser o Len Doutzer, de tal maneira está escondido por entre mato velho e silvas emaranhadas. Não, aposto que o primeiro lugar onde a família, e depois a polícia, vão procurar será o lago. O rapaz anda lá sempre sozinho. «Miúdo afogado no lago», vai ser a suspeita imediata. E sabem que mais, se as coisas correrem mal, terão razão.

Com a prática, se bem que na verdade é também essa a minha natureza,

tornei-me silenciosa como um gato, o que me permitiu apanhar Diz de costas. Bati-lhe na cabeça com um remo. Ele gritou, levantou uma mão e depois caiu no chão. Fiquei um segundo a olhar para ele: não passava de uma trouxa de trapos, uns calções velhos encardidos, ténis cheios de pó, uma T-shirt dos Grateful Dead que lhe ficava muito grande e provavelmente pertencia ao irmão mais velho.

Não havia tempo a perder. Apesar de pequeno, Diz era muito pesado para eu o levar e puxei o carrinho de mão do bosque, que é como o carrinho pequeno da Red Flyer, mas velho, castanho e todo lascado, deve ter sido resgatado de alguma venda de caridade há anos, até que deparei com ele e finalmente tinha um uso. Prendi lá Diz, os joelhos sob o peito, como na posição fetal. Depois, fiquei de pé a olhar em redor. Foi o meu momento de maior vulnerabilidade. Qualquer pessoa que estivesse a dar um passeio noturno podia dobrar aquela curva e ver-me. Tinha de ser rápida.

Só eu conheço o caminho entre as silvas que sobe o monte e vai até ao poço, não muito longe, na verdade, talvez quinhentos metros, mas é um segredo de há anos. Nenhum mapa alguma vez indicou a localização do poço, nenhum habitante da zona referiu sequer a sua existência. Há uma pequena cabana aberta construída há muito, a visão de sonho de alguém que queria fugir ao mundo real: uma mera divisão raquítica, murada com tijolos de lama, com teto de bambu, decorada com ramos e folhas. Num canto coloquei um balde para as necessidades da natureza. Não que me importe, só não queria ter de desempenhar o papel de heroína salvadora tendo de andar pelo meio da trampa.

Tirei Diz do carrinho de mão para o chão, depois amarrei-lhe as mãos à frente do corpo com um pedaço forte de vide que tinha cortado do mato. Um outro pedaço, mais lasso, prendeu-lhe os tornozelos, de maneira a ele poder ir ao balde sem ter de ser levado. Estava a evitar ter de o levar, não só por causa do peso, que era pouco, mas porque ele podia cheirar-me, reconhecer-me como faz um animal. Por precaução, amarrei-lhe as coxas. Tive então certeza de que não se conseguiria mexer.

Recuei, dei uma olhadela à minha obra, fui ao canto onde tinha guardado o novelo de corda, peguei nele e enrolei-o à volta do pescoço dele, prendendo-o com um daqueles nós marítimos que os escuteiros às vezes aprendem a fazer para conseguir a medalha. Mas este era melhor do que esses. Eu tinha praticado o bastante para me certificar de que sabia o que

estava a fazer.

Portanto, ali tinha eu Diz, no solo de terra, encostado à parede de lama, de corda ao pescoço, queixo caído sobre o peito, os braços amarrados espetados à frente do corpo, as coxas presas, os tornozelos unidos.

Eu estava em perfeito controlo do seu futuro.

Foi mais tarde que Rose se apercebeu de que Diz não estava no seu quarto. O rapaz faminto de onze anos aparecia sempre a tempo das refeições, ou para comer alguma coisa entre elas, mas nessa noite não. Foi ao alpendre gritar o nome dele e reparou que o pequeno barco continuava no molhe. Diz não tinha autorização para levar o barco sozinho sem antes pedir e dizer exatamente onde ia e porquê.

Voltou para dentro e foi buscar o grande sino de latão, depois pôs-se no alpendre, a tocar até lhe doerem os ouvidos, mas Diz não apareceu no seu habitual trote rápido vindo da curva, ou do bosque, ou de uma ida à cidade buscar um *smoothie*. Tinha-lhes dito que o Twizzlers fazia o melhor de sempre e o pai contou-lhe que o tinham feito assim desde que ele era pequeno e rezava para que nunca alterassem a receita.

No entanto, Rose sentia-se segura de que Diz não fora lá nesse dia porque teria de lhe ter pedido dinheiro, uma vez que já gastara a semanada em iscos de pesca e num vídeo de *punk rockers* tão barulhentos que ela teve de lhe pedir que usasse os auriculares para que o resto da casa não ensurdescesse.

Parou de tocar o sino e arregaçou as mangas da *T-shirt* vermelha, fitando com alguma preocupação o lago. Depois ouviu um carro pisar a estrada de cascalho e abrandar até parar. Pensando que devia ser Diz, que alguém lhe teria dado boleia da cidade e que ela teria de lhe dar um raspanete por ele lá ter ido sozinho, sem lhe perguntar, contornou a casa a correr e viu o *Jaguar* verde-escuro de Harry.

Harry estava apaixonado por Mal, mas isso não impedia que o seu coração desse um saltinho ao ver Rose, ali de pé, desamparada, debaixo das árvores com os calções brancos muito largos que lhe caíam sobre os joelhos encantadores, e os seios redondos no V da *T-shirt* vermelha, com o cabelo castanho comprido a esvoaçar de lado à brisa repentina que fazia chocalhar os barcos nos molhes e sussurrava nas copas das árvores como o vento de uma história para crianças. Atrás da casa de tábuas brancas, o lago era subitamente todo ele uma chama prateada, que lembrava a Harry decorações de Natal. A única coisa que estragava a imagem era Rose ter os ombros caídos em sinal de desespero.

Squeeze espetou a cabeça para fora do vidro do carro e Rose foi fazer-lhe cócegas atrás das orelhas, embora não conseguisse evitar pensar, mesmo naquela situação, que seria mais agradável fazê-lo nas orelhas de Harry Jordan, bem encostadas à cabeça, mas claro que esse pensamento era irrelevante. Era uma mulher casada e Harry tinha uma namorada linda. Rose sabia que assim era porque a tinha visto na televisão.

Harry saiu do carro e deu-lhe um abraço que foi uma mera fração de segundo mais demorado que o normal. Ambos sabiam que havia qualquer coisa entre eles, aquele *frisson* de eletricidade que, independentemente de outras obrigações, de outros amores, de outras vidas, estaria sempre ali. Num outro tempo, num outro lugar, talvez pudesse ter acontecido alguma coisa, mas não no presente, disse Rose a si mesma com firmeza. E, com o que estava a passar com Wally e com a família, tinha outras coisas em que pensar.

– Calculo que não tenha visto o Diz ao atravessar a cidade? – perguntou ela e recuou.

– Não, não vi. – Harry abriu a porta ao cão, que saltou com um movimento sólido e comprido. – Como um pássaro em voo – maravilhou-se Harry e riu-se quando *Squeeze*, agora livre, começou a correr desvairadamente por ali.

– Isso é que é diversão. – Rose sorriu. – Imagino que, se o Diz estiver por ali, o *Squeeze* há de encontrá-lo.

Todos os pensamentos de Rose como mulher abandonaram a mente de Harry e ele tornou-se novamente polícia; não estava assim tão preocupado; os rapazes eram como eram e Diz podia estar a fazer qualquer coisa, mas a proximidade do lago era sempre motivo de preocupação.

Também captara o toque de preocupação sob as palavras serenas de Rose.

– Não sabe mesmo onde está o Diz?

Ela ergueu um ombro num encolher de impotência.

– Sabe, foi só dar uma volta, acho eu. Estava com os binóculos. Não levou o barco... quer dizer, também não o faria sem pedir autorização. O Wally nunca deixa nenhum miúdo ir ao lago sozinho. – Fez um meio-sorriso ao lembrar-se de uma coisa que Diz dissera. – Sempre que o Diz ficava saturado e ameaçava ir-se embora, dizia que ia viver para a ilha com os texugos. Eu digo-lhe que lá não havia batatas fritas nem chocolate, por isso ele reconsiderou sempre.

– E qual foi a alternativa que ele arranjou para fugir?

– Nenhuma, para dizer a verdade. – Rose franziu o sobrolho, tentando pensar. – O Diz não é o tipo de miúdo que foge. Ele até gosta aqui de casa, mesmo com o Wally e... bem, com tudo o que aconteceu. Mostrou o seu «apoio». – Os seus olhos foram ao encontro dos de Harry, que mostravam ansiedade. – Aliás, ainda na outra noite ele me disse, «és só tu e eu aqui sozinhos, mãe, e eu vou cuidar de ti».

– É evidente que tem estado a chamá-lo, ele teria ouvido o sino.

– Vem sempre quando o ouve, sabe que é hora de jantar.

– Então acho melhor irmos à procura dele.

Harry chamou *Squeeze*, que veio a galopar dos arbustos e fez uma travagem brusca, depois sentou-se, de cabeça inclinada, olhos cravados em Harry, à espera de instruções. *Squeeze* não tinha treino oficial de cão de busca; era simplesmente um instinto natural nele e lidara com muitas cenas de acidentes, a cheirar as vítimas.

Rose foi resgatar da lavandaria uma das *T-shirts* de Diz ainda por lavar e deu-a ao cão para cheirar. Depois calçou uns ténis e ela e Harry seguiram o cão, que os levou pelo trilho estreito emoldurado de silvas carregadas de frutos silvestres, escuros do sumo que continham. Atrás deles, o monte zumbia com as cigarras; à sua frente, o lago brilhava, cinzento como o crepúsculo. O cão parou aqui e ali, mas Harry percebeu que não tinha uma pista. Estava a ficar escuro e a sua preocupação cresceu.

Disse:

– É melhor voltarmos para trás e pedir ajuda.

Rose fechou os olhos e arquejou horivelmente.

– Não quer dizer que... não acha que lhe pode ter acontecido alguma coisa, pois não?

Harry pôs-lhe um braço à volta dos ombros e disse com o tom confiante que conseguiu:

– Ainda não estou a pensar nada, Rose, só que o seu filho devia estar em casa e não está. Está a ficar escuro e nós temos de arranjar uma equipa de buscas. Ele pode ter caído, pode ter partido uma perna, pode ter-se desorientado.

De regresso a casa, Harry pôs-se ao telefone com a esquadra da polícia local. Organizou-se rapidamente uma equipa de buscas, chegaram bombeiros no seu carro, xerifes em veículos pretos e brancos, vizinhos surpreendidos perguntaram o que se passava e ofereceram ajuda imediata; organizou-se mais uma equipa de buscas na cidade. Dentro de uma hora, os bosques agora escuros estavam a ser sistematicamente passados a pente fino à procura de sinais de Diz.

Wally foi para casa, assim como Roman e as gémeas. Rose tentou afastar o pânico da voz quando lhes contou o que se passava. Foram imediatamente à procura de ajuda, chamaram Diz, procuraram na margem arenosa, os feixes de luz a brilharem no mato.

Depois chegou a televisão local com um jovem simpático e Rose, frenética, apareceu na câmara com uma fotografia de Diz e a pedir a qualquer pessoa que o pudesse ter visto que contactasse o gabinete do xerife.

Wally e as gémeas ficaram ao seu lado.

– Ele é apenas um rapaz perdido – disse Wally simplesmente. – Por favor, ajudem-nos a encontrá-lo.

O coração de quem os ouvia sofreu por eles. Todos exceto um. Dois, na verdade, porque nesse momento Diz estava inconsciente e não tinha noção de que fora raptado. Ainda nem sequer tinha conseguido pensar onde estaria. Ou no que lhe podia acontecer.

Mal continuava de ressaca, exausta e com *jet-lag*, mas sentia-se bem quando se despediu de Harry com um beijo no terminal do aeroporto de Logan, em Boston. Ficou a vê-lo entrar no carro de polícia civil que foi ao seu encontro, conduzido pelo detetive Rossetti, claro, e onde ela, uma mera cidadã, não podia andar. Teve pena de deixar Harry, mas o voo que parecia nunca mais acabar, em económica, porque era assim que Harry viajava, deixara-a engelhada, com o corpo tenso e os pés gelados. De onde vinha aquele ar gélido que envolvia as pernas de uma pessoa quando o resto do ar no avião parecia papas quentes? Já nem sequer tinham aqueles botõezinhos redondos que se podiam rodar na nossa direção; agora, o «ar» no avião era universal: tinha-se aquilo que era dado.

Nem sequer invejara Harry, no seu carro da polícia; a limusina que foi ao seu encontro era muito confortável. Tal como o duche mais tarde, as roupas despidas a caminho da casa de banho, o cabelo e a pele a ensopar água como uma esponja; até o champô que lhe foi para os olhos estava bem. Seca, envolvida no seu melhor roupão – cinzento e felpudo, velho e com uma suavidade de bebé – com o cabelo molhado a bater-lhe nos ombros, um copo de *Napa Sauvignon Blanc* na mão, com dois cubos de gelo como ela gostava – não era coisa que fizesse à frente dos puristas do vinho, mas Mal gostava das suas bebidas com um toque de gelo – afundou-se no sofá, abriu o *iMac* e procurou Bea Havnel no Google.

Imediatamente tinha Bea a olhá-la diretamente com aqueles olhos azuis

destemidos: calma, composta, quase régia na sua pose. Harry tinha razão, aquela rapariga não era acanhada; Mal estava capaz de jurar que gostava da atenção da imprensa, até mesmo da notoriedade, de que obviamente achava que se iria conseguir livrar. O seu olhar parecia convidar o observador a ousar acusá-la, aquela jovem delicada e encantadora, de algum crime que não fosse estar presente quando a mãe morreu queimada com uma faca espetada no olho e estar no local quando Jemima Forester foi encontrada com o corte na garganta. – «Circunstâncias infelizes», como Mike Leverage sem dúvida dissera. Mal achava que ele tinha razão.

Perguntando-se como se sentiria Rose Osborne em relação a tudo aquilo, pesquisou-a também no Google, mas não havia nada.

Ligou a televisão nas notícias. E lá estava Rose com Wally, de pé no alpendre, a dizer a um jovem da imprensa com um microfone apontado para ela que o filho tinha desaparecido.

Mal sentou-se direita e prestou atenção.

– Chama-se Diz – estava Rose a dizer, enquanto segurava a fotografia dele para a câmara. – Foi pescar ontem à tarde e não o vemos desde então. Tememos um acidente, mas o Diz é um excelente nadador e conhece o Evening Lake muito bem.

– Quer isso dizer que acha que o seu filho pode ter sido raptado?

O jornalista espetou o microfone aproximando-o mais do rosto de Rose e ela recuou um passo, nervosa, e agarrou na mão do marido. A blusa branca estilo cigano deslizou-lhe pelo ombro abaixo e ela afastou impacientemente o cabelo comprido e escuro enquanto tornava a subi-la. Tinha um velho par de calças de ganga sujas de tinta e chinelos de enfiar o dedo. Mal pensou que provavelmente seria a primeira vez que Rose aparentava ter a idade que efetivamente tinha e que o seu rosto denotava tanta preocupação. E era muito «feminina», pensou Mal, lembrando-se da proximidade que Harry tinha dela.

Mal tentou apanhar Harry ao telefone, mas ele não atendeu. Deixou mensagem: «Que mais pode o destino reservar a esta mulher encantadora? Conseguieste chegar ao rapaz? Por favor, Harry, diz-me.»

A resposta de Harry, uns minutos mais tarde, foi curta e grossa: «Não.»

Harry e Rossetti seguiam de carro pela estrada que acompanhava a margem do rio com *Squeeze* no banco de trás do *BMW*, de cabeça espetada fora da

janela, a cheirar e a soltar uns pequenos ganidos que, sendo um malmute, eram a sua forma característica de comunicação empolgada.

– Podíamos usar um cão farejador – disse Rossetti.

– Acho que vamos precisar de um – respondeu Harry.

Rose telefonara-lhe com a notícia de que Diz estava desaparecido. Ele arranjara imediatamente um carro-patrolha para organizar uma busca.

– Disse-me que acreditasse em si – lembrou ela. Num tom acusador, achou ele.

– E tem de continuar a acreditar – insistiu ele, embora não fizesse ideia do que podia ter acontecido a Diz. – Vamos encontrá-lo – prometeu. – Provavelmente, perdeu-se nos montes, pode ter caído, partido um tornozelo.

– Tinha o telemóvel.

– Há muitos lugares em Evening Lake onde não há rede; o mais provável é que o Diz não conseguisse usá-lo. Eu sei que é ridículo dizer-lhe que não se preocupe, Rose, claro que toda a sua família deve estar preocupada. Está a caminho uma equipa de buscas e Rossetti e eu vamos para aí logo que possível.

– Porque lhe chama sempre Rossetti? – perguntou Rose, do nada.

– Não consigo pensar nele como sendo uma pessoa real – explicou Harry, sorrindo para o amigo, que vestira o colete preto acolchoado, feito por um alfaiate, sobre a camisa azul-escura de fato e tirara a gravata de seda cor-de-rosa às flores.

Estava agora a desapertar a camisa no pescoço. Estava pronto para ir à procura do rapaz desaparecido nos montes.

– Estaremos aí em breve – disse Harry a Rose. – Aguenta aí, está bem?

– É melhor calçares ténis – disse ele a Rossetti, mirando os mocassins castanhos reluzentes. – Vamos caminhar.

Não passou despercebido a Harry que o homem que conhecia o terreno melhor do que ninguém não aparecera para ajudar a procurar o rapaz desaparecido.

– O Len Doutzer conhece este lugar como a palma das mãos. – Franziu a testa a Rossetti. – Melhor, até. Anda por estes montes como se lhe pertencessem e não me espantava se descobrisse que pertencem mesmo, pelo menos uma parte. O Len é uma personagem misteriosa; estou disposto a apostar que, se procurarmos os registos das terras, vamos lá encontrar o nome dele.

– E isso significa? – Rossetti encostou-se à parede de tijolo do café Tweedies, lançando olhares de desejo pela montra de vidro plano, onde se oferecia café, chá ou chocolate quente, à escolha do freguês, às pessoas das buscas, já cansadas. Toda a gente dava o seu contributo, mostrando que estavam ali para apoiar um dos seus. Era uma cidade pequena, pouco mais que uma vila, que assentava à beira do rio, onde nesse momento todas as casas mostravam uma luz acesa e onde continuava a sobrevoar um helicóptero, com as luzes junto da superfície da água como aço.

Harry disse:

– Significa que o Len sabe esconder uma pessoa.

Rossetti desencostou-se da parede.

– Queres tu dizer um cadáver.

Harry pensou em Rose, angustiada, à espera em casa, a ser cuidada por

Roman e pelas raparigas enquanto todos os demais lhe procuravam o filho. Respondeu:

– Quero continuar a acreditar que o miúdo se podia simplesmente ter perdido, caído nalgum sítio nos bosques.

Olhou para as bétulas que coroavam o monte, prateadas à luz da Lua. Sabia que o que estava a dizer era improvável; aquele caso tinha todas as marcas de um rapto. Não foi preciso dizê-lo explicitamente a Rossetti, que sabia o que ele estava a pensar.

– A questão é porquê? – perguntou Harry.

– Porque essa é sempre a questão nos casos de rapto, e nós sabemos qual é a resposta.

Harry também não precisava de uma explicação explícita. Olhou em redor do lago, com o seu colar de luzes, os molhes pequenos aonde os barcos regressavam e estavam a ser amarrados. As buscas recomeçariam pela madrugada. Perguntou-se como iriam Rose, Wally e a família passar a noite.

– Não posso desistir agora – disse ele. – Há ali alguma coisa, uma pista que nos escapou. Estás a ver aquelas nuvens? – Os dois homens desviaram o olhar para o local onde o céu parecia de repente ter descido sobre as copas das árvores. – Quando aquela chuva cair vai apagar todos os vestígios do que aconteceu, nós ficaremos sem pistas e o miúdo pode morrer. Não podemos deixar que isso aconteça.

– Não, senhor. – Rossetti endireitou-se.

Baixou os olhos para os seus ténis brancos, agora cobertos de pó, comprados especialmente para aquela tarefa. Já não importava. Era de uma vida que estavam a falar.

– Então – disse ele –, vamos lá descobrir onde está o Len Doutzer.

Passada meia hora, estavam junto da estrutura em forma de A ao cimo do monte. Encontrava-se às escuras e tanto ela como o barracão estavam fechados a cadeado.

* * *

De volta a casa, Rose não se levantou da cama para ir abrir a porta quando a campainha tocou; um dos filhos iria atender. Ouviu vozes, perguntou-se quem seria, mas tantas pessoas tinham aparecido com pequenas ofertas: uma tarte acabada de fazer, um jarro de chá doce gelado, dónutes do Tweedies, sopa quente, a especialidade dela. Até naquelas circunstâncias a panela

continuava em cima do fogão. Mas fria. Como ela.

Pensou que podia nunca mais tornar a aquecer, aninhada debaixo da manta azul de angorá, preocupada por não dever estar ali, ela devia estar lá fora com os outros, à procura do filho.

Madison enfiou a cabeça em torno da porta e Rose endireitou-se.

– Sim.

A filha captou os pensamentos da mãe e disse, apressada:

– Ah, não, não é bem, é a Bea Havnel. Quer falar contigo.

Rose abanou a cabeça, perplexa.

– A Bea? De entre todas as pessoas!

– Diz que tem de falar contigo. Não sei porquê, depois de tudo o que passámos com ela, mas ela está tão... desesperada, que acho que devias.

– Achas que sabe alguma coisa do Diz?

O rosto de Madison contorceu-se com súbitas lágrimas.

– Ah, mãe, não sei. Porque não lhe perguntas.

Rose foi ao toucador, ajeitou a velha camisola azul – a camisola de conforto, tão velha e macia que era como não trazer nada vestido –, pegou na caixa de *Kleenex* e foi pôr-se junto da janela. Não pensara de facto porque precisava de estar de pé, mas por alguma razão queria estar sentada com Bea de pé junto de si.

– Manda-a entrar – disse a Madison.

Segundos mais tarde, Bea Havnel estava à porta. Magra como a cobra que Diz lhe chamara; sem maquilhagem, os olhos inchados de chorar eram meras ranhuras, mas continuava linda. Ali de pé, à porta do quarto de Rose, Bea era a personificação da inocência.

– Rose – disse Bea, mas Rose nada disse. – Não estou aqui para pedir perdão – continuou ela rapidamente. – Já fiz isso e sei que não é possível. Perguntei a pessoas, perguntei a terapeutas o que devia fazer para remediar as coisas. – Bea deu um passo hesitante para o interior do quarto. – Disseram-me que não pedisse perdão, o que tens de pedir é que os acontecimentos sejam esquecidos. Que as coisas sejam postas atrás das costas, que sejam deixadas no passado, que é o seu lugar. Não sou boa pessoa, Rose, isso é óbvio, e, se conhecesse o meu passado verdadeiro, podia ser que compreendesse porquê. Mas, Rose, eu preocupo-me. Gosto tanto de si. É tudo aquilo que eu aspiro ser e que temo nunca vir a ser. Está a sofrer tanto e não há nada que eu possa fazer, a não ser talvez... bem, se ao menos me

deixasse ajudar a procurar o Diz. Estou habituada a estar aqui sozinha, na verdade sou como o Diz, a percorrer sozinha os montes. Conheço sítios aonde ele pode ir. Não lhe posso dizer que o vou encontrar, Rose, mas, por favor, suplico-lhe, imploro-lhe que me deixe tentar.

Desesperada, Rose viu a dor da rapariga, a sua necessidade de pertencer, de contar. Viu o seu desejo genuíno de ajudar.

– Minha querida – disse ela; avançou para Bea e tomou-a nos seus braços, como fizera quando se conheceram. – Mas é claro que nos deves ajudar.

Estava escuro. Tinha uma coisa amarrada aos olhos. Uma coisa áspera, e Diz sentia-lhe o cheiro. Lembrava-lhe vagamente um cão. Ou seria um cavalo? Pensou nisso ociosamente, como se a sua mente estivesse em modo lento, quase como se na verdade não importasse. Não, decidiu ele, era definitivamente a cão.

Sentiu de repente uma vontade terrível de fazer chichi. De urinar. Era essa a palavra adequada. O pai ensinara-lhe que era o que tinha de dizer quando tivesse vontade e estivessem juntos fora de casa. Contudo, nunca souu bem a Diz. Quando se tem de fazer chichi é isso que tem de se fazer e ele estava quase fora de si com a vontade que sentia. A rebentar, na verdade. Mas não se conseguia mexer. Não conseguia andar. Nem sequer conseguia abrir o fecho porque tinha as mãos atadas. Não atrás das costas, como faziam os polícias. Estavam espetadas à frente do seu corpo, como que com ligadura, quase até aos cotovelos. Era muito desconfortável. Tal como acontecia com a bexiga. Oh, meu Deus, o que devia fazer? Não podia fazer ali e pronto. Lamuriou-se numa agonia de vontade, abanando os braços ligados para os aproximar do alvo, mas sem sucesso.

Pensou onde poderia estar. Encontrava-se numa posição sentada, com as costas encostadas à parede. Uma parede suave. Não havia saliências e era fresca. Tinha os joelhos puxados para cima e havia amarras em redor das suas coxas e também dos tornozelos. Agora alerta, por causa da urgência da sua vontade, o seu corpo foi subitamente percorrido pelo medo, como uma rajada

de vento que lhe sugasse a batida do coração, obrigando a uma pausa nos mecanismos da vida, enviando-lhe tremores involuntários pela espinha. A espinha que estava encostada à parede fresca. Nas trevas de um lugar que desconhecia.

E depois ouviu passos. Quase silenciosos, mas, no seu estado de cegueira, a audição tornara-se mais aguçada. Passos sem sapatos, pensou. Pés descalços. Pararam junto dele. A sua pele arrepiou-se de terror. A pele suave. Tinha os olhos fechados com força sob a venda. Ia morrer.

Durante muito tempo, houve apenas silêncio, nem sequer o som da sua própria respiração. Depois, alguém se ajoelhou ao seu lado e lhe desamarrou os pés. Içou-o com uma mão na parte de trás da gola. Diz sentiu o suor brotar sob o toque, escorregadio como um peixe no anzol. Ficou assim durante uns momentos, com os músculos a queimarem à medida que o sangue retomava o seu curso, depois foi puxado para a frente. Pelo pescoço.

Oh, meu Deus, meu Deus... tinha uma corda à volta do pescoço. Alguém o arrastava, dando guinadas cruéis na corda até ela lhe morder a pele, arrastando-o para a frente em direção a umas trevas que pareciam tangíveis, porque os seus olhos já não funcionavam. Era precipitado cegamente para diante com o seu executor. Era um rapaz a caminho da forca. Só que não era assim. Foi empurrado para outra escuridão, mais pequena, onde lhe desataram as mãos, abriram o fecho dos calções e o empurraram de novo.

Diz sentou-se no balde com gratidão. A urina saía dele em jato como as Cataratas do Niágara. O alívio foi tão intenso que se perguntou porque não estava mais preocupado com a possibilidade de o esfaquearem ou de lhe baterem até à morte, depois apercebeu-se de que, se isso estivesse prestes a acontecer, não teriam feito caso da sua necessidade de fazer chichi. De urinar.

Portanto. O que se seguiria? Uma vez terminado o serviço, puxaram-no para ficar de pé. Fecharam-lhe o fecho dos calções. Foi novamente arrastado. De volta à cela de onde tinha esperança de vir a ser libertado.

Encostou a espinha à parede. Pensou nos cegos, em como era triste não ver, não conhecer a cor, a aparência do sol e a sensação que provocava, o brilho castanho-prateado do rio, bem como o seu correr e borbulhar, de não apreciar o verde das folhas da sua figueira ao longo do ramo a partir de onde ele espiava. Os cegos não podiam espiar. Diz queria chorar.

Com efeito, agora chorava. Mas parou ao sentir alguma coisa na perna.

Pensou em ratazanas. Reteve a respiração. Mas aquilo não era ratazana nenhuma, não era uma coisa peluda, não fazia barulho, era algo viscoso que lhe percorria a perna nua, devagar, de forma ritmada. Não podia ser uma cobra, as cobras viviam acima da terra, escondidas nas folhas e nas ervas farfalhantes, criaturas de luz e sombra. Ele estava debaixo da terra. Só podia ser um verme.

Com os nervos a pulsar, monitorizou o progresso pela sua perna acima. Todos os centímetros do seu corpo queriam varrer aquilo dali para fora. Não era capaz. Tinha de o aceitar. Pensou na mãe, em como ela se poderia rir de ele querer sacudir um verme da perna. Os vermes eram bons para o ambiente, tinha-lhe ela dito. Mas ele não fazia parte do ambiente, não passava de um miúdo assustado que queria sair dali para viver. Estar novamente vivo. Sem vermes a subirem-lhe pela perna.

Pensa numa história, era o que lhe teria dito a mãe. Diverte-te. Muito bem, então o verme chamava-se Petronella. Ele haveria de escrever, mentalmente, claro, a história da Petronella, o verme, que partilhava com ele o calor da sua perna, para afastar o frio esmagador de ser sempre um verme. Começou outra vez a chorar. Umas lágrimas pequenas. Sem fazer barulho. Até o ar à sua volta era silencioso.

Oh, meu Deus, ia ser deixado ali, abandonado, para morrer sozinho. Nunca ninguém haveria de o encontrar. A ele e à Petronella, que podia muito bem ser apenas o primeiro dos vermes a vir aproveitar-se da sua perna nua. Oh, meu Deus, oh, meu Deus, queria tanto gritar, o terror queria sair da sua garganta aos gritos, proclamar a alguém, fosse a quem fosse, que ele estava ali. Sozinho.

A escuridão parecia tão espessa que podia ser tocada, até saboreada, como terra na língua. Há quanto tempo estaria ali? Não tinha como saber, não tinha noção do tempo... não sabia como medi-lo. O tempo metamorfoseara-se numa textura nebulosa, uma sensação, não um olhar, porque afinal de contas ele não via nada. Então, como sabia que era uma escuridão nebulosa?

Tinha de se tentar lembrar de tudo, para lhes poder contar quando eles o viessem buscar. Salvar. Roman, o irmão mais velho, viria. E claro que a mãe seria a primeira. E o pai. Logicamente, contudo, haveria de ser o detetive. Harry Jordan. O seu ídolo. Mas, espera, agora lembrava-se de que Jordan tinha ido para Paris.

Diz soube então que era um miúdo morto.

Mas quem queria matá-lo? Ele não significava nada, exceto para a sua família e amigos. Por «nada» queria Diz dizer que não contava neste mundo o bastante para que alguém tivesse de o matar.

Ficou sentado, a pensar naquilo, a lembrar o toque no seu braço, a mão no pescoço, o puxar da corda.

À semelhança do que acontecia com a verme Petronella, todas as fibras do seu corpo recordavam; todos os pelos arrepiados, todas as gotas de suor, todos os sentidos do seu corpo jovem e magro tinham escutado, ouvido, reagido. De repente, soube que era uma mulher. Os pelos dos braços arrepiaram-se como os de um ouriço.

– Eu sei quem tu és – gritou para o escuro, encontrando de repente a sua voz. – Eu sei que és tu, Bea.

*A*quele cabrãozinho espertalhão acabara de assinar a sua sentença de morte, ao chamar o meu nome, ao reconhecer-me como um animal pressente um predador. Assinado, selado e entregue, ele era meu. A minha intenção era ser a pessoa que o «encontrava», o salvava, o devolvia a Rose, e depois eu seria a menina querida da família Osborne, entraria nas suas vidas e assumiria o poder. Seria a «Rose». Iria tornar-me «a mãe». Rose seria a minha dedicada escrava e todo o mundo dela estaria na minha posse.

Agora parece uma loucura, hã? Confiem em mim, teria resultado, tal é a psicologia humana, a máscara de pessoas «decentes». Haveria de me ter tornado uma celebridade, famosa, uma heroína ao encontrar Diz, o rapaz perdido. A partir daí, não podia fazer nada de mal. Agora, as coisas teriam de ser diferentes ou seria eu a morrer.

Sempre estive à margem. A minha vida toda, nunca contei para nada. Nunca tive sequer um amigo. Então e a escola, estarão decerto a perguntar? Bem, o que tem? Certamente, devo lá ter feito amigos. Ah! A minha mãe nunca me teria autorizado a convidar alguém para ir ao nosso apartamento, numa das áreas mais baixas e de maior risco de Miami, onde, com o meu cabelo loiro e tez pálida, eu me destacava, uma freak entre os cubanos de pele dourada, com as suas grandes famílias, gerações inteiras a viver tão alegremente que nunca parava de me surpreender. Eu detestava a minha pele branca que nunca ficava com aquele dourado de rapariga doce, como a delas. Odiava as suas mães, que iam sempre ter com eles à escola e lhes

cobriam a cara feliz de beijos calorosos. Detestava as raparigas porque não era como elas e elas sentiam-no e tinham medo de mim. Eu era, poder-se-ia dizer, uma quantidade desconhecida, se bem que soube perfeitamente, desde tenra idade, aquilo de que era capaz.

Estamos a falar da minha primeira mãe, a verdadeira, creio eu.

As últimas atividades que ela permitia fora de casa era ir para a escola, porque não tinha alternativa, e nadar na piscina pública, para o que eu não lhe dava alternativa. Ia e pronto. E o meu coração amargo nadava todas as manhãs às seis horas, quando a piscina abria, e mais tarde, depois das aulas, quando fechava.

A minha mãe sempre foi drogada. A princípio, vendia, coisa pequena, comprimidos, falsificava diversas receitas médicas, e vendia ainda cocaína, também coisa pequena, até ficar muito confiante e começar-se a armar aos cágados, por assim dizer, e geralmente acabava na prisão.

Com efeito, eu não tinha mãe. Seguramente não tinha pai, pelo menos nessa altura. Não tinha família. Cuidava de mim. Roubava, uns poucos dólares de cada vez, para comprar embalagens de fiambre, ou molho bolonhês e pão branco envolto em plástico que durava eternamente sem ganhar bolor, assim como gelado e Colas. A minha mãe nunca mostrou qualquer curiosidade em saber o que eu comia, nem sequer se efetivamente eu comia. Não tardei muito a perceber que ela não queria saber se eu estava viva ou morta. Na verdade, dizia-me muitas vezes que a sua vida seria bem melhor sem mim. Eu não duvidava de que ela tivesse razão. E foi então que decidi arranjar uma mãe nova.

A verdadeira morreu de «overdose», uma quantidade letal de esteroides misturados com a garrafa de gim da noite. O gim era uma bebida esquisita, a maior parte das pessoas como ela bebia uísque ou vodca, mas ela adorava aquele sabor amargo a quinina, que era útil para disfarçar coisas adicionadas, como esteroides. Seria a sua desgraça.

Eu tinha doze anos quando ela saiu da minha vida e foi para «um lugar melhor», como me disseram os funcionários da segurança social. Realmente não podia ser muito pior, disse-lhes eu. E assim, do nada, arranjaram-me uma nova mãe.

Não fiquei muito tempo na minha nova família. Não gostaram da minha maneira de ser calada, dos meus «esquemas», como lhe chamaram. E eu não gostei da atitude condescendente e beata, quando eu sabia que a única coisa

que eles queriam da filha de acolhimento era o dinheiro que lhes pagavam todos os meses para ficarem comigo.

Fugi de lá e andei a monte quando tinha treze anos e nunca me arrependi, nem por um momento. Pensava pela minha cabeça, sabia tomar conta de mim. Era uma rapariga à solta, e gostava de o ser. Aprendi lições que até os de coração bondoso haveriam de considerar úteis e que a mim, com o meu coração mau, me fizeram ver as coisas com maior clareza. Eu amava-me. Adorava a minha aparência. Aprendi a usá-la de forma inteligente, a fazer-me de inocente, chegar-lhes ao coração com o meu prolongado olhar azul. Aprendi a ser uma assassina. E quero que saibam, foi fácil.

E depois descobriu-me a Lacey Havnel, também conhecida como Carrie Murphy. Ou fui eu que a descobri a ela? Seja como for, sabíamos que precisávamos uma da outra. Eu estava no bar, claro, onde havia eu de estar? E claro que não tinha idade e ela apercebeu-se no preciso instante em que apareceu a polícia. Tirou-me dali. Ligámo-nos uma à outra. Eu tornei-me a «filha» de uma vigarista de alto nível, uma traficante de drogas má e alcoólica. Funcionou para mim, porque eu era melhor vigarista do que a Lacey. Convenci-a a segurar a casa, milhão e meio, e mais um milhão no seguro de vida. Eu queria dois, mas ela não foi nisso. Também a convenci a roubar o dinheiro que ela devia entregar ao representante de um cartel de drogas – era um tipo menor nesse mundo, mas, ainda assim, ninguém gosta de perder dinheiro.

E depois claro que me tinha de ver livre dela para poder ficar com o dinheiro e me tornar a rapariga linda e rica. É assim a vida, não é? Ela tinha novecentos mil do dinheiro roubado no banco, já depois de ter comprado a casa. Não havia hipoteca, isso nunca teria sido possível. Com a morte dela, ficava tudo para mim. Tinha dinheiro para aquele quarto no Ritz.

E foi então que toda uma vida nova se abriu diante de mim. Encontrei a Rose, a mãe que sempre quis ter, os Osborne, a família que eu sempre desejei. Mas, como não era a minha e nunca haveria de ser, decidi-me a destruí-los. Segundo o velho princípio: se não é para ti, também não é para mais ninguém.

Foi fácil apanhar este miúdo, o Diz. Foi um prazer, porque pude pensar na Rose, a sofrer. Ofereci-me para a ajudar, como é evidente, e claro que ela não resistiu à minha branda súplica para ser contada entre os demais, para

ajudar a procurar o seu adorado filho mais novo. Dizem que o mais novo é sempre o mais precioso. Eu não duvidava de que, no caso de Rose, é verdade. Primeiro, tinha tratado do marido, o Wally. Agora era a vez do Diz. Uma machadada no coração da Rose.

Sabia exatamente aonde levar Diz e o que fazer. Nunca mais ninguém haveria de ver Diz Osborne, nem vivo nem morto. E essa ideia deu-me um prazer intenso.

Na outra margem do rio, Len ficou a observar a mulher que agora acreditava ser sua filha e que subia com passo determinado a encosta atrás da sua casa, por entre o bosque de bétulas, e depois desapareceu da vista. Deduziu que teria sabido quem ela era, aquilo que era, se a tivesse olhado anteriormente com atenção, se lhe tivesse prestado minimamente atenção, em vez de a ter tirado do pensamento por ser uma trifulha sem importância, uma vigarista da mais alta ordem; uma mulher que gostava de se armar em vítima e que espremia ao máximo a beleza para lucrar com ela; que usava os seus modos recatados, o seu olhar triste e perplexo até que o mundo lhe desse aquilo que ela queria. E aquilo que não lhe davam, Bea tirava.

O nome de Bea Havnel devia, na verdade, ser Beatrice Doutzer, se bem que Len nunca teria reclamado a paternidade. Só depois da sua morte é que Lacey lhe tentou impor isso, ele continuava baralhado sem saber porquê. Calculou que seria por em vida não haver nada a ganhar de um homem que nada tinha; provavelmente conseguira mais do pobre diabo a quem ela disse que era o pai, até também ele ter desaparecido na noite. Ou na morte, como a própria Lacey. Como várias pessoas que entraram em contacto com a bela Bea.

Era certo que Bea não tinha o ar severo de Len, nem o seu desejo de estar sozinho; nem a sua habilidade com a taxidermia, calculava ele. Não fora dele que herdara o desejo de torturar, porque Len não gostava de tortura. Esse desejo era exclusivo de Bea. E era justamente tortura aquilo que ela agora estava a fazer a Rose Osborne.

Len perguntou-se uma vez mais porquê, mas logo compreendeu qual era a resposta. Rose era tudo aquilo que Bea não era. Tinha de se admitir que Bea era mais bonita, mas Rose era também encantadora. Era calorosa. Rose era a boa esposa e a boa mãe. Os filhos adoravam-na. O marido continuava a adorá-la, embora Bea o tivesse desencaminhado com as drogas, até ele quase perder a cabeça. E depois alapou-se a Roman, que era jovem e parvo o suficiente para se deixar levar completamente por ela. Mas não o bastante para ser apanhado na maldade dela. Rose tinha o homem, o bom marido, a família, a casa. Bea queria tudo o que Rose tinha e era. Queria a vida de Rose e estava preparada para fazer o que fosse preciso para a conseguir. Tinha sido bem-sucedida com Wally, soubera como introduzir-se na sua alma, e agora tinha o filho deles. O elemento perfeito para a sua tortura derradeira.

Ainda no dia anterior Len estivera junto ao molhe dos Osborne, onde conseguia ver e ouvir tudo, e observou Bea a representar o seu papel, a deixar a casa de Rose, aparentemente depois de lhe ter rogado que lhe desse permissão para a ajudar a procurar o filho desaparecido.

– Se não me pode perdoar, pelo menos permita-me isto – suplicara de novo Bea, praticamente de joelhos.

Len viu Rose inclinar-se para Bea, viu-a pousar uma mão no ombro dela, ouviu-a dizer baixinho: «Estou-te muito grata pela tua preocupação, Bea. Vamos esquecer o passado. O futuro é o meu filho desaparecido. Temos todos de ajudar nas buscas.» E durante todo esse tempo, Len sabia que a localização de Diz era perfeitamente conhecida de Bea. Ele estava onde ela o levava, onde ninguém haveria de o encontrar. Diz estava como morto.

Um sorriso largo fendeu-lhe o rosto. Bea esquecera-se de que Len Doutzer era os olhos e os ouvidos do pequeno mundo de Evening Lake. Esquecera-se de que ele conhecia todos os centímetros de terra, todos os montes, todos os afluentes, todos os declives e elevações, todos os caminhos de areia, todo o mato, todos os bosques e cavernas. Não havia em Evening Lake nenhum lugar que fosse secreto para Len. Mas aquilo que ele agora precisava era de encontrar em quais desses lugares secretos Bea escondera Diz. E, se o rapaz estava vivo, ou se Bea estava a planear ser a pessoa que «depara com o corpo», a mulher que haveria de consolar Rose e a família pela morte do filho, a mulher que se insinuaria nas suas vidas furtiva e silenciosamente como uma serpente, tão suave e facilmente que eles só haveriam de perceber que ela os controlava quando já fosse tarde de mais. Rose era a dama da casa

Osborne, mas toda a família sentiria uma obrigação moral para com Bea por ela lhes ter encontrado o filho morto.

Len estava à porta do barracão, a olhar para a plataforma de árvores a meio caminho no monte em frente. Ao contrário de Diz, não precisava de binóculos que lhe afinassem a visão. Tinha o olhar límpido do búteo-de-cauda-vermelha que circulava no céu à procura de presa. Agora sabia exatamente onde Bea tinha ido.

Voltou para dentro e deixou-se ficar durante um minuto sob a carcaça estripada do pastor alemão, que continuava pendurado pelas patas em cabos presos às ripas de madeira do teto. Analisou o leque de facas ordeiramente dispostas em frente da mesa de trabalho, escolheu um bisturi de lâmina finíssima, de vinte e cinco centímetros, de que gostava em particular, inseriu-o numa bainha, puxou para cima as calças de bombazina gastas, apertou o cinto e enfiou o bisturi embainhado por cima da anca direita. Endireitou-se, respirou fundo, ficou durante muito tempo a olhar para a sua oficina, para as peles de texugo e coiotte, para o cão que balouçava do teto. Desta vez ia ser diferente.

Desceu a encosta numa corrida moderada, tomou o caminho pelo mato que só ele conhecia e saiu na margem do rio. Puxou o seu barquinho do lugar onde estava escondido, arrastou-o para a água, saltou para o seu interior e começou a remar rapidamente pelo lago em direção às ruínas da casa das Havnel, o que, com os seus braços fortes, lhe tomou apenas uns minutos. Entrou na água rasa, arrastou o barco atrás de si e deixou-o parcialmente escondido no souto de bétulas. Depois seguiu pela mesmo caminho encosta acima que Bea, atrás da casa queimada.

Demorou um pouco mais do que pensara. Dez minutos. Ficou incomodado porque sabia que o tempo era fundamental e acelerou o passo, sem querer saber do barulho que fazia: as folhas e os galhos a estalarem sob os seus pés, o pássaro espantado que piava o alarme, o par de búteos que pairavam mais acima, as asas completamente imóveis enquanto flutuavam numa corrente de ar, e que pareciam observar os acontecimentos abaixo com um olho feio e calculista, quase tão frios e calculistas, pensou Len, como os seus.

Foi encontrar Bea exatamente onde esperava ir encontrá-la, junto à borda do velho poço, seco há cem ou mais anos, deixando uma grande brecha no solo e onde Len tinha a certeza de que Bea tinha Diz Osborne.

O poço era um esconderijo perfeito. Ninguém ali ia há séculos, ninguém

haveria de lá ir porque ninguém, com exceção de Len e Bea, se lembravam da sua existência. E aquela cabra só o conhecia porque seguira Len numa das suas expedições de taxidermia, em que ele esperara descobrir alguma coisa nova para a sua coleção, talvez uma cobra. Achou que uma cobra seria empolgante. Sabia que várias pitões tinham sido abandonadas por donos de animais de estimação «curiosos». Tinham proliferado rapidamente, como sucedera também na área das Everglades, na Florida, mas não em tão elevado número, porque os invernos eram muito frios. Até ao momento, ainda não encontrara nenhuma.

Parou e ficou em silêncio ao ver Bea com o rapaz. Tinha-o preso por uma corda ao pescoço. As mãos do rapaz estavam atadas à frente do corpo, os tornozelos, unidos frouxamente, deixando apenas espaço para andar, mas incapacitando-o de fugir.

Bea estava tão concentrada no que fazia, sentia-se tão segura na privacidade absorta do lugar que, apesar do progresso pesado de Len por entre as árvores, parecia não o ter ouvido. Len ouvia-a, contudo. Estava a falar com o rapaz.

– Então, jovem Diz, observaste-me muitas vezes por aqueles teus binóculos. Tomaste nota de todos os meus movimentos, não foi?

O rapaz pendurou a cabeça, não respondeu. Len viu que ele tinha os calções e a *T-shirt* em mau estado, os membros cobertos de arranhões fundos, ou talvez feridas de faca. Do abrigo das árvores, observou Bea à procura de uma arma, viu uma faca, de dezoito centímetros, calculou ele, presa num cordão à volta do seu pescoço. O mesmo tipo de faca que espetara no olho da mãe antes de lhe pegar fogo.

Len pensou nos animais pequenos e desmembrados que apanhava, animais capturados pela sua beleza, mortos para que fossem preservados antes que a idade e a doença os destruíssem. A juventude e a beleza deviam ser sempre preservadas, incluindo, neste caso, o jovem Diz Osborne, que, segundo Len sabia, nunca fizera nada de mal e cujo único crime, no que dizia respeito a Bea, era ser o adorado filho de Rose Osborne. Len soube nesse instante, sem sombra de dúvida, que a intenção de Bea era que, fosse o que fosse que Rose amava, fosse quem fosse que lhe era querido, lhe seria tirado. Len não duvidava de que Bea iria matar.

Desembainhou o bisturi, experimentou o fio nos dedos. Um fio de sangue surgiu na sua pele.

Caçador experiente que era, que apanhara até coiotes desprevenidos, esses animais extremamente alerta, Len aproximou-se furtiva e silenciosamente. Estava agora fora das árvores. Bea encontrava-se a meio metro dele, à beirinha do poço seco, com a mão pousada no ombro do rapaz. Len viu Diz virar a cabeça, erguer a cara como que para olhar Bea, embora não a conseguisse ver com os olhos vendados.

– A minha mãe diz que és uma cabra – ouviu Len dizer nitidamente. – E sabes que mais? Tem razão.

O coração de Len contraiu-se. Ele nunca devia ter dito aquilo. Agora estava feito. Como que em câmara lenta, viu Bea soltar a mão dos ombros de Diz, viu-lhe a cara impregnar-se de raiva, viu-a dar um empurrão a Diz. Viu-o desaparecer da borda do buraco negro que dava para o poço.

Bea ficou de pé, com a cabeça atirada para trás, à escuta; à espera de ouvir os gritos do rapaz, percebeu Len. Concentrada em aproveitar todas as gotas de prazer da sua morte terrível, tremeu, de boca entreaberta num sorriso que provocou um arrepio em todo o corpo de Len. Nem sequer o ouviu aproximar-se.

Apanhou-a por trás, deitou-a ao chão. Ela estava de gatas debaixo dele. O corpo de Len pressionava o dela, a mãe dele procurou a faca, mas ela foi muito rápida e já a agarrava com o punho cerrado, almejando a garganta dele quando rolou para cima do seu corpo. Ele saiu mesmo a tempo. Ela tornou a fazer um movimento para ele. Len rolou uma vez mais, percebeu que ela estava de pé e que vinha para ele. Tinha a faca na garganta. Ele agarrou-a pela lâmina e sentiu jorrar o sangue.

Len reuniu todas as suas forças de ferro de homem da montanha. Levantou-se de um salto, como faria um animal jovem. Bea recuou um passo, olhando-o com surpresa. Agora desarmada, sem a faca, virou-se e começou a correr. Len apanhou-a facilmente. Circundando-a de trás com os dois braços, sentiu-lhe as frágeis costelas estalarem com o aumento de pressão, ouviu o gemido estridente de dor que desta vez deu prazer a Len. E depois cortou-lhe a garganta, como fazia aos animais. Ficou de pé, a arfar, fitando-a enquanto sangrava. Sangue de veludo vermelho-rosa.

Passaram-se uns minutos. Finalmente ajoelhou-se, levantou-lhe a mão, tentou sentir o pulso. Bea já não era bonita. Para Len, a única coisa que sobrava eram ossos, entranhas, pele.

Olhou-lhe para o rosto, para a beleza que servira de fachada a uma vida

inteira de assassina. Inclinou-se mais e inspecionou-a, perguntando-se o que existira dentro daquela cabeça loira.

De repente, ela abriu os olhos.

Len olhava por um derradeiro instante para os olhos do mal.

Depois foi-se.

Len sabia o que tinha de fazer. Deslocou o corpo de Bea mais para o interior do mato, limpou a palma cortada com um tufo de folhas e foi ao poço procurar o corpo de Diz Osborne.

Deu por si novamente a olhar para um par de olhos.

Diz estava empoleirado numa pequena saliência, uns seiscentos metros mais abaixo, salvo de uma queda maior por um feto robusto que provavelmente ali crescia há décadas.

Diz disse com voz trémula:

– Também me vai matar?

– Não – disse Len. – Não te mexas. Volto já.

Desceu a correr, ligeiro, até ao seu barco, pegou na linha de pesca que estava sempre lá e subiu a correr até ao poço, onde foi dobrando a linha até estar confiante de que ela seguraria o peso do rapaz, e depois baixou-a pelo buraco.

– Quero que amarres isto à volta do peito, debaixo dos braços – foram as suas instruções. – Quero que dês um nó tão forte que vai ser preciso uma tesoura para o cortar. Compreendes?

– Sim, senhor, compreendo.

Len pensou que ainda bem que o rapaz mantinha evidentemente o juízo.

– Então aqui vai. – Começou a descer a linha. – Não faças movimentos bruscos, não estendas o braço para a apanhar, confia em mim, vou fazê-la chegar até ti.

– Sim, senhor – disse novamente Diz. Agora parecia assustado.

A linha tocou no peito de Diz.

– Apanhei-a, senhor, obrigado – gritou.

Len pensou que Rose tinha os louros por o rapaz se lembrar de ter bons modos até numa hora daquelas. Pensou naquele cabra morta no bosque atrás de si e naquele pobre miúdo inocente que ela tinha intenção de usar para fazer Rose Osborne descer ao seu nível de maldade, para cortar o coração de Rose,

não com uma faca, mas com o desespero e a pena. E tudo isso sob o disfarce de amizade.

– Agora amarra-a como eu te disse – pediu. Não tinha a certeza, mas era obrigado a confiar que a linha aguentaria o peso. – Faz uma experiência, puxa-a, com força. Está bem, então agora atira primeiro as pernas e depois deixa que o resto do corpo as siga, mantém as mãos na parede, agarra o que puderes, empurra para cima com os pés na parede... isso mesmo... é isso. Já está, filho – gritou, triunfante, quando a cabeça de Diz apareceu no rebordo do poço.

– Caramba – disse Diz e esparramou-se no chão ao lado de Len. – Você é espantoso como o caraças.

Diz ouviu *Squeeze* a ladrar. Olhou por cima do ombro. Harry subia a encosta em direção a ele e atrás vinha o seu irmão, Roman.

– Ah, olhe – disse ele, virando-se para Len, o seu salvador. – Encontraram-nos.

Mas Len tinha desaparecido.

Diz não conseguiu evitar gritar, sentado no chão junto do buraco de um poço onde quase perdera a vida. Len desaparecera, pura e simplesmente, no mato espesso. Nem sequer pudera agradecer adequadamente ao homem que o salvara. E estava assustado porque também não sabia onde estava Bea.

Squeeze avultou-se de repente sobre ele e deu-lhe uma lambidela encorajadora. Depois apareceu Harry, a correr, com Rossetti e Roman, como um par de jogadores de futebol americano a correrem para um moche, pensou Diz. Isso devolveu-lhe ao rosto um sorriso.

Ofegante, Harry inspecionou-o.

– És um raio de um milagre, sabias? – disse ele. – Tudo aquilo por que passaste e agora estás a rir?

– Estou a rir porque você e o Rossetti estavam tão engraçados a subir a encosta quase a deitar os bofes pela boca – disse Diz, quase voltando ao seu estado animado de sempre. – A única coisa é que perdi os meus binóculos.

Roman olhou em volta à procura.

– Ali. – Diz apontou para o poço.

Os homens foram olhar lá para dentro.

– Foi o Len que te tirou de lá? – perguntou Harry.

Diz assentiu com a cabeça.

– Foi sim senhor. Foi ele. – Explicou tudo sobre a linha de pesca que continuava amarrada à volta do seu peito. – Salvou-me a vida – acrescentou.

– Ele e aquele velho feto, que cresce ali. Travou-me a queda depois de a Bea

me ter empurrado.

Harry não permitiu que o seu rosto deixasse transparecer os sentimentos acerca do que podia ter acontecido a Diz. Ajoelhou-se ao pé do rapaz e começou a cortar o fio de pesca com o canivete suíço do exército, esfregando os ombros de Diz para lhe aliviar as câibras e desejando também poder eliminar a dor que sabia que o rapaz devia estar a sentir, apesar da sua coragem. A angústia mental de alguém que quase tinha sido assassinado era um tipo de trauma a que poucas pessoas sobreviviam para não esquecer.

– Diz, se puderes, se conseguires sequer pensar neste momento, lembrar-te, eu gostava que me desses uma ideia do que aconteceu.

Roman estava agarrado a ele e Diz viu-lhe lágrimas nos olhos. Escondeu a cara no pescoço de pelo espesso de *Squeeze*.

– Foi a Bea – disse ele. – Ela sabia que eu a tinha visto com os meus binóculos, sabe, e que adivinhei o que ela queria fazer à minha mãe. Não sei tudo, só o que apanhei com as lentes. Mas não podia ter a certeza. E depois ela disse que queria falar comigo, que tinha uma coisa especial para me dizer. Eu escutei e ela disse. Falou da minha mãe, disse que ela era um anjo... e depois... – Diz parou. Enterrou mais a cara no pelo de *Squeeze*. Começou a soluçar.

Harry olhou de relance para Rossetti.

– Tudo bem, Diz. – Podes falar disso mais tarde.

– Não. Tenho de contar agora, porque o que a Bea disse foi que odeia a minha mãe, disse que me ia matar para poder ver a minha mãe sofrer e que depois a mataria também. E agora não sei onde ela está e tenho medo que vá fazer isso.

Harry viu o clarão de luz do carro do xerife na estrada da margem do rio. Pegou em Diz ao colo e levou-o cuidadosamente pela encosta abaixo.

– Caramba – disse Diz, pasmado. – Quer dizer que vou andar num carro da polícia?

Não se podia manter um rapaz em baixo por muito tempo, pensou Harry.

Quando viu Diz ser levado para casa, telefonou a Rose.

– Onde está ele? – exigiu ela, frenética.

– A caminho de casa e depois a Rose vai levá-lo para ser examinado. Pareceu-me bem, Rose, não há verdadeiramente motivo para preocupações. Tirando a angústia mental daquilo por que passou.

– E onde está ela? – perguntou Rose, numa voz tão baixa que era quase

uma ameaça, pensou Harry.

– É isso que pretendemos descobrir já de seguida. Cuide do seu filho, Rose.

Virou-se para Rossetti, que vira um rasto de sangue. Apartara o mato e olharam os dois para uma enorme mancha vermelha, quase bela no seu profundo vermelho vivo.

– Alguém morreu aqui – afirmou Harry, que já estava ao telefone a pedir reforços, uma equipa forense, ambulâncias.

– Ou a Bea, ou o Len Doutzer. Pessoalmente, conhecendo a inteligente Bea, aposto que foi o Len.

Os dois homens esperaram até ouvirem as sirenes dos reforços ao longo da margem, o que levou uma vez mais os veraneantes a saírem de casa, perguntando-se o que se estaria a passar. Dentro de uma hora, os polícias passavam os montes a pente fino, passando uma vez mais pelos destroços da casa das Havnel, vasculhando o anexo onde Bea morava, os bosques, os campos, preparando-se para drenar o lago, caso fosse necessário.

Parado de pé no monte, a olhar para os estragos que aquela jovem fizera, Harry sofreu não só pelos que ela matara, mas também pelo seu adorado e tranquilo Evening Lake. O lugar para onde ele viera descansar a sua mente inquieta.

Umás duas horas mais tarde, ele e Rossetti subiram no *BMW* envolto em poeira o caminho até à tosca casa em forma de A de Len, parando com uma buzina à porta da entrada, sempre fechada a cadeado. *Squeeze* foi o primeiro a sair.

O cão ficou parado durante um minuto, de nariz apontado ao ar, a cheirar, depois, sem um único olhar para trás, dirigiu-se à parte de trás da casa, ao barracão.

Desta vez, a porta não estava trancada. Estava aberta nas dobradiças. Três metros mais à frente, *Squeeze* parou como morto. De orelhas caídas, recuou dois passos. Harry foi ter com ele e pôs a mão no pescoço do animal.

– O que foi, amigo? O que se passa?

A porta guinchava, deslizando suavemente para dentro e para fora.

Harry olhou para Rossetti. Ele estava ali, de *Sig Sauer* já engatilhada.

– Detesto esta porra deste lugar – dizia Rossetti entre dentes. – Provoca-me

uns arrepios do caraças.

Harry disse:

– O que achas que vamos ali encontrar?

– Detesto pensar nisso.

– Vamos lá, *Squeeze*, vamos dar uma olhadela – incitou Harry, mas o cão recuou. Uivou longamente.

Harry tornou a olhar para Rossetti.

– Vai ser mau – disse ele.

Rossetti assentiu e os dois entraram juntos no barracão.

Harry abriu a porta, depois olhou para o interior e recuou. Rossetti contornou o barracão e foi vomitar nos arbustos. O cão estava sentado sobre o traseiro, bem lá atrás, ao pé do carro. Foi a primeira vez que Harry viu o cão com medo.

Tinha de entrar. Naquele lugar tenebroso. Verificar tudo. Era o seu dever. Era o polícia.

Deixou a porta aberta com duas pedras grandes e gritou a Rossetti.

– Não tens de entrar – disse ele. – Dá uma vista de olhos daí.

Penduradas das vigas cruzadas do teto estavam as carcaças de diversos animais mortos. As suas peles reluziam, os dentes brilhavam, branco-amarelados, tinham os olhos fechados e cosidos.

Atrás deles, oscilava o corpo nu de Bea Havel, preso pelas mãos e pelos pés, com um corte da barriga ao pescoço. Também ela tinha sido estripada. As suas entranhas quentes estavam num balde ao canto. Mas os seus olhos não tinham sido cosidos. Estavam bem abertos e a Harry pareciam olhar os seus diretamente. Ele estava a olhar para os olhos azuis pálidos da maldade.

Voltou a sair, recompôs as suas emoções, organizou as ideias. Nunca vira nada tão macabro, tão horrendo. Depois lembrou-se de Jemima, com a garganta cortada, e de Lacey Havel, com a faca espetada no olho direito, e pensou que fosse quem fosse que fizera aquilo eliminara um mal da terra com o seu próprio ato de maldade. Sabia que tinha sido Len. Só não sabia onde ele estava.

No intervalo de meia hora, aquele lugar estava rodeado de polícias. A equipa forense estava novamente ali, «num dia de trabalho de campo», disse Rossetti sombriamente entre dentes. Os fotógrafos fizeram as suas imagens, os

detetives tiraram as suas próprias fotografias, faziam-se vídeos, o solo era vasculhado centímetro a centímetro à procura de provas, da faca, de sangue. E procurava-se ativamente Len.

Não tardaram a encontrá-lo, deitado no seu barquinho, à deriva no lago. Morto com um tiro no peito. No preciso lugar onde em tempos devia ter estado o seu coração.

Tinha acabado.

Rose olhou em redor, para as pessoas sentadas à mesa da sua cozinha, com canecas de café, copos de vinho, tigelas com a sua sopa de restos à frente. Nessa noite, sabia muito a manjerição, porque a planta nas traseiras tivera um surto de crescimento, brotando por todo o lado, de modo que ela teve de lhe dar bom uso. Rossetti, o detetive de homicídios bem-parecido, que mais parecia um modelo italiano, disse-lhe que estava tão boa como a da sua mãe.

– Até melhor – acrescentou, com um sorriso que esperava a fizesse sentir melhor em relação a tudo aquilo por que passara; ela e toda a sua família, que também estava à mesa.

Roman estava sentado ao lado de Diz, a oferecer mais sopa, mais pão, mais *Cola*. O irmão mais velho estava a lidar mal com o que acontecera, tinha dificuldade em controlar as emoções, ao passo que as raparigas, claro está, nem se esforçavam por controlar as suas. Comeram a sopa em silêncio, com relutância, não parecendo reparar quando uma lágrima lhes caía na colher. Comiam apenas porque Rose lhes dissera que tinham de o fazer, adicionando um sorriso à ameaça infantil de que, de outro modo, não haveria gelado.

Wally era outra história. Rose achara que ele ia morrer quando lhe contara o que acontecera a Diz, toda a história terrível de Bea e do poço. Estavam no quarto, com as janelas duplas abertas para o alpendre com vista para o lago, tão sereno que parecia que nada poderia perturbar a sua superfície intemporal. Rose lera histórias em que os rostos das pessoas «ficavam brancos de

choque». Aquela foi a única vez em que ela o viu acontecer. Foi como se o sangue de Wally lhe fosse sugado do rosto bronzeado pelo verão e ficou de olhar vazio, negro, como se olhasse para o tal poço, como se visse lá o filho.

Wally afundou-se na cama e pôs a cabeça entre as mãos.

– Como pude eu deixar isto acontecer? – questionou. – O Diz podia ter sido morto e a culpa é toda minha.

Rose foi sentar-se ao lado dele. Envolveu-lhe os ombros com o braço. O marido estava a chorar.

– Não foi culpa de ninguém – murmurou baixinho. – Ninguém é responsável por uma maluca daquelas. É o que ela era, quem ela era. Se não fôssemos nós o alvo, teria sido outra família. Já acabou. O Diz está bem e isso é a única coisa que importa agora.

Mesmo enquanto dizia aquelas palavras, Rose sabia que Wally se sentiria sempre responsável por deixar Bea entrar na sua casa, na sua família. Rose estava muito contente por Bea ter morrido.

Agora o marido encontrava-se sentado no seu lugar habitual, à cabeceira da mesa, com o caderno e uma caneta na mão, como sempre, para o caso de lhe surgir uma ideia para um lugar, uma personagem, um reviravolta na ação. Pensou, contudo, que Wally nunca poderia ter imaginado a reviravolta na sua narrativa. Na manhã seguinte, Wally partiria para um lugar algures no Arizona que tratava pessoas com o mesmo tipo de problema. Não que Wally continuasse a «consumir», mas tinha sido mais que um «consumidor recreativo» de cocaína, como dizia o eufemismo. Foi por escolha própria que seguiu esse caminho, para ser doutrinado de volta ao mundo da vida normal. «Para voltar a ser eu mesmo», foi o que disse a Rose e ela concordou. Já não era a rapariga de fato de banho branco que saltava para o lago, para os braços dele, emocionada com a própria ideia de «amor», mas amava Wally. Haveria de o amar sempre. Pertencia-lhe e ele a ela. Rose ainda tinha na cabeça o dia em que tinham feito esses votos. Ela e, assim acreditava também, Wally fizeram-nos até que a morte os separasse – e haveriam de os cumprir. Rose estava muito feliz por isso.

Harry Jordan, o detetive de homicídios, estava sentado ao lado dela; bem, quase ao lado. Na verdade, *Squeeze* empurrara-se para o meio deles e estava encostado às pernas dela, com a cabeça comprida no seu colo, os olhos erguidos para os dela em adoração sempre que ela baixava os dela para ele.

– Juro que o meu cão está apaixonado por si – disse Harry e recostou-se na

cadeira. Os olhos dela encontraram os seus. – E eu compreendo – acrescentou baixinho.

Rose fez-lhe um sorriso, baixou os olhos, obrigou-se a nem sequer entrar por aí. A não pensar em Harry. Nunca. Mais. Dessa maneira. Virou-se para olhar Diz, que tinha os binóculos novinhos em folha pendurados ao pescoço e cujos olhos brilhavam com o otimismo e a resistência da tenra idade e cujo olho negro – um brilho verdadeiramente roxo – e membros arranhados eram um lembrete duradouro daquilo por que tinha passado.

– Ele vai ficar bem.

Foi Harry quem o disse, não o seu marido.

– Como sabe?

– Já passei por casos de violência, com miúdos. Alguns conseguem resolver a questão. Outros não. O meu palpite é que o Diz é um dos «consegues». E tudo graças a si – acrescentou. – Com uma mãe assim, ele vai ser capaz de libertar as terríveis memórias, não todas de uma vez, claro, mas temos pessoas prontas para o ajudar.

– Um terapeuta?

Harry anuiu.

– Uma das melhores. Falei-lhe do Diz e ela disponibilizou-se imediatamente, se a Rose quiser. Pessoalmente, acho que quanto mais depressa melhor. O Diz é bom miúdo, Rose, não queremos que fique com danos por causa disto, a longo prazo.

– Claro que não. – Ela perscrutou-o com o olhar. – Mas tem a certeza que ele vai ficar bem?

Harry pegou na mão dela entre as suas.

– Apostava tudo o que tenho – assegurou ele.

Diz não precisou dos binóculos para perceber o que se passava entre a mãe e Harry Jordan. Gostavam um do outro, até ele via isso. E, ah, se isso o deixava contente. Nunca na vida tinha ficado tão contente por ver uma pessoa como quando vira Harry. O «detetive Jordan», como a mãe lhe disse que o devia tratar, mas Harry pediu-lhe que lhe chamasse pelo nome próprio. E ele assim fez.

– Harry – chamou ele, atrás da mesa.

Harry desviou o olhar de Rose.

– Sim, Diz?

– A minha mãe ensinou-me a agradecer sempre e eu não me lembro se o fiz ou não.

– Já agradeceste.

– Também lhe agradeci, detetive Rossetti?

– Agradeceste, filho. – Rossetti sentiu o olhar de Rose em si, alisou o cabelo para trás e dirigiu-lhe um sorriso caloroso, branco.

– Detetive Rossetti, a comida da minha mãe é tão boa como a da sua?

Diz gostava de abanar um pouco as coisas e ficou feliz ao ver que o detetive parecia confuso.

E depois:

– Escuta, miúdo – disse Rossetti com ar grave. – A comida da mãe de uma pessoa é sempre a melhor. Não te esqueças disso e nunca hás de ficar mal.

Toda a gente se riu e Diz recostou-se, satisfeito. Até o cão se foi sentar ao pé dele, como se fosse o seu lugar. Toda a gente estava novamente bem, ali em Evening Lake. Em casa.

Epílogo

ÚLTIMO CAPÍTULO

Era o anoitecer e Evening Lake estava tranquilo. As luzes começavam a acender-se nas bonitas casas e a água rumorejava como seda cinzenta moiré, em cujo extremo ocidental mergulhavam os últimos vestígios de sol pálido. Não havia uma única nuvem no céu.

– É como o prenúncio de boa sorte – disse Mal a Harry.

Estavam sentados juntos no alpendre, nas desconfortáveis cadeiras *Adirondack*, agora almofadadas por Mal, que tinha memória de como haviam sido dolorosas para o seu traseiro, com as almofadas do sofá, que ela decidiu, com o seu olhar crítico, que de qualquer modo precisava de umas novas. As estrelas, que pareciam maiores e mais luminosas no lago, já tinham começado a brilhar e todos os insetos pareciam ter desaparecido com a chegada da noite.

Mal furou um olhar a Harry, sentado ao seu lado na sua cadeira *Adirondack*. Tinha a cabeça para trás, os olhos fechados. Apertava na mão um *mojito* gelado, feito por ela. Com a outra, alisava suavemente as orelhas de *Squeeze*. A grande cabeça do cão estava pousada no joelho de Harry. Pareciam a personificação do contentamento, pensou Mal. Achou, contudo, que devia dizer a Harry que era hora de arranjar uma mobília de exterior melhor. E, agora que pensava nisso, de interior também. Mas talvez não fosse o momento certo. Aquele momento era de uma perfeição muda, que, depois de tudo o que acontecera nas últimas semanas, devia ser saboreado e apreciado com a tão desejada paz de espírito.

Estava sentada, a balouçar as pernas e a olhar para o céu que escurecia,

pensando em como a felicidade podia ser efêmera, em como eram raros esses breves momentos de pura satisfação, em como tinha sorte por ter encontrado aquilo, por ter encontrado Harry. Ou seria que Harry a encontrara a ela? Sorriu quando o olhou de novo. Agora estava a dormir, de boca semiaberta. Ela estendeu o braço e tirou-lhe o copo da mão antes de cair, entornando um bocadinho nas pantufas que ela lhe comprara. Em veludo preto, com o monograma HJ bordado a ouro.

Sem abrir os olhos, Harry disse:

– Porque me deste esta merda destas pantufas de *playboy* ricalhaço?

Mal abanou os próprios pés para ele, também calçados com pantufas de veludo preto. Com monograma. A ouro. MM.

– Achei que era bom para a nossa imagem – disse ela e bebeu um gole de *mojito*, com o seu delicioso sabor a hortelã, que ela colhera daquela selva atrás da casa que era o «jardim» de Harry e que ela acreditava dever ter sido plantado pelo avô dele, uma vez que Harry não era nada dado à jardinagem.

– As pantufas de veludo fazem-me sentir velho – afirmou Harry, endireitou-se na cadeira e olhou para ela.

– A mim também, acho eu – admitiu ela com um sorriso que lhe iluminou o rosto. – Mas, de qualquer modo, és mais velho que eu. Aposto que, quando vieste a Evening Lake pela primeira vez, ficaste ao pé da fonte de refrigerante com uma popa no cabelo e as raparigas estavam de saia rodada e rabo-de-cavalo, com o «Blue Suede Shoes» a tocar na *jukebox*.

– Porra! – Harry riu-se. – Não sou assim tão velho. Seja como for, o que é o jantar?

Mal soltou um suspiro dramático. Levantou-se e foi encostar-se, com as pantufas de veludo preto novinhas em folha com o monograma e os calções brancos curtos e o *top* fluido às flores, ao corrimão de madeira, a olhar para a vista familiar, que agora esmorecia suavemente. – Agora sinto que somos um casal velho. O que é o jantar, mulherzinha? Eu sei o que é o jantar. – Harry levantou-se e foi colocar-se ao lado dela. – Mas é nestas alturas que tenho saudades do Ruby's.

– E também do teu trabalho. – Mal olhou-o de lado. – Portanto, deduzo que não vais desistir, certo? – Fez a pergunta para a qual já conhecia a resposta.

– Depois do que aconteceu aqui, no meu lugar especial, e com todas as pessoas que se juntaram para ajudar, aqueles que precisavam do auxílio da polícia, os seus protetores, os que mantêm a paz, não consigo imaginar

nenhuma outra profissão que captasse tão bem o meu interesse e o meu sentimento para com os meus concidadãos como a que tenho.

Mal compreendeu. Iria alterar o plano simples e doce que tinha para a vida dos dois, para o sonho de envelhecerem juntos ao pé da lareira, mas havia sempre outro sonho. Um sonho novo, que de qualquer modo se assemelhava muito à realidade, como sempre soubera que seria.

– Então, como sabes o que há para jantar? – perguntou, mudando de assunto.

– Eu vi. É piza do Tweedies.

– E uma salada verde – acrescentou Mal, com uma expressão virtuosa.

– A propósito, o Rossetti vem almoçar amanhã. Traz a mãe.

Os olhos de Mal abriram-se muito. Ela conhecia a história da mãe de Rossetti.

– Uau, então é melhor nem pensar no esparguete à bolonhesa. Não saberia lidar com a concorrência.

– Vai ser bife no *Weber* novinho em folha. – Harry sorriu com orgulho ao pensar no grelhador novo, que era praticamente igual ao modelo velho, mas que ainda não tinha a camada de gordura queimada. – E batatas assadas.

– As preferidas do Diz – lembrou-se subitamente Mal. – Podíamos convidar os Osborne – acrescentou, amedrontada perante a ideia de receber sozinha a mãe de Rossetti.

– Vamos fazer isso. – Harry debruçou-se no corrimão ao lado dela, num gesto de companheirismo. Por essa altura, o lago já adquirira o seu habitual tom negro noturno, mas continuava a ondular como seda, debaixo de uma lua nova prateada. – Olha, as luzes acabaram de se acender na casa deles.

Mal olhou para a casa dos Osborne, tão festiva com as luzes piscantes do alpendre, repleta, como de costume, de familiares e amigos. Ao recordar, agradeceu a Deus. E a Len Dautzer. E a Harry e Rossetti. E, até mesmo, de uma maneira mais discreta, a si mesma. Desempenhara um pequeno papel no desmascarar da maldade de Bea Havel. Agora desaparecida e, por favor, Deus, passível de ser esquecida por todos eles.

Squeeze roçou-se nas pernas nuas dela e ela ajoelhou-se sobre ele, aconchegando o rosto no pelo macio. Os olhos azuis do cão olharam fixamente os dela. Mal sabia que era um olhar que significava «amor».

Levantou-se e foi pôr os braços em redor do pescoço de Harry.

– Adoro o *Squeeze* – disse. – Pode ficar com o lugar da frente do *Jaguar*

sempre que quiser.

Harry virou-se do lago, afastado das memórias dos horrores que tinham acontecido, e olhou para ela.

– Isso é amor verdadeiro – afirmou, envolvendo-a nos seus braços. Junto ao coração.